

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA

ARNOLD VINICIUS PRADO SOUZA

DISCUTINDO INDISCIPLINA A PARTIR DA DISCIPLINA: UMA ANÁLISE DAS
CONCEPÇÕES DE LICENCIANDOS DOS CURSOS DE MATEMÁTICA E BIOLOGIA

PONTA GROSSA

2020

ARNOLD VINICIUS PRADO SOUZA

DISCUTINDO INDISCIPLINA A PARTIR DA DISCIPLINA: UMA ANÁLISE DAS
CONCEPÇÕES DE LICENCIANDOS DOS CURSOS DE MATEMÁTICA E BIOLOGIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, área de concentração Formação de Professores e Ensino de Ciências, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Akio Ohira.
Coorientadora: Prof.^a Dra. Ana Lucia Pereira.

PONTA GROSSA

2020

S729 Souza, Arnold Vinicius Prado
Discutindo indisciplina a partir da disciplina: uma análise das concepções de licenciandos dos cursos de Matemática e Biologia / Arnold Vinicius Prado Souza. Ponta Grossa, 2020.

195 f.

Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática - Área de Concentração: Formação de Professores e Ensino de Ciências), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Akio Ohira.

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Pereira.

1. Disciplina. 2. Indisciplina. 3. Formação inicial - professor. I. Ohira, Marcio Akio. II. Pereira, Ana Lúcia. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Formação de Professores e Ensino de Ciências. IV.T.

CDD: 510.7



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Av. General Carlos Cavalcanti, 4740 - Bairro Universitário - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

TERMO
TERMO DE APROVAÇÃO

ARNOLD VINICIUS PRADO SOUZA

*"DISCUTINDO INDISCIPLINA A PARTIR DA DISCIPLINA: UMA ANÁLISE DAS
CONCEPÇÕES DE LICENCIANDOS DOS CURSOS DE MATEMÁTICA E BIOLOGIA"*

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa 11 de dezembro de 2020.

Membros da Banca:

Prof. Dr. Marcio Akio Ohira - (UEPG) - Presidente

Profa. Dra. Solange Francis Raimundo Yaegashi - (UEM)

Profa. Dra. Lella Inês Follmann Freire - (UEPG)

Profa. Dra. Lella Cleuri Pryjma - IFPR - (suplente)



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Aparecida Telles, Secretário(a)**, em 10/12/2020, às 11:36, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Leila Ines Follmann Freire, Professor(a)**, em 11/12/2020, às 15:48, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Marcio Akio Ohira, Professor(a)**, em 11/12/2020, às 16:09, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **0373700** e o código CRC **61A05CAC**.

Dedico esta dissertação à minha família, em especial para minha mãe, fonte de inspiração. Também dedico a todos os meus alunos que são a motivação para a realização dessa pesquisa, que busca pensar em um ensino diferente que potencialize e transforme a todos/as os envolvidos e que acreditem na Educação transformadora.

AGRADECIMENTOS

À Deus.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Marcio Akio Ohira e à minha Coorientadora, Prof. Dra. Ana Lucia Pereira, pelos ensinamentos, paciência e dedicação. Agradeço por todos os momentos de orientação, que foram importantes para a construção e finalização desse trabalho, e que também auxiliarão em minha prática profissional e até mesmo pessoal. Obrigado por acreditarem em mim.

Agradeço a minha família por toda a paciência e incentivo em momentos que achei que não conseguiria atingir ao objetivo, em especial a minha mãe Rosangela, que esteve sempre presente em todos os momentos bons e difíceis.

Agradeço também aos meus irmãos Paolo e Maria, pelas palavras encorajadoras e incentivos, que fizeram eu entender que o caminho não era simples, mas que os frutos colhidos no decorrer desse processo valeriam a pena.

Ao meu irmão e amigo Nicolas, que me auxiliou em várias atividades, inúmeras leituras de artigos e da própria dissertação trazendo sugestões, mas ao mesmo tempo motivando e mostrando o quanto eu era capaz e que conseguiria chegar em meu objetivo.

A minha prima Vanessa, pelos momentos de descontração durante todo o período da pós graduação, pela ajuda em minha pesquisa, pelos conselhos. Pela disponibilidade em inúmeros momentos de me ajudar e principalmente por acreditar mais em mim do que eu mesmo.

Aos meus colegas e amigos do Programa de Pós graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática e a todos os amigos que de alguma forma me ajudaram nesse percurso em especial a Marilise, que esteve presente em diferentes momentos e que acreditou em minha pesquisa, sofreu, chorou, se alegrou e por esses dois anos esteve sempre presente, obrigado minha amiga querida.

Aos membros da banca examinadora: Prof.^a Dra. Solange Franci Raimundo Yaegashi , Prof.^a Dra. Leila Inês Follmann Freire, Prof.^a Dra. Leila Cleuri Pryjma, Prof.^o Dr. João Carlos Pereira de Moraes, por aceitarem ser avaliadores desse trabalho e trazerem contribuições que enriqueceram as análises.

Aos participantes da pesquisa o meu agradecimento, sem vocês, não seria possível a realização desse trabalho.

RESUMO

Este estudo, inserido na linha de pesquisa “Prática de Ensino em Ciências”, se propôs a trazer algumas análises iniciais sobre a temática indisciplina, visto que é um dos grandes temas debatidos na área educacional. A pesquisa teve como objetivo geral identificar as concepções de professores em formação inicial dos cursos de Licenciatura em Matemática e Biologia sobre disciplina e indisciplina. Para atingir esse objetivo geral foram delineados os seguintes objetivos específicos: 1) identificar a relação entre as concepções dos professores pesquisados em formação inicial, sobre disciplina e indisciplina; 2) desvelar como vem sendo abordado o tema indisciplina na formação inicial desses professores; 3) construir o conceito de indisciplina a partir do conceito de disciplina de acordo com as concepções dos pesquisados. Para isso, realizou-se uma pesquisa qualitativa descritiva, com trinta e quatro licenciandos em formação inicial dos cursos de graduação de Licenciatura em Ciências Biológicas e Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no Município de Ponta Grossa-PR. Os dados foram coletados por meio de aplicação de um questionário sociodemográfico e de um questionário com questões norteadoras. Para organização e análise dos dados coletados, utilizamos a Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2011), de onde foi possível identificar cinco categorias principais e algumas subcategorias: Categoria I - Percepção sobre a conceituação de disciplina; Categoria II - Percepção sobre indisciplina; Categoria III – Causas e motivações frequentes referente a indisciplina em sala de aula e em outros espaços; Categoria IV- Caracterização do aluno indisciplinado e Categoria V- Fatores responsáveis pela indisciplina do aluno. Nossos resultados apontam que os licenciandos entendem uma relação estabelecida entre disciplina e indisciplina e que o evitamento de atos indisciplinados pode ocorrer a partir de construção de regras coletivas e claras, estabelecidas por meio de um contrato didático, dialógico, reflexivo e democrático, que vise potencializar o processo de aprendizagem. Constatou-se, também, que a indisciplina, como um fenômeno polissêmico, possui inúmeras causas e motivações, como: falta de limites, problemas familiares e condição social, desinteresse do aluno, omissão da equipe escolar, relação entre os pares e o não direcionamento, estrutura escolar, desmotivação e falta de perspectiva, reprodução de vivências, pedido de socorro e questões afetivas. Os licenciandos trazem, ainda, em suas falas, que existem inúmeros fatores que ocasionam a indisciplina nos espaços escolares, que está associada ao núcleo familiar, à escola, ao próprio aluno e ao meio social no qual está inserido. Dessa forma, conclui-se que existem inúmeros fatores que podem gerar ou minimizar atos considerados indisciplinados, e que o real entendimento de sua conceituação pode ser um caminho para o evitamento do fenômeno.

Palavras-chave: Disciplina. Indisciplina. Formação inicial de professores.

ABSTRACT

This study, inserted in the research line "Science Teaching Practice", proposed to bring some initial analyzes about indiscipline, since it is one of the major topics discussed in the educational area. The research had as general objective to identify the conceptions of teachers in initial formation of the courses of Degree in Mathematics and Biology on discipline and indiscipline. To achieve this general objective, the following specific objectives were outlined: 1) to identify the relationship between the conceptions of the teachers surveyed in initial training, on discipline and indiscipline; 2) to reveal how the subject of indiscipline has been approached in the initial training of these teachers; 3) build the concept of indiscipline from the concept of discipline according to the concepts of those surveyed. For this, a qualitative descriptive research was carried out, with thirty-four undergraduates in initial training of undergraduate courses in Biological Sciences and Mathematics in the State University of Ponta Grossa (UEPG), in the Municipality of Ponta Grossa-PR. The data were collected through the application of a sociodemographic questionnaire and a questionnaire with guiding questions-. To organize and analyze the collected data, we used the Discursive Textual Analysis (DTA) by Moraes and Galiazzi (2011), from which it was possible to identify five main categories and some subcategories: Category I - Perception about the concept of discipline; Category II - Perception of indiscipline; Category III - Frequent causes and motivations regarding indiscipline in the classroom and in other spaces; Category IV- Characterization of the undisciplined student and Category V - Factors responsible for the student's indiscipline. Our results indicate that undergraduates understand a relationship established between discipline and indiscipline and that the avoidance of indisciplinary acts can occur from the construction of collective and clear rules, established through a didactic, dialogical, reflexive and democratic contract, to enhance the learning process. It was also found that indiscipline, as a polysemic phenomenon, has numerous causes and motivations, such as: the lack of limits, family problems and social condition, lack of interest of the student, omission of the school team, relationship between peers and non-targeting, school structure, lack of motivation and lack of perspective, reproduction of experiences, distress call and affective issues. The undergraduates still bring, in their speeches, that there are innumerable factors that cause indiscipline in school spaces, which is associated with the family nucleus, the school, the student himself and the social environment in which he is inserted. Thus, it is concluded that there are numerous factors that can generate or minimize acts considered undisciplinatory, and that the real understanding of its conceptualization can be a way to avoid the phenomenon.

Keywords: Discipline. Indiscipline. Initial teacher training.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Conceitos de disciplina e indisciplina em diferentes movimentos educacionais	34
QUADRO 2 - Distribuição das pesquisas sobre disciplina, indisciplina e concepção docente por regiões brasileiras e por esfera administrativa/instituição de pós-graduação	60
QUADRO 3 - Pesquisas encontradas no site do Programa de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado em Educação	61
QUADRO 4 - Pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICT)	63
QUADRO 5 - Pesquisas encontradas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BTDC)	67
QUADRO 6 - Ementa das Disciplinas da Formação Inicial em Licenciatura em Matemática da UEPG	84
QUADRO 7 - Ementa das Disciplinas de Didática e Estágio Supervisionado, componentes da Formação Inicial em Licenciatura em Matemática da UEPG	86
QUADRO 8 - Ementa das Disciplinas da Formação Inicial em Licenciatura em Ciências Biológicas da UEPG	87
QUADRO 9 - Ementa das Disciplinas de Estágio Supervisionado, componentes da Formação Inicial em Licenciatura em Ciências Biológicas da UEPG	88
QUADRO 10 - Etapas da Análise Textual Discursiva (ATD)	98
QUADRO 11 - Caracterização do perfil dos participantes da pesquisa	101
QUADRO 12 - Conceituação de disciplina escolar enquanto cumprimento de regras	104
QUADRO 13 - Percepção dos licenciandos sobre a Indisciplina	109

QUADRO 14 - Indisciplina enquanto desrespeito	111
QUADRO 15 - Significantes com maior frequência relacionados as características dos alunos indisciplinados	133
QUADRO 16 - Significantes com maior frequência relacionados as fatores responsáveis pelos alunos indisciplinados	144

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mapa da Localização da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)	93
FIGURA 2 - Tríade de responsabilização dos casos da indisciplina	151
FIGURA 3 - Esquema ocorrência da aprendizagem e indisciplina	153
FIGURA 4 - Influenciadores da indisciplina para o aluno	154

LISTA DE SIGLAS

ATD	Análise Textual Discursiva
BDTD/IBICT	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
BTDC	Banco de Teses e Dissertações da CAPES
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP/UEPG	Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Ponta Grossa
CID-10	Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde
D	Dissertação
F91.3	Distúrbio desafiador e de oposição
GEPP	Grupo de Estudos (Políticas Públicas, Desenvolvimento Curricular, Ciência, Tecnologia e Sociedade: investigações sobre formação de professores)
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LIC (nº)	Sigla para Licenciando (número)
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NIEM	Núcleo integrado de Educação Matemática
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
P.F.I.C.B	Professor em formação inicial em Ciências Biológicas
P.F.I.M	Professor em formação inicial em Matemática
PCNS	Parâmetros Curriculares Nacionais
PISA	Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes
PLI	Programa de Licenciaturas Internacionais
PPGCEM	Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática
PSS	Processo seletivo Simplificado
T	Teses
TUDO	Transtorno Desafiador de Oposição
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UTP	Universidade Tuiuti do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – REFLETINDO SOBRE A CONCEITUAÇÃO DE DISCIPLINA E INDISCIPLINA	25
1.1 UM FENÔMENO CHAMADO DE INDISCIPLINA	25
1.2 REFLETINDO A QUESTÃO DA DISCIPLINA E INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR	32
1.2.1 Conceituação de Disciplina	32
1.2.2 Conceituação de Indisciplina	38
1.3 OS EFEITOS DA INDISCIPLINA NO COTIDIANO ESCOLAR	50
1.4 ALGUNS FATORES REFERENTES A INDISCIPLINA PRESENTE NA ESCOLA	53
1.5 ESTUDOS DE DISSERTAÇÕES E TESES ACERCA DA TEMÁTICA DA INDISCIPLINA	58
CAPÍTULO 2 – FORMAÇÃO DE PROFESSORES E SUA RELAÇÃO COM A INDISCIPLINA	76
2.1 O CAMINHAR DOCENTE E O SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO	76
2.2 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A INDISCIPLINA	80
CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	91
3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA	91
3.2 CAMPO DA PESQUISA	92
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA	94
3.4 INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA A COLETA DE DADOS	95
3.5 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	96
3.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	97
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	101
4.1 CONHECENDO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	101
4.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS	103
4.2.1 Categoria I - Percepção Sobre a Conceituação de Disciplina	103
4.2.1.1 Subcategoria - disciplina enquanto promoção de diálogo consciente	106
4.2.1.2 Subcategoria - disciplina para promoção do bom funcionamento da ação docente	107
4.2.2 Categoria II - Percepção da Indisciplina	108
4.2.2.1 Subcategoria - indisciplina enquanto desrespeito	110
4.2.2.2 Subcategoria - concepção de indisciplina como um viés da bagunça e do caos	112
4.2.2.3 Subcategoria - concepção de indisciplina como atitude que prejudica o processo de ensino e aprendizagem	113
4.2.2.4 Subcategoria - concepção de indisciplina como irresponsabilidade delimitada apenas aos alunos	115
4.2.2.5 Subcategoria – percepção de indisciplina como solicitação de visibilidade..	115
4.2.2.6 Perspectivas sobre a relação entre disciplina e indisciplina	117

4.3	CATEGORIA III - CAUSAS E MOTIVAÇÕES FREQUENTES REFERENTE A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA E EM OUTROS ESPAÇOS	118
4.3.1	Subcategoria III - a – Percepções Sobre as Causas da Indisciplina como Falta de Limites	119
4.3.2	Subcategoria III - b – Percepções de Indisciplina Relacionada a Problemas Familiares e Condição Social	121
4.3.3	Subcategoria III - c – Percepções de Indisciplina Enquanto Desinteresse do Aluno	124
4.3.4	Subcategoria III - d – Percepções de Indisciplina Enquanto Omissão da Equipe Escolar	126
4.3.5	Subcategoria III - e – Percepções de Indisciplina pela Falta de Diálogo e Autoritarismo	128
4.3.6	Subcategoria III - f – Percepções de Indisciplina Enquanto Falta de Perspectiva e Desmotivação do Aluno	130
4.3.7	Subcategoria III - g – Percepções de Indisciplina Enquanto Interferências Externas	131
4.3.8	Subcategoria III - h – Percepções de Indisciplina Enquanto Ausência de Afetividade e Pedido de Socorro do Aluno	132
4.4	CATEGORIA IV - CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO INDISCIPLINADO	132
4.5	CATEGORIA V - FATORES RESPONSÁVEIS PELA INDISCIPLINA DO ALUNO	144
4.6	CONSEQUÊNCIAS DA INDISCIPLINA PARA A APRENDIZAGEM	155
4.7	ALTERNATIVAS DESENVOLVIDAS PARA EVITAMENTO DA INDISCIPLINA EM SALA DE AULA E EM OUTROS ESPAÇOS DA ESCOLA	160
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
	REFERÊNCIAS	174
	APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	193
	APÊNDICE B - ROTEIRO COM QUESTÕES SEMIESTRUTURADAS	194
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	195

INTRODUÇÃO

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Pesquisas referentes à temática “disciplina escolar”¹ tiveram um crescimento exponencial nas últimas décadas. Porém, mesmo com avanços nos estudos nesta direção, muitos professores, gestores e educadores sentem-se confusos e preocupados com essa questão, que vem se agravando cada vez mais no contexto escolar. De tal forma, a escola e a família não conseguem encontrar possíveis soluções para se resolver o problema da indisciplina (TREVISOL; VIECELLI; BALESTRIN, 2011).

Uma direção para refletir sobre possíveis ações que possam minimizar a indisciplina no ambiente escolar seria repensar a prática pedagógica presente nas escolas brasileiras, a qual vem desenvolvendo o conhecimento, em vários casos, de forma linear e hierarquizada, sem relação com a realidade na qual o aluno está inserido.

Nesse contexto, percebe-se que o papel do professor é determinante, pois ele é o responsável por sua turma e pela seleção dos procedimentos didático pedagógicos adotados. Dessa maneira, de acordo com suas decisões os resultados podem ser mais prejudiciais do que benéficos, podendo agravar diversos problemas relacionados ao processo de ensino e aprendizagem, entre eles a indisciplina.

A presença da indisciplina nos ambientes escolares a torna um fato comum, que ocorre em muitas escolas brasileiras, tanto nas públicas quanto nas privadas, seu debate ainda é superficial, pois não há muita clareza e consenso quanto a sua conceituação, uma vez que há inúmeras interpretações de âmbito cultural e social. É um tema delicado, complexo e ambíguo. Observa-se que em vários momentos as interpretações podem cair no reducionismo, ou seja, explicando apenas uma dimensão da real situação, sendo que pode ser explicada por diferentes vieses.

Nesse sentido, Garcia (1999, p. 102) infere que:

O conceito de indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada. Um entendimento suficientemente amplo do conceito de indisciplina escolar precisa integrar diversos aspectos. É preciso, por

¹ De acordo com (CHERVELL, 1990), a disciplina escolar fundamenta-se como sendo elementos informadores e organizadores do processo de ensino, se estabelecendo como conjunto de saberes, de competências, de posturas, de atitudes, valores, de códigos e de práticas que auxiliam na concretização do ensino e da aprendizagem.

exemplo, superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental.

Mesmo com muitos estudos realizados sobre essa temática, existe uma dificuldade grande em identificar e compreender as motivações que levam ao ato indisciplinar nos espaços escolares, ela pode ser justificada por diversos fatores, ainda segundo o autor, ela pode ser de ordem psicológica, por desmotivação do aluno diante do conteúdo didático e de ordem social, principalmente no que se refere aos conflitos de origem familiar. Um avanço para essa questão, seria uma compreensão mais rigorosa sobre a indisciplina, favorecendo assim todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Na esteira destas reflexões, a presente proposta de pesquisa traz como temática uma análise reflexiva acerca da disciplina e da indisciplina, tendo como objeto a ser investigado: as concepções trazidas por docentes em formação inicial dos cursos de graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas e Licenciatura em Matemática sobre a (in)disciplina, buscando, com as análises, construir concepções de (in) disciplina a partir do conceito de disciplina. Tendo as seguintes questões como norteadoras do trabalho: Como os licenciandos percebem a indisciplina no ensino? Quais as principais causas da indisciplina na sala de aula e em outros espaços da escola? A quem e ao que se atribui a responsabilidade pela indisciplina do aluno? O que é considerado indisciplina no ambiente escolar? São algumas das questões que possibilitam as reflexões e inferências necessárias.

JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA

Atualmente, debate-se o dilema: O que gera a indisciplina no ambiente escolar? Assim, identificam-se vários fatores presentes nesses espaços, como por exemplo: a não utilização de tecnologias atrativas que muitas vezes não são exploradas nos momentos de intervenções pedagógicas; a indisposição do aluno para raciocinar; a família desestruturada; a escola com espaços e recursos escassos; as mudanças no comportamento e estrutura social; pensando na questão didático-metodológica, pode-se trazer como fatores aulas de cunho extremamente expositivo; falta de material de apoio que auxilie na construção dos conhecimentos; falta de preparo pedagógico dos professores; falta de perspectivas futuras, tanto para os professores quanto para os alunos e o desestímulo profissional entre os docentes em formação inicial e em

serviço, esses constituem-se, assim, como situações que se opõem ao que é convencionalizado como disciplina na escola.

Enquanto estudante de graduação do curso de Licenciatura em Matemática e por meio da participação no projeto de extensão “Formação do professor e pesquisador em Educação Matemática: Desafios e Perspectivas”, relacionado ao Estágio Curricular Supervisionado I e II em Matemática, vinculado à Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR, o proponente defrontou-se com situações como a falta de disciplina e a falta de interesse por parte dos alunos nas aulas de Matemática. Isso ocorreu, principalmente, no decorrer do Estágio Curricular I de Matemática, no qual assumiu as intervenções pedagógicas em uma turma do sexto ano em uma escola estadual no Município de Ponta Grossa, no Paraná.

Verificada esta situação, buscou-se analisar o motivo que levava os discentes a agirem de tal maneira em sala de aula. A grande preocupação era conhecer os alunos e entender o motivo de tomarem essa postura indisciplinada e de tornar as aulas de Matemática, contexto inicialmente pesquisado, mais atrativas pois, no ensino da matemática, um dos grandes desafios é estimular os alunos a cada aula, para que possam ter mais autonomia e segurança para a realização das atividades propostas, de modo a possibilitar o desenvolvimento do raciocínio lógico, a capacidade de abstrair e generalizar.

Nesse contexto, percebeu-se a importância do professor em mediar a construção do conhecimento, estar disposto a fazer um trabalho diferenciado e introduzir novas técnicas e estratégias de estudo que facilitem o entendimento e que visem o ânimo e entusiasmo na realização das ações que são propostas aos alunos. Porém, uma das grandes indagações, era como ocasionar a motivação docente, para não perder o professor e o seu envolvimento em mudanças, considerando que essa questão da indisciplina em sala de aula gera uma desmotivação também para a sua prática pedagógica.

Dessa forma, buscou-se saber se o porquê ocorria indisciplina em sala de aula: devido ao mau comportamento dos alunos, ao desrespeito que eles tinham com o professor, o que não permitia que o docente realizasse seu trabalho de maneira efetiva; porque os alunos não entendiam o conteúdo matemático proposto, assumindo assim essa postura para chamar a atenção do professor; ou ainda devido à maneira como as aulas de Matemática eram ministradas, além de outras questões que poderiam ser respostas para tal ato.

Com essas questões inicialmente apresentadas, pode-se perceber que a indisciplina possui inúmeras designações. No campo educacional, muitas vezes parte apenas do princípio que está relacionado a questões comportamentais. Porém, o conceito de indisciplina não envolve somente a dimensão do comportamento do aluno, são diversos os fatores que podem justificar o comportamento que vai ao encontro do contexto de disciplina. Sendo assim, para existir uma reflexão assertiva, de modo a enfrentar o problema é necessário entender o que está acontecendo com a disciplina hoje na escola (BENETTE, 2009. p. 3).

No contexto inicialmente analisado na pesquisa, pode-se perceber que a chamada indisciplina dos alunos, era um subterfúgio do que realmente estava incomodando, ou seja, o não entendimento de muitos conceitos matemáticos, a insegurança e a timidez em perguntar, descrença em suas capacidades. A indisciplina apresentada era um alerta de que algo não estava caminhando corretamente. Constatado isso, uma das ações utilizadas para minimizar as dificuldades encontradas, foi a revisão e o resgate de conteúdos básicos e fundamentais de Matemática. Para isso, a professora regente de classe, cedeu uma aula por semana, na qual resgatávamos as operações básicas fundamentais utilizando materiais concretos, jogos matemáticos, a história da matemática, promovendo assim um ensino mais dinâmico. Nessas intervenções realizadas, os alunos foram incentivados a realizarem questionamentos, relacionar os conceitos aprendidos com o cotidiano no qual estavam inseridos e expor suas dificuldades, priorizando a participação e a interação.

Quando se imagina em uma escola baseada no processo de interação, não está se pensando em um lugar onde cada um faz o que quer, mas num espaço de construção, de valorização e respeito, no qual todos se sintam mobilizados a pensarem em conjunto (BARBOSA, 2011, p. 02).

Mesmo que o enfoque tenha sido dado aos conteúdos de Matemática, buscou-se relacionar a outros temas como: respeito, cidadania, princípios morais, ética, na tentativa de aproximar a Matemática aos contextos nos quais se inseriam os alunos. Observou-se ainda que, mesmo utilizando materiais diferenciados, como jogos matemáticos, textos abordando a história da matemática na prática pedagógica, a manutenção do interesse e participação dos alunos durante as aulas foi um desafio, necessitando de constantes reflexões e até mesmo reorganização do planejamento.

Assim, notou-se que o contexto de disciplina presente nessa situação era motivado pela insegurança em não dominar a linguagem correta para verbalizar as

suas dúvidas. Também se observou que o trabalho com aulas diferenciadas e oficinas pedagógicas, foi um possível motivador para as intervenções. Segundo Anastasiou e Alves (2004, p. 95):

A oficina se caracteriza como uma estratégia do fazer pedagógico onde o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá. Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva.

Dentro do espaço da escola, notam-se alunos desinteressados e agitados em todas as disciplinas escolares, na maior parte das vezes nem mesmo as frequentes visitas à equipe pedagógica resolvem, pois em determinados casos, não existe uma preparação para esses profissionais, impossibilitando-os de solucionar as demandas que envolvem essa questão. Em contrapartida, existem outros alunos que perdem o interesse durante o seu processo de aprendizado e são muitos fatores que influenciam, seja pelo não entendimento do conteúdo que é apresentado, mesmo com muito estudo, falta de relação dos conteúdos aprendidos com o contexto no qual os alunos estão inseridos. Com relação ao aprendizado do aluno os autores Araújo e Chadwick (2002), salientam que o interesse é um motivador e elemento decisivo para a ocorrência da aprendizagem. Quando os envolvidos no processo de ensino percebem que aquilo que aprendem tem valor para sua vida cotidiana, que é significativo, adquirem mais interesse pela aprendizagem e, conseqüentemente, aprendem melhor, rapidamente e com maior profundidade.

Também se nota a presença de outro fator que pode ser um influenciador. Esse baseia-se no fato do professor, utilizar sempre a mesma metodologia, passando o conteúdo utilizando apenas como recurso o quadro ou livros didáticos, sem aguçar e explorar a curiosidade dos alunos, sem desafiá-los. Ou ainda, pela falta de motivação do professor. De acordo com Tapia e Fita (2003, p. 88):

[...] se o professor não está motivado, se não exerce de forma satisfatória sua profissão, é muito difícil que seja capaz de comunicar a seus alunos, entusiasmo, interesse pelas tarefas escolares; é definitivamente, muito difícil que seja capaz de motivá-los.

Partindo dessa reflexão, percebe-se que, quando o professor não está motivado, muitas vezes não consegue realizar sua ação docente de maneira eficiente, sendo difícil provocar interesse em seu aluno. No processo de ensino e aprendizagem, existem várias questões que devem ser discutidas sobre a motivação e que

ocasionam influências no processo do aprender. Uma das principais questões destacada por Fita (2003) é que para o aluno ter motivação em sala de aula, necessita ter um bom professor. Nesse contexto, Huertas (2001), destaca que um bom professor é aquele que consegue delimitar suas metas e objetivos em seu trabalho pedagógico. Se isso estiver claro em todo o processo, a ação pedagógica se concretizará de maneira a motivar a todos os envolvidos no processo de ensino.

Inicialmente no período de graduação, o contexto pesquisado, referente ao fenômeno da indisciplina foi na disciplina de Matemática, resultante de uma ação docente que ocorreu no decorrer do ano de 2015. Essa ação foi desenvolvida por extensionistas do projeto “Formação do professor e pesquisador em Educação Matemática: desafios e perspectivas”, e estava atrelada ao Estágio Curricular Supervisionado vinculado a Universidade Estadual de Ponta Grossa, envolveu aproximadamente sessenta alunos de um colégio do município de Ponta Grossa- PR, com idade entre dez a doze anos, regularmente matriculados nos 6^{os} anos.

As ações pedagógicas foram surgindo gradativamente quando o acadêmico do curso de Licenciatura em Matemática, inserido no contexto escolar, percebeu situações como a falta de interesse e de disciplina no momento das intervenções de Matemática. Verificada a situação nas aulas, buscou-se entender as motivações que desencadeavam tal postura durante as aulas.

Observou-se que existiam inúmeras motivações para essa postura, sendo elas relacionadas às abordagens metodológicas adotadas pelos professores, que muitas vezes apresentavam aulas de maneira expositiva, não tendo muito envolvimento com os alunos. Ou mesmo, relacionadas a conteúdo, pois muitas das dificuldades encontradas nos alunos era referente à interpretação Matemática e ao domínio das operações básicas e fundamentais.

Durante as intervenções percebeu-se que Matemática é uma disciplina escolar muitas vezes complexa para os alunos e que tendo esse perfil, é necessário levar em conta que cada aluno tem sua própria maneira de aprender, além de diferentes afinidades com as áreas de estudo, sendo dessa maneira necessário o respeito pelo tempo e limite desses estudantes.

Devido à falta de entendimento de muitos conteúdos matemáticos e a falta de significação desses conceitos matemáticos, muitos alunos acabam por perder o interesse durante as aulas. Portanto, algumas das atribuições pensadas e realizadas naquele momento inicial de pesquisa foram de resgate e revisão desses conteúdos

que os alunos apresentavam dificuldades, esse trabalho era realizado uma vez por semana, denominada de “Aula de matemática básica” e utilizava-se materiais lúdicos, jogos matemáticos, resolução de situações problemas, materiais concretos, situações que permitissem o envolvimento dos alunos, para que trouxessem suas dúvidas.

Nas intervenções realizadas, os alunos em todos os momentos eram incentivados a realizarem perguntas e questionamentos bem como a participar, mesmo que errando, pois é do erro que vem o acerto. Também nessas ações, buscou-se relacionar a área de Matemática com outros componentes curriculares e com a realidade na qual os alunos estavam inseridos. Porém, mesmo com a apresentação de uma Matemática diferenciada que utiliza de abordagens com jogos, textos matemáticos, situações problemas, desafios, história da matemática, a maior dificuldade encontrada pelos envolvidos no processo, foi a manutenção do interesse e participação dos alunos nas aulas, sendo necessário intensas reflexões e reorganização do planejamento. Porém, a ação foi bem recebida pela professora regente de classe e pelos alunos. E essa aceitação foi observada na professora, quando levava em suas outras turmas estratégias diferenciadas para apresentar o conteúdo matemático e nos alunos com a melhora no comportamento, concentração, na frequência e resultados relacionados a notas.

Percebe-se no ambiente escolar, que ocorrem inúmeros problemas. Dentre eles observa-se a presença da desmotivação dos alunos, e é uma questão com difícil resolução. Uma possível solução, seria compreender as razões que motivam a busca pelo conhecimento, como elas se constroem. Nota-se que essa desmotivação se origina de características próprias do aluno e do ambiente escolar e social no qual está inserido, fazendo com que o aluno passe a ter medo do próprio fracasso escolar e de como lidar com ele. Há alunos com dificuldade na questão da socialização, outros com resistência no sentido de adquirir conhecimento e não apresentando interesse algum no que se refere à aprendizagem.

Sendo assim, a presente temática se justifica pela necessidade de se aprofundar a compreensão sobre o tema apesar de ser muito debatida no cenário educacional. É uma aflição que surgiu no período inicial da graduação do proponente, o qual estava em sua formação inicial e faltavam-lhe algumas ferramentas que poderiam auxiliar na solução do problema e que se manteve em sua atuação como profissional de educação agora formado. Hoje, atuando desde o Ensino Fundamental I, até o Ensino Médio, percebe-se enraizado no discurso de educadores não só na

área específica na qual trabalho que é a Matemática, mas em outras áreas do conhecimento, um discurso que apenas culpabiliza alguém por atos indisciplinados seja aluno, família ou mesmo a escola trazendo assim, grande inquietação.

Assim, houve a necessidade de retornar à academia, agora no curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PPGECM-UEPG), para refletir, não apenas sobre a prática docente, mas sim sobre o discurso apresentado pelo professor da formação inicial, ou seja, o licenciando. Podendo assim, estabelecer uma relação sobre o que esses licenciandos realmente entendem por (in)disciplina e quais as influências que o não entendimento do que é (in) disciplina pode gerar no processo de ensino, agora não pensando apenas no discurso de professores em formação da área de Matemática, mas também na área da Biologia.

Em toda a trajetória acadêmica, o pesquisador procurou se envolver em diferentes espaços que refletissem e pensassem no ensino, participando durante o período de graduação de projetos de extensão como: Formação do Professor e Pesquisador em Educação Matemática: Desafios e Perspectivas, Matemática para Comunidade, NIEM - Núcleo Integrado de Educação Matemática, Olimpíadas de Matemática: promovendo a inclusão social e ajudando a mudar o cenário da educação, além do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais e Formação de Professores de Matemática. Também fez um intercâmbio em Portugal no Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI), cursando Matemática na Universidade de Coimbra, o que possibilitou enxergar o ensino de Matemática com um novo olhar, pensando na possibilidade de ensinar de forma diferente, explorando as aulas com os alunos e dando um real significado às abordagens trazidas.

Após o término da graduação, além da experiência em sala de aula, busquei antes da entrada no Mestrado me especializar. Nesse aspecto, concluí três cursos de Pós-Graduação Lato Sensu: Psicopedagogia Institucional, Metodologia do Ensino em Matemática e Neuropsicopedagogia Clínica, todas no viés do ensino. Considero-me um profissional da área de aprendizagem. Nesses cursos, observei que tanto os professores quanto os colegas pós-graduandos traziam algumas reflexões sobre a indisciplinada, permeados em pensamentos e abordagens, um conceito produzido pelo acúmulo e amadurecimento a partir de suas experiências, suas práticas e de pesquisas realizadas. Todos os cursos escolhidos foram intencionais, pensando sempre em me aperfeiçoar para ofertar aos meus alunos um ensino de qualidade e

de alguma forma, se possível, trazer alguma contribuição para a minha área de atuação.

Com objetivo de manter uma discussão referente ao fenômeno da indisciplina, trouxe essa temática para o curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, para também gerar um debate com as outras áreas de conhecimento, abrangidas no Mestrado. A pesquisa citada, insere-se na **área de concentração: Formação de Professores e Ensino de Ciências, com a linha de pesquisa Práticas de Ensino de Ciências**. Por meio dessa, pretende-se contribuir com a prática docente, visto que a pesquisa além de conhecer o aluno em sua totalidade, visa conhecer o professor que atua nos espaços escolares, entender como é tratada e se foi trabalhada a temática indisciplina escolar, em sua formação inicial, buscando refletir e conhecer suas concepções com relação a esse tema.

Assim, a pesquisa teve como objetivo geral identificar a concepção de professores em formação inicial dos cursos de Licenciatura em Matemática e Biologia sobre disciplina e indisciplina. Para atingir esse objetivo geral foram delineados os seguintes objetivos específicos: 1) identificar a relação entre as concepções dos professores pesquisados em formação inicial, sobre disciplina e indisciplina; 2) desvelar como vem sendo abordado o tema indisciplina na formação inicial desses professores; 3) construir o conceito de indisciplina a partir do conceito de disciplina de acordo com as concepções dos pesquisados.

Espera-se que esse tipo de abordagem venha a contribuir e ampliar o conhecimento de muitos professores, além de estimular a ampliação e reflexão sobre o seu repertório de estratégias educacionais, permitindo dessa forma com que os alunos tenham um envolvimento mais ativo na aprendizagem, mais segurança e autonomia em suas decisões, pois o professor, como mediador do conhecimento, torna-se responsável por realizar sua função da melhor maneira possível, buscando sempre se manter atualizado, visando à construção do cidadão em todos os seus direitos e deveres.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa. Fundamenta-se, pelo fato de estarmos refletindo pelo viés da concepção de docentes e discentes. Como a discussão e reflexão com base no discurso dos pesquisados é uma questão muito subjetiva, realizar o trabalho com uma abordagem qualitativa torna-se pertinente, pois assim o pesquisador é capaz de ver mediante os olhos daqueles que estão sendo investigados e assim aferir algumas conclusões e reflexões.

De acordo com o estudo de Bauer, Gaskell e Allum (2008), investigar com o enfoque qualitativo dá a possibilidade de interpretação da complexidade de um determinado fenômeno social. Com base nessa perspectiva, busca-se um melhor entendimento com relação ao fenômeno indisciplina.

Os dados coletados se organizam a partir da análise de questionários semi-estruturados. Para organização e análise das informações coletadas, utilizaremos a análise textual discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2011), que se organizam em torno de quatro etapas centrais.

A pesquisa tem como participantes, professores da formação inicial. Ou seja, foi realizada com licenciandos dos cursos de graduação em Matemática e Biologia, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). A escolha dos cursos ocorreu pelo fato de o proponente ser formado no curso de Licenciatura em Matemática e possuir inquietações no período da graduação. E Licenciatura em Ciências Biológicas, pelo fato de estar inserido no Estágio Supervisionado Obrigatório do Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

A presente dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresenta uma discussão sobre a disciplina e indisciplina no contexto educacional, seção em que apresenta algumas conceituações referentes à temática, quais são os fatores que levam a ocorrer esse ato e a conceituação desses fatores. Também será abordado, nesse capítulo, a tipologia da (in)disciplina, tendo como base estudos de autores como: Celso Santos Vasconcellos, Júlio Groppa Aquino, Maria Tereza Estrela, Yves de La Taille e outros estudiosos que auxiliaram na conceituação do tema.

No segundo capítulo, trataremos da Formação de Professores que ensinam Ciências, tendo enfoque nas áreas de Matemática e Biologia que são os componentes pesquisados e como essas se relacionam com a indisciplina presente no ambiente escolar. Discute-se nesse capítulo a importância do professor reflexivo e do saber da experiência, visto que se trata de uma estrutura que fala sobre professores em formação inicial e continuada e o discurso sobre a prática, sobre metodologias, pode auxiliar em uma melhor conceituação sobre essa temática. Nesse contexto, alguns autores utilizados que abordam a formação docente e os saberes essenciais para a prática docente, como: Maurice Tardif, Donald Schon, Phillippe Perrenoud, Antônio Nóvoa, Selma Garrido Pimenta, que trazem diferentes perspectivas da formação de professores, algumas questões a serem refletidas e

algumas informações acerca da indisciplina, pois não se pode dissociar a questão da indisciplina do professor.

No terceiro capítulo apresentaremos, o percurso metodológico da pesquisa, ou seja, qual foi a trajetória do pesquisador para se chegar ao objetivo da pesquisa, quais os instrumentos utilizados para a coleta e análise dos dados, quais foram os participantes e os locais de pesquisa. Nesse capítulo serão apresentados os dados pesquisados, relacionando-os com os teóricos tratados nos capítulos anteriores, serão indicadas as análises a partir dos discursos dos pesquisados, estabelecendo relações entre esses discursos a partir da análise textual discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2011).

No quarto capítulo, são apresentados os resultados e discussões referentes à pesquisa, possibilitando a reflexão sobre o fenômeno da indisciplina, sem criticar o posicionamento dos pesquisados, porém explicitando suas concepções em relação à temática no âmbito escolar.

Por fim, nas considerações finais, tecemos algumas reflexões sobre as implicações educacionais da pesquisa tendo como suporte a fundamentação teórica utilizada e dos dados encontrados.

CAPÍTULO 1

1. REFLETINDO SOBRE A CONCEITUAÇÃO DE DISCIPLINA E INDISCIPLINA

Nesse capítulo, será abordada uma discussão referente à disciplina e indisciplina no contexto educacional. Algumas conceituações referentes à temática serão apresentadas, tendo como base autores como: Celso Santos Vasconcellos, Júlio Groppa Aquino, Maria Tereza Estrela, Yves de La Taille e outros estudiosos que auxiliaram na conceituação do tema.

1.1 UM FENÔMENO CHAMADO INDISCIPLINA

Com a intenção de aprofundamento e aproximação do nosso objeto de trabalho que é a indisciplina, buscou-se refletir com base em pesquisas já existentes sobre a temática. Esse exercício permite obter noções da dimensão da questão, e assim perceber sua polissemia. Observa-se que a indisciplina se tornou um fenômeno mais frequente, extrapolando o âmbito educacional, tornando-se um dos grandes obstáculos pedagógicos atualmente.

A temática referente à indisciplina no ambiente escolar começou a ter maior proporção e preocupação a partir da segunda metade da década de 1980. Nesse período, houve um crescimento exponencial de pesquisas e de produções acadêmicas como: estudos de caso, porém muitas dessas pesquisas não tratavam a indisciplina como um tema central, o que eram analisados eram outras situações a âmbito educacional que de alguma forma estava atrelada ao fenômeno. Porém, existe um longo caminho a ser trilhado, para o real entendimento do fenômeno, visto que há inúmeras interpretações e essas se diferem.

Pesquisas recentes sobre ensino e aprendizagem demonstram resultados pouco satisfatórios ao Brasil. Para o entendimento do fenômeno chamado indisciplina, realizou-se uma pesquisa em 34 países, pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), no período de 2008 e 2013. Nessa pesquisa divulgada pela Revista Educação (2016), constatou-se que o Brasil obteve um destaque negativo com relação à posição ocupada: ficou em primeiro lugar com dados de indisciplina e com o mau comportamento dentro das salas de aula. Observa-se, ainda, que em outros países como o Japão a presença da indisciplina existe, porém é relatada por apenas 13% dos educadores. Em contrapartida, no Brasil, mais de 60%

dos educadores apontam lidar diariamente com o mau comportamento em sala de aula. Outro dado da pesquisa mostra que questões relacionadas à qualificação e experiência educacional são fatores importantes e que auxiliam os educadores no planejamento de suas ações pedagógicas. Também podem auxiliar e atrair a atenção dos discentes, manter a sala calma, organizada, o que poderia facilitar o desenvolvimento das atividades propostas.

Sendo assim, ao se pensar em indisciplina existem muitas controvérsias. Nesse contexto, para o seu real entendimento, é necessário muito estudo, devido à sua complexidade. As percepções em relação ao assunto são inúmeras, trazendo variações dentro de cada contexto onde o fato ocorre, atingindo a todos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem.

No que diz respeito ao ambiente escolar Zechi (2014, p. 28) apresenta que:

[...] a indisciplina em meio escolar representa um assunto complexo. Seu conceito, não é uniforme, nem universal. Ele se relaciona a um conjunto de valores que variam em diferentes contextos socioculturais ao longo da história.

Refletindo-se, dessa maneira nota-se que a indisciplina se trata de um conceito plural, existe muitas interpretações que podem gerar consequências para a aprendizagem do aluno.

Enquanto sociedade somos obrigados a nos adaptar com as regras, para que dessa maneira consigamos conviver nos espaços onde estamos inseridos. Nota-se que em espaços escolares não é diferente. Segundo Souza e Camargo (2016, p. 1),

[...] no ambiente escolar as regras servem para manter a organização na sala de aula, que cada vez mais está sendo substituída pela indisciplina, tornando-se um dos grandes desafios para o cenário educacional. Lembrando que tal preocupação ultrapassa os muros da escola e atinge toda a sociedade. Sem as regras de normatização social (leis) torna-se muito difícil a convivência em sociedade.

Sendo assim, observa-se que essa indisciplina se constitui em queixa e constante preocupação da docência contemporânea (ROSSO; CAMARGO, 2011) e ocasiona intensos debates e discussões nos meios escolares.

Notam-se em discursos de muitos professores o sentimento de insegurança diante da situação do fenômeno indisciplinar, de modo que os envolvidos no processo de ensino, nem sempre conseguem convergir nos diagnósticos, visto que há inúmeros fatores, não conseguindo estabelecer estratégias de ação efetivas (TREVISOLO; VIECELLI; BALESTRIN, 2011), tornando-se um dos grandes desafios para o cenário educacional.

Rego (1996, p. 83), nos indica uma reflexão que permite inserir a questão da “indisciplina escolar como um dos temas atuais que mais preocupam os professores e todos os envolvidos no processo de ensino”. Sendo assim, é necessário enfatizar que é um problema que ocorre com envolvidos no processo de ensino e aprendizagem sejam eles pertencentes à rede pública de ensino, ou mesmo rede privada, podendo ocorrer nos diferentes níveis e modalidades de ensino.

Diante dos inúmeros problemas que são encontrados dentro do espaço escolar, principalmente na sala de aula, verifica-se que a indisciplina é um dos desafios mais urgentes e mais agravantes e que vem preocupando tanto professores, coordenadores, como todos os que pensam no processo de ensino. Observa-se em pesquisas que tanto alunos como professores entendem que é um problema que atrapalha o processo de aprendizagem.

Ainda se percebe que a indisciplina pode interferir diretamente no desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, afetando o desenvolvimento dos próprios alunos, que em muitas vezes, são vistos como estudantes rebeldes, insuportáveis, ou outros adjetivos sinônimos utilizados para designar esses alunos.

Existem várias pesquisas realizadas pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre essa temática indisciplina. Uma delas realizadas no Brasil resultou na publicação de um livro “Juventudes na Escola: Sentidos e Buscas”. Baseou-se no discurso de 8.283 jovens, realizadas em dez cidades brasileiras. Nessa pesquisa, lançou-se o seguinte questionamento: qual o perfil de alunos considerariam importante não ter presente na sala de aula? e a resposta mais comum (de 41% dos jovens entrevistados) foi que seriam os alunos com algum problema de comportamento, seja o aluno que fala muito e atrapalha os colegas, ou o que só dá risada, ou mesmo o que não participa e realmente é considerado “bagunceiro” e esse perfil na sala de aula resulta em péssimos resultados, pois não há produtividade e entendimento dos conteúdos e do que o professor está tentando ensinar. Nesse contexto, percebe-se que os estudantes reconhecem a questão presente dentro da sala de aula e visualizam que o ato, pode gerar problemas e interferir nos resultados educacionais.

No discurso entre os que pensam no processo de ensino, e ao se debater sobre questões como a falta de disciplina, percebe-se grande culpabilização e responsabilização dos atos disciplinares aos alunos, destacando-os na maioria das

vezes como únicos responsáveis por tal situação de conflitos que ocorrem em sala de aula ou em outros espaços escolares. No entanto, deve-se destacar que os alunos estão longe de serem os únicos responsáveis por qualquer ato considerado fora dos padrões disciplinares.

Segundo dados do Pisa, que é uma avaliação realizada a nível mundial que utiliza como instrumento de análise provas de leitura, ciência e de matemática, além de questionários que são aplicados com estudantes, professores, diretores de escolas e os pais, permitindo dessa forma fazer o diagnóstico da escola. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), vinculado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) e que é responsável pela aplicação do Pisa no Brasil, mostra que a edição de 2018, contou com a participação de 10.961 alunos e um total de 597 escolas do Brasil sendo públicas e privadas.

Observou-se a partir dos dados da edição de 2018, com relação à questão da indisciplina que **41%** dos estudantes relatam a existência da **indisciplina** nas salas de aula e observam isso quando os educadores necessitam esperar muito tempo até os discentes se acalmarem nos espaços escolares. Com os dados, analisa-se que no Brasil, os estudantes que praticam o ato indisciplinar em espaços educativos tiveram 19 pontos a menos nas provas de leitura do que os estudantes que não relataram este cenário nas escolas.

Outra questão quando se pensa em clima indisciplinar presente no âmbito da escola refere-se a buscar perceber a dificuldade que muitos pais enfrentam na educação de seus filhos, pela falta de entendimento de que postura é a mais ideal para se tomar em determinadas situações, diante desta sociedade em que vivemos.

Neste contexto, Parolin (2007, p.56), destaca que:

É na família que uma criança constrói seus primeiros vínculos com a aprendizagem e forma o seu estilo de aprender. Nenhuma criança nasce sabendo o que é bom ou ruim e muito menos sabendo do que gosta e do que não gosta. A tarefa dos pais, dos professores e dos familiares é a de favorecer uma consciência moral, pautada em uma lógica socialmente aceita, para que, quando essa criança tiver de decidir, saiba como e por que está tomando determinados caminhos ou decisões.

Verifica-se assim a importância da família, pois cabe a ela as instruções iniciais, devido ao fato de ser o primeiro grupo socializador que auxiliará na forma como a criança desempenhará os seus papéis dentro da sociedade, ou seja, as mediações que devem ocorrer entre homem e sociedade.

A família tem por dever, orientar no desenvolvimento e na aprendizagem dos comportamentos, de acordo com os padrões sociais adequados ao grupo em que está inserida. Sendo assim, torna-se necessário estabelecer uma relação entre família e escola, pois ambas se constituem como agências socializadoras e educativas. Esses grupos socializadores, desenvolvem habilidades que auxiliam na participação desses indivíduos em sociedade.

Oliveira e Marinho-Araújo (2010, p.101) afirmam:

Escola e família têm suas especificidades e suas complementariedades. Embora não se possa supô-las como instituições completamente independentes, não se pode perder de vista suas fronteiras institucionais.

Tiba (2002) destaca a importância da participação familiar para o desenvolvimento do aluno e que é elemento influenciador para o comportamento das crianças em diferentes momentos:

A maior segurança para os navios pode estar no porto, mas eles foram construídos para singrar os mares. Por maior segurança, sentimentos de preservação e manutenção que possam sentir junto aos pais os filhos nasceram para singrar os mares da vida, onde vão encontrar aventuras e riscos, terras, culturas e pessoas diferentes (TIBA, 2002, p. 23).

Nesse sentido, usando a metáfora utilizada pelo autor, para designar o papel da família na construção do conhecimento e da identidade do aluno, verifica-se que a família é uma instituição que deve estar sempre interligada com a escola, para uma construção de comunicação assertiva, para promover assim bons resultados, não apenas no sentido de desempenho, mas no sentido de construção de conhecimento, de construção de valores e da própria construção e trabalho com a cultura de paz. Partindo desse princípio tem-se que:

A cultura de paz, não deixa a família em segundo lugar, antes é importante conquistá-la para estabelecer relações de dialogicidade, democraticidade e respeito mútuo na escola. Sabemos que a cultura de paz não é tarefa fácil de ser empreendida na escola, mas é urgente que se introduza, pois, por meio dela desenvolveremos o diálogo e a democracia real (DIÓGENES; CARNEIRO, 2017, p.108).

Com o trabalho envolvendo a metodologia da educação para a paz, torna a família como coparticipante de todo o processo do desenvolvimento, para isso é necessário que a escola enfatize essa importância.

Nota-se ainda, que por trás da questão da indisciplina que é vista pelos professores como um dos principais entraves da boa educação, mesmo com avanço nos estudos, existe também a falta de entendimento sobre essa temática em discussão, referente à sua conceituação, ou seja, entender o que pode ser

considerado como atos indisciplinados e o que não pode ser considerado como indisciplina, pois nos diferentes contextos o que pode ser considerado para um como indisciplina, para outro pode não ser.

Rego (1996, p. 84) infere referente à indisciplina que:

O próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tão pouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social ou organismo. Também no plano individual a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que foram aplicadas. Como decorrência, os padrões de disciplina que pautam a educação das crianças e jovens, assim como os critérios adotados para identificar um comportamento indisciplinado não somente se transformam ao longo do tempo como também se diferenciam no interior da dinâmica social.

Necessita-se também repensar a adequação de estratégias educacionais por parte dos docentes, que muitas vezes não são atrativas e não trazem tanto significado e contextualizações para os alunos. De acordo com Luckesi (1994), a escolha dos procedimentos de ensino gera consequências para a prática docente: observa-se que para se definir procedimentos de ensino com certa precisão, é necessário ter clara uma proposta pedagógica; é necessário compreender que os procedimentos de ensino a serem utilizados ou mesmo construídos são mediações da proposta pedagógica e metodológica, devendo estar estreitamente articulados; ao lado da proposta pedagógica, o educador deve estar permanentemente em alerta para o que se está realizando, avaliando a atividade constantemente e tomando novas decisões. Logo, a escolha e avaliação de procedimentos são essenciais para a efetivação da aprendizagem e podem ajudar a definir o comportamento e a maneira como os alunos irão receber esses conteúdos.

Um dos possíveis motivos de atos indisciplinados na sala de aula é a falta de contextualização das aulas. Diante de muitos problemas enfrentados pela escola, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com a intenção de propiciar algumas reflexões e discussão sobre o ensino atual, propõem a questão da contextualização. Com base nisso os PCNS, trazem que:

Contextualizar o conteúdo que se quer aprendido significa, em primeiro lugar, assumir que todo conhecimento envolve uma relação entre sujeito e objeto [...]. O tratamento contextualizado do conhecimento é o recurso que a escola tem para retirar o aluno da condição de espectador passivo (BRASIL, 2000a).

Sendo assim, percebe-se que é de extrema importância contextualizar as aulas e o professor tem um papel fundamental nesse processo que é o de capacitar seus

alunos com estratégias de aprendizagem que possam ser usadas desde o início da escolarização e continuadas na formação superior seguindo a vida profissional, ou seja, estratégias que sejam significativas (PIMENTA; GHEDIN, 2002).

Nesse contexto, de acordo com Ricardo (2003, p. 11):

A contextualização visa dar significado ao que se pretende ensinar para o aluno [...], auxilia na problematização dos saberes a ensinar, fazendo com que o aluno sinta a necessidade de adquirir um conhecimento que ainda não tem.

Com base nas citações, observa-se que a prática em sala de aula só ocorrerá de maneira efetiva, caso haja uma interação positiva à âmbito escolar entre todos os envolvidos no processo de ensino. Para isso, é necessário ser entendido o que é e como deve-se realizar o processo de contextualização. Torna-se importante o professor estar atento e trazer situações desafiadoras que permitam em seu aluno, estabelecer relações com o seu cotidiano. Cabe à escola contribuir para a efetivação do desenvolvimento do aluno em sua totalidade, dando possibilidades de construção de conhecimento científico, além do desenvolvimento moral enquanto pessoa humana, crítica, autônoma e reflexiva. As diferenciadas estratégias de ensino podem trazer um diferencial na atuação do professor, dando mais significação para o processo de aprendizagem.

Ainda pensando em falta de disciplina no contexto escolar, verifica-se que muitos professores costumam considerar a indisciplina como sendo uma característica de um aluno que não aprende, muitas vezes estabelecendo uma relação do baixo nível da aprendizagem e da qualidade do ensino com o mau comportamento presente nos alunos em sala de aula, em muitas ocasiões justificando tal situação com comentários como o aluno não aprende, apenas por ser indisciplinado. O que se pode observar é que cada envolvido no processo de ensino tem uma parcela de responsabilidade e que pode influenciar na aprendizagem do aluno.

Por fim, é importante deixar claro que a responsabilização de atos considerados como indisciplinados no ambiente escolar, não seria atribuída apenas ao professor tão pouco ao aluno. Aquino (1996, p. 22) explica que “há algo que os antecede e ultrapassa: o contexto social na qual o trabalho escolar se insere”. De acordo com essa visão, nota-se que o comportamento e ações docentes são frutos da realidade social em que o educador realiza a sua ação docente.

Para o desenvolvimento da prática pedagógica o professor recebe inúmeras influências de fatores externos, dessa forma construindo uma identidade docente ²a partir do meio ao qual está inserido, o que evidencia claramente que não há neutralidade no trabalho pedagógico. Todas essas influências estão atreladas ao fenômeno indisciplina, pois se relacionam a aspectos da aprendizagem. Nesse contexto não se pode pensar em processo de aprendizagem sem considerar a indisciplina e nem o inverso, pois há uma relação estabelecida que pode afetar no desenvolvimento do trabalho docente e discente.

1.2 REFLETINDO A QUESTÃO DA DISCIPLINA E INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR

1.2.1 Conceituação de Disciplina

Para se realizar um comparativo entre os conceitos de indisciplina e de disciplina e, além disso, para observar se é possível construir o conceito de indisciplina a partir de disciplina, enquanto educadores e pesquisadores, necessitamos entender a que se refere esses dois grandes conceitos fundamentais para refletir todas essas questões presentes no âmbito escolar.

Para iniciar as discussões com relação ao fenômeno da indisciplina, trazemos Estrela (1994) que trata o termo disciplina como originário do latim e que com o decorrer do tempo, possui diferentes significações, dentre elas, destacam-se: punições, dor, instrumentos de punições, regras de conduta para organização coletiva e para promover a obediência a essas regras estabelecidas.

Baseando-se na conceituação da palavra disciplina apresentada em dois dicionários brasileiros de língua portuguesa um físico e outro de pesquisa online, o dicionário Aurélio e o dicionário Priberan (2020), verifica-se duas conceituações que vão ao mesmo encontro. De acordo com o dicionário Priberan³ observa-se que o termo “disciplina”, refere-se a um “conjunto de leis ou ordens que regem certas

² A identidade docente está atrelada ao contexto social ao qual o educador se insere e é dinâmica. De acordo com Nóvoa “[...] a identidade não é um dado adquirido, uma propriedade ou um produto, mas é um lugar de lutas e de conflitos, é um lugar de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. (NÓVOA, 2000, p. 16).

³ Dicionário Priberan (2020) disponível em <https://dicionario.priberam.org/disciplina>. Acesso em: 01 abr. 2020.

coletividades; obediência a um conjunto de regras explícitas ou implícitas; o oposto de indisciplina; Submissão e obediência à autoridade; ação dirigente de um mestre”(DISCIPLINA, 2020).

Já o dicionário Aurélio (2009, p. 321), traz como conceituação que a disciplina é [...] “regime de ordem imposta ou mesmo consentida; Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização; Relações de subordinação do aluno ao mestre; Submissão a um regulamento”.

Baseado nas significações dos dois dicionários, observamos que, a disciplina está atrelada à questão dos limites, que muitas vezes são colocados pela sociedade, porém em alguns momentos, observamos que esses limites são construídos e ensinados aos alunos e em outros são apenas impostos, o que muitas vezes pode não ser positivo para o “bom” andamento do processo de ensino.

A questão relacionada ao estabelecer limites aos alunos, surge apenas para criar fronteiras que separam “o que fazer” e “o que não fazer”, além do que “deve fazer” e o que “não deve fazer”, observando ainda que quem fugir desses padrões impostos pela sociedade, sejam eles padrões de inteligência, desempenho, comportamento, esses por sua vez são taxados como pessoas que necessitam de limites, muitas vezes visto como anormais, ou mesmo desinteressados.

De acordo com Chagas (2001), a disciplina escolar é vista como:

[...] um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e conseqüentemente na escola (p.11).

Em um contexto geral, nota-se que a expressão disciplina pode ser considerada uma variante que tem a mesma origem da palavra “discípulo”, essa expressão apresenta como significado do conceito como sendo “aquele que segue”. De acordo com Carvalho (1996), é o aprendiz que se submete às regras do que pretende aprender ou à autoridade do mestre que o inicia em uma arte ou área do conhecimento.

Historicamente, observa-se que a conceituação de disciplina varia com o período das diferentes concepções que se tem sobre a educação. De acordo com o quadro comparativo proposto por Lopes e Gomes (2012) é possível perceber o avanço da maneira como a indisciplina era vista e tratada no contexto escolar.

QUADRO 1 - Conceitos de disciplina e indisciplina em diferentes movimentos educacionais

Pedagogia	Conceito de indisciplina/ disciplina	Como ocorriam as intervenções
Modelo da escola Tradicional	Nesse período, verifica-se que a problemática indisciplina/ disciplina está presente no cenário escolar. Tem-se o professor como detentor do conhecimento. E o aluno deveria assumir posturas como manter-se calado, quieto, atento, obediente e respeitador. Culpabilizava-se apenas aos alunos por não conseguirem aprender e isso poderia ocorrer pelo fato do não acatamento total das decisões impostas pelos professores e equipe da gestão escolar. Considera-se como sendo um período de intensa submissão das crianças de reverencial e mesmo temeroso.	Eram centralizados no professor e na sua palavra, que não deveria ser interrompida. Os conteúdos eram transmitidos, sem o trabalho com as dúvidas, somente acatando as ordens impostas. Caso não ocorresse o cumprimento poderia haver expressões injuriosas e castigos corporais.
Educação Nova (1921)	Nesse modelo de escola a disciplina é baseada no exercício da liberdade e responsabilidade. A disciplina não é um fim, mas um caminho. A visão de ordem é diferente, o que não significa anarquia ou desordem. O aluno é considerado como o autônomo da aprendizagem, autodisciplinado. O ensino ocorre sem a interferência do professor, que utilizam das contribuições dos alunos.	As intervenções ocorriam de maneira ativa. Considerado Pedagogia ativa. Busca centrar-se nos interesses dos alunos e em sua participação, respeitando as etapas do desenvolvimento dos alunos. O ambiente proporcionado é interativo, que busca o incentivo da autonomia.
Educação Libertadora Pedagogia do Oprimido (1962)	Disciplina implica em uma relação entre professor e o aluno em que a autoridade está situada na liberdade [...] de ambos.	Considera como parte do processo, professores e alunos. O diálogo é a forma de comunicação pedagógica. Existe uma reflexão sobre o processo de aprendizagem do aluno que não culpabiliza e responsabiliza apenas um sujeito, mas considera os espaços como coparticipativos.

Fonte: Adaptado do quadro realizado por Lopes e Gomes (2012, p. 06-07).

No quadro 1, proposto por Lopes e Gomes (2012) (com adaptações), houve a possibilidade de perceber algumas mudanças no tratamento e na conceituação das questões relacionadas à disciplina/indisciplina. Observa-se que no período do

movimento tradicional a questão disciplina era vista sobre o viés do comportamentalismo. Nessa perspectiva concebe que o aluno submisso e que precisa possuir uma postura onde fique: “calado, quieto, atento, obediente e respeitador”. Caso fugisse dos padrões impostos nesse modelo o resultado era expressões de desgosto e castigos físicos. Na educação nova, percebe-se que se retira o processo de submissão dos alunos e surge o processo de liberdade de expressão, nesse período a busca é que aluno consiga refletir a partir de regras desenvolvidas por eles próprios, juntamente com seus professores. Chegando assim no período referido à educação libertadora de Freire, onde percebe-se que o conceito de disciplina/indisciplina, se baseia na relação professor/aluno, e o centro de tudo e a única maneira cabível para a solução dos problemas seria por meio do diálogo assertivo pelos envolvidos no processo de ensino.

Nos países que abrangiam a União Soviética, a designação de disciplina era ligada ao cidadão e existia como um ato que evitasse lesar outras pessoas. Nesse contexto, para que se realizasse um trabalho com eficiência, se fazia necessário seguir estritamente o que era colocado, pois ao se pensar em trabalho importava a totalidade do trabalho geral desde o nível social perpassando até o nível educativo. Em contrapartida o Brasil, traz outras bases como, Paulo Freire, o qual destaca que a disciplina se estabelecerá, a partir da relação instituída, entre professores e alunos, e a autoridade se concretiza a partir da liberdade sadia de ambos os envolvidos no processo.

Assim, ao se estudar a temática disciplina, observa-se a existência de variações em suas definições, porém as expressões, ordem, normas e regras são elementos comuns e imprescindíveis e de extrema relevância.

Sendo assim, observa-se que o termo disciplina trata-se de uma questão em construção que vai se desenvolvendo. Ele sofre variações de acordo com o movimento educacional e com o grupo social ao qual está sendo tratado, podendo estar relacionado ao âmbito familiar, escolar, militar, religioso, desportivo, partidário, sindical entre outros. Porém, o ponto de relação estabelecido é que todos trabalham com um fundo ético de caráter social, e procuram uma harmonia para a sua significação, indo em direção ao estabelecimento de regras que auxiliam ao bom convívio em sociedade.

Vasconcellos (2009) aborda em seu livro “Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente” a questão da disciplina. Nessa obra, o autor a

trata como sendo um conjunto de fatores que possibilita condições para que o trabalho pedagógico ocorra de maneira efetiva e essas dependem também de uma boa estruturação do trabalho pedagógico. Para que esse processo ocorra, necessita-se ser trabalhado em conjunto, com o corpo docente e discente e conseqüentemente com a escola. Assim, deve-se levar em conta as características de todos os envolvidos no processo de aprendizagem sejam professores, alunos e toda comunidade escolar. Para que os educadores consigam ensinar, necessitam saber o que e como ensinar, isso se verifica no currículo profissional e está totalmente ligado à questão metodológica utilizada.

[...] a disciplina é uma exigência para o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano, seja ela considerada em termos individuais e coletivos. Pode haver divergência quanto à concepção de disciplina, mas, com certeza, sua ausência inviabiliza o crescimento do sujeito, uma vez que a aprendizagem, especialmente a escolar, é um processo rigoroso, sistemático, metódico (VASCONCELLOS, 2009, p. 25).

De acordo com essas reflexões iniciais, observa-se que a disciplina é indispensável para ao contexto escolar, para que os procedimentos se concretizem com êxito e para a garantia daquilo que é de direito do aluno. Nesse contexto, deve-se também considerar as características de cada aluno. Fazendo assim, necessário respeitar seu ritmo biológico, o seu contexto para a elaboração das atividades didáticas, extracurriculares e na escolha da linguagem a ser usada em sala de aula. Enxergar esse aluno é um caminho necessário para que seja construída a disciplina no âmbito escolar e para que ocorra com sucesso o aprendizado, pois o aluno é peça chave em todo o processo.

O ambiente escolar, também traz interferências no processo de disciplina, nota-se nos momentos de intervenção que classes com desordem, bagunças intensas e desrespeito com os professores e colegas refletem em um ambiente pouco provável de conseguir uma boa disciplina e assim propiciar uma aula significativa. De acordo com o que é proposto por Tiba (1996):

Disciplina é um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Portanto, ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente na escola (TIBA, 1996, p. 99).

Sendo assim, a disciplina pode ser considerada como um conjunto de regras éticas para se atingir um objetivo. Nesse contexto, o objetivo, ao se tratar de disciplina escolar, é promover um ensino de qualidade e que seja significativo para todos os envolvidos no processo de ensino.

Percebendo-se também outra forma de explicar a questão disciplinar, essa por sua vez, pelo viés da moralidade. Segundo Araújo (1996, p. 110)

[...] o fato concreto de o sujeito não cumprir as regras dentro da escola precisa ser analisado com cuidado, observando a natureza e a forma com que aquelas foram estabelecidas. Ou seja, o aluno considerado indisciplinado não necessariamente é imoral. Pelo contrário, imoral pode ser o professor, supervisor ou diretor, que impõe regras em benefício próprio, e esperam que os alunos somente obedeçam.

Observa-se que nem todos os atos indisciplinares devam ser moralmente condenáveis. Também se nota que o aluno que segue fielmente às regras criadas socialmente, em inúmeros casos não apresentam necessariamente um perfil baseado em virtudes, pois em determinados momentos apresenta essa postura de respeito às normas, apenas por estar movido pelo medo de ser castigado ou mesmo para não ocasionar o enfrentamento ao professor, amenizando a situação.

Nota-se que a disciplina deve ser superada enquanto opressão. Ela deve ser construída juntamente com todos os pares, no ambiente escolar. Um momento que poderia ser usado para promover a construção de regras reflexivas, conscientes e democráticas com os alunos seria no desenvolvimento do contrato didático no início do período letivo, esse pode ser um caminho para minimizar processos que envolvam a indisciplina presente na escola, pois o aluno seria parte do processo e essa interação daria a ele responsabilidades que deveriam ser cumpridas no decorrer daquele período.

Nos estudos realizados por Brousseau (1982), o contrato didático se insere como sendo comportamentos do educador que são esperados pelo aluno e comportamentos do aluno que são esperados pelo educador. Partindo desse pressuposto, verifica-se que se trata de normas de organização, onde estabelecerá os procedimentos que afetarão a todos os envolvidos no processo. Percebe-se ainda que se refere as relações acordadas entre professores, alunos e o conhecimento e também as expectativas do professor sobre o aluno e vice-versa. Incluindo em todo o contexto, o saber e a maneira como vem sendo abordado nessa organização.

A disciplina considera no professor e em seu encaminhamento metodológico, pensa no aluno como parte central do processo, e no ambiente escolar e se unidos todos esses fatores, percebe-se que realmente ocorre aprendizagem.

Presente dentro dos espaços escolares, a disciplina construída seguindo o princípio de um diálogo reflexivo, proporciona aos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem uma melhor aceitação e a criação de um ambiente colaborativo com

trocas de experiências, de modo que as regras que são construídas se estabeleçam sem imposição, ou mesmo não sejam cumpridas por medo. Assim, verifica-se que quando esse princípio é aceito e construído de maneira significativa e coletiva, qualifica o trabalho, pois ele surge realmente respeitando as diferenças presentes nos ambientes escolares.

Nos estudos de Lopes e Gomes (2012) é possível perceber algumas concepções que permearam o conceito de disciplina ao longo do tempo, dessa forma, destaca-se uma análise referente a sua terminologia:

O termo disciplina de origem latina e tendo a mesma raiz que discípulo, é marcado pela sua polissemia e vem assumindo ao longo do tempo diferentes significações: punição, instrumento de punição, direção moral, regra de conduta para fazer reinar a ordem numa coletividade [...] (LOPES; GOMES, 2012, p. 264).

A compreensão de Vasconcellos (2009) de disciplina na relação professor-aluno é abrangente, pois leva em consideração diversos elementos do dia a dia da sala de aula. Seguindo essa reflexão acredita-se que:

[...] a sala de aula é o lugar em que há uma reunião de seres pensantes que compartilham ideias, trocam experiências, contam histórias, enfrentam desafios, rompem com o velho, buscam o novo, enfim, há pessoas que trazem e carregam consigo saberes cotidianos que foram internalizados durante sua trajetória de vida, saberes esses que precisam ser rompidos para dar lugar a novos saberes (VASCONCELLOS, 1993, p. 35).

Em torno disso observa-se que os diversos elementos da realidade escolar dizem respeito ao professor (sua autoridade, como organiza as suas intervenções pedagógicas, como ocorre a construção de seu projeto didático pedagógico) e também refere-se ao aluno (verificando como ocorre sua independência em sala, o seu modo de agir e de construir o seu conhecimento).

1.2.2 Conceituação de Indisciplina

Existem diferentes interpretações acerca do conceito de disciplina presente na escola. Muitas vezes, as questões disciplinares na escola, são entendidas pela equipe escolar como padrões de comportamentos dos alunos, e é nesse contexto que aparece as discussões com relação ao fenômeno indisciplina.

O significado da palavra indisciplina, segundo o dicionário Aurélio (2005) refere-se à: “falta de disciplina; desobediência; rebelião”. Percebendo dessa maneira que contrária a tudo o que é considerado disciplina. A (in) disciplina é um problema na área da aprendizagem. Na literatura, é verificada inúmeras significações, o contexto

ao qual se aplicam traz muitas influências, em determinados aspectos trata-se de problemas relacionados ao comportamento, referindo-se ao mau comportamento ou ainda, problemas de disciplina (SOUZA; CAMARGO, 2016).

Por se tratar de um termo com inúmeras significações a indisciplina não deve ser entendida como uma temática universal e estática. Pode ser interpretada em cada meio de diferentes maneiras. Observa-se que em meios que consideram a indisciplina apenas como problemas relacionados a comportamento a terminologia e designação é entendida apenas como descumprimento de regras. De acordo com (SILVA, 2012, p. 21), [...] “o termo indisciplina quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização”.

Em concordância com a visão apresentada pelo autor, verifica-se com intensidade no ambiente escolar, quando em determinadas situações o fato do aluno não cumprir algumas regras estabelecidas pela escola, faz com que seja entendido como indisciplinado. Percebendo assim, que ações relacionadas a desordem, pode ser interpretada como esse fenômeno.

A questão da (in) disciplina é um dos grandes desafios enfrentados hoje pela família e pela escola, tem gerado consequências graves no âmbito escolar e social. Com relação ao meio escolar, Chagas (2001), traz que:

A indisciplina no meio educacional é vista como a manifestação de um aluno com um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzido na falta de educação ou desrespeito pelas regras pré-estabelecidas, na bagunça, agitação ou desinteresse (CHAGAS, 2001, p. 39).

No meio escolar, verifica-se que o fenômeno indisciplina tem relação com questões comportamentais estabelecidas e vai ao encontro de tudo que seja oposto ao modelo de disciplina imposto. Nessa vertente, o fato do não cumprimento de determinadas normas por parte dos alunos, faz com que seja considerado um aluno indisciplinado. Esse aluno perante o contexto escolar, terá algumas atitudes que vai desde o descumprimento à regras a questões de violência que podem ser físicas, verbais, psicológicas, contra os seus colegas, professores e todos que estiverem inseridos no contexto desse estudante.

Em sua reflexão sobre o ato indisciplinar enfrentado em contextos à âmbito escolar, Aquino (1996, p. 139), aborda que é: “aquele que não está em correspondência com as leis e normas estabelecidas por uma comunidade, um gesto

que não cumpre o prometido e, por esta razão, imprime uma desordem no até prescrito”.

Ao pensarmos em indisciplina enquanto um problema relacionado a área de aprendizagem, geralmente encontramos dados que apresentam alunos com baixo rendimento, que não possuem interesse pelo ensino, sendo um dos possíveis motivos de tal ato, pois para o estudante, muitas vezes o ensino como é apresentado e/ou construído não têm nenhum significado, ocasionando em determinados momentos, sua evasão nesse ambiente de ensino.

Um aluno indisciplinado, enxerga a escola como sendo um ambiente que causa muito desconforto até mesmo dor, pois associa que ela não traz nenhum interesse para sua formação pessoal. Essa visão pode, ser um dos possíveis motivos para que assumam posturas consideradas não favoráveis ao modelo organizacional imposto, pois foge das regras pré estabelecidas.

Percebe-se que existem problemas relacionados a estrutura e organização da sala de aula. O professor necessita de muito tempo para fazer com que a sua turma se organize, para então conseguir realizar a sua ação pedagógica. Todo esse contexto apresentado, pode ser influenciador no processo de aprendizagem, mostrando que a indisciplina tem impactado negativamente a muitos campos de ensino, estabelecendo assim uma relação com o desempenho atribuído ao aluno.

Manifestações ocorridas com relação à indisciplina, tornaram-se muitas vezes uma rotina para qualquer professor. Dessa forma mesmo considerando que o professor não seja o único responsável pelo surgimento desse fenômeno no contexto escolar, torna-se pertinente destacar que um motivador, pode ser a falta de preparo desse educador.

A indisciplina mesmo possuindo uma visão polissêmica, pode ser categorizada seguindo dois vieses o primeiro entendendo o fenômeno em uma perspectiva denominada frequente e a segunda excepcional. Partindo da discussão sobre a indisciplina na perspectiva frequente, verifica-se de acordo com Castro que se refere à:

[...] apatia do grupo, o cochicho, a troca de mensagens, o exibicionismo, as perguntas realizadas de forma a testar o professor ou a desvalorizar o conteúdo das aulas, discussões frequentes entre grupos de alunos, de modo a provocar uma agitação geral, comentários despropositados, silêncios ostensivos, além de entradas e saídas justificadas (CASTRO, 2009, p. 03).

Logo, partindo da premissa dessas primeiras reflexões a indisciplina na perspectiva frequente, refere-se a toda uma estrutura organizacional que foge das regras estabelecidas. No contexto da sala de aula é quando o aluno não cumpre as regras da escola e/ou contrato didático pedagógico que estabelece situações que contribuem para o desenvolvimento das intervenções. Uma das possíveis razões que vem contribuindo para o aumento do fenômeno refere-se também a perda ou diminuição de alguns valores morais.⁴ Nota-se ainda que a falta desses valores se dá também pelo fato de não ser significativa a maneira como é apresentada.

Não se pode atribuir responsabilizações a apenas um grupo sobre situações indisciplinadas. Também observa que a indisciplina é algo influenciável no decorrer do processo de desenvolvimento, pois como Kakazu traz em suas reflexões:

[...] Ninguém nasce rebelde ou disciplinado. O comportamento indisciplinado resulta de inúmeras influências que a criança recebe ao longo de seu desenvolvimento e vai internalizando. Por isso, a disciplina ou indisciplina não estão alheias a família ou a escola. Aliás, a atitude dos pais interfere profundamente no desenvolvimento individual e conseqüentemente influenciará no comportamento da criança na escola (KAKAZU, 2009, p. 04-05).

Castro (2009), ainda discute outra tipologia atribuída a indisciplina, é a que se apresenta em caráter excepcional. Nessa, as atitudes se constroem em forma de agressões no sentido física, verbal, ou mesmo psicológicas, através de roubos, provocações de conotação sexual etc. Nota-se que as discussões referentes a esse segundo tipo, tem crescido muito durante as últimas décadas, houve um crescimento grande de pesquisas acadêmicas, devido ao fato do surgimento de reflexões sobre a violência presente nas instituições de ensino. De acordo com Silva (2012) :

[...] A indisciplina e a violência nas escolas seria o produto do fato de os alunos não terem como valor central em suas personalidades o respeito ao outro. Em decorrência, os professores e os demais colegas não seriam objetos do olhar de tais indivíduos (p.150).

O estudo da indisciplina no âmbito escolar envolve inúmeros fatores, causas e análise de diferentes aspectos, seja no sentido de caráter metodológico, familiar e social, estruturas políticas e de poder presentes na escola, além das concepções por parte dos envolvidos no ensino referente a esse fenômeno.

Esse fenômeno presente em muitas escolas tanto públicas como privadas é abrangente e vem ocasionando preocupação aos proponentes do processo. Nesse

⁴ Segundo Piaget (1932 apud La Taille 1992, p.145), "toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por estas regras".

contexto, vem atingindo a professores, estudantes, equipe diretiva, família e o mais agravante a aprendizagem dos alunos.

De acordo com Jusviack (2008):

O conceito de indisciplina é susceptível de múltiplas interpretações. Um aluno ou professor indisciplinado é, em princípio, alguém que possui um comportamento desviante em relação a uma norma, explícita ou implícita, sancionada em termos escolares e sociais. Estes desvios são, todavia, denominados de forma diferente conforme se trate de alunos ou de professores. Os primeiros são apelidados de indisciplinados, os segundos de incompetentes (JUSVIACK, 2008, p. 13).

Um dos grandes desafios hoje no cenário educacional trata-se de estimular os discentes a cada intervenção pedagógica, nesse contexto o objetivo é desenvolver nos estudantes a autonomia e segurança para a realização das propostas, tornando possível o seu desenvolvimento na totalidade.

A indisciplina presente na escola é uma das queixas mais frequentes, revelando a “tensão que existe no processo educacional” (NAIFF, 2009, p. 113). Vários são os fatores identificados como geradores da indisciplina no ambiente escolar. Um estudo que auxilia a compreensão do fenômeno, presente no âmbito da escola, consiste em entender a realidade escolar, de acordo com Passos (1996) verifica-se que:

[...] o estudo sobre a indisciplina na escola deve envolver, portanto, a análise de múltiplos aspectos, tais como: as estruturas de poder na escola, as pressões e expectativas dos pais, as concepções de professores em relação à construção do conhecimento, e outros (p.126)

Ou seja, conhecer a escola em sua totalidade no sentido de organização, políticas e vertentes utilizadas, o processo metodológico e todo o contexto prático tendo também como referência quem são os sujeitos que estão envolvidos nesse movimento, ou seja: professores, gestores, alunos, contexto familiar e toda a clientela escolar é um dos possíveis caminhos para o real entendimento da questão indisciplinar.

Os alunos rotulados como indisciplinados, que assumem posturas como nunca realizar tarefas ou mesmo que só brincam em sala de aula, necessitam ser entendidos e estimulados. Um caminho seria que o docente auxiliasse no desenvolvimento do raciocínio lógico de seus alunos, buscando diferentes estratégias e dinâmicas inovadoras para sua ação. Em muitos momentos, alguns estudantes não conseguem realizar suas atividades com êxito e isso ocasiona a eles frustrações e desistência de determinados exercícios. Discutir os erros dos alunos com eles e o que levou o

estudante a cometê-los é um caminho que permite que os discentes demonstrem mais interesse na realização das intervenções propostas.

O redimensionamento de práticas trabalhadas na ação docente é um dos grandes desafios, pois envolve mudanças de pensamentos e crenças construídos durante o processo de formação inicial e continuada do docente. É necessário, porém não é uma tarefa fácil. Seguindo essa linha, para que essa nova organização didático pedagógica ocorra e seja significativa a todos os envolvidos, torna-se necessário que o educador, pesquise novas estratégias e traga inovações para as estratégias já utilizadas em sala de aula, potencializando assim por meio da criatividade as suas intervenções.

Partindo da premissa da mudança na prática pedagógica, o professor criativo, torna-se essencial e ações diferenciadas em suas aulas podem ser um possível diferencial para minimizar casos envolvendo atos de indisciplina. Veiga traz a importância desse papel desempenhado pelo docente, onde retrata que:

O professor criativo, de espírito transformador, está sempre buscando inovar sua prática e um dos caminhos como tal fim seria dinamizar as atividades desenvolvidas em sala de aula. Uma alternativa para dinamização seria a variação das técnicas de ensino utilizadas; outra seria a introdução de inovação nas técnicas já amplamente conhecidas e empregadas (VEIGA, 2007a, p. 35).

No âmbito da sala de aula, o papel desempenhado pelo professor e de importância fundamental para o envolvimento do aluno no processo. Ao docente é atribuída a tarefa de promover situações que sejam favoráveis ao aluno, para que aprenda e torne-se um cidadão crítico e reflexivo. Fita (2003, p. 92) evidencia que o “professor pode ser uma fonte de motivação importantíssima. O tipo de relação que estabelecemos com os alunos, pode gerar uma confiança e um aumento da atenção que são condições indispensáveis para a aprendizagem”.

Sendo assim, entende-se o professor como um principal e necessário instrumento para a efetivação do processo de aprendizagem. E nesse contexto deve estar motivado para realizar com êxito a sua ação pedagógica, o professor que não possui motivações para realizar seus encaminhamentos, não consegue motivar seus alunos. Referente a motivação no ensino de acordo com Avelar (2015):

Cabe aqui ressaltar que a motivação é fator fundamental no processo ensino aprendizagem. Sem motivação não há nem ensino e nem aprendizagem, pois o aluno que está motivado tem energia suficiente para novas aprendizagens se tornando o protagonista de sua aprendizagem e o professor motivado consegue envolver o aluno neste processo (p. 75).

Ainda com relação ao papel atribuído aos docentes, verifica-se de acordo com (SANTOS; ROSSO, 2012) que muitos professores em início de carreira, muitas vezes devido ao fato de não entender as tipologias e conceituações designadas ao fenômeno, tornam-se mais intolerantes ao ato à indisciplina, enquanto os professores com carreira avançada, conseguem assumir posturas mais assertivas, isso pode-se explicar pelo fato que a experiência da realidade escolar, faz com que os educadores mudem conceitos e paradigmas e realmente verifiquem possíveis motivos para determinados atos, podendo traçar estratégia que possam vir a sanar as dificuldades encontradas.

O processo de interação entre professor e aluno é de grande importância para a aprendizagem. Tornar o aluno parte do processo é o caminho trilhado para um ensino com eficácia, mas é desafiador. Nessa conotação para que o educador consiga atingir esse objetivo o primeiro passo seria utilizar estratégias diferenciadas e inovadoras, podendo utilizar as metodologias e recursos tecnológicos, pois com o mundo digital a vivência do aluno está presente nesse meio, por esse fato é importante o professor engajar-se e vincular esses novos recursos em suas práticas. Também poderiam desafiar os alunos no sentido de dentro do âmbito da sala de aula designar funções a esses estudantes, para que possam desenvolver a autonomia de ajudar os demais colegas, de estudar sozinho um determinado exercício para auxiliar a outros estudantes. Nesse fato, o professor poderia utilizar os alunos para serem monitores de aula, haveria assim, possibilidade de trocas de experiências entre os alunos, interação e significação para o processo.

Uma discussão relevante sobre a importância do processo de interação, é abordada por (MIRANDA, 2008, apud CALDEIRA, 2013, p. 5) que diz:

A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida. Observamos que a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional.

Nesse contexto o processo de interação é uma possibilidade de melhoria para as ações pedagógicas, uma escola que segue essa linha de pensamento, consegue permitir que o seu aluno realmente construa um conhecimento significativo, é um espaço de trabalho coletivo onde todos possuem o mesmo objetivo, que é a efetivação da aprendizagem, é um espaço que respeita e valoriza o “ser” aluno e o “ser” professor.

Partindo do fato que a indisciplina tem relação com a motivação. Nota-se que em algumas práticas de sala de aula que o que é considerado ato indisciplinar, pode ter uma motivação que encontramos em alguns momentos presente tanto no aluno como no professor, trata-se da insegurança. Em vários momentos o fato de o aluno não conseguir externalizar suas dúvidas, seja por medo ou receio de se expressar, pode ser entendido como esse fenômeno.

Para o entendimento do processo interativo trazemos também (VYGOTSKY 1976, apud PINTASSILGO; SERRA, 2010, p. 14), que destacam que:

[...] a relação professor-aluno não deve ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento, na qual o aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento.

O professor é parte integrante e fundamental do processo, seu papel vai além da construção do conhecimento e o de suporte para seus estudantes, mobilizando e estabelecendo motivações em suas ações.

É uma atribuição do educador considerar também o que o aluno traz em sua bagagem cultural e intelectual, e utilizar disso para a construção da aprendizagem. É notável que o professor é agente significativo e de decisão no processo, parte integrante que possibilitará a partir dos ensinamentos, planejamentos e vivências o avanço e a conquista da aprendizagem idealizada pelos pares. E para que esse profissional consiga desempenhar melhor seu trabalho é necessário também ter claro e bem conceituado questões como: o que é indisciplina e disciplina, para não cometer equívocos durante o processo de ensino.

Muitas vezes, observa-se que os estudantes apresentam dificuldades em expor suas reflexões e também se sentem inseguros com relação a questão do erro, nesse contexto apresentando, pode ocorrer muita dificuldade para avançar na compreensão dos determinados conteúdos que são explanados no decorrer das intervenções.

Pode-se pontuar também, que cobranças realizadas pelos próprios alunos a respeito do seu processo de desenvolvimento, podem os tornar inseguros e reprimidos. Referente a importância de discutir sobre o erro (SALSA, 2017, p. 88) aborda que “Trabalhar o erro no sentido de suscitar oportunidades para que o próprio aluno questione e reflita sobre sua própria produção é uma forma propícia à construção do conhecimento”. Nesse contexto, oportunizar ao aluno situações significativas que favoreçam a aprendizagem, pode ser o caminho para sanar situações relacionadas ao fenômeno apresentado.

Discutir o erro, é entendê-lo como parte definitiva e necessária para a construção do conhecimento, que objetivará na aprendizagem, observando que não deve ser entendido como incapacidade ou mesmo impossibilidade de que ocorra o conhecimento.

Para que as ações pedagógicas se tornem mais interessantes e desafiantes para os alunos, o uso de atividades que estimulem o raciocínio lógico e que parta da linha de trabalhar com abordagens simples, avançando para as mais complexas, percebendo isso como uma forma de motivação para a participação nas aulas. Se verifica então a influência e ligação entre o processo de aprendizagem e a questão da motivação, de acordo com Silva à:

[...] aprendizagem é também motivação, onde os motivos provocam o interesse para aquilo que vai ser aprendido. É fundamental que o aluno queira dominar alguma competência. O desejo de realização é a própria motivação, assim o professor deve fornecer sempre ao aluno o conhecimento de seus avanços, captando a atenção do aluno (SILVA, 2014, p.19).

A aprendizagem é uma ação conjunta, não depende apenas do professor, mas é uma relação estabelecida também pelo aluno, quando ele entende sua importância, tem interesse, sabe situar-se como parte integrante do processo, apenas dessa maneira que o objetivo se efetiva com eficácia.

Pesquisas que abordam reflexões e questionamentos referente a temática indisciplina e disciplina em todo o seu amplo contexto de conceituação é fruto de estudos desde à década de 80. São temáticas desafiadoras para todos os seus pesquisadores o que vem gerando, debates referentes às suas conceituações, no que se refere à indisciplina a busca de entendimento dos motivos que levam ao ato, devido ao conceito variar de acordo com cada situação.

Sobre a indisciplina, percebe-se que existem muitos estudos e produções acadêmicas, fruto de procura por respostas ao fenômeno, muitas vezes de caráter bibliográfico e/ou relatos de experiências sobre vivências práticas, e que foram lançadas nas últimas décadas. Porém ainda seu debate não ocorre na profundidade necessária para o real entendimento do problema, percebe-se ainda que muitos educadores, pesquisadores que ainda padronizam a sua conceituação o que traz dificuldade para as interpretações e inferências.

O entendimento do fenômeno é complexo, pois é variante no espaço de ocorrência. Entende-se que nem todos os atos devem ser considerados indisciplinados. No contexto social atual, ações de indisciplina não podem ser

comparados com atos indisciplinados de outros períodos históricos, pois a situação é outra o contexto é outro e os sujeitos envolvidos não são os mesmos.

Muitas mudanças com relação a conceituação e o tratamento das informações que envolvem ao fenômeno da indisciplina e da disciplina, ocorreram em relação aos períodos históricos. Observa-se que no período histórico da educação tradicional a questão disciplina era vista sobre o viés do comportamentalismo. Nessa perspectiva concebe que o aluno submisso e que precisa possuir uma postura onde fique de acordo com (ALVES NETO, 2016, p. 61) “calado, quieto, atento, obediente e respeitador”, posturas que percebemos até o contexto atual, no modelo de ensino do século XXI. Caso fugisse dos padrões impostos nesse modelo o resultado baseava-se em expressões de não aceitação, desapontamento e até mesmo castigos, como forma de punição para determinados atos.

No período definido como escola novista, como próprio nome sugere, estabelece uma educação nova, nesse período, percebe-se que retira a submissão imposta aos educandos e oportuniza o processo de liberdade de expressão. Busca fazer com que aluno consiga refletir criticamente a partir de regras desenvolvidas por eles próprios.

Passando todo esse período e chegando à educação libertadora que tem como defensor e estudioso desse período Paulo Freire. Nesse período, o processo de aprendizagem e de construção e efetivação do conhecimento baseia-se na utilização do diálogo é o fio condutor do processo, além do processo de interação que envolve os sujeitos envolvidos.

Assim, verifica-se que se muda os períodos históricos, os contextos, os sujeitos, as metodologias que são repensadas, reformuladas em todas as suas estruturas, todos esses aspectos influenciaram a realidade escolar e todos os participantes desse contexto sejam eles: professores, gestores, alunos, família etc. Com isso, de acordo com Benette e Costa (2008, p. 5) se estabelece que:

As reformas educacionais realizadas nos anos 90 atuaram fortemente sobre o trabalho pedagógico, sugerindo novas formas de ensinar, novos métodos e instrumentos de trabalho. Os reflexos dessas mudanças interferiram também sobre o comportamento dos alunos e da comunidade escolar como um todo, pois a escola está inserida no tempo histórico-social da sociedade capitalista que a condiciona e determina.

Os estudos realizados sobre o fenômeno indisciplina, não é algo recente. Existe muitos questionamentos, pesquisas para se buscar formas para entender o que é

enquanto conceituação, causas, influências, pois se configura como um ato que traz angústia para a comunidade escolar.

De acordo com Estrela (1994, p. 145):

Se a indisciplina produz efeitos negativos em relação a socialização e aproveitamento escolar dos alunos, ela produz igualmente efeitos negativos em relação aos docentes. Embora menos evidentes e imediatos, esses efeitos não são menos nocivos, pelo que a indisciplina constitui hoje, juntamente com o insucesso escolar, o problema mais grave que a escola de hoje enfrenta em todos os países industrializados.

Dessa forma se justifica a importância do estudo e debate sobre esse fenômeno. Em vários momentos compartilhamos de problemas relacionados com os comportamentos apresentados pelos alunos dentro e fora da sala de aula. Percebemos que o ambiente social, ou seja, o ambiente externo afeta diretamente ao aluno (Tv, desestrutura familiar, mudança de valores, entre outros) e a dificuldade na adaptação do currículo escolar pode ser um fator que leve ao fracasso escolar e esse não está apenas ligado ao aluno, mas tem relação com o professor também.

Para Estrela (2002), citado por Ferreira e Rosso (2013, p. 16), há três formas de atos indisciplinados, o “evitamento”, “obstrução” e o “protesto”. Partindo dessa questão poderão ser esclarecidas algumas perguntas presentes na pesquisa. Essa categorização de indisciplina é pensada da seguinte forma:

[...] A primeira forma diz respeito à intenção dos alunos em escapar das atividades desenvolvidas em sala, considerada por eles como angustiantes e desinteressantes – é o “evitamento” do trabalho escolar. A segunda forma objetiva impedir ou frear o funcionamento da aula, com distrações e outras tentativas – é a “obstrução”. Por último, a indisciplina caracteriza-se pelo “protesto” dos alunos contra as regras e os modos de trabalho. Um protesto contra as normas escolares verticalizadas. Nesse caso, sua intenção é renegociar as regras.

Deve-se observar, que a indisciplina pode estar sinalizando um trabalho que ainda está por ser feito, um caminho a percorrer no qual se precisa inventar uma forma que torne possível que esse ensino apresentado aos alunos faça sentido, seja coerente e traga algum significado visto que um dos grandes objetivos do ensino refere-se à estimulação e aprimoramento das habilidades da criança e a educação para a cidadania.

Muitas vezes, no ambiente escolar, observa-se algumas crianças e jovens que já trazem ou demonstram algum comportamento assumido como indisciplinado, tornando essa postura um grande desafio a toda comunidade escolar. Nesse caso, a intenção é renegociar e mudar as regras. A indisciplina é vista como “a resistência dos

discentes àquilo que a escola lhes oferece para um futuro melhor, seja em termos de oportunidades ou de direções” (FERREIRA; ROSSO, 2013, p. 16).

A questão da indisciplina tem feito parte de diversas pautas frequentes nas reuniões escolares, rodas de conversas e debates de muitos professores. A temática indica que as manifestações de indisciplina no ensino podem ser identificadas por atitudes como: desafios em sala de aula, provocações para com outros colegas, empurrões, perturbações e interrupção das atividades escolares, intolerância com os colegas ou mesmo com o educador. Assim, de acordo com Almeida e Holanda (2016, p.5):

Pensar que a indisciplina e os atos de incivilidade estejam presentes no cotidiano escolar e a frequência desses atos influencia no trabalho diário, atrapalhando-o ou desgastando-o. Isso nos leva a crer que tais ocorrências fazem com que professores tenham um desafio ainda maior: enfrentar o desrespeito, manter a ordem e ainda propor atividades de acordo com seu planejamento, seguindo as diretrizes curriculares.

No contexto atual, nos deparamos em muitos momentos com a presença de estudantes que trazem diferentes situações sobre a sua realidade, para a sala de aula. Alunos que estão imersos ao uso das tecnologias digitais e trazem uma bagagem grande de conhecimento. Outros em contrapartida, que não tem acesso a esse meio digital, porém trazem seu contexto histórico e social para as intervenções escolares. Sendo assim, o professor deve oferecer as mesmas possibilidades de estudo, potencializando a aprendizagem desses alunos.

A falta de limite dos alunos e o excesso de indisciplina presente nas salas de aula, que podem ter sido, ou não, iniciados em casa e que se estendem até os muros da escola, podem muitas vezes extrapolar os desabafos rotineiros dos professores, tornando-se casos mais extremos, chegando muitas vezes a níveis como agressões, tanto física como verbais, ou mesmo o bullying que hoje está mais presente no ambiente escolar, seja em qualquer etapa do ensino.

Percebe-se que os limites, são fronteiras subjetivas que devemos respeitar em nossas múltiplas relações dentro e fora da sala de aula. Ao percebermos manifestações como o surgimento de atos de indisciplina no âmbito escolar, necessita-se observar as suas formas particulares, específicas, a faixa etária, pois podemos aferir que a indisciplina ela também se diferencia de acordo com a idade, podemos encontrar posturas indisciplinadas em idades mais novas até as mais avançadas. Ainda tratando de limites aborda que Nigre e Lourenzini:

Para possibilitar que essa nova geração cresça como seres humanos capazes de praticar o humanismo, é essencial considerar que limites são um mecanismo de aprendizagem, sendo um processo de compreensão e apreensão. Só respeita o seu semelhante, quem aprende quais são os seus limites. E essa diferença é fundamental, é pensar no direito do outro, e compreender que nem sempre se pode ter e fazer tudo o que se deseja, afinal nem tudo o que se deseja é necessário e correto socialmente (NIGRE; LOURENZINI, 2011, p. 2835).

Nesse entendimento, percebe-se que a construção do limite não é algo negativo, pelo contrário é a busca por possibilidade de aprendizagem, de formação pessoal de construção da própria identidade.

Sendo assim, fica claro a partir das abordagens apresentadas que a indisciplina é um fenômeno presente em nossa sociedade, principalmente em espaços escolares. Há muitas dúvidas enquanto sua conceituação, pois varia de acordo com o lugar e espaços que ocupa, a busca em conhecer os fatores que geram o tal ato e encontrar possíveis soluções para sanar ou mesmo minimizar o problema é o maior percurso estabelecido por todos os envolvidos nesses estudos.

1.3 OS EFEITOS DA INDISCIPLINA NO COTIDIANO ESCOLAR

Entende-se que a indisciplina não deve ser percebida como um problema sem solução. Através de sua própria conceituação, percebe-se que é um fenômeno variante, que sofre transformação de acordo com o contexto ao qual é percebido.

Para uma compreensão assertiva, deve ser vista como um sinal de alerta, ou seja, um sintoma, demonstrando que algo não está ocorrendo bem. Nesse contexto, Medeiros e Leite (2016, p. 6), trazem que:

Se algo não está bem, os envolvidos nessa relação precisam considerar intervenções, tentativas, reflexões, para que a situação deixe de ser algo individual e passe a ser parte dessa relação ou desse grupo, onde cada um complete esse coletivo e dele seja considerado importante. Assim, a educação torna-se algo necessário para todos.

Pensando na indisciplina enquanto sintoma, podemos usar de uma analogia simples. Ou seja, quando uma pessoa está sentindo alguma dor, ou qualquer problema de saúde, sua primeira ação é externalizar o que está sentindo, então, busca-se alguma ajuda de algum especialista, seja na área médica ou em outras áreas clínicas, onde receberá auxílio para descobrir quais as causas daquela situação, e/ou o gerador da determinada dor.

Partindo desse princípio, percebe-se a (in)disciplina também como um sintoma, demonstrando que é um sinal de que algo não está bem. E como esses “sintomas” estão presentes no ambiente escolar, cabe aos professores e toda equipe envolvida no processo, perceber o que está errado, seja no contexto de conteúdo, campo pedagógico como no contexto social e pessoal do aluno, com isso evitará que o aluno seja rotulado como um “aluno-problema” ou mesmo um discente que “não quer nada da vida”, deixando de lado o julgamento antes mesmo de saber quais os motivos levaram a cometer aquele determinado ato.

Ao se pensar nesse fenômeno, há duas questões que necessitam estar bem claras para os envolvidos no processo de ensino: a primeira refere-se a ideia que a indisciplina indica que algo não está indo bem, e que essa questão necessita de auxílio para melhorar. Em partes, esse é um caminho um tanto difícil a ser trilhado, a várias etapas para seu possível entendimento que seriam: ver, observar, refletir, encontrar as possíveis causas para então procurar por alternativas que auxiliem para minimização de tal situação. A segunda questão traz a indisciplina como um indicador referência, mostrando que enquanto educadores, os quão próximos ou distantes estamos, daquilo que queremos, ou seja, atingir a um objetivo.

Garcia (1999, p. 102) diz que:

Deve-se considerar a indisciplina sob a dimensão dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola, na relação com seus pares e com os profissionais da educação, no contexto do espaço escolar - com suas atividades pedagógicas, patrimônio, ambiente etc. Finalmente, é preciso pensar a indisciplina no contexto do cognitivo dos estudantes. Sob esta perspectiva, define-se indisciplina como a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes.

No contexto escolar, é de extrema importância conhecer o aluno e observar os motivos que o levam e estar com posturas muitas vezes não convencionais ao ambiente escolar como: conversas, falta de atenção, xingamentos, brigas e diferentes situações de desrespeito. É importante que o professor esteja disposto a conhecer um pouco mais a realidade de seu aluno e que a equipe gestora oportunize essa discussão, trazendo informações, para ajudar nesses entendimentos.

Ao se pensar no aluno que se recebe hoje no contexto escolar, deve-se entendê-lo como um sujeito único, cheio de características, emoções, desafios internos, com uma bagagem histórica e social que devem ser consideradas e

respeitada. De acordo com (TIGRE, 2009, p. 82) em seu livro violência na escola reflexões e análise traz que:

[...] o aluno precisa ser visto como uma pessoa em formação e não como um delinquente. O grande desafio é a mudança de mentalidade tanto da família quanto da direção da escola e de seu corpo docente, que precisam conscientizar-se de seu papel na formação dos alunos vai muito além do ensino de conteúdos e deve abranger a formação da pessoa e do cidadão.

Refletindo ainda sobre a relação estabelecida entre aluno e a escola, se percebe que, esse espaço e os envolvidos nesse meio muitas vezes, podem ser considerados referências para seus alunos. Não pensando na formação do aluno a nível acadêmico apenas, mas a nível pessoal, onde auxiliará com exemplos de questões éticas e de cidadania, para ajudar no convívio social e no processo de interação.

Após algumas observações iniciais, pode-se entender que em determinados casos a questão de o aluno não conseguir cumprir, respeitar e obedecer a regras e combinados, pois, em muitos casos, não percebe e não possui clareza de sua utilidade e importância. Porém, aos professores, cabe a tarefa de contribuir na solução de conflitos, buscando alternativas diferenciadas para trabalhar com este aluno. De acordo com Valentim:

Ao professor não cabe apenas a questão do aprender, ele deve manter um convívio interpessoal, com as expectativas de aproveitamento dessa relação, visando o domínio de conteúdo e assuntos no seu cotidiano com os alunos. Sempre mostrando e criando solução de certas situações, pois ele pode ser criativo e diversificado, mas nunca esquecer a realidade social e necessidades do aluno em questão (VALENTIM, 2016, p. 25).

Enquanto escola, em muitos casos busca-se justificar as causas e efeitos da indisciplina presente a partir da tentativa de associação do comportamento indisciplinado, com questões inerentes às fases ao qual estão inseridos os alunos, seja ela na infância ou mesmo adolescência. Na infância observa-se a dificuldade das crianças em entender e cumprir as regras para a convivência em grupo, já na adolescência, verifica-se que a postura apresentada é de revolta e de questionamento.

Assim, erroneamente associam-se essas características do “ser criança”, e do “ser adolescente”, como sendo um mau comportamento e é nesses determinados momentos que surgem as interpretações equivocadas sobre o determinado ato.

1.4 ALGUNS FATORES REFERENTES À INDISCIPLINA PRESENTE NA ESCOLA

Nos estudos de Estrela (2002), são indicados os vários fatores que podem ser possibilidades de geradores da indisciplina presente no cenário educacional. Um dos obstáculos sugeridos para origem do fenômeno, refere-se à não realização ou mesmo à não concordância do contrato social, criado no ambiente de sala de aula, que se concretiza como um problema da didática e dinâmica de sala.

Discussões acerca de fatores que levam à presença na indisciplina na escola ocorrem no campo pedagógico. Há inúmeros discursos, para encontrar os possíveis motivos ou mesmo para culpabilizar as ações ocorridas nesses espaços educativos.

Nota-se que a indisciplina é uma questão muito séria e precisa ser debatida em diferentes espaços e com diferentes grupos, ela vem se agravando a cada ano, isso se relaciona ao fato do público estudantil que a escola está recebendo nesses ambientes educacionais e possíveis soluções estão longe de serem encontradas para acabar com tal situação, porém existem alternativas que podem vir a minimizar.

Dentro dos espaços escolares é necessário o entendimento de que o perfil do aluno indisciplinado não se refere àquele que se movimenta em níveis absurdos ou mesmo o que conversa em sala de aula. O perfil vem mudando com o passar do tempo e hoje o aluno sem limites, que não respeita o próximo em sua individualidade, apresenta dificuldade de relacionamento com os seus pares, esses sim apresentam posturas que se encaixam com as questões indisciplinadas.

Nesse contexto, Vasconcellos (2004) apresenta duas conceituações designadas a indisciplina a chamada: ativa e passiva. Na indisciplina considerada ativa, o aluno apresenta posturas que envolvem bagunça, falta de limites as regras construídas no âmbito escolar. Já a considerada passiva, o professor não apresenta dificuldades com relação à bagunça, consegue em sua ação didático pedagógica o silêncio do seu aluno, no entanto nessa tipologia existe uma grande dificuldade no processo de interação e na construção de vínculos.

Há inúmeras possibilidades que devem ser pensadas, quando refletimos a questão envolvendo a origem da indisciplina escolar, por sua vez podem estar associados a questões com os próprios educandos, ou mesmo com a família ou ainda no próprio ambiente escolar.

Os educadores devem se atentar ao meio cultural e ao contexto escolar e também à metodologia empregada para entender esses atos indisciplinados.

Percebe-se ainda que, muitos fatores como: socioeconômicos, culturais, sociodemográficos, podem ser influenciadores pois, nota-se que se o aluno tem sua moradia localizada em uma região com mais vulnerabilidade, pode ser uma justificativa para a falta da eficácia no ambiente escolar e também pode explicar comportamentos, tidos como fora dos padrões impostos pela sociedade e outros que são gerados pelos próprios processos escolares.

Podemos pensar na indisciplina sobre o viés familiar. Na ocorrência da ausência familiar, no sentido de falta de ensinamentos e de valores, sendo uma questão social, ou também a liberdade exagerada e ainda à falta de limites presentes em casa e na escola. Todos podem ser possíveis motivos a serem considerados. De acordo com Vala, referente a família podemos entender que:

O envolvimento da família na educação escolar de seus filhos pode significar para a escola que ela tenha que conhecer melhor os pais e, dessa forma, realizar um trabalho conjunto com estes, criando, então, estratégias de ações pedagógicas para o bom relacionamento entre todos na escola (VALA, 2008, p. 09).

Algumas das principais causas da indisciplina no âmbito escolar, podem ser representadas na postura apresentada pelo professor diante dos alunos, postura essa muitas vezes autoritária, onde são impostas as ideias, sem antes ocasionar uma explicação do motivo para a efetivação de tal ação. Sendo assim, Benette e Costa apresentam que:

[...] se a indisciplina for estabelecida de forma autoritária, pelo medo que o aluno tem de ser castigado, ela se torna negativa porque em vez de fazer com que o aluno cresça e conquiste sua autonomia, apenas o infantiliza e o mantém dependente (BENETTE; COSTA, 2008, p. 20).

Outro possível fator, são os problemas externos relacionados a questões pessoais e familiares ou até mesmo problemas psicológicos e cognitivos e emocionais. Nota-se ainda como possíveis fatores, a falta de atenção por parte dos pais a omissão por parte da equipe escolar e de professores diante da situação encontrada. Ou ainda, muitas vezes, mesmo quando a escola tenta resolver as questões apresentadas, pode existir a omissão dos próprios pais, gerando assim um ciclo vicioso.

Dessa maneira concorda-se com Moraes e Bittar (2016, p. 11) quando destacam que:

[...] a construção de um ambiente escolar harmônico depende de uma série de fatores, onde a família realiza papel preponderante na educação moral, a escola e os professores têm o papel de prosseguir com a educação moral e para o exercício da cidadania e à sociedade entre várias funções, cabe a de

contribuir para a formação de suas crianças e jovens e a valorizar o trabalho educativo desenvolvido pelos professores.

Assim, verifica-se a importância da coparticipação assertiva no processo, para se pensar no real objetivo que é a aprendizagem do aluno, que deve ser o sujeito a ser pensado nesse processo.

Outro ponto refere-se à falta de perspectivas de vida e de futuro do aluno, carência, desmotivação, a própria falta de autonomia, são situações que podem ser considerados como fatores gerados da indisciplina. De acordo com Souza (2013), a elaboração de perspectivas com relação ao futuro é um desafio. Refere-se a um longo caminho a ser trilhado, que surgiu a partir de um sonho e houve a necessidade de estabelecer metas para se chegar a esse objetivo. No entanto, muitos estudantes não apresentam motivações e não possui autonomia para construir essa possibilidade de visão de futuro, muitas vezes agindo com uma atitude conformista. Porém é a escola que cabe a tarefa de influenciar, dar possibilidade e condições para que o aluno desenvolva essa postura.

Com base em Guzzo e Schroeder (2014, p. 10), “os valores morais e éticos são expressos na capacidade que o indivíduo tem de limitar a sua conduta em suas relações interpessoais”. Partindo dessa visão, a carência de consciência moral e ética e todo esse contexto, trazem vários conflitos nos alunos como a indisciplina e pode gerar até problemas nas relações estabelecidas entre professores e alunos. Sendo assim ainda de acordo com Guzzo e Schroeder (2014, p. 10), um dos desafios a serem considerados, refere-se a questão da convivência, pois em determinados momentos, vivemos situações de individualismos, onde os valores éticos e morais são deixados de lado “em detrimento de um próprio desejo”.

A indisciplina pode sinalizar um trabalho que ainda está por ser realizado, ela não deve ser pensada apenas no sentido de apontar algum aluno percebido com algum problema, mas deve ser indicada como um caminho a ser trilhado para a efetivação da aprendizagem. Sendo assim, Silva (2014) traz uma reflexão sobre a influência dessa construção do conhecimento a partir de pensamentos, estratégia diferenciadas, onde explica que:

Entende-se que o processo de ensinar e aprender se fundamenta na construção do conhecimento e neste sentido atender todas as necessidades pedagógicas dos alunos, verificando novos métodos e propostas, são exercícios fundamentais no desenvolvimento do professor, portanto está estabelecido que preparar suas aulas, recorrer ao uso de vários recursos, pode minimizar a indisciplina e é tarefa do professor (SILVA, 2014, p. 17).

Na atualidade, um dos grandes desafios no cenário educacional se refere à contribuição para a formação integral de seus alunos em toda a sua totalidade. Nesse contexto, considerando também as questões relacionadas à moral e ética.

A aprendizagem escolar, portanto, deve ser um fator de ampliação das capacidades dos alunos de promover mudanças, em si e nas condições objetivas em que vivem, fundamentando-se na ética da justiça social. Para isso, trata-se de articular a formação cultural e científica com as práticas socioculturais (diferenças, valores, redes de conhecimento, etc.) de modo a promover interfaces pedagógico-didáticas entre o conhecimento teórico-científico e as formas de conhecimento local e cotidiano. Esta proposição será desenvolvida mais adiante (LIBANEO, 2014, p. 08-09).

Sendo assim um dos objetivos primários da educação é o da promoção do desenvolvimento integral do ser humano. Nesse sentido, com base em Biesdorf, tem-se que “a educação, seja ela formal ou informal, busca repassar e proporcionar aos indivíduos conhecimentos e comportamentos que os tornem aptos a atuarem em todos os setores da sociedade” (BIESDORF, 2011, p. 02).

Nesse contexto, o papel da escola está cada vez mais difícil, pois a sociedade que está se formando hoje, caminha para a tendência do individualismo e tende a viver em uma situação de crise de valores. Dessa maneira, a escola não pode se dar ao luxo de deixar de ensinar questões como convivência, cooperação, respeito mútuo e valorização do outro. Portanto, o espaço da sala de aula que é onde ocorre muitas das etapas do desenvolvimento do aluno deve ser entendido como:

[...] algo que extrapola a organização do espaço físico que define o papel do professor, do estudante, do conhecimento e dos procedimentos e recursos didáticos. Esse espaço, institucionalizado com a finalidade de promover a educação formal do cidadão, envolve as práticas e as relações entre os agentes do processo educativo, cujo objetivo principal é o ensino e a aprendizagem (VEIGA, 2012, p. 112).

Hoje, no ambiente escolar uma maneira metodológica para abordar a construção de valores, considerando o aluno enquanto toda a sua formação não apenas no sentido da construção do conhecimento, mas no sentido de trabalho com as emoções, sensibilidade e considerando toda a bagagem histórico e cultural que carrega consigo é trazer as discussões de educação para a paz, pois:

Incluir valores humanos no ambiente escolar, principalmente na prática docente, é fundamental para uma melhor qualidade de vida nos relacionamentos humanos. Portanto, é através dessa abertura de iniciativas desenvolvidas com valores que podem avançar na disseminação de uma cultura de paz que precisa ser fortalecida, enquanto uma política permanente nas instituições em geral e particularmente nas escolas públicas (MATOS; BRAGA, 2008, p. 35).

Assim, nos espaços escolares, torna-se necessário pensar e trabalhar com a criação de valores morais, para que esse discente consiga interagir com os diferentes espaços sociais ao qual está inserido. Conforme Masetto (2001, p. 85):

Sala de aula é espaço e tempo na qual e durante a qual os sujeitos de um processo de aprendizagem (professores e alunos) encontram-se para juntos realizarem uma série de ações (na verdade interações), como, por exemplo, estudar, ler, discutir e debater, ouvir o professor, consultar e trabalhar na biblioteca, redigir trabalhos, participar de conferências de especialistas, entrevista-los, fazer perguntas, solucionar dúvidas, orientar trabalhos de investigação e pesquisa, desenvolver diferentes formas de expressão e comunicação, realizar oficinas e trabalhos de campo.

Rinaldi (2002, p. 77) reflete que:

O ambiente escolar deve ser um lugar que acolha o indivíduo e o grupo, que propicie a ação e a reflexão. Uma escola ou uma creche é antes de tudo, um sistema de relações em que as crianças e os adultos não são apenas formalmente apresentados a organizações, que são uma forma da nossa cultura, mas também a possibilidade de criar uma cultura. [...] É essencial criar uma escola ou creche em que todos os integrantes se sintam acolhidos, um lugar que abra espaço às relações.

Dessa forma, é notável que o papel do professor não seja representado apenas como o profissional que constrói o conhecimento juntamente com seus alunos. Cabe ao educador, juntamente com a escola, a tarefa de promover a consciência moral e ética em seus discentes, porém não deixando de considerar que moralidade não é ensinada de forma direta, mas sim construída no decorrer de um processo longo e participativo e, conforme Vinha (2000, p. 159), “não existe um momento específico em que se trabalhará com a educação moral”.

Assim, deve-se pensar que todos necessitam desenvolver essa consciência, e essa consiste em reconhecer as regras como algo necessário para ordem do ambiente, no contexto da escola ou pensando na sociedade, além disso, é importante para o seu próprio desenvolvimento e para cidadania.

Observa-se que com os avanços dos estudos na área educacional e com os movimentos de reformas educacionais, existem diferentes teorias e conceitos a serem compreendidos e aprendidos, há diversos desafios a se considerar e um dos mais conhecidos e apontados refere-se à indisciplina educacional.

Com todos esses avanços educacionais, percebe-se a importância em investir e qualificar os trabalhos relacionados à formação dos professores em diferentes cursos de graduações. É válido lembrar que necessita de investimentos no sentido de tempo, emocional, financeiro e também de trabalho, mudança da estrutura curricular que muitas vezes é desmotivador para os alunos efetivando a qualificações dos

resultados. Porém, devemos salientar que, os professores não devem ser considerados os únicos ou os principais responsáveis pela questão da indisciplina presente nos contextos educacionais, existem vários fatores contribuintes, mas as pesquisas, por encontrá-los é o caminho para a resolução dessas questões sobre o fenômeno.

A indisciplina no âmbito escolar traz inúmeros vieses e a busca por entender o fenômeno, proporciona aos profissionais da área da aprendizagem uma reflexão a procura de possíveis soluções, para determinados atos presentes na escola. Tornando assim possível desenvolver o aluno em sua totalidade, dando garantia de possibilidades, para que ocorra uma verdadeira aprendizagem.

1.5 ESTUDOS DE DISSERTAÇÕES E TESES ACERCA DA TEMÁTICA DA INDISCIPLINA

A indisciplina é um fenômeno estudado em diversas áreas do conhecimento, que propõe discussões no campo do comportamentalismo, no campo familiar, escolar, na formação do professor (enquanto formação inicial e continuada e usos de metodologias), nas representações sociais. Por transitar em diversos campos é um fenômeno entendido como polissêmico, dessa forma sendo muito pertinente a compreensão de sua conceituação.

De acordo com Jesus e Maia (2010),

[...] a indisciplina necessita ser estudada a partir da percepção e das necessidades de cada grupo, não há como generalizar o que é ou o que não é disciplina ou indisciplina, pois muitos dos atos que em um grupo são considerados indisciplina em outro não são (p.15).

Entende-se que a indisciplina é um fenômeno que sofre variações de acordo com os grupos ao qual se insere. O entendimento da conceituação de indisciplina e de disciplina como citado pelas autoras, auxilia na minimização ou mesmo na solução de atos considerados como indisciplinados, afirmando assim a importância de estudar cada contexto específico e perceber que nem todos os atos entendidos se caracterizam como indisciplina.

Sendo assim, com o intuito de averiguarmos o que já foi produzido sobre a temática que nos propomos a investigar, realizamos uma revisão de literatura sistemática em três bancos de dados e pesquisa. O levantamento ocorreu na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, do Instituto Brasileiro de

Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICT), no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BTDC), e na biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), onde encontrou-se produções no Programa de Pós Graduação em Educação, tanto teses como dissertações sobre a temática.

A busca inicial, nestes sites deu-se mediante a ferramenta **busca avançada**, com período definido entre 2000 e 2020 e com os descritores **disciplina, indisciplina e formação inicial de professores** abertos para “todos os campos” sem especificar a ocorrência dos termos no título, assunto ou resumo. Foram encontradas diferentes pesquisas que abordam a temática indisciplina sobre vários vieses, como: representações sociais de professores e alunos com relação a esse fenômeno com grande incidência nos contextos escolares. Na busca, encontrou-se alguns trabalhos com relação à concepção dos professores e também de alunos acerca dessa temática, a indisciplina no contexto da sala de aula regular, trazendo posicionamento dos professores e estabelecendo estratégias para uma reformulação de proposta de formação.

Foram também encontradas outras pesquisas que tratam a indisciplina como violência escolar. Algumas ainda estabelecendo os impactos que gera no processo de ensino e aprendizagem e no trabalho docente. Pesquisas relacionadas ao entendimento desse fenômeno com os diferentes protagonistas da aprendizagem. Também, o trabalho com as experiências pedagógicas, ocorridas nas diferentes modalidades de ensino. Além de trabalhos produzidos no campo da Psicologia, Sociologia, Filosofia, na área da Educação e em outros campos educacionais.

A partir de uma busca realizada nos sites selecionados, usando os descritores acima foram encontrados 58 estudos, divididos em Teses (T) e Dissertações (D). Ao verificar essas pesquisas e fazendo uma leitura minuciosa dos resumos, objetivos, metodologia e aporte teórico, observou-se que 27 desses estudos se aproximavam da temática deste trabalho, por abordarem uma investigação referente à concepção docente sobre a indisciplina no contexto escolar. Com base nesses dados iniciais a distribuição desses estudos pode ser vista no quadro 2, apresentado abaixo.

QUADRO 2 - Distribuição das pesquisas sobre disciplina, indisciplina e concepção docente por regiões brasileiras e por esfera administrativa/instituição de pós-graduação.

Regiões Brasileiras	Teses (T) Dissertações (D)		Esferas Administrativas			TOTAL
	T	D	Públicas Federais	Públicas Estaduais	Privadas	
Norte	-	-	-	-	-	-
Nordeste	-	1	1	-	-	1
Centro-Oeste	1	-	1	-	-	1
Sul	2	7	2	4	3	9
Sudeste	4	12	4	4	8	16
TOTAL	7	20	8	8	11	27

Fonte: O autor (2020), a partir de análise em teses e dissertações.

Com base nos referenciais analisados e apresentados na tabela acima, pode-se perceber que, existem produções referente à temática indisciplina, realizadas sobre diferentes vieses e diferentes complexidades. Dos títulos analisados (27 estudos), observou-se uma maior frequência em produções nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Na região Sul foram selecionados 9 títulos, dos quais 2 são produções de Universidades Públicas Federais, 4 de Universidades Públicas, porém Estaduais e 3 de Instituições Particulares. Verificou-se a incidência de vários estudos que pertenciam à região do Paraná em especial tendo um maior registro no programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no Programa de Pós-Graduação da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e no Programa de Mestrado Acadêmico em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias, da Universidade do Norte do Paraná, Londrina.

Já na região Sudoeste, foram selecionados para suporte desse trabalho 16 títulos, dos quais 4 são produções de Universidades Públicas Federais, (4) de Universidades Públicas, porém Estaduais e 8 de Instituições Particulares. A incidência de produções ocorreu com maior ênfase nas Instituições de Ensino Particulares, mais especificamente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), nos programas de Mestrado e Doutorado em Educação: Psicologia da Educação e no Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores, sendo 6 produções realizados nessa instituição de ensino.

No site do programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), banco de teses e dissertações, encontrou-se três pesquisas relacionadas à temática indisciplina, duas dissertações e uma tese do Programa de

Pós-Graduação em Educação como mostra o quadro 3. As temáticas estão voltadas ao viés de representação social de alunos e professores acerca da temática indisciplina escolar.

QUADRO 3 - Pesquisas encontradas no site do Programa de Pós graduação de Mestrado e Doutorado em Educação.

Autor/ Título/ Dissertação/Tese/ Programa/ Ano
FERREIRA, A. C. Tema quente, cabeça fria: representações sociais da indisciplina escolar pelos alunos concluintes do ensino fundamental. 2014, 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Ponta Grossa- Ponta Grossa-PR, 2014.
FERREIRA, A. C. As Representações sociais dos alunos do 9º ano com indícios de Minorias Ativas em relação à Indisciplina Escolar. 2019, 248f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, 2019.
SANTOS, E. R. dos. Representações sociais de professores do ensino básico sobre a indisciplina escolar. 2011-2013,317 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Ponta Grossa- Ponta Grossa- PR, 2013.

Fonte: O autor.

A dissertação de Mestrado em Educação, Tema quente, cabeça fria: representações sociais da indisciplina escolar pelos alunos concluintes do ensino fundamental (FERREIRA, 2014), tem o intuito de analisar as representações sociais dos alunos que estão finalizando o Ensino Fundamental, sobre a indisciplina escolar, partindo do princípio que perceber o entendimento dos estudantes acerca da temática, poderia ser um auxílio para a melhoria das abordagens de práticas pedagógicas em sala de aula. O aporte teórico utilizado foi a metodologia genética de Jean Piaget (1994). A pesquisa se caracteriza como plurimetodológica, com perspectivas quanti-qualitativas. Para a ocorrência da pesquisa utilizou-se entrevistas e questionários. E a análise dos resultados para as informações quantitativas, ocorreu por meio de software. Já para a análise qualitativas usou-se a análise de conteúdo. Percebe-se que, em sua maioria, os dados apontam para uma representação social dos alunos de base hegemônica. Ocorre com menos inferência, representações sociais de bases autônomas e altruístas.

A tese de Doutorado em Educação, “As Representações sociais dos alunos do 9º ano com indícios de Minorias Ativas em relação à Indisciplina Escolar” (FERREIRA, 2019), analisa as representações sociais de alunos que estão finalizando o Ensino Fundamental, referente à indisciplina escolar. Sua base teórica de estudo trabalha

com as representações sociais e das minorias ativas, interpretadas na perspectiva do desenvolvimento moral (PIAGET, 1994) e da resistência (GIROUX, 1986). A tese evidencia que a contestação dos alunos e a indisciplina podem ser interpretadas a partir de dois vieses, o da autonomia e resistência às normas ofertadas pela escola. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi a quanti-qualitativa, tendo como suporte para a pesquisa a utilização de instrumentos como: questionário, grupo focal e entrevistas em colégios públicos do município de Ponta Grossa no Paraná. Com esse estudo, é impulsionada a participação ativa dos alunos na construção e manutenção das regras escolares, entendendo que esse é o caminho para a construção de uma escola autônoma e inovadora. Os resultados apontam para: questionamento e não compreensão de regras verticalizadas; denúncia da inconsistência didática e pedagógica; ausência da autoridade docente; a influência dos indisciplinados, vistos como “populares”, “legais”. A tese impulsiona a participação ativa dos alunos na construção de regras escolares.

Na dissertação do Mestrado em Educação intitulada “Representações sociais de professores do ensino básico sobre a indisciplina escolar” (SANTOS, 2013), tem como objetivo refletir as características das representações sociais de professores do Ensino Fundamental e Médio acerca da temática indisciplina. Utiliza-se como aporte teórico a teoria das representações sociais, estabelecendo uma comparação com a Moral, utilizando também a Epistemologia Genética (Piaget; Freitas). É uma pesquisa de caráter plurimetodológico e que utiliza de elementos quanti-qualitativos para a realização de suas análises. Tendo como instrumentos de trabalho, questionários, entrevistas semiestruturadas, utilizando software e análise de Bardin para analisar os resultados. Na tese em questão conseguiu-se observar duas representações sobre a questão indisciplinar, uma que a traduz como reflexo da má educação familiar e outra que exime o professor como sujeito da indisciplina, também trazendo que a questão da indisciplina também pode ser explicada por questões pedagógicas inerentes no ambiente escolar.

Na busca pelos estudos⁵, em geral, encontrou-se um vasto acervo de teses e dissertações que abordam a temática indisciplina escolar, no entanto devido a sua complexidade, nessa primeira base de pesquisa, encontrou-se apenas esses três trabalhos que se aproximavam da ideia do objeto a ser investigado nessa pesquisa.

⁵ A análise desses estudos, ocorreu a partir dos resumos das teses e dissertações encontradas nos determinados sites de busca.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICT), com o levantamento de pesquisas, encontrou-se nove trabalhos que traziam alguma abordagem semelhante ao objeto de estudo dessa pesquisa realizada, seja pelo aporte teórico e epistemológico, instrumento de investigação, ou mesmo a forma como era analisada os dados. Pode-se encontrar, três teses e três dissertações que investigam de maneira crítica sobre o fenômeno indisciplina escolar e são evidenciadas no quadro 4, apresentado a seguir.

QUADRO 4 - Pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICT).

Autor/ Título/ Dissertação/Tese/ Programa/ Ano
LONGAREZI, A. M. Os sentidos da indisciplina na escola: concepções de professores, equipe técnica e alunos das series finais do Ensino Fundamental. Tese-doutorado- Faculdade de Ciências e Letras- Universidade Estadual Paulista/ Campus de Araraquara (UNESP), 2001.
GONZAGA, K. R. V. Lugar de fala na formação docente para a gestão da indisciplina discente. Dissertação (Mestrado)-UFPB/CE. João Pessoa, 2011.
WOLFF, J.S. Disciplina/ Indisciplina: um estudo sobre os sentidos e significados constituídos por docente do ensino fundamental na educação privada. 150 p. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação)- PUC-SP, São Paulo, 2015.
BOCCHI, K. C. B. Indisciplina em Sala de aula: Posicionamento dos Professores e Avaliação de uma proposta de Formação. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação)- PUC-SP, São Paulo, 2007.
SILVEIRA, M. L. D. S. A indisciplina em Sala de aula: o que pensam professores e alunos. (Dissertação- Mestrado em Educação: Universidade Católica de Santos), Santos, 2007.
JESUS, F. R. de. Indisciplina e transgressão na escola. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2015.
CHAVES, R. S. L. Sentimentos de professores (as) diante da indisciplina de alunos (as) adolescentes no ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado em Educação: Psicologia da Educação- PUC/SP), São Paulo, 2005.
GONÇALVES, V. B. Táticas e estratégias: uma desconstrução da noção de indisciplina no cotidiano escolar. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.
SILVA, L. C. da. Disciplina e Indisciplina na aula: uma perspectiva sociológica. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

Fonte: O autor.

Em “Os sentidos da indisciplina na escola: concepções de professores, equipe técnica e alunos das series finais do Ensino Fundamental” (LONGAREZI, 2001), tese

de doutorado realizada no programa de pós graduação da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, buscou-se discutir os sentidos atribuídos para a ocorrência do fenômeno indisciplina escolar, no discurso dos principais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. O trabalho se desenvolveu a partir da ocorrência de atos de violências presentes no âmbito escolar e por esse motivo se fundamenta nos estudos de Jean Piaget com relação ao Juízo Moral. A pesquisa é um estudo de caso, tendo como campo a ser investigado uma sala de aula de 6º ano da rede pública de ensino. Os instrumentos para o trabalho foram observações e investigação nas intervenções escolares, questionários aplicados a alunos, professores da turma e responsáveis, entrevistas com corpo docente e equipe técnica escolar. Com a análise dos dados pode-se perceber a ausência de códigos éticos e morais e urgência da sua implementação e construção, para ofertar a todos os envolvidos um ambiente que oferece um bem estar a todos os envolvidos no processo.

Na dissertação do Mestrado em Educação da Universidade Federal da Paraíba, intitulada “Lugar de fala na formação docente para a gestão da indisciplina discente” (GONZAGA, 2011), o objeto de investigação parte da indisciplina como uma situação de conflito relacional e que quando mal gerida, pode trazer situações mais agravantes. O trabalho foi realizado em uma ação conjunta com professoras da educação infantil da rede municipal de João Pessoa (PB), trazendo discussões enquanto grupo e dando suporte para que esses professores desenvolvessem habilidades para auxílio na dinâmica da sala de aula. O método utilizado na pesquisa foi a da ação colaborativa, o material empírico constituiu-se de registro de fala, expressões faciais, gravações em áudio e vídeo. Além da utilização de instrumentos como entrevistas individuais e grupos para reflexão. Com as análises pode-se perceber que uma reflexão assertiva e conjunta sobre o fenômeno, pode sim gerar uma mudança de posicionamento e uma melhora diante das situações indisciplinadas por parte dos discentes, qualificando o trabalho e as ações docentes.

A dissertação “Disciplina/Indisciplina: um estudo sobre os sentidos e significados constituídos por docente do ensino fundamental na educação privada”, (WOLFF, 2015), do Mestrado em Educação: Psicologia da Educação, tem como objetivo apresentar os sentidos e significados constituídos para a disciplina/indisciplina no contexto educacional a partir da fala e ações de um docente do 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola privada. É um estudo qualitativo, fundamentado nos pressupostos da teoria sócio-histórica. O instrumento utilizado para

a análise dos dados foram três entrevistas semi estruturadas na modalidade recorrente. A dissertação nos permite verificar que as questões de disciplina/indisciplina são complexas, muitas vezes devido à pré-conceitos trazidos frutos de uma construção histórica e social. Porém, permite verificar que a disciplina é uma construção coletiva e que se concretiza a partir das atividades e tarefas atribuídas no decorrer do processo educacional.

Bocchi (2007), em sua tese do Doutorado em: Psicologia da Educação, intitulada “Indisciplina em sala de aula: Posicionamento dos Professores e Avaliação de uma Proposta de Formação”. A tese analisa a indisciplina na perspectiva comportamental. Tem como objetivo detectar o posicionamento de um grupo de professores acerca da temática indisciplina, promovendo a eles uma formação afim de que analisem a indisciplina em sala de aula de maneira funcional. A pesquisa foi realizada em uma escola estadual, abrangendo turmas de 1º a 4º ano, com aproximadamente 13 professores, os dados analisados foram obtidos utilizando observação das intervenções pedagógicas, entrevistas coletivas e questionários. Essa pesquisa tornou-se pertinente e aproxima-se da proposta desse estudo, pois nas análises observou-se o não entendimento da questão do fenômeno e o descompasso do discurso docente com suas ações realizadas em sala de aula, pois em muitos momentos as suas falas sobre o que é indisciplina, muitas vezes não representa o determinado ato.

Silveira (2007), em sua dissertação intitulada “A indisciplina em Sala de aula: o que pensam professores e alunos”, submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação, traz em sua pesquisa noções sobre a conceituação de disciplina e indisciplina escolar. A pesquisa foi realizada em duas instituições particulares. Tendo como referencial teórico Julio Groppa Aquino, Lino de Macedo, Yves de La Taille, Jean Piaget e Michel de Certeau, autores com debates críticos referente ao fenômeno indisciplina no contexto escolar. O trabalho traduz a indisciplina como fruto de discordância do que é imposto pela escola e pode ser observada em posturas e atitudes de alunos como também em professores.

Já a Tese de Doutorado “Indisciplina e transgressão na escola” (JESUS, 2015), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na UNICAMP, tem como objetivo realizar um percurso, por meio de rodas de problematizações como caminho investigativo de prática transgressiva indisciplinar de constituição de cenas narrativas. Foi um estudo realizado por estudantes do 4º ano do Ensino fundamental I, a partir de

problematizações impulsionadas pela professora regente de classe, acerca de ações que pudessem melhorar o desempenho e a dinâmica de sala de aula, tornando as aulas e ações mais significativas. Ao final, observou-se que as crianças foram capazes de inserções e construções de espaços de problematizações, promoveram discussões e argumentações, engajaram-se em práticas socioculturais. Além disso, conseguiram realizar, de forma efetiva, cálculos, resolveram problemas, executaram pesquisas.

Já à dissertação de Mestrado em Educação: Psicologia de Educação apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com o título “Sentimentos de Professores (as) diante da indisciplina de alunos (as) adolescentes do ensino fundamental” (CHAVES, 2005) tem como objetivo investigar os sentimentos dos professores diante de situações de indisciplina de adolescentes em sala de aula. Além desse objetivo geral, objetivou-se a discutir sobre as influências das identidades sociais de gênero nos sentimentos evidenciados e nas expectativas docentes com relação a comportamentos considerados indisciplinados. O referencial teórico utilizado foi o de Henry Wallon. Os participantes da pesquisa foram quatro professores do ensino fundamental. Concluiu-se que, como mostram diversas pesquisas, a indisciplina é um grande desafio na prática docente. Percebeu-se que esse problema afeta tanto os professores iniciantes quanto os que têm um tempo maior de carreira, e que afeta a autoestima dos envolvidos na pesquisa.

A tese de doutorado intitulada “Táticas e estratégias: uma desconstrução da noção de indisciplina no cotidiano escolar” (GONÇALVES, 2018), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, objetiva desconstruir o conceito de indisciplina. A autora examinou os dispositivos disciplinares e as táticas utilizadas pelos alunos e alunas para escapar das imposições disciplinares da escola. Michel de Certeau foi utilizado como referencial teórico. O conceito de poder para Michael Foucault foi trazido também. Trata-se de uma abordagem qualitativa. Notou-se um cotidiano marcado por inventividades dos alunos, que rompe com a normalização. Detectou-se dispositivos e discursos que buscam controlar e moralizar o fazer discente.

A tese de doutorado intitulada “Disciplina e indisciplina na aula: uma perspectiva sociológica” (SILVA, 2007), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), objetivou identificar fatores internos e externos à escola que explicassem os comportamentos de alunos

vindos de setores populares face à disciplina escolar. Os dados foram coletados através de observação direta, em duas salas de aula do ensino fundamental. Com a análise dos dados, percebeu-se a possibilidade de uma distinção conceitual entre indisciplina e violência. Além disso, os resultados da pesquisa apontam uma mudança na frequência com que os alunos participam dos episódios de indisciplina. Identificou-se três tipos de alunos: “frequentes na disciplina”, “frequentes na indisciplina” e os ocasionais na indisciplina”, cada um sendo afetado de maneiras diferentes pelas mudanças no contexto escolar. Viu-se que os comportamentos indisciplinados podem ocorrer no cruzamento de fatores familiares e da escola.

A investigação de teses e dissertações no banco de dados da CAPES, resultou em 15 estudos que traziam alguma aproximação com o estudo gerado nessa pesquisa. No quadro 5, apresentado abaixo, apresentam-se as produções encontradas.

QUADRO 5 - Pesquisas encontradas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES

(Continua)

Autor/ Título/ Dissertação/Tese/ Programa/ Ano
ALBUQUERQUE, L. de P. Indisciplina Escolar : Um estudo sobre os sentidos e significados de professores e alunos. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
BARBOSA, F. A. L. Percepções de coordenadores pedagógicos sobre a indisciplina escolar . Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2013.
CASTRO, C. S, de. Disciplina e Indisciplina o processo educativo : uma reflexão crítica sobre os estudos pedagógicos e sobre uma experiência com o cinema. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2014.
CUTRIM, F. F. A produção de sentidos por professores acerca da indisciplina no Ensino Fundamental e relações com trajetórias de vida . Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional) – curso de Pós-Graduação em Psicologia Educacional, Centro Universitário FIEO, Osasco, 2014.
FERREIRA, P. E, dos. S. V. A experiência de refletir sobre indisciplina na relação professor/aluno . Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal Farroupilha, Santo Ângelo, 2019.
GOLBA, M. A. de M. A indisciplina escolar na perspectiva de alunos . Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008.
GONÇALVES, G. M. S. Disciplina/Indisciplina : Formas de controle na Escola Maria Constança Barros Machado (1975-1992). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011.

QUADRO 5 - Pesquisas encontradas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES

(conclusão)
GONÇALVES, L. F. de. C. Como pensar a indisciplina na escola indisciplinada? . Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2017.
GROSS, I. Discurso pedagógico sobre indisciplina escolar . Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2009.
REBELO, R. A. A. Indisciplina escolar - multiplicidade de causas e sujeitos : um olhar sobre a Escola Municipal de Ensino Fundamental José Honório Rodrigues, situada na periferia da Zona Leste da cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
SALVI, I. L. Os impactos da disciplina sobre o trabalho docente : perspectivas dos discentes e professores universitários de uma instituição privada do norte do Paraná. Dissertação de (Mestrado Acadêmico em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias). Universidade do Norte do Paraná, Londrina, 2017.
SIMÕES, J. F. M. Para além das representações de indisciplina e de currículo : e as crianças como ficam?. Dissertação (Mestrado em Práticas Docentes no Ensino Fundamental) - Universidade Metropolitana de Santos, Santos, 2018.
TREVISAN, N. P. Indisciplina escolar : Base Catalisadora de Formação Docente. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
VELOSO, L. T. T. Indisciplina e responsabilização : por uma formação ética de professores. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2012.
VERGNA, A. C. G. Indisciplina e violência na escola : concepções e discursos de educadores. Dissertação (Mestrado). São Carlos, UFSCar, 2016.

Fonte: O autor.

A dissertação “Indisciplina Escolar: Um estudo sobre os sentidos e significados de Professores e Alunos”, de autoria de Albuquerque (2011) para conclusão do Mestrado em Educação: Psicologia da Educação, da PUC/SP, em 2011, é uma pesquisa fundamentada na Psicologia Sócio-Histórica, e objetiva analisar e dar visibilidade aos sentidos e significados constituídos por professores e alunos sobre a indisciplina. Aqui, utilizou-se autores como Vasconcellos (2009), Aquino (1996), Souza (2003), entre outros. As informações foram coletadas a partir de um questionário, aplicado a uma turma de oitava série (nono ano) e uma entrevista semiestruturada, realizada com um aluno de oitava série (nono ano) e com duas professoras. Os resultados evidenciam que a indisciplina é trazida para o primeiro plano, servindo como pano de fundo para esconder o objetivo principal (o ensino), ao qual a escola deveria se dedicar.

“Percepções de coordenadores pedagógicos sobre a indisciplina escolar”, estudo realizado por Barbosa (2013), para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná, objetiva tratar quais os significados que os coordenadores pedagógicos das redes pública e privada de Tatuí/SP atribuem à indisciplina. A autora aponta que, no que se refere à metodologia, a trajetória escolhida foi uma das vias da Pesquisa Qualitativa Fenomenológica, a saber, a modalidade Estrutura do Fenômeno Situado, tal como indicado por Machado (1994a,1994b), Ferreira (1994a), Mocosky (1997, 2010) e Bicudo (2011). Fez-se uso do critério de amostragem intencional por variação máxima para a seleção dos depoentes. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas aplicadas a um grupo de 32 coordenadores. São colocadas, ao final do trabalho, algumas considerações sobre a atuação da coordenação pedagógica frente ao desafio da indisciplina escolar.

A dissertação intitulada “Disciplina e Indisciplina o processo educativo: uma reflexão crítica sobre os estudos pedagógicos e sobre uma experiência com o cinema” (CASTRO, 2014), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras, traz um estudo teórico que discute e problematiza a disciplina e a indisciplina no processo educativo a partir dos estudos pedagógicos contemporâneos e de uma experiência com o cinema que foi desenvolvida no Projeto de Extensão "Cinema Com Vida". O trabalho está apoiado em reflexões filosóficas educacionais de Theodor W. Adorno e Christoph Türcke. Consistiu na exibição e discussão de obras de Alfredo Hitchcock, buscando interpretá-las com base na Teoria Crítica. O trabalho permitiu reconhecer o “Cinema Com Vida” como um espaço importante para pensar as possibilidades e os limites do auto disciplinamento. Evidencia-se um trabalho que ajudou na compreensão da relevância de se demorar sobre as imagens para o desenvolvimento da disciplina.

Cutrim (2015), em sua dissertação nomeada “A produção de sentidos por professores acerca da indisciplina no Ensino Fundamental e relações com trajetórias de vida”, do Programa de Mestrado em Psicologia Educacional do Centro Universitário FIEO – UNIFIEO, buscou compreender a indisciplina na escola, considerando os sentidos que professores produzem a partir de conhecimentos adquiridos por eles na vida pessoal e profissional. Baseia-se na abordagem histórico-cultural da subjetividade, e contou com oito professores do Ensino Fundamental de uma escola pública. Um questionário, com informações sobre dados pessoais, de formação acadêmica, profissionais e socioeconômicos e sobre o tema da indisciplina, foi

respondido. Além disso, foi utilizado o instrumento chamado Complemento de Frases e uma redação sobre experiências pessoais e profissionais de indisciplina. A análise das respostas e expressões ocorreu como processo contínuo e articulado das diferentes produções dos participantes. O autor reforça que a pesquisa tem as suas limitações. Porém, ela apresenta a urgência de abertura de espaços de discussão à respeito da indisciplina nas escolas. Essa questão deve ser debatida no espaço escolar.

Ferreira (2019), em sua dissertação intitulada "A experiência de refletir sobre a indisciplina na relação professor/aluno", vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, do Instituto Federal Farroupilha, objetiva analisar os conflitos geradores de indisciplina existentes na relação professor/aluno, visando contribuir com a formação do profissional docente. A questão usada como base é a seguinte: "Quais reflexões podem auxiliar na construção de estratégias nos casos de indisciplina na relação professor/aluno?". A pesquisa delineou-se como uma pesquisa-intervenção. O objeto de estudo foi a trajetória profissional e pessoal da pesquisadora. Construiu-se o produto da pesquisa: um "guia de reflexões", que visa contribuir para o reposicionamento docente diante de conflitos geradores de indisciplina na relação professor/aluno.

A dissertação de Golba (2008), intitulada "A indisciplina escolar na perspectiva de alunos" do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Tuiuti, apresenta uma investigação qualitativa sobre indisciplina escolar, na visão de um grupo de alunos da oitava série do Ensino Fundamental, de uma escola da Rede Pública Estadual do município de Cândido de Abreu, PR. Foram usados textos de pesquisas realizadas tanto por teóricos brasileiros quanto por portugueses. Também foi realizada investigação de campo, com o método de pesquisa do tipo etnográfico. Os resultados destacados são: a perspectiva, entre os alunos, de que a indisciplina seria expressão legítima, e que significados atribuídos a ela seriam de natureza pedagógica; os entrevistados atribuem diferentes sentidos à indisciplina. Também se percebeu que a perspectiva dos alunos sobre indisciplina apresenta distinções em relação à visão dos professores.

A pesquisa de Gonçalves (2011), intitulada "Disciplina/Indisciplina: formas de controle na Escola Maria Constança Barros Machado (1975-1992)", do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, é uma abordagem sociológica sobre a configuração de disciplina/indisciplina escolar durante

o período de 1975-1992, na Escola Maria Constança Barros Machado (Campo Grande – MS). Documentos oficiais e aqueles produzidos no estabelecimento escolar lócus da pesquisa foram utilizados como fonte. A metodologia adotada utilizou a técnica de análise de conteúdo dos dois tipos de documentos-fonte a fim de compreender implicações sociais na prática pedagógica da escola explicitada nos documentos. Trata-se de uma análise qualitativa. A questão norteadora é a seguinte: “Como foram construídos e reproduzidos os saberes sobre a disciplina/indisciplina em relação à conduta dos alunos?”. Conclui-se que as formas de controle utilizadas pelos dirigentes e professores se mostram arbitrárias. Ainda se percebe que os professores e a equipe diretiva passaram a utilizar mecanismos de punição e sanção por meio da exclusão social.

A dissertação intitulada "Como pensar a disciplina na escola indisciplinada?" (GONÇALVES, 2017), do Programa de Pós Graduação em Educação, da Universidade Federal Fluminense, pretendeu apresentar marcas do poder disciplinar presentes na escola atual, a partir do estudo sobre a genealogia da disciplina e da compreensão da indisciplina como poder de resistência. Aspectos do poder disciplinar presente nas escolas foram retratados através de transcrição de conversas informais, entrevistas e grupos focais realizados com funcionários, gestores e alunos de duas escolas públicas de Niterói. Pode-se verificar a indisciplina como sintoma de poder e resistência. A pesquisa quis analisar elementos presentes nas relações entre alunos e a escola, representada por gestores, funcionários e professores, para compreender as ações (in)disciplinadas. Ao longo da pesquisa, tentou-se demonstrar as marcas da instituição escolar, com seu arcabouço disciplinar, que impregnaram as pessoas no processo de construção da sua subjetividade. O autor ainda salienta que analisar as estruturas que compõem as relações no ambiente escolar requer um visão cuidadosa sobre os elementos do poder e da resistência que coexistem em seu interior. Buscou-se compreender que relações eram essas e de que maneira elas eram permeadas pelas práticas de poder exercidas pelos sujeitos.

Gross (2009), na dissertação cujo título é “Discurso pedagógico sobre Indisciplina Escolar”, procurou apurar o discurso pedagógico de docentes da quinta série do Ensino Fundamental sobre a Indisciplina Escolar em duas escolas (uma pública e outra privada), de Curitiba (PR). Reparou-se que as os mecanismos utilizados pela escola para se diminuir as ocorrências de indisciplina estavam distantes dos fundamentos pedagógicos e constatou também, uma insuficiência na

tentativa de minimização de questões indisciplinadas. Com base nas falas dos pesquisados, notou a indisciplina como, algo prejudicial a prática pedagógica. Ainda de acordo com Gross (2009), traz que nas escolas analisadas, existe uma tentativa de “fabricar” alunos a partir de um processo disciplinar, com intuito de evitar resistências presentes no âmbito escolar.

Na dissertação "Indisciplina escolar - multiplicidade de causas e sujeitos: um olhar sobre a Escola Municipal de Ensino Fundamental José Honório Rodrigues, situada na periferia da Zona Leste da cidade de São Paulo", de autoria de Rebelo (2000), do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo da PUC/SP, vê-se uma pesquisa qualitativa sobre indisciplina, que contou com análise de registros da escola, documentos oficiais, questionários destinados aos professores, pais e alunos e leituras pertinentes à temática. Análises feitas nesse trabalho foram baseadas principalmente nos conceitos de Paulo Freire, e Foucault também. Como salienta a autora, propõe-se, nesta pesquisa, a concepção problematizadora como prática de superação da indisciplina escolar e a busca da melhoria da qualidade do processo educativo e da libertação do homem.

Salvi (2017), em sua dissertação denominada "Os impactos da indisciplina sobre o trabalho docente: perspectivas dos discentes e professores universitários de uma instituição privada do norte do Paraná", do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e Suas Tecnologias, da Unopar (Londrina), comenta sobre o grande desafio dos professores do Curso de Administração com o aumento da incidência da indisciplina no curso superior. Assim, objetiva entender como a questão da indisciplina é percebida pelos professores e alunos de uma universidade privada do Norte do Paraná e seus impactos no trabalho do professor universitário. Autores como Estrela (1996; 2002), Aquino (1996), Vasconcellos (1998) e Silva (2010) foram utilizados na pesquisa. Concluiu-se que os alunos não relacionam os impactos da indisciplina ao trabalho do professor, mas aos prejuízos que isso traz para o seu próprio processo de aprendizagem. Com os professores, viu-se os efeitos negativos que a indisciplina traz ao trabalho docente.

O trabalho “Para além das representações de Indisciplina e de Currículo: e as crianças como ficam?” de Simões (2018), foi realizado para o Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental, da Universidade Metropolitana de Santos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que se apoia em autores como: Antunes (1996), Aquino (2015), Estrela (2002), La Taille (1994), Parrat-Dayana (2015),

Vasconcellos (2009), entre outros. O Estudo de caso foi o método aqui utilizado. O estudo procurou investigar os principais significados de indisciplina, seu histórico, como se manifestam no ambiente escolar, como interferem na prática do professor e na interação com os discentes. Também apura as possíveis ligações existentes entre currículo, poder e as políticas públicas na atualidade. A autora conclui que, para se lidar com a indisciplina, é necessário que haja reflexão de forma que se possa buscar o conhecimento das razões e os inúmeros fatores que compõem o processo de seu desenvolvimento no ambiente escolar atual.

O trabalho "Indisciplina Escolar: Base Catalisadora de Formação Docente", de Trevisan (2016) foi realizado para o Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores (PUC/SP). A pesquisa objetiva investigar os sentidos sobre indisciplina presentes em uma escola de Ensino Fundamental II da rede Municipal de Poamá (região metropolitana de SP) e, a partir deles, propor uma intervenção formativa para os profissionais envolvidos no processo educativo. Está organizado segundo a metodologia de pesquisa crítica com intenção colaborativa que se apoia nas discussões da Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural. Os dados obtidos foram categorizados e analisados conforme a fundamentação teórica utilizada. Os dados coletados mostraram que são muitas as concepções de indisciplina presentes na escola e que o desrespeito é apontado como principal atitude indisciplinada. O diálogo é visto como a mais importante ferramenta para tratá-la.

Em "Indisciplina e Responsabilização: por uma formação ética de professores", dissertação de Veloso (2012) para o Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté, objetiva-se relatar, rastrear, na materialidade linguística do discurso produzido por futuros professores, indícios da expropriação do poder disciplinador, do descentramento da identidade, típicas da contemporaneidade, e identificações psicanalíticas pela vergonha, honra e responsabilização (FORBES, 2010). Fundamenta-se nos pressupostos da Análise do Discurso de perspectiva francesa e de autores que com ela dialogam, sobretudo Lacan. O corpus da pesquisa foi constituído a partir de 20 questionários que mostram a percepção de indisciplina do futuro professor e como esses lidaram com a indisciplina ao longo de um mês. Partindo do início da coleta dos registros, os resultados apontaram que alguns acadêmicos apresentavam traços de uma identidade pessoal abalada ou descentrada. Registros escritos posteriores apontaram para identificações de ordem da vergonha, da honra e da responsabilização.

A investigação de Vergna (2016), cujo título é “Indisciplina e violência na escola: concepções e discursos de educadores”, foi apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que teve como objetivo analisar o discurso de professores de uma escola estadual do interior de São Paulo quanto as suas compreensões a respeito de conflito, indisciplina e/ou violência na escola e investigar se essas concepções se refletem em suas práticas quando lidam com as ocorrências desses eventos. Foi feita uma análise documental, e se concentrou em dois grupos focais. Concluiu-se que havia o discurso que valorizava o diálogo para a solução de conflitos. Contudo, ainda estavam implícitas e enraizadas as diversas relações de poder que se desenvolvem dentro do espaço escolar.

Nesse contexto pesquisado, fica evidente que existem inúmeras produções que trazem a temática indisciplina para discussão, por ser um tema complexo e sua conceituação entendida como polissêmica. Verificou-se que a temática era abordada sobre diferentes vieses, porém não se encontrou discussões sobre essa temática de reflexão nos cursos de formação inicial de professores, mais especificamente nos cursos pesquisados nesse trabalho.

Foram encontrados inicialmente, 58 estudos sendo eles, Teses e Dissertações de Programas de Pós Graduações distintos em várias regiões do Brasil, trazendo diferentes abordagens, linhas epistemológicas, referenciais e aportes teóricos e participantes de pesquisa.

Para a seleção desses títulos, usou-se as palavras chaves anteriormente destacadas, conseguindo dessa forma, gerar um resultado de 27 títulos utilizados para discussão. No processo de busca, ocorreu alguns problemas, pois notou-se que muitos dos trabalhos desenvolvidos ou não foram autorizados para publicação em sites, tendo apenas as referências para sua utilização, ou eram trabalhos que foram defendidos antes do período da Plataforma Sucupira.

Para verificação e encontro desses trabalhos, além da procura em bancos como o da Capes (BTDC) e (BDTD/IBICT), ocorreu uma procura nos repositórios das Universidades citadas nas referências encontradas, porém, mesmo com essa procura não se obteve sucesso.

Dessa forma, os 27 títulos selecionados e verificados através dos seus resumos, são pesquisas que se aproximam da ideia dessa proposta de trabalho.

Porém, essa aproximação ocorre apenas no sentido de semelhança de referenciais teóricos, instrumentos para análise dos dados coletados, pois nas leituras, não houve a observação de uma pesquisa que abordasse realmente a discussão de indisciplina a partir da disciplina, principalmente analisando os cursos de formação inicial de professores e ainda, mais exclusivamente nos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas e Licenciatura em Matemática.

Sendo assim, considera-se esse estudo inédito, pertinente e de grande importância para o entendimento e reflexão desse fenômeno enquanto conceituação, visto que o entendimento do conceito de disciplina e indisciplina pode ser um caminho favorável para minimizar situações que envolvem a indisciplina no contexto escolar, possibilitando assim, a potencialização e efetivação do processo de ensino e aprendizagem.

CAPÍTULO 2

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E SUA RELAÇÃO COM A INDISCIPLINA

Esse capítulo aborda questões envolvendo a formação de professores e os saberes necessários para a sua ação docente, além de tratar como essa se relaciona com a indisciplina presente no ambiente escolar. Discute-se, nesse capítulo, a importância do professor reflexivo e do saber da experiência, visto que se trata de uma estrutura que fala sobre professores em formação inicial, o discurso da prática e da ação docente, mudanças de percepções, principalmente ao que se refere a temática indisciplina e sobre metodologias que possam auxiliar nas intervenções docentes.

Nesse contexto, alguns autores utilizados que abordam a formação docente e os saberes essenciais para a prática docente foram Maurice Tardif, Donald Schon, Phillipe Perrenoud, Antônio Nóvoa, Selma Garrido Pimenta, Francisco Imbernón e Isabel Alarcão, que estabelecem diferentes perspectivas referentes à formação de professores e que podem auxiliar com algumas questões e informações acerca da indisciplina, permitindo, assim, uma reflexão sobre a importância de não se dissociar a questão da indisciplina das ações do professor. Além das discussões teóricas com os autores citados, realizou-se uma análise das disciplinas articuladoras dos cursos de Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Ciências Biológicas.

2.1 O CAMINHAR DOCENTE E O SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO

Ao tratarmos da temática escola, percebemos a existência de inúmeras pesquisas sobre vários vieses, que abordam metodologias, estudos sobre os alunos, professores, problemas relacionados com a dinâmica de sala de aula como a indisciplina, entre outras abordagens que podemos encontrar no meio educacional.

Nesse contexto, a discussão sobre o professor e o seu processo de formação, constitui-se em um dos possíveis caminhos para compreender algumas questões específicas de sua prática docente, e até mesmo questões referentes ao fenômeno da indisciplina.

De acordo com Freitas e Pacífico (2015, p.3):

[...] As escolas discutem currículos, os saberes necessários para a formação dos educandos, os valores que devem ser praticados e vivenciados por ela. E isso faz com que os professores se questionem sobre os seus saberes e

competências. Mas antes de tudo é preciso compreender que o professor é sujeito nesse processo.

Nesse contexto, é necessário entender o professor, seu processo formativo e de construção de identidade. Sabendo que é um componente fundamental e importante para a concretização do processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Gatti (2009, p. 91), “o professor não é descartável, nem substituível, pois, quando bem formado, ele detém um saber que alia conhecimento e conteúdos à didática e às condições de aprendizagem para segmentos diferenciados”.

A profissão docente, muitas vezes é concebida por percepções estigmatizadas, em alguns momentos pelo senso comum, sendo uma profissão de missão, vocação etc. Cabe lembrar que esta é uma profissão que parte de uma construção social, não sendo constituída apenas pelo currículo, mas sim por elementos não verbalizados expressados através da sua atuação como elemento formador.

Um grande avanço para a evolução da profissionalização da profissão docente foi o reconhecimento da existência de saberes que intervêm a prática docente, saberes esses que configuram na formação do professor e para os conhecimentos que operam como base para a ação da docência. Sendo assim:

É nessa perspectiva que as produções a respeito da temática saberes docentes têm ocupado papel de destaque na formação de professores, o que é atribuído, em grande parte, ao seu potencial no desenvolvimento de ações formativas que vão além de uma abordagem acadêmica, envolvendo as dimensões pessoal, profissional e organizacional da profissão docente (ALMEIDA; BIAJONE, 2007, p. 03).

A profissão docente necessita de saberes diversos para sua realização, visto que, esses saberes incorporam-se na pluralidade própria da profissão docente. Com base nisso, é necessário atuar em diferentes situações que são propostas aos professores durante seu trabalho, fazendo a necessidade da flexibilização e reorganização de diferentes metodologia e teorias.

Verifica-se que hoje o professor, com base nos estudos de Perrenoud (2000, p. 25), necessita:

[...] despende energia e tempo e dispor das competências profissionais necessárias para imaginar e criar outros tipos de situações de aprendizagem, que as didáticas contemporâneas encaram como situações amplas, abertas, carregadas de sentido e de regulação, as quais requerem um método de pesquisa, de identificação e de resolução de problemas.

Nesse contexto, o professor necessita estar aberto para criar novas situações envolventes aos alunos que possibilitem a construção do conhecimento e o

desenvolvimento da aprendizagem, alinhando o conhecimento específico com maneiras diferenciadas de passar para seus alunos.

Mesmo que o trabalho docente se efetive hoje em diferentes espaços, o local onde geralmente se concretiza é na escola, com toda sua estrutura organizacional, influências e com toda comunidade escolar. Todo esse contexto, vai influenciar no trabalho e nos saberes que o educador deverá possuir ou adquirir para a realização de suas ações.

Concorda-se com Tardif (2002), quando diz que:

[...] os saberes do professor dependem intimamente das condições sociais e históricas nas quais ele exerce seu ofício, e mais concretamente das condições que estruturam seu próprio trabalho num lugar social determinado. Nesse sentido, para nós, a questão dos saberes está intimamente ligada à questão do trabalho docente no ambiente escolar, à sua organização, à sua diferenciação, à sua especialização, aos condicionantes objetivos e subjetivos com os quais os professores têm que lidar etc. Ela também está ligada a todo o contexto social no qual a profissão docente está inserida e que determina, de diversas maneiras, os saberes exigidos e adquiridos no exercício da profissão (p. 217-218).

O caminhar do professor e a construção de sua identidade, inicia-se na sua formação inicial, com as experiências adquiridas tanto com os docentes que passam por sua formação, como em suas experiências durante seus estágios, contato com outros professores supervisores nesses estágios, a relação com os alunos e também com toda a comunidade escolar.

Partindo dessa reflexão Pacheco e Flores (1999, p. 45) citam que:

Tornar-se professor constitui um processo complexo, dinâmico e evolutivo que compreende um conjunto variado de aprendizagens e de experiências ao longo de diferentes etapas formativas. Não se trata de um ato mecânico de aplicação de destrezas e habilidades pedagógicas, mas envolve um processo de transformação e re(construção) permanente de estruturas complexas, resultante de um leque diversificado de variáveis.

Dessa maneira, percebe-se a formação inicial do professor como um importante momento de criação e apropriação dos saberes necessários para a sua prática educativa é um processo dinâmico e de intensa construção e organização.

Imbernón (2011) aborda referente ao papel da formação inicial que:

Nas últimas décadas fizeram-se muitas pesquisas sobre o conhecimento profissional dos professores. Sabemos que dificilmente o conhecimento pedagógico básico tem um caráter muito especializado, já que o conhecimento pedagógico especializado está estreitamente ligado à ação, fazendo com que uma parte de tal conhecimento seja prático, adquirido a partir de experiência que proporciona informação constante processada na atividade profissional. A formação inicial deve fornecer base para se adquirir esses conhecimentos especializados (p. 60).

A vivência prática na formação inicial deve ser garantida, sendo que essa experiência deve ser realizada, através dos estágios, ou pelos programas de iniciação à docência, que possibilitam ao futuro professor momentos de reflexão, de planejamento, de execução dos planos propostos, de apropriação de instrumentos para a ação docente, de organização de metodologias diferenciadas. Essas estratégias iniciais, é o que possibilitará no docente em formação inicial, a reflexão, o amadurecimento e apropriação dos seus saberes e fazeres de sua ação didático pedagógica.

A profissão docente, necessita de saberes diversos para sua construção e concretização. É um processo de continua construção que inicia na formação inicial do docente, onde por meio das experiências vivenciadas e compartilhadas por outros professores consegue iniciar o processo de organização e efetivação dos saberes e fazeres iniciais que poderá usar em sua prática educativa. No entanto, deve-se notar que, esse profissional continua recebendo influências de diferentes dimensões, no momento que está exercendo a sua prática docente o que possibilita assim a efetivação assertiva, reorganização e melhora no seu processo pedagógico.

Com as diferentes mudanças no cenário educacional e com o novo perfil de professor que se pretende ter, torna-se necessário desenvolver pesquisas voltadas à formação de professores, pois é na formação que ocorre um dos principais processos de construção identitária docente. Pimenta e Anastasiou (2002, p.105) afirmam que “os anos passados na universidade já funcionam como preparação e iniciação ao processo identitário e de profissionalização dos profissionais de diferentes áreas”. Então é durante esse processo que devem ser repassadas com eficácia as informações iniciais, necessárias para a atuação docente no contexto escolar, podendo ser informações que contribuam ou não para sua prática, mas que farão à esse professor em formação perceber a realidade que em breve atuará.

O entendimento da caminhada docente deve ser reflexivo, pois tornar-se um professor “envolve um processo de transformação e (re) construção permanente de estruturas complexas, afetivas e cognitivas” (PACHECO; FLORES, 1999, p.45) , durante essa caminhada formativa ocorrem aprendizagens, novas aquisições de conhecimento e ocorre a incorporação do saber da experiência.

De acordo com Kogut (2015):

O trabalho do professor na escola requer um leque amplo de saberes para atuar em uma multiplicidade de ambientes e situações pertinentes ao campo profissional, com isso entende-se que o saber do professor não é algo

específico, mas composto por vários saberes, oriundos de diferentes campos do conhecimento e que podem dar conta da pluralidade de tarefas e perspectivas de educação (p. 02).

Lima (2004), referente ao processo formativo e de caminhada docente, destaca que o professor está em constante aprendizagem, que aprende no contexto da formação inicial com as experiências adquiridas e quando já formado e atuante aprende com o contexto de prática. Essa aprendizagem é contínua, “um processo de articulação entre o trabalho docente, o conhecimento e o desenvolvimento profissional do professor e da possibilidade de postura reflexiva dinamizada pela práxis” (LIMA, 2004, p. 45).

A partir dos referenciais abordados considera-se que, os saberes e fazeres incorporados no processo formativo e de ação docente são verificados em vários momentos da formação. Revela-se nas ações do professor em sala de aula, e nas dinâmicas de suas determinadas disciplinas. Inicialmente, quando o docente faz seu planejamento, utiliza de sua experiência para verificar se o conteúdo trabalhado corresponde ao plano ou à faixa escolar que se encontram esses alunos, e utiliza de sua formação profissional, seja ela inicial ou continuada, para a aplicação de metodologias e estratégias diferenciadas nas atividades desenvolvidas em sua classe. Todos esses procedimentos estão implícitos no trabalho do professor, são passíveis de mudanças, pois trata-se de um processo em construção, e fazem parte do ofício e da rotina do professor.

2.2 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A INDISCIPLINA

No cenário educacional atual, percebe-se que existe uma preocupação e angústia sobre a presença da indisciplina na escola. Ao se pensar nessa temática, analisa-se o processo de ensino e aprendizagem do aluno e como esse vem construindo o seu conhecimento científico.

Referente a construção do conhecimento, torna-se necessário refletir o papel do docente no processo de aprendizagem. Torna-se importante entender, que em modelos de formações anteriores onde o professor apenas assumia posturas como, transmitir os conhecimentos, repassando as informações, sem que os alunos pudessem realizar questionamentos, não se aplica nesse novo espaço educacional, que está se pensando e se desenvolvendo.

O modelo de ensino que vem se construindo no decorrer dos anos prioriza um ensino participativo, no qual haja trocas de experiências e onde o contexto histórico e cultural trazido pelos alunos é importante, e pode auxiliar no processo de ensino. O professor, nesse processo, tem a tarefa de estimular e oportunizar a participação discente nos processos de intervenções, entende o aluno como um protagonista de todo o processo de ensino e aprendizagem, utilizando em suas ações pedagógicas diferentes recursos, sejam eles tecnológicos ou não, porém, utilizando de diferentes estratégias com a intenção de enriquecer a sua prática e ação docente.

Para Pacheco e Flores (1999, p. 45),

Tornar-se professor constitui um processo complexo, dinâmico e evolutivo que compreende um conjunto variado de aprendizagens e de experiências ao longo de diferentes etapas formativas. Não se trata de um ato mecânico de aplicação de destrezas e habilidades pedagógicas, mas envolve um processo de transformação e re(construção) permanente de estruturas complexas, resultante de um leque diversificado de variáveis (PACHECO; FLORES, 1999, p. 45).

Sendo assim, nota-se a importância dos cursos de formação inicial e continuada estimulem os professores e formarem profissionais críticos e reflexivos para a atuação docente. Esse desenvolvimento do profissional reflexivo, possibilita ao educador “meios de um pensamento e que facilite as dinâmicas de auto formação participada” (NÓVOA, 1991, p. 25).

Nesse contexto, observa-se a necessidade de diversificar nesses cursos de formação inicial os modelos e as práticas. Não as excluir radicalmente, mas observar o que está efetivamente funcionando e inovar e melhorar práticas que não estão trazendo resultados positivos, além de propiciar um espaço que de maior auxílio para o professor estabelecer novas relações com o saber científico e pedagógico. Outro ponto em questão, é que se precisa observar novos modelos de ensino e que uma formação fortificada consiste em considerar o saber da experimentação, pois a formação do profissional professor, deve estar voltada para a prática, inovação das propostas pedagógicas, ensaios desses modelos propostos e uma reflexão crítica sobre a utilização de modelos e metodologias a serem aplicadas.

Porém para a efetivação de um novo modelo educacional e para uma melhora na formação docente, seria necessário não só mudanças no sentido da prática pedagógica, mas mudanças em políticas educacionais, e segundo Santos (2002) repensar o currículo, sendo necessário ultrapassar lacunas existentes entre a teoria e a prática, devendo assim estabelecer a interligação entre ambas.

De acordo com Tardif, (2002), no modelo proposto hoje na formação docente, independentemente do curso de formação profissional, os professores em formação inicial muitas vezes passam por anos “assistindo aulas”, construindo o conhecimento apenas pela transmissão de conteúdos. Após ou durante essas aulas, esses professores da formação inicial vão para o campo de estágio, onde “aplicam” esses conhecimentos aprendidos nesse período de formação. Ao encerrar toda essa etapa da formação, esse profissional já formado começa a trabalhar sozinho, e é na prática que aprenderá a ser professor a se desafiar a pensar na melhor forma possível para construir o conhecimento e oferecer um ensino com qualidade. E é nesse momento que percebe que muitos dos conhecimentos da forma como a estrutura curricular está organizada não corresponde com a ação cotidiana. Assim, de acordo com Sousa (2013, p.74),

[...] os saberes dos professores aprendidos durante a formação inicial (saberes das disciplinas e saberes da formação profissional), irão sendo reformulados e se reconstruindo no dia a dia da sala de aula, a partir dos saberes curriculares, da experiência e de outros saberes científicos da formação continuada e do desenvolvimento profissional.

Uma das tarefas organizadas pela estrutura da formação inicial é possibilitar que o profissional em estudo consiga estabelecer uma coerente identificação do seu estilo de ensino, conhecer também algumas realidades encontradas no âmbito da sala de aula e possíveis soluções para problemas que estivessem presentes naquele contexto. Para isso, torna-se necessário entender como é construído os saberes para que o processo de ensino se efetive de maneira assertiva, para (PIMENTA, 1999, p. 29), os saberes são reelaborados e construídos pelos professores, “em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares”. Assim, o processo de construção e entendimento dos saberes necessários para a atuação docente de acordo com (SOUSA, 2013, p. 71) é “um processo coletivo de troca de experiências entre seus pares, o que permite que os professores, a partir de uma reflexão na prática e sobre a prática, possam constituir os saberes necessários ao ensino”.

De acordo com Alarcão (1996), um dos problemas da Formação Inicial, é a desarticulação entre as disciplinas, além da falta de articulação entre os conteúdos específicos aprendidos, com o contexto de atuação prática. No entanto, destaca-se que não está generalizando que cursos de formação inicial docente, não estabelecem essa relação. Verifica-se que os estagiários dos determinados cursos de licenciatura,

quando estão em campo de estágio, conseguem notar alguns reais problemas do cotidiano docente, como por exemplo, situações de indisciplina, porém, muitas vezes falta alguns conhecimentos que poderiam auxiliar no entendimento e em determinados casos na solução de algumas situações, mas lembrando que apenas tomar conhecimento dos determinados problemas não quer dizer que o professor, seja ele em formação inicial ou continuada, esteja preparado para resolver e lidar com as situações encontradas na realidade escolar.

Porém, observa-se que em muitos cursos de formação inicial existe uma lacuna, com relação a algumas informações que auxiliariam na prática docente. Um exemplo é a temática indisciplina, existem leituras, porém as discussões apresentam-se de forma superficial, até mesmo pelo difícil entendimento de sua conceituação devido a sua polissemia.

Em análise as ementas dos dois cursos de graduação, onde realizou-se a pesquisa, Licenciatura em Ciências Biológicas e Licenciatura em Matemática de uma Universidade do Paraná, observou-se nos documentos que não há um roteiro específico que trabalhe com essa temática nas suas disciplinas. A análise realizou-se observando o documento no contexto geral, para assim não perder nenhuma informação, observando todas as disciplinas dos determinados cursos. No entanto, a observação debruçou-se mais nos conteúdos apresentados nas disciplinas articuladoras dos cursos e nas disciplinas de didática e estágio supervisionado. As disciplinas articuladoras, visam relacionar a formação básica geral, com a formação específica, ou seja, como abordar no contexto da sala de aula, aquele determinado conteúdo aprendido na formação inicial, são nessas disciplinas, que se consegue observar a relação entre a teoria e a prática. Também analisou-se as disciplinas de Estágio Supervisionado e Didática, buscando nessas encontrar algumas informações que auxiliassem no entendimento do fenômeno indisciplina, visto que são disciplinas que trabalham com a relação prática do contexto escolar e trabalham com encaminhamentos metodológicos, organização curricular, planejamentos de aula, dinâmicas de aula, perfil do professor.

Nas ementas pode-se notar alguns critérios, que auxiliam no entendimento de como ocorre o processo formativo Matemático. Nesse contexto, para a conclusão e titulação como Licenciado em Matemática, o professor em formação inicial deverá perfazer um total mínimo de:

3.107 (três mil, cento e sete) horas, sendo 1.377 (mil, trezentas e setenta e sete) horas em disciplinas de Formação Básica Geral, 510 (quinhentas e dez) horas em disciplinas de Formação Específica Profissional, 476 (quatrocentas e setenta e seis) horas em disciplinas da Prática enquanto Componente Curricular, 408 (quatrocentas e oito) horas em Estágio Curricular Supervisionado, 136 (cento e trinta e seis) horas em disciplinas de Diversificação ou Aprofundamento e 200 (duzentas) horas de Atividades Complementares, distribuídas em, no mínimo, 4 (quatro) anos e, no máximo, 06 (seis) anos letivos em ambos os turnos. (UEPG, 2019, p. 55).

Como visto, o curso é subdividido em disciplinas de Formação Básica geral e de Formação Específica Profissional, também tendo espaço para as disciplinas de Prática e de Estágio Supervisionado. No curso de Matemática, temos as disciplinas articuladoras, essa tem a função de relacionar as disciplinas específicas com a prática, proporcionando assim um diálogo mais claro e preciso entre as disciplinas e entre os professores. A Disciplina Articuladora é uma prática diferenciada e específica dos cursos de Licenciatura da UEPG, atende ao disposto na RESOLUÇÃO CNE/CP 2, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002, que em seu Art. 1º, inciso I – “define que será destinada 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas no decorrer do curso”.

Buscou-se, então, analisar as ementas das disciplinas articuladoras, pois essas trabalham com mais profundidade as questões relacionadas à aspectos metodológicos, o ser professor e as dinâmicas envolvendo a sala de aula. Nesse aspecto a pergunta que impulsionou essa análise é como está sendo abordadas informações relacionadas à indisciplina escolar nessas disciplinas. Na ementa apresentada no quadro 6, consegue-se observar no currículo do curso o que é sugerido ser trabalhado.

QUADRO 6 - Ementa das Disciplinas da Formação Inicial em Licenciatura em Matemática da UEPG. (continua)

DISCIPLINAS DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR	
Instrumentação para o Ensino de Matemática I	O profissional da Licenciatura de Matemática no contexto social. Matemática e Educação Matemática. Pesquisa e Ensino na organização do trabalho docente. Inter-relação dos conteúdos matemáticos que compõem as disciplinas da 1ª série do Curso e destes com o Ensino Fundamental e Médio.
Instrumentação para o Ensino de Matemática II	Pesquisa e Ensino na organização do trabalho docente. Inter-relação dos conteúdos matemáticos que compõem as disciplinas da 2ª série e anterior do Curso e destes com o Ensino Fundamental e Médio. Análise dos livros didáticos de matemática para o Ensino Fundamental. Organização de projeto de ensino para conteúdos Matemáticos do Ensino Fundamental, do ensino Médio e no ensino de Jovens e Adultos.

QUADRO 6 - Ementa das Disciplinas da Formação Inicial em Licenciatura em Matemática da UEPG.

(conclusão)

DISCIPLINAS DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR	
Instrumentação para o Ensino de Matemática III	Pesquisa e Ensino na organização do trabalho docente. Inter-relação com a disciplina de Metodologia e Prática de Ensino I – Estágio Supervisionado, no estudo e discussão dos projetos de ações pedagógicas, para conteúdos Matemáticos do ensino Fundamental, Médio e de Jovens e Adultos. Inter-relação dos conteúdos matemáticos que compõem as disciplinas da 3ª série e anteriores do Curso e destes com o Ensino Fundamental e Médio. Análise dos livros didáticos de matemática utilizados no Ensino Médio. Análise de situações de ensino e aprendizagem observadas e registradas em aulas de Matemática para o ensino fundamental.
Instrumentação para o Ensino de Matemática IV	Inter-relação com a disciplina de Metodologia e Prática de Ensino II - Estágio Supervisionado, no estudo e discussão dos projetos de ações pedagógicas, para conteúdos Matemáticos do ensino Fundamental, Médio e de Jovens e Adultos. Inter-relação dos conteúdos matemáticos que compõem as disciplinas da 4ª série e anteriores do Curso e destes com o Ensino Básico. Análise de situações de ensino e aprendizagem observadas e registradas em aulas de Matemática para o ensino médio. Aplicação dos projetos de ensino para conteúdos Matemáticos do Ensino Fundamental, Médio e de Jovens e Adultos nas escolas da comunidade. Elaboração de relato de experiência.

Fonte: Retirado do Catálogo de cursos de graduação/2019 da UEPG.

Notou-se que, nas disciplinas articuladoras de Matemática, pela construção curricular, não há um tópico específico que aborde a indisciplina. No entanto, em conversa com alguns docentes que trabalham com o componente curricular, definem que tópicos como esses são pensados no momento que os acadêmicos estão em contato com o Estágio Supervisionado, no momento da construção dos planejamentos de aula e discussão da realidade da sala de aula. Assim, verifica-se que de acordo com o documento curricular das ementas de disciplina da UEPG, essa temática não é encontrada, porém para o entendimento da realidade escolar, muitos professores trazem essa abordagem como um tópico extra para gerar discussão com seus alunos.

Também é destacado nessa análise as disciplinas de Didática e Estágio Supervisionado, essenciais para o processo de formação docente. Verificando a ementa apresentada para o curso no quadro 7, nota-se que no documento não se encontra um espaço de discussão, ou mesmo um tópico que retrate questões de indisciplina no contexto de sala de aula, são tópicos que por vezes são abordados pelos docentes responsáveis pelas disciplinas, sem um grande aprofundamento em determinadas vezes, isso também devido aos inúmeros tópicos que devem ser

abordados e a carga horária, que muitas vezes é inferior ao tanto de informações que deveriam ser discutidas.

QUADRO 7. Ementa das Disciplinas de Didática e Estágio Supervisionado, componentes da Formação Inicial em Licenciatura em Matemática da UEPG.

DIDÁTICA	Reflexões sobre a educação e o trabalho docente na escola. A Didática como área de saber voltada aos processos ensino-aprendizagem e seu papel na formação do professor. Organização do trabalho pedagógico no cotidiano escolar: o planejamento educacional, seus níveis e elementos. Avaliação do processo ensino-aprendizagem. A atuação do educador frente a pessoas portadoras de necessidades especiais.
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA I	Concepções educacionais vigentes no ensino e aprendizagem da matemática do Ensino Fundamental. Investigação, levantamento de dados, problematização e análise da realidade educacional no Ensino Fundamental. Reflexão sobre os conteúdos e objetivos da Matemática do Ensino Fundamental. Modalidades de avaliação no Ensino Fundamental. Elaboração e desenvolvimento de projetos de ação no espaço escolar e em outras realidades educacionais voltadas ao Ensino Fundamental.
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA II	Concepções educacionais vigentes no ensino e aprendizagem da Matemática do Ensino Médio. Investigação, levantamento de dados, problematização e análise da realidade educacional no Ensino Médio. Reflexão sobre os conteúdos e objetivos da Matemática do Ensino Médio. Modalidades de avaliação no Ensino Médio. Elaboração e desenvolvimento de projetos de ação no espaço escolar e em outras realidades educacionais voltadas ao Ensino Médio.

Fonte: Retirado do Catálogo de cursos de graduação/2019 da UEPG.

A partir da análise das Ementas, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, constatou-se também, a ausência da temática indisciplinar em suas disciplinas articuladoras. Para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas na UEPG, o estudante, deverá perfazer

[...] um total mínimo equivalente a 3.362 (três mil, trezentos e sessenta e duas) horas, sendo 680 (seiscentas e oitenta) horas em disciplinas de Formação Básica Geral, 2.006 (duas mil e seis) horas em disciplinas de Formação Específica Profissional, 68 (sessenta e oito) horas em disciplinas de Diversificação ou Aprofundamento, 408 (quatrocentas e oito) horas de Estágio Supervisionado e 200 (duzentas) horas de Atividades Complementares, distribuídas em, no mínimo, 04 (quatro) anos e, no máximo, 06 (seis) anos letivos. (UEPG, 2019, p. 212).

Como visto, as disciplinas articuladoras, compõe o eixo que trabalha com as disciplinas de Formação Básica Geral no Curso de Ciências Biológicas, isso é visto em sua Ementa, indicada no quadro 8.

QUADRO 8 - Ementa das Disciplinas da Formação Inicial em Licenciatura em Ciências Biológicas da UEPG.

DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO BÁSICA GERAL	
Laboratório de Ensino em Ciências e Biologia I	Contextualização do conhecimento disponibilizado nas disciplinas da 1ª série do curso. Desenvolvimento de habilidades e competências relativas ao trabalho docente. Atividades de ação-reflexão-ação na prática educativa diante das atividades propostas pelas disciplinas específicas. Iniciação à metodologia científica. Visita técnica. Evento de Extensão em Ensino de Ciências e Biologia em espaço formal de ensino. Mostra do Laboratório de Ensino em Ciências e Biologia.
Laboratório de Ensino em Ciências e Biologia II	Contextualização do conhecimento disponibilizado nas disciplinas da 2ª série do curso. Desenvolvimento de habilidades e competências relativas ao trabalho docente. Atividades de ação-reflexão-ação na prática educativa diante das atividades propostas pelas disciplinas específicas. Seminários. Análise crítica dos PCNs. Iniciação a metodologia científica. Evento de Extensão em Ensino de Ciências e Biologia em espaços não formais de ensino. Mostra do Laboratório de Ensino em Ciências e Biologia. Temas especiais: “Prevenção e combate ao uso de drogas” e outros.
Laboratório de Ensino em Ciências e Biologia III	Contextualização do conhecimento disponibilizado nas disciplinas da 3ª série do curso. Desenvolvimento de habilidades e competências relativas ao trabalho docente. . Atividades de ação-reflexão-ação na prática educativa diante das atividades propostas pelas disciplinas específicas. Metodologia do trabalho científico: projeto de pesquisa, métodos e técnicas de pesquisa, diferentes modalidades de eventos científicos. Mostra do Laboratório de Ensino em Ciências e Biologia. Temas especiais: “Educação das Relações Étnico-Raciais” e outros.
Laboratório de Ensino em Ciências e Biologia IV	Contextualização do conhecimento disponibilizado nas disciplinas da 4ª série do curso. Desenvolvimento de habilidades e competências relativas ao trabalho docente. Atividades de ação-reflexão-ação na prática educativa diante de projetos de trabalhos vinculados às disciplinas específicas. Metodologia do trabalho científico: artigo científico, normas e elaboração de currículo. Mostra do Laboratório de Ensino em Ciências e Biologia. Temas especiais: “Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana” e outros.
Didática	Reflexões sobre educação e o trabalho docente na escola. A didática como área de saber voltada aos processos ensino-aprendizagem e seu papel na formação do professor. Organização do trabalho pedagógico no cotidiano escolar: o planejamento educacional, seus níveis e elementos. Avaliação do processo ensino-aprendizagem.

Fonte: Retirado do Catálogo de cursos de graduação/2019 da UEPG.

Observa-se que há inúmeras temáticas necessárias para o processo formativo desse novo docente, a carga horária muitas vezes não é compatível com a variedade e a complexidade dos tópicos que devem ser abordados em cada disciplina, o que pode ser uma possível explicação para a não inclusão evidente de indisciplina escolar em uma de suas disciplinas.

Também, verificou-se as ementas das disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado I e II do curso de Ciências Biológicas, apresentada no quadro 9. Nela, constatamos também que não há a presença direta de um tópico que discuta a temática da indisciplina no contexto da sala de aula.

QUADRO 9. Ementa das Disciplinas de Estágio Supervisionado, componentes da Formação Inicial em Licenciatura em Ciências Biológicas da UEPG.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I	Estágio de docência envolvendo observação, planejamento, execução e avaliação de atividades curriculares e extracurriculares, de espaços escolares e não-escolares, regulares e não regulares em nível do Ensino Fundamental. Inserção crítica do licenciando no contexto educacional específico e amplo. Planejamento, execução de relatos científicos das atividades docentes. Desenvolvimento de atividades de ensino levando em conta a multidimensionalidade da ação educativa
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II	Estágio de docência envolvendo observação, planejamento, execução e avaliação de atividades curriculares e extra curriculares, de espaços escolares e não-escolares, regulares e não regulares em nível do Ensino Médio. Inserção crítica do licenciando no contexto educacional específico e amplo. Planejamento, execução de relatos científicos das atividades docentes. Desenvolvimento de atividades de ensino levando em conta a multidimensionalidade da ação educativa.

Fonte: Retirado do Catálogo de cursos de graduação/2019 da UEPG.

Mesmo percebendo a ausência da temática indisciplina nos documentos oficiais analisados, sabe-se que existem tópicos muito abrangentes, citados nas ementas tanto do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, como do curso de Licenciatura em Matemática e que podem possibilitar discussões acerca do objeto de discussão.

Em síntese da análise realizada, pode-se constatar que:

- a) Diretamente, não se encontra em nenhuma das graduações pesquisadas uma abordagem relacionada à temática indisciplina;
- b) Existe uma preocupação em relacionar questões da teoria com a prática e isso é evidente na maneira como estão estruturados os conteúdos no bloco considerado disciplinas articuladoras;

- c) A carga horária das disciplinas que deveriam trazer o suporte e discussões relacionadas ao contexto da sala de aula é reduzida, não possibilitando dessa forma o aprofundamento de inúmeras questões que deveriam ser debatidas na formação inicial, uma delas o fenômeno conhecido por indisciplina, que permeia todo o campo educacional.

Ao se falar em Formação Inicial docente, há muitas discussões e questionamentos, pois muitas lacunas podem existir nesse processo formativo, onde muitos conteúdos só serão compreendidos com a prática e vivência da sala de aula.

Para Libâneo (2002, p. 63), “[...] a rigidez curricular e metodológica e o desligamento da prática podem aportar possíveis problemas na formação inicial do professor”. Assim, estabelecendo uma relação entre os conceitos teóricos e práticos debatidos e trabalhados na formação inicial docente, Ortenzi (2006, p. 12) aborda que “[...] existe uma desvinculação da estrutura curricular das licenciaturas com o desenvolvimento das competências reais a serem trabalhadas”.

Sendo assim, para a conclusão do curso em licenciatura em Matemática o acadêmico deverá realizar aproximadamente 28 disciplinas, distribuídas ao longo de quatro anos de curso, no entanto ao analisar as ementas do curso de Licenciatura em Matemática, percebe-se que sete das disciplinas, abordam questões relacionadas a prática pedagógica e ação docente em sala de aula, totalizando 25% da carga horária do curso, um percentual baixo com relação a grade curricular. Já para a conclusão do curso de licenciatura em Ciências Biológicas, o acadêmico deverá realizar aproximadamente 40 disciplinas, distribuídas ao longo de quatro anos de curso, no entanto analisando a ementa estabelecida ao curso, conseguiu-se notar que apenas sete disciplinas, traziam diálogos da atuação prática docente e relação da teoria com o exercício da ação docente, o que equivalia a aproximadamente 17,5% da carga estabelecida na grade curricular do curso.

Já se percebe uma discussão dos professores, em relação a estruturação curricular, isso evidencia-se na criação das disciplinas articuladoras, que é um projeto recente e que está trazendo ótimos resultados. No entanto, é necessário fazer novas adaptações para trazer mais o acadêmico para o contexto da sala de aula, para assim realmente efetivar a construção de sua identidade docente.

Após a apresentação da revisão de literatura e do referencial teórico que subsidia o nosso estudo sobre o fenômeno indisciplina escolar, apresentamos, a seguir, como foi o percurso metodológico, desde a escolha dos pesquisados, a

escolha do instrumento de pesquisa, como ocorreu sua validação até o processo de aplicação dos questionários para esse grupo de pesquisados, delimitando a trajetória do pesquisado para chegar ao objetivo do estudo.

CAPÍTULO 3

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Nesse capítulo, será apresentado o percurso metodológico da pesquisa, ou seja, qual foi a trajetória do pesquisador para chegar ao objetivo do estudo, quais foram os instrumentos utilizados para a coleta e análise dos dados, quem foram os participantes e os locais onde realizou-se a pesquisa.

3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

A pesquisa apresentada teve como objetivo Identificar as concepções que professores em formação inicial (licenciandos) possuem sobre disciplina e indisciplina. Avançando para questões específicas como: a) Identificar a relação entre as concepções dos professores (em formação inicial do curso de Licenciatura em Matemática e Biologia sobre disciplina e indisciplina; b) Desvelar como vem sendo abordado o tema indisciplina na formação inicial de professores; c) Construir o conceito de indisciplina a partir do conceito de disciplina identificadas a partir das concepções dos pesquisados.

Para o desenvolvimento dessa dissertação, necessitou-se da utilização de leituras de artigos, dissertações, teses e livros, que tratassem de questões relacionadas à indisciplina no viés da percepção de docentes. Assim, estruturou-se a presente pesquisa que é de natureza qualitativa.

De acordo com Bauer, Gaskell e Allum (2008, p. 32-33), “as investigações com enfoque qualitativo possibilitam a interpretação da complexidade de um determinado fenômeno social”. Busca-se, com base nessa perspectiva, estabelecer um melhor entendimento com relação ao fenômeno indisciplina.

Referente à pesquisa qualitativa, Gonzalez Rey (2005) infere que essa pesquisa é caracterizada por seguir um modelo dialógico, de construção e interpretação da realidade de algum fenômeno estabelecido. A esse contexto o autor retrata como sendo uma Epistemologia Qualitativa, pois “defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não apropriação linear de uma realidade que nos apresenta” (GONZALEZ, REY, 2005, p. 5).

Dessa forma, esta pesquisa é caracterizada por ser de cunho qualitativo, seus fundamentos permitem estabelecer uma reflexão no viés da concepção de docentes em formação inicial. Observa-se que como a discussão e reflexão com base no discurso dos pesquisados é uma questão muito subjetiva, o trabalho com a pesquisa qualitativa torna-se pertinente, pois com essa abordagem o pesquisador é capaz de ver mediante aos olhos daqueles que estão sendo investigados e assim aferir algumas conclusões e reflexões.

Outra característica importante dessa pesquisa é a utilização da Análise textual discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2011), para tratamento e organização de dados.

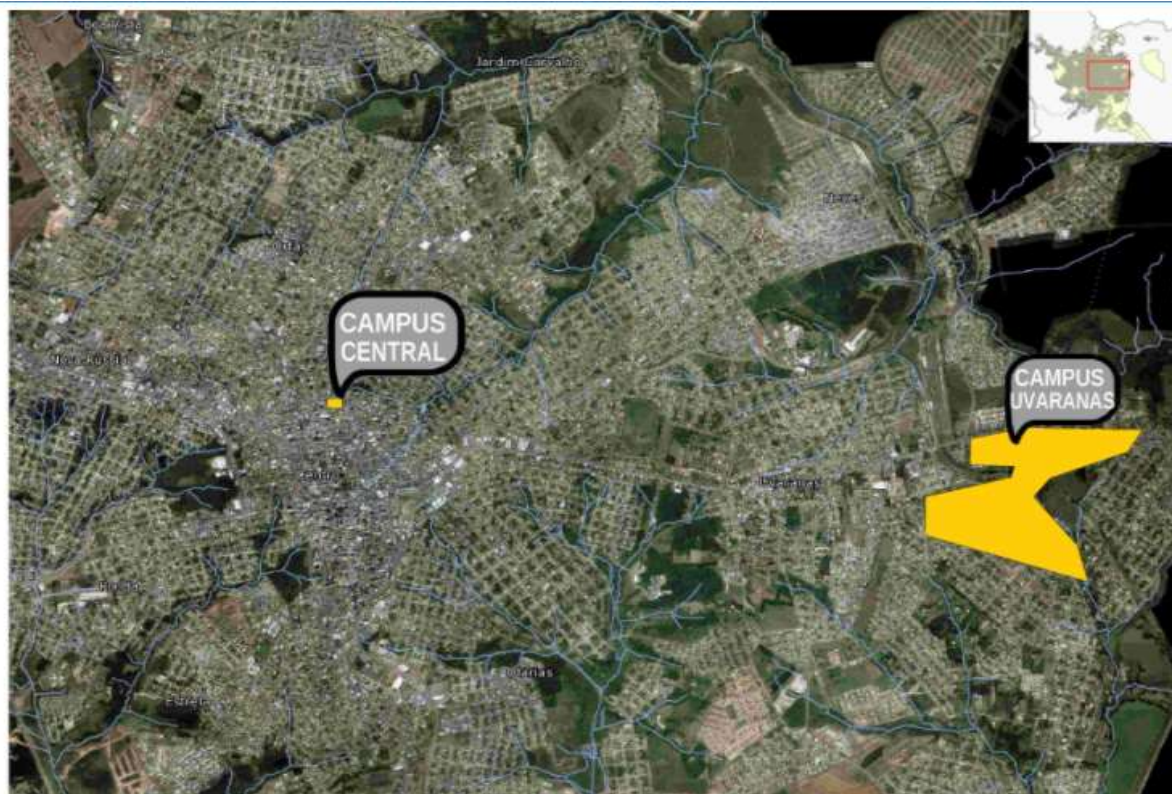
A Análise Textual Discursiva (ATD), impulsionada por Moraes e Galiazzi (2011), traz um enfoque qualitativo para a análise e tratamento de seus dados. Com a intenção de compreensão e de aprofundamento de um determinado fenômeno, nesse contexto, buscando estudar a indisciplina a partir do discurso dos pesquisados. De acordo com as autoras, “a análise textual discursiva corresponde a uma metodologia de análise de dados e informações da natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos” (MORAES; GALIAZZI, 2011, p. 7).

Nessa análise, procurou-se de maneira minuciosa e rigorosa, tratar das informações contidas no discurso dos pesquisados, sem a busca de testar hipóteses, comprová-las ou mesmo ao final da pesquisa refutar as informações coletadas, sabendo que o estudo trabalhou com a subjetividade do indivíduo, a única intenção foi a busca de compreensão dos dados coletados (MORAES, 2003).

3.2 CAMPO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), localizada no Município de Ponta Grossa no Paraná, região centro-sul do Estado. É considerada uma das mais importantes instituições de ensino superior do Paraná. Conta com 49 cursos de graduação na modalidade presencial e à distância (EAD), que são subdivididos em Licenciatura e Bacharelado. A Universidade disponibiliza aproximadamente 21 cursos de licenciatura nas diferentes modalidades e aproximadamente 28 cursos de bacharelado, além dos programas de Pós- Graduação na Modalidade lato sensu e stricto sensu.

FIGURA 1 - Mapa da Localização da Universidade Estadual de Ponta Grossa



Fonte: Portal da UEPG (2020). Disponível em: <https://fui.uepg.br>. Acesso em 15 mai. 2020.

O presente estudo, vinculado ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da UEPG, foi realizado em dois cursos de graduação da Universidade, modalidades vespertino e noturno.

A escolha dos cursos, ocorreu devido à necessidade de o pós-graduando realizar o Estágio Obrigatório de Docência no Programa de Mestrado e também devido a conversas prévias com professores em formação inicial dos cursos de Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Ciências Biológicas, que estavam enfrentando algumas dificuldades em relação ao fenômeno indisciplina, em sua prática inicial de docência. Dessa forma, escolheu-se esses dois cursos, buscando entender a percepção desses docentes em início de formação acerca da temática, porém tendo consciência que esse fenômeno pode ocorrer nas diferentes áreas de conhecimento.

Com isso, pode-se observar as diferentes percepções trazidas por esses professores em formação inicial, lembrando que o conceito de indisciplina é polissêmico, não é algo estático, e ao mesmo tempo, podendo assim verificar se os envolvidos na pesquisa, independentemente da etapa de ensino no qual estão inseridos, conseguiram realmente construir o conceito de indisciplina a partir da

disciplina. Nesse contexto, também foi observado nas falas dos acadêmicos e verificando nas ementas das graduações analisadas se a temática, como era trabalhado esse conceito nesses cursos de graduação.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Como já foi dito, um dos objetivos desse estudo, era verificar a percepção que estudantes dos cursos de Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Ciências Biológicas possuíam acerca das questões de disciplina e indisciplina. Sendo assim, realizou-se a pesquisa com 34 graduandos do terceiro ano da formação inicial (cursos de Matemática e Biologia), períodos vespertino e noturno da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Inicialmente, a escolha dos dois cursos de graduação ocorreu devido ao fato do mestrando, necessitar cumprir uma carga horária da disciplina de Estágio à Docência, crédito obrigatório no Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PPGECM - UEPG). A escolha ocorreu também devido a uma conversa prévia, entre o mestrando com alguns acadêmicos dos cursos acima citados, que estavam enfrentando algumas dificuldades com relação a inserção no Estágio Supervisionado Curricular das devidas disciplinas de estudo, dentro do contexto escolar. Esses, traziam em seus discursos algumas situações, que estavam percebendo no ambiente escolar como sendo situações relacionadas ao fenômeno indisciplina, que estavam gerando conflitos e impossibilitando a realização de determinadas ações pedagógicas.

O próximo passo, foi o acompanhamento nas intervenções pedagógicas, juntamente com os professores regentes das disciplinas de Instrumentação para o Ensino de Matemática III (ofertada no terceiro ano da graduação de Licenciatura em Matemática) e Laboratório de Ensino de Ciências e Biologia III (disciplina ofertada no terceiro ano da graduação de Licenciatura em Ciências Biológicas). Durante todo o período de acompanhamento às turmas, o mestrando conseguiu auxiliar os professores em formação inicial e também os professores regentes da disciplina, com sugestões de metodologias para utilização em sala de aula e auxílio a objetivos dos planejamentos de aula. Pode-se debater sobre o ambiente escolar, dentre outras ações realizadas para efetivação no trabalho, pois essas disciplinas possibilitam um direcionamento e encaminhamentos que auxiliam na disciplina de prática de estágio.

Para a análise e representação das falas dos professores em formação inicial, utilizou-se os seguintes códigos: para os licenciandos em Matemática, usou-se P.F.I.M (Professor em formação inicial em Matemática), e para licenciandos em Biologia, utilizou-se P.F.I.C.B (Professor em formação inicial em Ciências Biológicas) em alguns momentos nas análises, usou-se a sigla LIC (nº), representando o licenciando e o número do pesquisado que estava sendo retratado.

O período de observação participativa no estágio de licenciatura foi muito importante para a concretização desse trabalho, pois Segundo Ludke e André (1986, p. 26), a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional e possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado. Após esse período, houve a necessidade de o mestrando realizar o projeto de regência na turma escolhida, foi nesse momento que o proponente utilizou para realizar a coleta de dados com os participantes.

3.4 INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA A COLETA DE DADOS

Com a intenção de atingirmos ao objetivo desse estudo de maneira eficaz, houve um processo de reflexão e de amadurecimento da seleção dos instrumentos que poderiam potencializar o trabalho e que pudessem dar voz aos pesquisados, respeitando a sua subjetividade e trazendo à tona informações que contribuíssem para alcançar os objetivos estabelecidos.

Dessa forma pensou-se em um instrumento que foi verificado, avaliado, discutido e validado no Grupo de Estudos Políticas Públicas, Desenvolvimento Curricular, Ciência, Tecnologia e Sociedade: investigações sobre formação de professores da UEPG. O instrumento pensado foi o questionário. Marconi e Lakatos (2003, p. 201) definem **questionário** como sendo “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

Com o intuito de verificar e traçar o perfil dos pesquisados nesse estudo, aplicou-se ainda um Questionário Sociodemográfico (Apêndice A).

Após a realização do Questionário Sociodemográfico, houve a necessidade de avançar com questões norteadoras que dessem condição de atingir ao objetivo proposto nesse estudo. Segundo Gil (1987, p. 126), “a construção do questionário

consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos”.

Assim, elaborou-se um questionário (Apêndice B), com seis (6) questões abertas que pudessem trazer uma reflexão, da prática profissional que estava sendo iniciada, por esses professores em formação inicial, uma reflexão sobre conhecimentos prévios relacionados ao fenômeno, como: conceituação, motivações que pudessem explicar tal ato, responsabilizações pelos atos e consequências de situações como essas no contexto de sala de aula. Foi um instrumento que possibilitou que os licenciandos pudessem expor de maneira livre as suas opiniões, vivências, utilizando sua subjetividade, linguagem própria e reflexões.

A montagem do questionário se deu via Grupo de Estudos, buscando trazer perguntas claras e objetivas que permitissem a reflexão dos pesquisados, seguindo uma sequência lógica, possibilitando assim mais o envolvimento dos participantes, foi realizado uma testagem no GEPPE, para verificação se conseguiria retirar das questões respostas que pudessem corroborar ao trabalho e somente após todo esse processo de discussão e de diagnóstico da eficiência do instrumento que ocorreu o processo de aplicação.

3.5 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Para a realização da coleta de dados, houve a necessidade de estabelecer dois momentos. Em um primeiro momento foi apresentado o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP) da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O projeto de pesquisa atendeu as diretrizes e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Ponta Grossa pelo processo nº 30833120.0.0000.0105, parecer consubstanciado do CEP, nº4.001.148.

Após a aprovação do projeto, houve o contato com os professores e as turmas nas quais se realizou a aplicação dos instrumentos de coleta de dados da pesquisa. Os instrumentos foram aplicados nos estudantes das disciplinas de Instrumentação para o Ensino de Matemática III (ofertada no terceiro ano da graduação de Licenciatura em Matemática) e Laboratório de Ensino de Ciências e Biologia III (disciplina ofertada no terceiro ano da graduação de Licenciatura em Ciências Biológicas).

Os dados foram coletados em três turmas do 3º ano de licenciatura dos cursos acima citados. Inicialmente registrados na lista de frequência das disciplinas, constavam 40 participantes, sendo vinte e oito (28) do curso de Ciências Biológicas, subdivididos em (12 do período vespertino e 16 do período noturno) e 12 do curso de Licenciatura em Matemática.

Para a aplicação dos questionários os professores responsáveis pelas disciplinas, enviaram via grupo de WhatsApp da turma, e e-mail um informativo que haveria um seminário temático com questões referentes à indisciplina, que faziam parte do processo avaliativo da disciplina.

No momento inicial da aplicação o pesquisador explicou os objetivos da pesquisa e da utilização dos questionários e se colocou à disposição para esclarecer dúvidas. Em seguida solicitou que os licenciandos assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C).

No curso de Ciências Biológicas, estiveram presentes dez (10) discentes do período vespertino e quatorze (14) do período noturno. Já no curso de Matemática houve a participação de 10 licenciandos que aceitaram estar na pesquisa.

Dos professores em formação inicial, quatro do curso de Ciências Biológicas, não compareceram no momento de aplicação do questionário. Referente ao curso de Matemática, não houve a participação de dois acadêmicos na pesquisa, que posteriormente, não aceitaram a participação e justificaram devido à ausência de tempo. Dessa forma, o total da amostra foi de 34 professores em formação inicial.

Cada participante respondeu inicialmente ao questionário sociodemográfico e na sequência responderam ao questionário com as questões norteadoras que deram suporte para construção do presente trabalho e para a realização do seminário temático. A aplicação do questionário ocorreu com duração de aproximadamente 30 minutos, finalizando com o seminário temático de discussão.

3.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Para a realização da análise dos dados coletados, durante a construção desse estudo, foram divididos dois momentos, em um primeiro, ocorreu a análise do questionário sociodemográfico, aplicado aos participantes. E, em um segundo momento, a análise referente às seis (6) questões do questionário com as questões norteadoras.

Para organização e análise dos dados coletados, utilizou-se a análise textual discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2011). A intenção de utilizar essas informações dos licenciandos teve como objetivo a realização de um estudo comparativo entre as concepções desses professores em formação inicial do curso de licenciatura em Matemática e Ciências Biológicas, buscando assim, identificar até onde elas convergem e/ ou divergem. Elaborou-se algumas categorias de análise para serem submetidas à ATD de Moraes e Galiazzi (2011). De acordo com Sílvia Monteiro Milão (2015), em sua dissertação: “Análise dos Pressupostos Metodológicos da utilização da planilha na Educação: revisão de dissertações, onde trabalha com a ATD, concorda-se com a autora quando aborda que o “processo dentro da metodologia da ATD, já pode ser considerado uma categorização, pois cada questão traduz uma palavra ou expressão que pode ser considerada a categoria principal que emergirá e será utilizada na próxima etapa” (MILÃO, 2015, p. 67)

Para a efetivação das análises dos dados coletados, houve a necessidade de um estudo sobre as etapas da Análise Textual Discursiva (ATD). Verifica-se no quadro 10, que essas etapas já estabelecem em sua estruturação, formas de categorizar os discursos produzidos durante as pesquisas.

QUADRO 10 - Etapas da Análise Textual Discursiva (ATD)

(continua)

Etapas	Abordagem nas pesquisas
1. Desconstrução dos textos ou unitarização.	Essa é uma das etapas de maior importância. Nessa primeira fase os dados da pesquisa (questionários coletados), foram transcritos de maneira textual e organizados com ajuda de programas como Word e Excel. Posteriormente a essa forma de organização, houve a unitarização ou fragmentação dos textos em unidades constituintes, que consiste na leitura minuciosa do material investigado, com intenção de eleger, excertos relevantes e contribuintes para a pesquisa.
2. Estabelecimento de relações ou categorização	Um segundo momento da pesquisa, após a seleção dos trechos escolhidos dos discursos dos licenciandos do curso de Matemática e Ciências Biológicas, houve a categorização de tais trechos, compreendidos como elementos unitários fragmentados, de modo a realizar agrupamentos por semelhança dos discursos dos professores em fase de formação inicial, por questão respondida, procurando dessa forma juntar os elementos unitários. Para a realização dessa categorização, foram identificados os “significantes mais elementares” de cada questão respondida e posterior a isso, foram relacionados por convergência semântica.

QUADRO 10 - Etapas da Análise Textual Discursiva (ATD)

(conclusão)	
3. Emersão de uma nova compreensão:	Nessa etapa com um olhar investigativo crítico, o pesquisador procura uma “compreensão renovada do todo” (MORAES; GALIAZZI, 2011, p. 12), com uma nova concordância as fases anteriormente realizadas. É um momento de estudo e discussão sobre as categorias identificadas/ organizadas no processo. Com a intenção de estabelecer os sentidos e realizar as inferências necessárias sobre os dados produzidos durante a pesquisa, a luz do referencial escolhido no trabalho. Refere-se a fase de discussão dos resultados encontrados.
4. Processo auto-organizado	Esse processo, estabelecido pelas três etapas anteriormente citadas, compõe uma ação auto-organizada, com ela há o surgimento de novos olhares para a compreensão e interpretação referente a temática pesquisada, nesse contexto , não é possível prever os resultados finais. O processo realizado na ATD, permite que o pesquisador inicie o processo desconstruindo as informações textuais de modo a deixá-las fragmentadas, para dessa forma, reorganiza-las, fazendo o processo de reconstrução novamente, oportunizando dessa forma, “a emergência de formas novas e criativas de entender os fenômenos investigados” (MORAES; GALIAZZI, 2011, p.41).

Fonte: O autor com base em Moraes e Galiazzi (2011).

Observa-se a partir das discussões sobre a ATD e referente ao quadro exposto acima que na Análise Textual Discursiva, a atribuição de significados aos significantes expostos no corpo do texto é uma tarefa do pesquisador, porém não é algo simples, é um processo trabalhoso, pois analisa à subjetividade e interpretações próprias do pesquisador e dos pesquisados. Vale ressaltar que as interpretações e sentidos são manifestadas a partir das percepções de quem pesquisa. É um constante exercício de “produzir e expressar sentidos” (MORAES; GALIAZZI, 2011, p. 14).

Após uma leitura crítica e minuciosa dos questionários realizados, foram criadas algumas categorias prévias de análise baseadas nos questionários aplicados aos licenciandos, que se fundamentavam nos seguintes questionamentos: a) Percepção sobre a conceituação de disciplina e indisciplina; b) Caracterização do aluno indisciplinado; c) Causas e motivações frequentes referente a indisciplina em sala de aula e em outros espaços; d) Fatores responsáveis pela indisciplina do aluno;

e) Consequências da indisciplina para a aprendizagem; f) Alternativas desenvolvidas para evitamento da indisciplina em sala de aula e em outros espaços da escola.

As categorias não são fáceis de serem construídas, elas não saem prontas, existe uma questão de reestruturação, reorganização para que se qualifique enquanto categoria. Também vale frisar que se faz necessária uma constante verificação e avaliação em termos de “validade e pertinência” (MORAES; GALIAZZI, 2006, p. 125), no que diz respeito a objetivos e análise da pesquisa. As categorias são validadas quando são capazes de “propiciar uma nova compreensão sobre o fenômeno pesquisado” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 26).

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Para desvelar a forma como o professor em formação inicial percebe a questão do fenômeno indisciplina/ disciplina foram realizados questionários com trinta e quatro (34) professores em formação inicial dos cursos de Ciências Biológicas e Matemática da Universidade Estadual de Ponta Grossa, alguns já atuantes na sala de aula em diferentes: etapas do sistema de ensino (público e privado); disciplinas; grau de escolaridade, tempo de docência e idade. Como é possível perceber nos dados sintetizados no Quadro 11 a seguir, que caracteriza o perfil dos participantes.

4.1 CONHECENDO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

QUADRO 11 - Caracterização do perfil dos participantes da pesquisa

SEXO	Nº	Idade (anos)	Leciona (anos)	Rede				Escolaridade	
				Pública	Particular	Ambas	Não Lecionam	Grad	Especialização
MASCULINO	10	20-50	1 – 15	02	00	01	07	02	00
FEMININO	23	20-50	2-20	04	02	01	16	03	02
ABSTEM-SE	01	25-45	5-10	01	00	00	00	00	00

Fonte: Questionários com 34 professores em formação inicial do curso de Ciências Biológicas e Matemática da UEPG.

Referente ao perfil dos acadêmicos, a pesquisa foi realizada com um total de 34 discentes. Observou-se algumas informações que puderam, de alguma forma, influenciar nos resultados desse estudo. Tem-se a informação de que dez (10) dos pesquisados eram do sexo masculino, totalizando **29,4%**.⁶ Desses, seis (6) eram do curso de Ciências Biológicas e quatro (4) do curso de Matemática. Referente às participantes do sexo feminino, nota-se um total de **67,7%** de participação, com vinte e três (23) pesquisadas, sendo seis (6) do curso de licenciatura em Matemática e dezessete (17) do curso de licenciatura em Biologia. Houve um (1) participante que resolveu abster-se da informação referente ao gênero, o que representa 2,9% do total. Ainda se pode aferir que os vinte e quatro (24) acadêmicos de Biologia eram

⁶ Ao somar os valores 29,4% com 67,7%, obtém-se como resultado final um total de 100,1%, isso ocorreu devido ao arredondamento dos valores.

subdivididos da seguinte forma: dez (10) discentes do período vespertino e quatorze (14) do período noturno.

Notou-se também, através do questionário sociodemográfico, que 32,3% do total geral (porcentagem que equivale a 11 pesquisados) já atuavam como docentes. Desses, sete (7) já lecionavam no sistema público de ensino, pelo Processo Seletivo Simplificado do Paraná (PSS/Pr), sendo que três (3) ministram aulas de Ciências e Biologia e quatro (4) aulas de Matemática. Dos quatro (4) pesquisados restantes, dois (2) atuam na fase da Educação infantil, na rede particular de ensino, e dois (2) atuam, pela manhã, no Sistema Municipal de Ensino e à tarde em Colégio particular, com turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Um dado interessante coletado da pesquisa realizada foi que 14,7% dos pesquisados já estavam habilitados em outras graduações. Nesse contexto, há cinco (5) participantes: dois (2) do curso de Ciências Biológicas e três (3) do curso de Matemática. Dos graduandos em Biologia, um possuía formação em Administração, e o outro havia concluído o curso de Formação de Docentes (antigo Magistério) e o Curso de Licenciatura em Pedagogia. As outras três (3) participantes, como já dito, eram graduandas do Curso de Licenciatura em Matemática: uma formada em Pedagogia com especialização em Neuropsicopedagogia Clínica e duas (2) formadas no curso de Licenciatura em Física, sendo uma delas especializada em Metodologia do ensino da Física.

Também na coleta de dados inicial, observou-se que os graduandos possuíam idades entre 20 e 50 anos. Dos pesquisados, 67,6% não lecionavam, percentual relativo a 23 graduandos. Os que lecionavam possuíam algum tempo de docência: verificou-se que os participantes de sexo masculino possuíam um período que variou de 1 a 15 anos de atuação. As pesquisadas do sexo feminino tinham entre 2 a 20 anos de carreira docente. A pessoa que se absteve de informar seu gênero possuía de 5 a 10 anos de profissão.

Após a aplicação do questionário sociodemográfico e questionário com as questões norteadoras do presente estudo, realizamos um seminário temático com esses licenciandos que possibilitou uma discussão sobre o fenômeno disciplina/indisciplina, sobre anseios e dificuldades presentes no contexto escolar com essa situação, algumas sugestões de possibilidades que pudessem minimizar atos entendidos como indisciplinados e também um entendimento do que poderia ou não ser considerado como ato indisciplinar. Esse seminário temático, foi uma ação

complementar, que não influenciou nas respostas dos pesquisados, pois o questionário foi aplicado anteriormente a ação, no entanto, possibilitou um resgate de conceitos, uma análise reflexiva e até uma mudança de pensamento.

É importante ressaltar que muitos dos pesquisados autorizaram a divulgação dos nomes na pesquisa. No entanto, uma parcela solicitou a não divulgação. Dessa forma, para evitar problemas posteriores, optou-se por usar a nomenclatura P.F.I.M, que significa “Professores em Formação Inicial em Matemática”, e P.F.I.C.B (Professores em Formação Inicial em Ciências Biológicas), respeitando assim a identidade dos pesquisados.

Na próxima seção, como evidência dos resultados da pesquisa, passamos a apresentar as categorias identificadas.

4.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Por meio da Análise Textual Discursiva identificamos 5 categorias: Categoria I - Percepção sobre a conceituação de disciplina (subdividida em: Subcategoria I.I - Disciplina enquanto promoção de diálogo consciente; e, Subcategoria I.II - Disciplina para promoção do bom funcionamento da ação docente); Categoria II - Percepção sobre indisciplina (subdividida em: Subcategoria II.I - Indisciplina enquanto desrespeito; Subcategoria II.II – Concepção de indisciplina como um viés da bagunça e do caos; Subcategoria II.III – Concepção de indisciplina como atitude que prejudica o processo de ensino e aprendizagem; Subcategoria II.IV – Concepção de indisciplina como irresponsabilidade delimitada apenas aos alunos; e, Subcategoria II.V – Percepção de indisciplina como solicitação de visibilidade); Categoria III – Causas e motivações frequentes referente a indisciplina em sala de aula e em outros espaços, com algumas subcategorias; Categoria IV- Caracterização do aluno indisciplinado e Categoria V- Fatores responsáveis pela indisciplina do aluno.

4.2.1 Categoria I - Percepção Sobre a Conceituação de Disciplina

A primeira categoria analisada refere-se às percepções trazidas pelos professores em formação inicial, ou seja, os licenciandos, sobre a conceituação de disciplina.

O professor, durante a sua trajetória como aluno, inclusive na formação inicial para a docência e durante a caminhada profissional, desenvolve uma rotina de experiências (a partir da geração do conhecimento prático) e com essas experiências, trazem muitos conceitos com suas vivências cotidianas, ou mesmo surgem e se aprimoram no decorrer de sua carreira.

Nota-se, nas falas dos (34) trinta e quatro pesquisados, uma relação estabelecida entre esses dois conceitos citados (disciplina e indisciplina). Nessa primeira categoria, reúnem-se concepções da disciplina como uma condição necessária para organização e para o bem estar social em um determinado ambiente. Vasconcellos acredita que:

[...] a disciplina é uma exigência para o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano, seja ela considerada em termos individuais e coletivos. Pode haver divergência quanto à concepção de disciplina, mas, com certeza, sua ausência inviabiliza o crescimento do sujeito, uma vez que a aprendizagem, especialmente a escolar, é um processo rigoroso, sistemático, metódico (VASCONCELLOS, 2009, p. 25).

Dessa forma, entende-se que existe uma divergência na sua conceituação. Todavia, sem a sua ocorrência, existirá a impossibilidade do bem estar social e da própria efetivação do trabalho.

Observa-se, enraizada na fala dos licenciandos, uma concepção de disciplina que, de acordo com Alves Neto (2016, p. 55), parte do princípio da passividade do ser e da submissão. Essa concepção segue o posicionamento que para ocorrer a disciplina é necessário o cumprimento das regras estabelecidas por uma determinada pessoa, grupo. Trata-se de um contrato social.

Foram agrupadas algumas falas semelhantes dos licenciandos e verificou-se esse posicionamento na fala de diversos acadêmicos, como se evidencia abaixo, no quadro 12:

QUADRO 12 - Conceituação de disciplina escolar enquanto cumprimento de regras

P.F.I.M (1): Disciplina é saber cumprir o que vem a ser imposto.
P.F.I.M (2): Disciplina é entendida como cumprimento das regras estabelecidas.
P.F.I.M (15): A disciplina é a organização, é o aluno cumprindo o que é imposto.
P.F.I.C.B (22): Disciplina: seguir e compreender as ordens do espaço em que está utilizando, tanto em sala de aula quanto fora dela, ter obediência e respeito.
P.F.I.C.B (33): Disciplina implica em seguir regras e normas que são estabelecidos por determinado grupo escola, família, trabalho; também pode se referir ao cumprimento de responsabilidades específicas de cada pessoa.

Fonte: Autor a partir das respostas dos licenciandos.

A partir do discurso desses licenciandos, observa-se que o entendimento de disciplina, para eles, refere-se ao “cumprir regras e as normas estabelecidas”, e que essa é uma tarefa atribuída ao aluno. Essa é uma visão construída a partir de um processo cultural e social, que muitos desses professores em formação inicial vivenciaram nos ambientes escolares no período de seus estudos, onde o modelo disciplinar adotado era esse e que de uma certa maneira perpassou por gerações, de modo que esses licenciandos acabam reproduzindo essa visão na realidade e nas práticas pedagógicas ao qual se inserem.

Com a inserção dessa visão de conceito de disciplina nos espaços escolares, verifica-se que, para esse grupo de pesquisados, o aluno considerado disciplinado é aquele que possui um perfil de obediência, de organização e de respeito ao que é estabelecido pelos determinados grupos sociais aos quais estão inseridos. Ainda, corroborando as falas acima citadas, verifica-se que o aluno é considerado disciplinado quando cumpre a todos os combinados estabelecidos. Mostra-se isso nas falas abaixo:

P.F.I.C.B (7): Disciplina é a organização do aluno e respeito as autoridades da escola.

P.F.I.C.B (28): Disciplina é a obediência que se deve ter em relação à regras, cumprimento de deveres, é o aluno fazer tudo o que é proposto.

O aluno considerado disciplinado a partir das falas dos pesquisados é aquele que cumpre aos combinados, que realiza suas tarefas, que não conversa em sala de aula, que presta atenção, e que vai de acordo com Parrat-Dayán (2008, p. 8), quando diz que “A disciplina consiste num dispositivo e num conjunto de regras de condutas destinadas a garantir diferentes atividades num lugar de ensino”.

Para uma melhor compreensão desse discurso abordado, voltamo-nos à Maria Teresa Estrela que, em seus estudos, traz que a disciplina:

[...] tem assumido ao longo dos tempos diferentes significações: punição; dor; instrumento de punição; direção moral; regra de conduta para fazer reinar a ordem numa coletividade; obediência a essa regra. Essas conotações tendem a interpenetrar-se e, até hoje quando falamos de disciplina, tendemos não só a evocar regras e a ordem delas decorrentes, como as sanções ligadas aos desvios e o conseqüente sofrimento que elas originam (ESTRELA, 2002, p. 17).

Apesar da importância do estabelecimento de regras expressadas pelos investigados, alguns desses adicionam que as regras devem ser realizadas também para favorecer os alunos, permitindo dar visibilidade aos estudantes. Seguindo esse posicionamento, a visão da disciplina para os pesquisados trabalha com o incentivo e a participação, dando condições para ampliar a sua criticidade, além de oportunizar a

construção do conhecimento, juntamente com o professor, questionando sempre que necessário.

De acordo com Parrat- Dayan (2008), a escola sem disciplina, sem regras estabelecidas é inconcebível, essas normas e regras podem favorecer aos alunos. Verifica-se em sua fala que “A disciplina não é um conceito negativo; ela permite, autoriza, facilita, possibilita. A disciplina permite entrar na cultura da responsabilidade e compreender que as nossas ações têm consequências” (PARRAT- DAYAN, 2008, p. 8).

Notou-se, através das falas iniciais dos licenciandos, que muitos trazem uma visão que parte dos princípios tradicionalistas, onde para a obtenção de uma disciplina em espaços escolares, deveria existir regras estabelecidas e que essas, deveriam ser cumpridas para o melhor funcionamento e organização.

Ao analisarmos as falas dos licenciandos sobre as suas concepções de disciplina, percebemos que elas poderiam ser divididas em subcategorias, conforme apresentamos abaixo.

4.2.1.1 Subcategoria - disciplina enquanto promoção de diálogo consciente

Nas falas dos licenciandos que deram origem a essa subcategoria, observa-se o entendimento de disciplina como algo que vai além de cumprimento de regras, mas sem desconsiderá-las. Nota-se que não é pensado em disciplina enquanto submissão, mas sim como promoção de diálogo, como oportunidade de participação e de ampliação da criticidade. Essa concepção de disciplina enquanto promoção de diálogo consciente foi caracterizada como subcategoria e pode ser observada nos exemplos de falas abaixo:

P.F.I.C.B (21): Disciplina é a capacidade de interagirmos de acordo com as regras sociais estabelecidas para determinado lugar e ocasião.

P.F.I.M (23): Disciplina é saber seguir as regras estabelecidas pela instituição de ensino, cumprir seus deveres e então exigir e questionar seus direitos.

P.F.I.M (24): Disciplina em minha concepção é quando os educandos sabem desfrutar dos momentos ensino que são oportunizados a eles, seja com concentração, questionamentos ou troca de conhecimento entre a classe.

P.F.I.C.B (25): Disciplina são regras combinadas entre os pares para o bem estar de todos.

P.F.I.M (31): Disciplina: é um aluno participativo.

Lopes e Gomes (2012), ao pensar em disciplina, não faz uma reflexão enquanto submissão, mas como oportunidade de produção de um diálogo consciente, que

oportunize a criação e aceitação de regras no ambiente escolar, mas sem imposição, que respeite a heterogeneidade presente nos espaços escolares.

Como o foco do processo de aprendizagem é o aluno, não se pode dissociar a temática em questão do estudante. Pensar no aluno disciplinado vai muito além de enxergá-lo como aquele que apenas respeita as regras impostas, ou seja, que é submisso. Essa é uma visão excessivamente simplista sobre a complexidade dessa discussão. Segundo Braz (2008, p.4)

Ser disciplinado não é obedecer cegamente; é colocar a si próprio regras de conduta em função de valores e objetivos que se quer alcançar. Disciplina não é sinônimo de poder, é uma maneira de ser e de se comportar que permite ao aluno alcançar seu desenvolvimento pleno, tomar consciência da existência do outro, e que o ajuda ao mesmo tempo a respeitar as regras como um requisito útil para a ação.

A disciplina está associada à responsabilidade, mas em uma interpretação sem radicalismo, verifica-se que se trata de oportunizar ao aluno, através da criticidade, a assumir algumas responsabilidades. Pode-se observar isso na fala do P.F.I.C.B (26), quando diz que: “Seria o fato do educando também se responsabilizar pelo que é proposto no currículo e por determinadas ações em sala, realizando assim suas atividades, mas de maneira crítica e autônoma, respeitando os seus colegas e professores”.

4.2.1.2 Subcategoria - disciplina para promoção do bom funcionamento da ação docente

Nesse viés, de que a disciplina pode ser representada como um apoio para a efetivação de um determinado trabalho, reunimos fragmentos dos questionários de três professores em formação inicial, que podem esclarecer alguns encaminhamentos.

P.F.I.C.B (27): Disciplina refere-se a adoção de atitudes que colaborem com o bom funcionamento das aulas, atentando à organização e participação dos discentes acerca do conteúdo. Ressaltando que em momentos de descontração dos alunos o respeito ao ambiente e aos demais sujeitos esteja assegurado.

P.F.I.C.B (30): Tem a ver com organização, metodologia, organização do tempo para obter melhores resultados, nos estudos e na vida cotidiana.

P.F.I.C.B (32): Disciplina: manter a ordem, seguir regras e regulamentos, respeito, atitudes individuais em consonância com o bem estar de todos.

Logo, de acordo com esses três licenciandos, a disciplina promove espaços de aprendizagem e possibilita o bom funcionamento das aulas. Ela está relacionada ao cumprimento de regras. Contudo, refere-se também a questões de viés metodológico,

à organização de espaços, materiais, ao seguimento de regras e o respeito, aos envolvidos no processo de ensino sejam alunos, professores, equipe. É uma construção que tem aspectos individuais e coletivos, mas que tem como objetivo a produção do bem estar comum. Esse posicionamento encontra-se presente em Vasconcellos (2004, p. 49), quando diz que:

[...] a busca pela disciplina deve ser consciente e interativa e, por conseguinte, não deve ter um fim em si mesma; deve estar relacionada aos objetivos maiores da escola, que deve formar o aluno como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige, ajudando a construir a hegemonia das classes populares.

Sendo assim, o proponente desse estudo verifica que a disciplina é um conceito polissêmico e complexo, e que vai além da criação de regras. No entanto é necessário entender a importância de sua criação, que deve ser construída e não imposta. O processo de construção de normas e regras deve envolver a negociação de um contrato didático, produção realizada em parceria com o professor e os estudantes, no qual todos tenham visibilidade para discutir qual o melhor caminho a se seguir, visto que no processo de aprendizagem todos são participantes e importantes.

Pensa-se então em disciplina como regras refletidas e construídas em pares, que auxiliem no bom andamento do processo de ensino e de seus resultados, que permitam a efetivação do processo de ensino e aprendizagem e de produção de conhecimento.

4.2.2 Categoria II - Percepção da Indisciplina

Nessa segunda categoria, encontra-se uma discussão referente a conceituação de indisciplina pelos graduandos. Verificamos alguns significantes com maior presença no discurso desses pesquisados. Os licenciandos, entendem a indisciplina por diferentes viéses, que vai desde o campo comportamental, organizacional, metodologias empregadas em sala de aula.

A indisciplina trata-se de um conceito polissêmico, seu entendimento por todos os envolvidos no processo de ensino é complexo e diferenciado, há inúmeras interpretações, no entanto não existe um posicionamento entendido como correto ou errado e sim perspectivas diferenciadas.

Segundo Melo (2016, p. 5) temos que a indisciplina é:

[...] tudo aquilo que contraria as regras pré-estabelecidas, quer sejam familiares, escolares ou sociais, é um conjunto de ações que fogem do que é

relevante ao comportamento dos envolvidos, a falta de respeito às regras, às normas, desobediência, insubordinação, rebeldia, falta de limites.

Com relação a indisciplina equanto descumprimento de regras, observamos a forte presença de algumas falas dos pesquisados que dizem no quadro 13:

QUADRO 13 - Percepção dos licenciandos sobre a indisciplina

P.F.I.M (1): “É não saber se comportar diante de uma determinada situação, violando um padrão comportamental”.
P.F.I.M (2): “Indisciplina é vista como: o aluno não obedecer às regras de um determinado ambiente e assim gerar conflitos”.
P.F.I.C.B (4): “O aluno que deixa de cumprir regras e desrespeita colegas e professores”.
P.F.I.M (6): “Deixar de seguir o padrão”.
P.F.I.C.B (7): “Desobediência” do aluno (discordância de opiniões)”.
P.F.I.C.B (8): “Não saber seguir regras”.
P.F.I.M (10): “Aquilo que infringe as regras determinadas”.
P.F.I.C.B (12): “Tudo aquilo que foge da disciplina, ou seja ao cumprimento de regras”.
P.F.I.C.B (13): “É fugir de regras de condutas”.
P.F.I.M (15): “Quebra de regras e está relacionada ao comportamento”.
P.F.I.C.B (21): “Indisciplina é a quebra das regras estabelecidas para determinado comportamento social”.
P.F.I.M (23): “Indisciplina é não cumprir as regras, não respeitar os colegas e as autoridades das instituições”.
P.F.I.C.B (25): “Indisciplina é quando as regras são quebradas”.
P.F.I.C.B.(28): “Indisciplina é a falta dessa obediência, não cumprimento de deveres, ordens”.

Fonte: Autor, a partir das falas dos pesquisados.

Nota-se enraizado no discurso dos licenciandos que a indisciplina nesse primeiro aspecto está relacionada a questão comportamental, esses pesquisados entendem a disciplina como respeito à regras e normas criadas por um determinado grupo social e que devem ser seguidas e respeitadas, para a eficácia de um determinado trabalho. No entanto, também percebem que o não cumprimento dessas normas estabelecidas, geram a indisciplina e nesse contexto o aluno indisciplinado, que representa aquele que descumpra os combinados, causa desordem, discorda das opiniões, gera conflitos no contexto escolar. De acordo com Goulart (1993, p. 147), o aluno considerado indisciplinado é aquele que está “ocupado com alguma atividade diferente daquela determinada pelo professor ou combinada com ele. Ou seja, a atividade da criança indisciplinada não tem os mesmos objetivos da atividade realizada em classe”.

Esse desrespeito à combinados, pode gerar conflitos no ambiente escolar, como citam os graduandos P.F.I.M (2); P.F.I.C.B (4); P.F.I.M 23. Trevisol e Lopes (2008), trazem que muitos dos profissionais que atuam nas escolas, tem em mente que a questão indisciplinar refere-se a comportamentos inapropriados de alguns

alunos quando causam perturbação no ambiente escolar, ficam agitados, assumem posturas violentas, são desinteressados, desrespeita as normas da escola. Observa-se nas falas desse primeiro grupo de educadores que nas atitudes consideradas indisciplinadas, é dado maior ênfase nas posturas do aluno, que continua sendo considerado o único “sujeito que representa a indisciplina”.

A indisciplina, está ligada a inúmeras variáveis, no entanto, verifica-se com força que está associada a quebra do contrato social e a violação comportamental.

As causas da indisciplina são múltiplas, e, muitas vezes, elas estão mais nos contextos que a produzem do que no indivíduo. Mas, como a indisciplina gera indisciplina, da mesma maneira que a violência gera violência, a indisciplina na escola pode expressar, na realidade, alguma coisa para além do desejo de perturbar ou de ser indisciplinado. Às vezes, ela representa a dificuldade do aluno para ser reconhecido; outras é a expressão dos maus tratos que recebe ou dos problemas familiares (PARRAT- DAYAN. 2011, p. 9).

Na segunda categoria também identificamos algumas subcategorias, que auxiliam no entendimento do fenômeno que passamos a descrever abaixo.

4.2.2.1 Subcategoria - indisciplina enquanto desrespeito

Além da visão da desordem a indisciplina pode estar relacionada ao desrespeito e que segundo Rosso e Camargo (2011), muitos professores vem indicando que esse desrespeito e a indisciplina gerada, são situações que mais colaboram para o desgaste professoral. Temos algumas falas dos pesquisados que retratam essa visão da indisciplina enquanto desrespeito ao professor, aos espaços educativos, desrespeito aos colegas de classe ou mesmo ao próprio processo de ensino. De acordo com Aguiar (2013, p. 4 - 5), concorda com Aquino (1997), quando diz que:

o aluno de hoje é menos respeitador do que o de anos atrás, na verdade, a escola atual teria se tornado muito permissiva, em comparação com o rigor e a qualidade daquela educação de antigamente. Os alunos desrespeitosos, que destituem o professor do seu lugar de autoridade, são considerados como a principal causa da indisciplina.

Na fala dos graduandos verifica-se esse entendimento da indisciplina enquanto desrespeito, porém coloca ainda a culpabilização apenas no aluno, ou seja novamente voltamos a terminologia “ o aluno é o sujeito da indisciplina”. Nas frases abaixo, do quadro 14, podemos observar alguns exemplos de falas que evidenciam essa questão.

QUADRO 14 - Indisciplina enquanto desrespeito

P.F.I.C.B (5): Desrespeito, falta de conduta, comportamento alterado negativamente.
P.F.I.M (6): Em um contexto geral, indisciplina pode ser a falta de assiduidade a alguma coisa. No contexto escolar, vemos que a indisciplina é a falta de respeito e/ou educação com os colegas e professores.
P.F.I.C.B (9): Abalar o bem-estar do próximo e falta de respeito.
P.F.I.C.B (17): Desrespeito tanto aos colegas, quanto com os professores.
P.F.I.C.B (19): Desrespeito com o professor e outros alunos.
P.F.I.M (29): Indisciplina é a bagunça, mau educação, aluno que nao respeita, nao faz o que é indicado, nao presta atenção.

Fonte: Autor, a partir das falas dos pesquisados.

A partir dos exemplos de falas acima, pode-se observar que nesse contexto pesquisado é forte a associação que se dá a indisciplina enquanto desrespeito ou descumprimento de uma ordem. É destacada que esse tipo de comportamento alterado, é negativo e foge das ideias propostas no contexto escolar.

Observa-se a partir das falas destacadas, um direcionamento da indisciplina para o aluno e ainda se percebe que os licenciandos refletem que não é somente os alunos que perdem quando atos indisciplinares estão em sala de aula, mas professores e todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Apesar do tempo em que se perde em sala de aula com a indisciplina escolar e o quanto que isto tem perturbado os educadores no sentido do desgaste gerado pelo trabalho em um clima de desordem, pela tensão provocada em função de uma atitude defensiva, pela perda do sentido e da eficácia e a diminuição da autoestima pessoal que leva sentimentos de frustração, desânimo e ao desejo de abandono da profissão. (OLIVEIRA; SCHMIDT; PORTELA, 2011, p. 1422).

A indisciplina acaba prejudicando a todos os envolvidos no processo de ensino, uma vez que professores não estão motivados devido ao desrespeito em suas intervenções e muitas vezes outros alunos que frequentam os espaços escolares, não conseguem se concentrar porque o meio ao qual estão inseridos não está adaptado para recebê-los. De acordo com Banaletti e Dametto (2015, p. 9)

[...] a indisciplina é um dos fatores que tem gerado mais desgaste na rotina do professor, atos indisciplinares comprometem o seu estado emocional, gerando sentimentos de frustração, tensão, desânimo e baixa autoestima. Há professores que depois de um dia de trabalho pensam em desistir de sua profissão devido a esta situação, sofrendo em uma dimensão física, psíquica e moral.

Logo, se verifica a partir da fala dos pesquisados, que a indisciplina se caracteriza como o oposto do que é evidenciado na disciplina, que se refere a desordem e ao desrespeito a todos os envolvidos no processo de ensino, comprometendo dessa forma a aprendizagem.

4.2.2.2 Subcategoria - concepção de indisciplina como um viés da bagunça e do caos

Identificamos também nas falas dos licenciados, a indicação da indisciplina seguindo o viés da bagunça e do caos. O P.F.I.C.B (14) traz que: “é um conjunto de ações que são tidas como “erradas” perante as regras impostas”. Completando a fala a P.F.I.C.B (16) diz que: “a indisciplina é o caos que desorganiza e descompensa o andamento de determinada situação”.

Chagas (2001) destaca que a indisciplina, nos espaços de aprendizagem, é vista através do mal comportamento do aluno, onde temos o bagunceiro, o que não respeita as regras, sem demonstrar respeito ou interesse pelo professor e pelos envolvidos no processo de aprendizagem. E isso se verifica nas falas dos pesquisados, referente a conceituação de indisciplina.

O P.F.I.M (29), nos traz uma reflexão ao conceituar a indisciplina como uma bagunça, uma má educação, um desrespeito, o não fazer o que é indicado pelo meio social ou mesmo o que não presta atenção. O perfil entendido nessa fala é do aluno, que como indica Carvalho e Rodrigues (2013, p. 2)

aluno indisciplinado se rebela, não acata, nem se submete, nem tão pouco se acomoda, provocando dentro da sala de aula um desrespeito e questionamentos, é incapaz de se ajustar às normas e padrões explícitos pela escola.

Nesse contexto o entendimento do que leva esse tipo de posicionamento, seria um caminho para minimizar atos, considerados indisciplinados e que são considerados obstáculos nos contextos escolares. Temos que essa visão de indisciplina enquanto, desordem, bagunça, desrespeito é um dos grandes obstáculos no processo de ensino, em Aquino verifica-se que:

O ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos como: bagunça, tumulto, falta de limites, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade etc. (AQUINO, 1996, p. 40).

No posicionamento desses licenciandos, percebe-se que o aluno que não respeita as regras estabelecidas pela escola, que tem perfis disciplinares não condizentes, são considerados indisciplinados. E a consequência da falta de regras leva a situações como: não aprendizado, caos escolar, dentre outras situações que podem afetar o ambiente escolar, como o meio social.

4.2.2.3 Subcategoria - concepção de indisciplina como atitude que prejudica o processo de ensino e aprendizagem

Outra visão referente a indisciplina, também pode ser entendida como algo que prejudica o processo de ensino e aprendizagem, ou seja, as falhas encontradas no decorrer do processo. Esse entendimento, é debatido em algumas falas de licenciandos, onde trazem que, P.F.I.M (3): “a indisciplina representa práticas que inviabilizam o aprendizado” e P.F.I.C.B (20): “define que é não deixar a aula fluir”.

De acordo com isso, Oliveira (2005, p. 21) diz que a indisciplina pode:

[...] causar danos ao professor e ao processo ensino-aprendizagem, o aluno também é prejudicado pelo seu próprio comportamento: ele não aproveitará nada dos conteúdos ministrados durante as aulas, pois o barulho e a movimentação impedem qualquer trabalho reprodutivo.

O que se discute nessa fala é que as queixas levantadas pelos profissionais de educação, que indicam a grande presença da bagunça e da falta de respeito dos alunos considerados indisciplinados, faz com que o ato de ensinar torne-se difícil, podendo dessa forma gerar consequências para o processo de ensino e aprendizagem.

O P.F.I.M (33), traz que “a indisciplina escolar assombra o universo escolar, e se torna um grande desafio tanto para alunos quanto para professores e família, além de dificultar o processo de aprendizagem, esse tipo de comportamento pode afetar a construção das relações e prejudicar a sociabilização dos alunos e logo refletir no processo de aprendizagem”. Dessa forma, a presença do fenômeno da indisciplina presente na escola gera problemas de aprendizagem. De acordo com Silva (2014, p. 21):

[...] as consequências geradas pela indisciplina trazem dificuldades no avanço do processo de aprendizagem do aluno, que acabam por desestimular o aluno em seu desenvolvimento escolar. A escola precisa restabelecer sua função e dar ênfase na melhoria da práxis pedagógica, organizando com competência suas aulas, planejando e replanejando quando necessário.

E isso se explica, em como o aluno aprende, se não existir um ambiente favorável para a aprendizagem, onde existe o diálogo a construção coletiva, a troca entre professor x aluno, aluno x aluno e a troca entre todos os envolvidos no processo, pode causar inúmeras situações que venham a prejudicar o processo de aprendizagem e de desenvolvimento dos estudantes.

Para ressaltar, Garcia (1999) traz uma contribuição mostrando que:

Deve-se considerar a indisciplina sob a dimensão dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola, na relação com seus pares e com os profissionais da educação, no contexto do espaço escolar - com suas atividades pedagógicas, patrimônio, ambiente etc. Finalmente, é preciso pensar a indisciplina no contexto do cognitivo dos estudantes. Sob esta perspectiva, define-se indisciplina como a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes” (1999, p. 102).

O professor P.F.I.C.B.(22), cita a indisciplina dizendo que: “essa ocorre quando possa acontecer uma falha no ensino, não exatamente pelo colégio em que está. As falhas do ensino, podem estar relacionadas ao aluno quando está desinteressado devido a como as aulas estão sendo organizadas e ministradas, ou mesmo relacionadas a estrutura organizacional dos espaços escolares, como propostas curriculares e questões metodológicas.

[...] propostas curriculares problemáticas e metodologias que subestimam a capacidade do aluno (assuntos pouco interessantes ou fáceis demais), cobrança excessiva da postura sentada, inadequação da organização do espaço da sala de aula e do tempo para a realização das atividades, excessiva centralização na figura do professor (visto como o único detentor do saber) e, conseqüentemente, pouco incentivo à autonomia e às interações entre os alunos, constante uso de sanções e ameaças visando ao silêncio da classe, pouco diálogo, etc. (REGO, 1996, p.100).

Ainda com relação ao andamento da indisciplina relacionada as propostas pedagógicas, o P.F.I.C.B (27), traz que “entende-se que, a indisciplina perpassa um caminho contrário e prejudicial ao processo de ensino e aprendizagem”. Verifica-se que uma parcela do surgimento da indisciplina, pode ser atribuída ao aluno, no entanto o professor deve se responsabilizar também. Assim, quando se tratar da indisciplina deve-se também refletir sobre:

a ação do professor, que também pode estar permeada por ações que deixam transcorrer indisciplina, principalmente quando os alunos observam falta de compromisso com o fazer pedagógico, propiciando no contexto escolar desafios que muitas vezes nos deixam sem condições de aprendizagem (SILVA, 2014, p.10).

Percebe-se nas falas anteriores que verificam que a indisciplina não é considerada apenas como o mal comportamento do aluno, ou o aluno que não realiza as atividades propostas, ela parte para uma dimensão de corresponsabilização, onde todos os envolvidos no processo podem possuir uma parcela de culpa, ou seja as ações de todos os que estão inseridos no processo de ensino desse aluno, podem ocasionar interferências, que podem ser de potencialização da aprendizagem ou mesmo ações geradoras do perfil indisciplinado.

4.2.2.4 Subcategoria - concepção de indisciplina como irresponsabilidade delimitada apenas aos alunos

Nessa sessão evidenciamos aspetos da indisciplina enquanto irresponsabilidade delimitada apenas aos alunos. Segue abaixo alguns exemplos de falas de licenciandos que abordam esse aspecto da indisciplina: o pesquisado, P.F.I.C.B (30), destaca que na “Indisciplina associamos como a irresponsabilidade apenas do aluno, falta de foco, de objetivos, delineados, pessoas que não conseguem se organizar e na maioria das vezes está associado a rebeldia e insubordinação. Já o P.F.I.C.B (34), traz que na Indisciplina os alunos problemas são “irresponsáveis e totalmente revoltados devido a essa irresponsabilidade”. Partindo dessa indicação Aquino (1996, p. 62-63) discute que:

[...] o aluno-problema é tomado, em geral, como aquele que padece de certos supostos distúrbios psicopedagógicos; distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva, ou seja, distúrbios de aprendizagem ou de natureza comportamental. Dessa forma, a indisciplina e o baixo aproveitamento dos alunos representam dois grandes males da escola contemporânea, geradores do fracasso escolar, e os dois principais obstáculos para o trabalho docente. Na verdade, os alunos-problema podem ser tomados como ocasião privilegiada para que a ação docente se afirme, e que se possa alcançar uma possível excelência profissional. O que se busca, no caso de um exercício profissional de qualidade, é uma situação-problema, para que se possa, na medida do possível, equacioná-la, o que se oportuniza a partir das demandas difíceis dos educandos.

Nesse mesmo sentido de acordo com Torelli (2009), verifica-se que a indisciplina é entendida por muitos educadores como um fenômeno problema específico e restrito aos alunos, porém ao se ter essa visão, esquece de considerar os componentes culturais, ideológicos e políticos que estão presentes na realidade escolar e na nossa própria sociedade disciplinar e que acaba por afetar o processo de constituição dos alunos.

Ainda corroborando a visão da indisciplina como algo específico dos alunos, encontra-se a fala da P.F.I.M (24) que diz : “a indisciplina ao meu ver é quando o aluno é irresponsável e não sabe o momento de ouvir e de se concentrar, tornando a aula muitas vezes cansativa e desgastante, tanto para os professores quanto para os colegas”.

4.2.2.5 Subcategoria – percepção de indisciplina como solicitação de visibilidade

Tem-se ainda a percepção do P.F.I.C.B (11), que entende a indisciplina como “a falta de adaptação e que depende do contexto”. Lembrando que cada participante

do processo de ensino e aprendizagem é único e que necessita ser respeitando, necessitando dessa forma que a sua bagagem histórico e cultural deve ser considerada para a construção do conhecimento e para a realização do ato educativo. Sobre isso, Libâneo (1991, p. 156) traz que

o ato educativo é uma totalidade, na qual afluem fatores (sociais, econômicos, psicológicos) que se constituem nas condições para o desenvolvimento individual. Condições biológicas, condições sociais, disponibilidades psicológicas são todas mediações entre o indivíduo e a sociedade, e que permitem ou dificultam à criança apropriar-se do patrimônio cultural, construindo-se pela sua própria atividade, como ser humano, vale dizer, como ser social.

Por fim, um último licenciando, P.F.I.C.B (18), traz que a sua percepção sobre indisciplina se refere ao “chamar atenção para algo”. É uma visão interessante pois permite avançarmos para diferentes vieses, o que seria esse algo? Seria mostrar ao professor que esse aluno, existe no ambiente escolar e muitas vezes o professor não está enxergando, que não estão compreendendo o que estava sendo repassado, pois é um estudante que pode possuir alguma dificuldade que pode ser de aprendizagem, ou mesmo familiar, ou ainda algum problema com o seu “eu” interior, ou outras motivações, existem inúmeras possibilidades para esse “chamar atenção” e que podem ser o ponto chave para sanar esse fenômeno com muita ocorrência no ambiente escolar.

Dessa forma, verifica-se que para esse grupo de licenciandos pesquisados a indisciplina segue seis (6) posicionamentos, muitos deles correlacionados, mas apresentando mais força nas falas dos licenciados, alguns dos posicionamentos encontrados foram que os licenciandos entendem indisciplina enquanto: a) descumprimento à regras estabelecidas, e totalmente ligada à questões comportamentais. b) Falta de respeito. c) Sinônimo de bagunça. d) Situação prejudicial para o bom andamento da ação pedagógica. e) Irresponsabilidade atribuída ao aluno. f) solicitação de visibilidade. Entende-se que existem outros posicionamentos e que conseqüentemente irão delimitar novos entendimentos e conceituações acerca da indisciplina, entretanto esses seis posicionamentos foram estabelecidos com maior força na fala dos pesquisados.

Logo, o proponente desse estudo enxerga a indisciplina muito semelhante ao posicionamento do P.F.I.C.B (18), a indisciplina pode ser atribuída sim a questões comportamentais, a falta de seguimento de regras estabelecidas, no entanto deve ser entendida como um pedido de socorro e de visibilidade, por parte do aluno, dizendo

que não está bem e que independente da sua motivação para estar naquela situação, precisa de suporte, e de direcionamento.

4.2.2.6 Perspectivas sobre a relação entre disciplina e indisciplina.

Embora a quantidade de licenciandos nesse grupo não seja muita expressiva, achamos interessante evidenciar os discursos desses licenciandos, pois estabelecem uma relação entre disciplina e indisciplina, e apontam que esses licenciandos percebem que ambos os temas são complexos, que possuem diferentes significações e que são altamente dependentes. Na pesquisa realizada, verifica-se as seguintes falas:

P.F.I.C.B (26): Indisciplina vai ao contrário da disciplina, mas estão de alguma forma relacionadas.

P.F.I.C.B (31): A construção desses dois conceitos está estritamente relacionada, ambos são bem complexos, mas não podem ser separados, vejo que não haverá indisciplina se forem construídas regras claras.

Na fala do P.F.I.C.B (26), podemos observar que esta apresenta visões comentadas anteriormente de indisciplina como o oposto da disciplina, porém ao mesmo tempo, traduz uma visão de relação entre esses dois fenômenos. Já o P.F.I.C.B (31), enuncia a relação existente entre esses dois fenômenos, que são questões que não podem ser desvinculadas, e o ponto chave que chama atenção é evidência de que a indisciplina pode não ocorrer em espaços educativos, se forem juntamente com os pares criadas regras construídas e não impostas, assim oportuniza o aluno a se responsabilizar também pelas ações, pois as regras construídas são claras e democráticas, mais próximas do aluno, do professor e de todos os envolvidos no processo.

A motivação e manutenção do interesse do grupo turma, abrange uma multiplicidade de formas: Monitorizar o trabalho, pela observação da forma como executam a tarefa proposta, apoio para superarem dificuldades, feedback [...] uma boa relação professor-aluno é um importante trunfo na gestão da sala de aula, pois os alunos dão uma enorme importância à pessoa do professor e, no campo disciplinar, o “gostar” ou “não gostar” do professor pode fazer a diferença, pode significar “ganhar ou não os alunos”.[...] Estabelecer relações interpessoais positivas implica disponibilidade para ouvir os alunos, para se aproximar deles, ser afetuoso, empático, inspirar confiança, mas também ter humor, ter e ser calmo na abordagem dos problemas, respeitar o aluno, isto é, confiar nele e não o humilhar, tudo isto com a dose de firmeza necessária para fazer cumprir as decisões tomadas (SANTOS, 2014, p. 8-10).

A construção de regras claras, coletivas e democráticas e a chave para um bom encaminhamento para o ato de ensino e também para o bom desenvolvimento do processo de trabalho, tanto do professor, como dos alunos e ainda de todos os envolvidos nesse processo de ensino. Enquanto educadores, não se deve impor regras deve-se ensinar e construir juntos, pois muitos estudantes não sabem como lidar com normas, pois não tiveram um direcionamento, muitos interiorizados querem seguir, mas em determinados momentos os responsáveis pelo processo, não mostram o caminho de como fazer e de sua importância. Dessa forma Antunes (2013) destaca que:

A indisciplina em sala de aula é sempre uma violação de regras, e as regras disciplinares são violadas ou porque existem professores esmagados em seu orgulho ou porque, talvez esses alunos não foram levados a aprender que sem regras não existe relação interpessoal, não existe vida em grupo, não existe a forma da solidariedade para o bem e para o mal. Ainda [...] O essencial é fazê-los descobrir sua existência, chama-los para nos ajudar a compor um quadro de princípios, uma linha de conduta coletiva pautada por regras (ANTUNES, 2013, p.184-187).

Dessa forma, verifica-se que existe uma relação entre disciplina e indisciplina, mas no sentido de criação de regras, pois através do contrato pedagógico, são criados compromissos para o bem estar dos envolvidos no processo e para a melhoria do ambiente, e essas regras, deveriam ser construídas de maneira clara, democrática e refletindo sempre a importância de cada uma, permitindo que todos os sujeitos envolvidos em sua construção tornem-se parte e se responsabilizem pelo processo, conduzindo todos para um caminho de diminuição ou mesmo extinção de atos disciplinares em sala.

4.3 CATEGORIA III - CAUSAS E MOTIVAÇÕES FREQUENTES REFERENTE A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA E EM OUTROS ESPAÇOS

Essa categoria, reúne as unidades de análise que buscam encontrar as motivações para atos considerados disciplinares em sala de aula. Segundo Vasconcellos (2004), existem 5 grandes grupos que devem ser considerados ao se pensar em causas de atos disciplinares no contexto escolar, que são: Sociedade, Família, Escola, Professor e Aluno. Verificou-se na fala dos estudantes a presença desses cinco grupos, todavia o proponente, realizou uma subcategorização, composto por 9 (nove) grupos que visam um melhor entendimento das causas frequentes desse fenômeno presente em nosso ambiente de ensino, são eles: Falta de limites,

Problemas familiares e condição social, Desinteresse do aluno, Omissão da equipe escolar, Relação entre os pares e o não direcionamento, Estrutura escolar, Desmotivação e falta de perspectiva, Reprodução de vivências, Pedido de socorro e Questões afetivas.

4.3.1 Subcategoria III - a – Percepções Sobre as Causas da Indisciplina como Falta de Limites

P.F.I.C.B (21): Acho Que as causas mais frequentes da indisciplina é a falta de limites impostos pelos pais.

P.F.I.M (24): Acredito que as causas da indisciplina vêm de vários fatores: falta de conhecimento das regras/ rebeldia ao quebrar as regras estabelecidas/ falta de costume em seguir regras é não ter limites.

P.F.I.C.B (25): Falta de limites que a pessoa/aluno (a) possui, comportamento antissocial e desrespeito às normas e às demais pessoas, colegas, professores, funcionários é culpa da ausência familiar.

P.F.I.C.B (30): Acredita que as causas são inúmeras e dependem do contexto de cada aluno, podendo citar: Falta de limites em casa, desvalorização do estudo (o aluno não vê importância no estudo), desmotivação do aluno, problemas psicológicos, problemas relacionados ao convívio familiar (como a falta de atenção e carinho por parte da família).

P.F.I.C.B (33): A falta de limite e educação, que muitas vezes não é estabelecida pelos responsáveis em casa.

A falta de limites, é uma situação que pode gerar problemas para o convívio social. Segundo Parrat-Dayan (2011, p. 78):

Para analisar os problemas de indisciplina é interessante analisar o discurso dos educadores sobre o tema. Assim, uma representação hoje comum entre os professores é a que supõe, no contexto social atual, a manifestação de uma perda de valores que se reflete na conduta dos alunos, associada a mudanças negativas nos processos de socialização das famílias.

De acordo com Parrat-Dayan, falas como essas expressas acima são muito comuns em contextos escolares. Esses licenciandos trazem em discussão que a permissividade no contexto familiar, sem que seja construído e discutido com a criança, pode gerar problemas que interferem no ambiente escolar, além de problemas pessoais nessas crianças. Para Hito (2012, p.124) com base em Capelatto (2001, p. 3)

[...] a ausência de limites vai, necessariamente, provocar o não nascimento da afetividade, gerando indiferença, vai diminuir a resistência à frustração; vai impedir a formação do juízo crítico e, assim, impedir a constituição da saúde mental (a formação do EU, da autoestima e dos desejos).

A partir da fala do P.F.I.C.B (21), temos que essa falta de limites é um indicativo de questões presentes no contexto familiar. E que de certa forma afetará o âmbito escolar, que é onde o aluno passa grande parte do tempo tornando assim difícil a

estruturação de uma aula e até mesmo o convívio social. Arantes (2011), aborda que essa questão não é exclusiva da família, ela começa nessa instituição, no entanto o ambiente escolar, traz inúmeras influências e essas podem ser decisivas para o processo de aprendizagem.

A fala do licenciando (24), é interessante, pois ele faz uma associação da questão de limites, a formação e estruturação de regras. Verificou-se anteriormente a importância de formação de regras, que sejam claras para os estudantes e ao mesmo tempo, a importância de ensinar essas normas, pois muitos alunos chegam no contexto escolar sem nunca terem vivenciado essas situações em outras realidades. Logo, torna-se uma tarefa da instituição escolar de direcionar esse aluno.

Santos (2016, p. 13), com base em Zagury (1996) afirma que,

Sentir limites é para criança uma questão de segurança – uma necessidade básica. Não estabelecer limites é uma opção que um pai pode fazer. Mas é importante que, se o disser, o faça sabendo que, ao contrário do que possa parecer, é também através dos limites que a criança percebe que alguém se preocupa com ela e a protege. O limite faz com que ela perceba também que esse alguém é um alguém forte, que sabe e tem segurança do que faz.

Pela fala dos analisados, observa uma negligência por parte familiar, sobre essa responsabilização dos ensinamentos dos limites e isso é verificado quando a criança vai a outros ambientes e não consegue assumir comportamentos entendidos como aceitáveis para aquele determinado espaço.

Na fala do licenciando (25), ele traz que devido a ausência familiar, pode existir a ocorrência da falta de limites, gerando situações como comportamento antissocial e desrespeito às normas. Conforme Santos (2004, p. 46):

A ausência de limites, instituídas na educação familiar por pais demasiadamente tolerantes, fecunda consequências desastrosas, produzindo crianças indisciplinadas, extremamente agressivas, insolentes, rebeldes, por conseguinte vivem sempre em conflitos internos, demonstram insegurança em tudo realizam, crescem ampliando paralelamente sentimentos nada plausíveis, como o egoísmo e a intolerância, pois estão sempre convictos de que as pessoas que os rodeiam estarão a sua disposição para satisfazer suas necessidades.

Situações comportamentais nos alunos como baixa autoestima e também comportamentos de caráter antissociais, podem ter ocorrência devido a ausência de monitoramento dos pais. Nesse contexto, Silveira e Wagner (2009), destacam que é de extrema importância ensinar e construir em conjunto as regras de convivência, mostrando a sua real importância, além é claro de indicar a importância do “não” para o desenvolvimento da personalidade.

É notável que nos espaços escolares, deve existir uma contribuição para o relacionamento e estabelecimento de relações entre docentes e discentes e é esse espaço que pode favorecer o entendimento das normas escolares possibilitando que os momentos vividos no âmbito escolar sejam tranquilos. As relações estabelecidas nesse local proporcionam a ampliação da visão de mundo de todos os envolvidos no processo pedagógico. É nesse contexto que Silva, (2011) destaca que:

É nosso dever educar nossas crianças e jovens sem o temor de aplicar os limites, as regras e as respectivas normas, pois estas serão o suprassumo que circundará os passos nos degraus da vida e, sobretudo, ensiná-los por meio de valores. Fazer perceber que perdoar é renovar o espírito, que ser tolerante é conseguir enxergar o que muitos não veem que ser solidário é a maior demonstração de humanidade, que ser caridoso é ajudar o próximo, que amar é a maior dádiva dada ao homem para ir a algum lugar. Este é o maior desafio dos educadores: educar nossas crianças e nossos jovens sem medo, mas com limites e valores (SILVA, 2011, p. 175).

Logo, torna-se importante destacar que se deve estar atento as indicações dessas situações como falta de limites no contexto escolar, realizando um trabalho cujo o diálogo seja o ponto chave para o real entendimento e solução da situação, construindo e ensinando aos envolvidos no processo as regras que tenham significado e sejam criadas de maneira clara e democrática.

Ainda ligada a questão referente a falta de limites dos alunos, mas tornando o assunto mais específico relacionando à família, apresenta-se o grupo a partir das falas dos graduandos que retrata a causa da indisciplina voltada à assuntos familiares e a condições sociais. Abaixo, trazemos algumas das falas.

4.3.2 Subcategoria III- b – Percepções de Indisciplina Relacionada a Problemas Familiares e Condição Social

P.F.I.M (2): Condição social, econômica e familiar que o aluno vive.

P.F.I.M (3): Carência, desmotivação, problemas familiares.

P.F.I.C.B (5): Muitas vezes, mesmo quando a escola tenta resolver o caso, há a omissão dos próprios pais, que gera um ciclo, onde o aluno sabe que a sua indisciplina não trata consequências e ao mesmo tempo os pais transferem todas as responsabilidades ao meio educacional.

P.F.I.M (6): Família, professor-aluno, colegas, desinteresse de ambas as partes, vivências/experiências.

P.F.I.C.B (7): Problemas externos, como familiares, emocional, distúrbios. Falta de “pulso firme” ou atenção dos familiares.

P.F.I.C.B (11): Carência de atenção, situação social.

P.F.I.C.B (12): Ambiente familiar desestruturado e as influências erradas.

P.F.I.C.B (26): Causas familiares, pais presos, falecidos, morar com avós, padrastos, violência em casa, que podem gerar agressões verbais e físicas na escola.

P.F.I.C.B (28): Vem de casa, quando o aluno vem trazendo fatores como não respeitar, desinteresse, fome, não consegue aprender, quer atenção da escola, pois não tem em casa.

P.F.I.M (31): Acredito que a desmotivação e a cultura familiar, falta de orientação, permissividade.

A instituição familiar tem grande relação com questões relacionadas a presença do aluno entendido como indisciplinado. Tem-se notado muitas discussões relacionadas a presença da família no sucesso e no fracasso escolar do aluno. Nas discussões e falas dos licenciandos observou-se que 23% dos pesquisados, abordam com grande ênfase que uma das grandes causas da indisciplina está relacionada a problemas de caráter familiar. Essas questões familiares estão associadas a “omissão familiar”, “ambiente familiar desestruturado”, modelos de “novas formações familiares”, “falta de orientação” e “permissividade”.

Observa-se, nos últimos anos que a família vem transferindo para a escola algumas incumbências que eram de sua responsabilidade, delimitando papéis, e isso é notável na fala do licenciando (5), que retrata essa percepção de omissão familiar de atribuições de valores que não são de responsabilidade da instituição escolar. Nesse contexto, Vasconcellos, traz que:

A relação entre a escola e a família têm se modificado nas últimas décadas”, a maioria dos pais está transferindo à escola a obrigação de educar seus filhos, ensiná-los valores, regras e limites. Eximindo-se de seus compromissos na educação dos filhos (1995, p. 63).

Aquino (1996), aborda que muitos dos estudantes hoje presentes no contexto escolar não tem limites, também não reconhecem autoridades, não respeitam as regras delimitadas ao grupo e que a responsabilização desse fato se dá aos pais, que durante o processo de desenvolvimento desse criança, tornaram-se muito permissivos. Na fala do licenciando (7), torna-se evidente essa indicação quando diz que a indisciplina é relacionada a questão familiar e que se refere a problemas de pulso firme ou seja muitas vezes de pais permissivos, que deixam os filhos realizarem tudo o que quiserem e a hora que quiserem, ou mesmo pelo fato da ausência familiar na vida do filho.

Também se tem que a clareza do papel familiar no desenvolvimento e também no processo de ensino e aprendizagem pode ser um dos fatos a suprir as dificuldades relacionada a indisciplina escolar. Neste sentido entende-se que:

É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os aços de solidariedade (FERRARI; KALOUSTIAN, 2002, p. 12).

De acordo com Pereira Neto, Ramos e Silveira (2016), a família representa o espaço de socialização inicial no processo de desenvolvimento do aluno, esse espaço influenciará no desenvolvimento e ampliação das habilidades, comportamento e também dos valores contextualizados e criados culturalmente.

Outro fator influenciador para a questão da indisciplina no contexto escolar refere-se a condição social, nas falas dos licenciandos (2), (11) e (28) é evidente essa preocupação e informação. Percebe-se que o contexto social influencia em vários aspectos no desenvolvimento do aluno. Correa (2014, p. 27), em seu estudo “Causas da Indisciplina Escolar no 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico”, traz que fatores sociais e políticos podem ser entendidos como causas da indisciplina

[...] os comportamentos indisciplinados também podem advir de uma incompatibilidade entre os valores, linguagem e a cultura particular da escola com a das famílias. Ou seja, a discrepância entre as classes dominantes e as restantes, faz com que as classes oriundas, geralmente, das classes minoritárias reproduzam regras e valores distintos, sendo complicado encontrarem um ponto de equilíbrio para coexistirem em meios com muita diversidade cultural.

Muitas vezes o meio social, influencia no processo de ensino e na indisciplina quando o aluno não tem motivação para estudar, pois está passando por alguma situação, onde estudar torna-se desnecessário. Algumas dessas situações referem-se a desatenção por questões relacionadas como problemas no momento da hora do sono ou mesmo problemas relacionados a questões alimentares, ou outros problemas articulares. Isso fica evidente nas falas (6), (7) e (26), que destacam que as questões externas à sala de aula, podem ser motivadores da indisciplina e do não desenvolvimento em muitos aspectos desses alunos.

Sobanski (2016, p. 10) em sua dissertação “Alunos desatentos: e agora, pedagogos?”, reflete que:

[...] um aluno pode demonstrar-se desatento por sofrer abuso ou violência; porque se sente em perigo; por sentir-se castigado; por sentir o mundo ameaçador; sentir-se deprimido, porque está elaborando uma “perda” (luto); por estar afetado pelos desenvolvimentos teletecnomidiáticos; porque não são interessantes os conteúdos; porque o que ensinam é pouco atrativo; porque quem o ensina não o atende como ser pensante e desejanse.

Muitas vezes os alunos não têm acesso a uma alimentação completa para se nutrir e conseguir se organizar para os estudos, inúmeras vezes as suas únicas motivações para estarem na escola refere-se a alimentação e conversar, pois são situações que podem não vivenciar em casa.

Ligado ainda com as motivações que o aluno tem para não corresponder com expectativas criadas pelo meio social, está a questão do desinteresse do aluno em estudar. Nesse contexto trago a percepção de alguns graduando sobre essa questão.

4.3.3 Subcategoria III - c – Percepções de Indisciplina Enquanto Desinteresse do Aluno

P.F.I.C.B (14): Falta de interesse nas aulas.

P.F.I.C.B (22): A indisciplina é causada a princípio pela desmotivação e desinteresse do aluno e pode estar associada a isso a desvalorização do ensino formal ofertado pelas escolas, do professor, a falta de autoridade do professor, domínio da sala de aula, falta de preparo, formação acadêmica rasa, entre tantas outras que podem ser elencadas.

P.F.I.M (23): Desinteresse dos alunos em relação às aulas e aos conteúdos, a metodologia repetitiva do docente, a ausência de diálogo e cooperação entre aluno professor.

P.F.I.M (29): Geralmente, a indisciplina no ambiente escolar deve-se pelo não comprometimento do aluno pelo aprendizado. Muitas vezes, vão à escola por obrigação e não querem estudar. Também, às vezes, não se sentem estimulados o suficiente para os estudos, pois alguns professores "podem" não tornar as aulas interessantes o suficiente para esse aluno. Logo, o aluno, sem vontade e sem estímulo, pode vir a ter comportamentos que tragam a indisciplina para a sala de aula.

Nos discursos dos quatro licenciandos (14), (22), (23) e (29), trazem a palavra “desinteresse” para uma possível justificativa da questão da indisciplina designada ao aluno. Nesse contexto, a pergunta chave é como motivar os alunos e dar todo o suporte necessário para a real efetivação do seu processo de ensino e aprendizagem.

Zagury (2006) destaca que no contexto escolar ao se pensar em questões como a falta de interesse e motivação dos alunos a inúmeras situações desafiadoras. Dentre essas questões, estão presentes a estrutura física e organizacional do ambiente escolar e os recursos didáticos disponíveis que muitas vezes são precários, além da falta de apoio familiar e também a falta de perspectivas futuras.

De acordo com Knuppe (2006) ao se falar na motivação do aluno traduz que:

Toda motivação deve estar relacionada a metas e objetivos, portanto, um bom professor possui metas de ensino, o que tornará o aluno motivado a aprender. Essas metas são desencadeadoras da conduta motivada, portanto, sem desejo e metas, não há motivação. Para haver aprendizagem é preciso haver a motivação (KNUPPE, 2006, p. 281, apud HUERTAS, 2001).

Na fala do sujeito da pesquisa (22), destaca que o professor e sua ação didático pedagógica também podem estar ligados a atos considerados indisciplinares em sala de aula. Observa-se que inúmeros fatores contribuem, inicia no processo da formação professoral, onde em muitos momentos os graduandos, não recebem as instruções iniciais claras de como atuar em determinadas situações presentes no contexto

escolar. Os professores atuantes já, estão muitas vezes cansados, devido ao excesso de trabalho e intensas cobranças, ou mesmo a desvalorização profissional, a falta de recursos. Nesse contexto a reflexão que transita é: como motivar se também está desmotivado? Em Souza e Camargo (2016, p. 3), algumas situações que podem explicar a indisciplina enquanto desinteresse está relacionada à:

[...] aulas de cunho extremamente expositivo; falta de material de apoio; falta de preparo pedagógico; falta de perspectivas futuras, tanto pelos professores como pelos alunos e o desestímulo profissional entre os docentes em formação inicial e em serviço, constituem-se assim situações que se opõem ao que é convencionado como disciplina na escola.

O que pode ser completada com o discurso dos pesquisados (23) e (29), que ainda corrobora com a fala anterior quando trata essa indisciplina como associada a aplicação de metodologias que não atingem aos alunos, que muitas vezes se caracterizam por assumir posturas como aula de cunho expositivo, sem ter muita relação com a realidade ao qual o aluno se insere, muitas vezes utilizando de recursos extremamente tradicionais, destacando que o tradicional não é ruim, porém existem novas possibilidades. Ainda na fala da licencianda analisada nesse estudo, traz que um dos causadores é a ausência de diálogo entre os pares. Queiroz (2003) traz uma reflexão sobre a interação entre pares que diz:

Simultaneamente, forma de aprendizagem infantil é um dos instrumentos didáticos centrais do educador para a promoção do ensino. O profissional necessita propiciar situações que garantam a troca entre as crianças, num ambiente que propicie a confiança e a auto-estima. A interação supõe conflitos, disputas e divergências. As crianças aprendem quando interagem com seus pares (QUEIROZ, 2003, p. 153-154).

Nesse contexto é necessário ter clara a importância do diálogo participativo e crítico, ou seja, o diálogo que constrói juntamente com os pares. Nesse contexto também é importante por parte dos educadores, que tenham consciência e reconhecimento sobre os conceitos históricos e culturais trazidos pelos alunos, os valores trazidos pela vivência desses estudantes. Pois, educadores que demonstram respeito pelo aluno, no sentido de respeito a história, vivência e processo de aprendizagem, terá alunos participativos em sua sala de aula.

[...] A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve, o que importa é que professor e aluno se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1996, p. 33).

Outro ponto em questão refere-se aos interesses dos alunos, muitos estudantes só aprendem o que tem significado e o que percebem utilidade em seu dia

a dia. Santos (2008, p. 33): “define que à aprendizagem somente ocorre se quatro condições básicas forem atendidas: a motivação, o interesse, a habilidade de compartilhar experiências e a habilidade de interagir com os diferentes contextos”.

Também encontramos em respostas dos estudantes, a indisciplina causada enquanto omissão da equipe escolar essa composta por professores, equipe diretiva, dentre outros componentes da clientela escolar.

4.3.4 Subcategoria III – d – Percepções de Indisciplina Enquanto Omissão da Equipe Escolar

P.F.I.M (1): A postura do professor diante dos alunos, problemas pessoais e até mesmo psicológicos, omissão da equipe gestora.

P.F.I.C.B(4): Omissão da escola e professores diante da situação encontrada.

P.F.I.M (15): Exclusão no processo de aprendizagem.

P.F.I.C.B (13): A estrutura da escola, a concepção dos professores em relação à construção do conhecimento.

Com relação a omissão da equipe escolar com os alunos observa-se inúmeras situações nas falas dos professores, inicialmente nos debruçamos na ideia que o licenciando (15) traz sobre a exclusão no processo de ensino. Existe a exclusão que se refere ao não acesso ao ensino e uma outra que tem maior relação com a questão da indisciplina que é a exclusão presente nos processos de ensino na escola. O perfil do aluno que se espera na escola é aquele que segue as regras, um aluno participativo, ativo, que traz curiosidades no momento das intervenções pedagógicas. No entanto observamos que esse só é um perfil idealizado, há nas escolas alunos com diferentes motivações e perfis. Uma heterogeneidade de alunos, que aprendem de diferentes maneiras que se deve considerar os limites que possuem para a ocorrência do processo de aprendizagem.

Os alunos de diferentes coletividades, classes ou grupos sociais que compõem o conjunto social ao qual vai se dirigir um sistema curricular têm pontos de contato com as diferentes parcelas da cultura e diferentes formas de entrar em contato desiguais com ela. Nessa mesma medida, partem com oportunidades que a escolaridade obrigatória não-seletiva deve considerar em seus conteúdos e em seus métodos (SACRISTÁN, 2000, p. 62).

Para a ocorrência do processo de aprendizagem, torna-se necessário conhecer a realidade dos alunos, sem uma exclusão, respeitar o tempo e os limites para a organização e estruturação do conteúdo na cabeça dos alunos, respeitando também o limite biológico. Pois existem diferentes perfis de alunos no processo de aprendizagem e é necessário atingir a todos, pois todos devem ter a garantia de um ensino e um ensino de qualidade.

No entanto, verifica-se que essa omissão exposta nas falas dos licenciandos analisados, também está relacionada à questão organizacional, nesse contexto a indisciplina vai ser entendida como uma desordem no espaço escolar.

O abandono da escola, a falta de professores, de material, de verba, de ânimo, de organização, de limpeza etc. são citados com frequência como causa de indisciplina escolar. Grande parte dos alunos se sente “jogado”, “largado”, “abandonado” e imerso num mecanismo perverso e caótico que oscila entre opressão e negligência (FRELLER, 2001, p. 71).

Nesse contexto, verifica-se que que um ambiente pautado no respeito, pode ser a chave para atenuar atos considerados indisciplinados, possibilitar condições de um ambiente limpo, organizado, com metodologias pautadas na humanização, também pode ser um possível caminho.

O LIC (1), traz uma reflexão sobre a postura adotada pelo professor dentro do contexto escolar. Observamos também dentro do ambiente escolar o termo “Professor indisciplinado”, isso seria possibilidade para as causas indisciplinadas dos alunos. Em Silva (2016, p. 4)

Podemos encontrar no professor a causa da indisciplina dos alunos, chamando de “professor indisciplinado” como resultado da forma inadequada como o profissional se apresenta frente à sua turma, ou seja, a postura pedagógica adotada em sala de aula, visto que muitos casos de indisciplina com os quais depara, são despertados por alguma atitude equivocada.

Observamos práticas repetitivas, sem diálogo com os estudantes, metodologias que não são atrativas e desafiadoras, aulas de cunho extremamente expositivos. São algumas das situações que encontramos presentes no âmbito escolar. Silva (2016), traz que posturas adotadas pelo professor como uma perceptível falta de didática, ou mesmo o uso de autoridades excessivamente, ou ainda o professor muito permissivo e bom, que não tem postura organizacional para promover um ambiente de aprendizagem adequado sua sala, pode ser sinônimo de gerador de atitudes indisciplinadas, prejudicando o andamento das ações pedagógicas.

Nesse contexto, se traz uma reflexão em relação a postura adotada pelo professor que diz que:

Como coordenador de grupo, ele tem uma autoridade a ser exercida, que inclusive é esperada pelos alunos. Na falta dela, se deixa tudo por conta dos estudantes e a classe se dispersa (TIBA, 1996, p. 125).

No entanto, deve-se analisar que a responsabilidade sobre a gestão da escola ultrapassa os limites de ação do professor, outros profissionais presentes no ambiente escolar como os membros da equipe gestora dividem essa responsabilidade. Em muitos momentos é permissiva, que não cria regras bem claras tanto a professores,

como a alunos, permitindo a ausência de professores em determinados momentos, ou seja faltas sem justificativas plausíveis, alunos e professores que chegam no horário que bem entendem, também entra em questão o medo de direcionar e nesse contexto arrumar rivalidades e inimizades nos espaços educacionais. Logo verifica-se que posturas não autoritárias, mas que direcionem, são extremamente pertinentes para exclusões de situações relacionadas a atos disciplinares.

Outro ponto em destaque é que corrobora com as ideias anteriores destacadas, refere-se a questão da relação entre os pares e o não direcionamento para os alunos.

4.3.5 Subcategoria III - e – Percepções de Indisciplina pela Falta de Diálogo e Autoritarismo

P.F.I.C.B (8): Imposição de ideias para o aluno, sem antes explicar o motivo para tal ação.

P.F.I.C.B (9): Falta de diálogo com colegas e professores.

P.F.I.C.B (16): Relação professor-aluno, autoritarismo na sala de aula.

P.F.I.C.B (20): A permissividade dos pais que não orientam adequadamente seus filhos.

P.F.I.C.B (27): Falta de direcionamento, equipe pedagógica rígida, escola leva a sério, cobrando professores e alunos.

Nessas falas analisadas pode-se observar que a indisciplina pode estar voltada na questão do não direcionamento para os alunos em dois vieses o familiar e no escolar. Muitas vezes como indicado na fala do pesquisado (8), encontramos a seguinte questão das imposições presentes no ambiente escolar, onde o aluno tem que assumir posturas de somente cumprir combinados, em vários momentos não é explicado o motivo dos determinados fatos estarem sendo adotados, isso tanto relacionado aos assuntos dos componentes curriculares, ou mesmo relacionadas a posturas adotadas em sala de aula.

[...] o professor deverá provocar a aprendizagem, também o planejamento da aula deverá levar em conta que o mais importante é elaborar perguntas que instiguem o aluno a vivenciar a busca, a exercitar as várias possibilidades de resposta. Afinal, esse é o exercício que conduz à aprendizagem significativa (PAULA; BIDA, 2008, p. 6).

Outro ponto, importante a ser discutido é a falta de direcionamento familiar, que de acordo com Lentsck (2013) com base em Kaloustian (1988), traz a importância dessa instituição enquanto parte integradora para o desenvolvimento desse aluno recebido na escola.

A família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao

desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais (LENTSCK, 2013, p. 12).

O ponto em questão é que se evidencia a importância da presença familiar no processo de aprendizagem do aluno, porém verificamos em muitas escolas brasileiras, a transferência de função, inverteu-se os papéis e como a escola recebe esse aluno muitas vezes sem direcionamento, necessita suprir essa defasagem, para garantir que o processo de desenvolvimento desse indivíduo seja o mais completo e tranquilo possível. No entanto, de acordo com Torete (2005), observa-se que os pais perderam o controle sobre o filho, não conseguem mais impor os limites necessários ou realizar as cobranças devidas, não há uma fala construtiva entre a escola e a família e isso acaba sendo prejudicial para o processo de desenvolvimento e interações sociais.

Contudo, se a família coloca o filho na escola, mas não a acompanha pode gerar na criança um sentimento de negligência e abandono em relação ao seu desenvolvimento. “Por falta de um contato mais próximo e afetivo, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se refletem em casa e quase sempre, também na escola em termo de indisciplina e de baixo rendimento escolar” (MALDONADO, 2002 Apud JARDIM, 2006, p. 20).

Outro ponto que é destacado na fala dos pesquisados (11) e (16) é a falta de um diálogo construtivo entre professor e aluno; entre equipe pedagógica e professores; entre família e escola; entre alunos e alunos. Deve-se estar claro que a aprendizagem não ocorre sozinha, ela necessita de pares para sua ocorrência e também necessita de um diálogo construtivo, reflexivo e direcionado. Observa-se que algumas posturas adotadas pelo professor podem ser decisivas para o sucesso ou fracasso escolar.

Os sentimentos positivos do professor (interesse, compreensão, respeito, alegria, bom humor, atenção, gostar de ensinar, paciência etc.) que sentidos pelos alunos, promovem em grande parte os seus sentimentos de simpatia. Em contrapartida, o professor irritado, mal-humorado, autoritário, nervoso, não gosta de ensinar, sem paciência, injusto, faltam às aulas etc., provoca sentimentos negativos, como a antipatia (RODRIGUES; GARMS, 2008, p. 5).

Barbosa (2011), nos faz refletir que a escola que assume fielmente processos de interação, oportunizando a todo clientela escolar dessa participação, não é um espaço indicativo de fazer o que quer, mas refere-se a um espaço interativo de construção social, de valorização, de respeito e consideração as particularidades,

onde o pensamento é construído em pares e pensando no bem estar de todos, tornando à todos como partes do processo.

4.3.6 Subcategoria III - f – Percepções de Indisciplina Enquanto Falta de Perspectiva e Desmotivação do Aluno

P.F.I.M (2): A falta de perspectiva de vida e de futuro do aluno.

P.F.I.C.B (17): Causada, sobretudo, pela desmotivação do aluno e pela falta de perspectiva.

P.F.I.C.B (18): Falta de perspectiva de vida e de um futuro.

Observa-se que a “falta de perspectivas futuras”, trazidas pelos alunos podem ser uma das causas de representações de atos indisciplinados no contexto escolar.

As mudanças no papel da escola e na relação aluno/professor, emergem como uma corrente contrária à repressão autoritária e castradora das ideologias dominantes. Apontam pedagogias que valorizam a maneira de pensar dos jovens, suas expectativas, aspirações, projetos de futuro, e se preocupam com a desmotivação, o abandono, a evasão e a falta de perspectiva diante do futuro. Objetivam, através da voz do educando, obter uma ideia/força capaz de nortear ações que, a partir da valorização das partes, atinja o todo permitindo resultados positivos no processo ensino aprendizagem (CRUZ; PEREIRA; SILVA. 2014, p. 65).

Em muitos casos, o aluno entendido como indisciplinado que é recebido na escola, não tem a mesma motivação dos demais alunos. O ambiente escolar, acaba tornando-se apenas um ambiente de refúgio, um espaço para alimentação, pois vários desses alunos, podem não ter o que comer em suas casas, um espaço limitado a conversas, pois podem não ter com quem conversar em seu ambiente familiar.

Observa-se também que muitos desses estudantes entram nesses espaços escolares e caminham ao longo dos anos sem perspectivas, no entanto essas perspectivas só são criadas a partir do ensino e dos valores que foram repassados ao longo de sua construção histórica e cultural e esse fato permite que esse indivíduo se desenvolva e se transforme. O ambiente familiar que é normalmente, o responsável por esse repasse e construção inicial de informações, lacunas nesse aspecto remetem à obrigação da escola que se obrigam a preencher esse espaço e dar condições para suprir essas dificuldades.

De acordo com Cruz, Pereira e Silva (2014) a instituição escolar é um espaço importante para o processo de desenvolvimento e para o olhar ao futuro, ela que possibilitará os encaminhamentos necessários para essa nova visão de futuro que se espera, auxiliando assim no preenchimento de lacunas que possam ter existido no decorrer do processo.

4.3.7 Subcategoria III - g – Percepções de Indisciplina Enquanto Interferências

Externas

P.F.I.C.B (32): Por muitas vezes, o aluno (a) pode já estar acostumado em fazer isso fora de sala de aula, então quando junta-se aos colegas, pode ter um aumento nessa indisciplina.

P.F.I.C.B (34): Acredito que o social interfere, reflexo do meio social e familiar, dificuldade na aprendizagem.

Em todo o processo de discussão, verificou-se que a indisciplina apresenta várias motivações que vai desde a relação no contexto familiar, questões escolares subdivididas em como se encaminha as aulas nos espaços escolares, relação entre pares, metodologias empregadas, dentre outras motivações que já foram citadas. No entanto duas das acadêmicas pesquisadas, trouxeram em seus discursos que o meio social ao qual os alunos estão inseridos, ou seja fatores externos podem refletir em posicionamentos indisciplinados no contexto da sala de aula.

Nota-se que muitos alunos reproduzem em contextos escolares situações que presenciam em casa, na vizinhança ou mesmo através da mídia. Atualmente, mesmo os pais ou responsáveis buscando ensinar valores éticos e morais a mídia, de maneira geral, reproduz outros caminhos e posicionamentos. Observa-se que atos de violência já são incentivados e assistidos por essas crianças desde muito cedo.

Muitas vezes, porém, a violência é transmitida às crianças através dos desenhos animados. Já nos mais adultos, esta vem sendo transmitida através dos filmes e noticiários, levando a indisciplina para a sala de aula como uma das manifestações desta situação (JACOBS; CIPOLA; TAKAHASHI; MELLO, 2018, p. 163).

Vários professores se deparam com situações envolvendo violência na sala de aula, no entanto muitos desses sinais são características de reproduções de situações que visualizam em sua rotina, através de amigos ou mesmo pela mídia e pode ser causadora da indisciplina.

Outro ponto destacado é a diversidade de alunos presente nas salas de aula, pois não encontramos uma sala de aula homogênea, existem diferentes perfis de alunos, que trazem diferentes histórias e se apresentam a partir de diferentes culturas. Muitas vezes os educadores se aproximam apenas dos estudantes que tenham um perfil mais próximos dos valores que aprenderam no decorrer de sua vida, deixando de lado alunos que não assumam as posturas consideradas aceitáveis para aquele ambiente.

4.3.8 Subcategoria III - h – Percepções de Indisciplina Enquanto Ausência de Afetividade e Pedido de Socorro do Aluno

P.F.I.M (10): Ausência de afetividade e grito de alerta.

P.F.I.C.B (19): Um grito de alerta, indicando que existe algum problema e está relacionado a falta de afeto.

Esse conceito “pedido de socorro” é atribuído a indisciplina que apareceu na fala das duas pesquisadas (10) e (19) a indisciplina como um grito de alerta, evidenciando que algo não está bem e dessa forma é necessário identificar as motivações que levaram aquele determinado ato para então supri-las. Uma das causas identificadas nesse grupo de pesquisados refere-se a questão da falta de afetividade, em Vasconcellos enfatiza-se que:

O ato de indisciplina é um sinal, uma manifestação a ser decodificada pelo professor, que procura ver o que está por trás dela, qual seu sentido. Frequentemente, a indisciplina está perpassada por questões de ordem afetiva; é uma forma de o aluno chamar a atenção sobre si, de pedir que seja resgatado, que seja incluído no movimento vital de onde, por algum motivo, está se sentindo alijado; pode ser um desesperado pedido de um sentido para a vida, só que numa linguagem cifrada, de difícil compreensão e até agressiva, o que pode gerar uma postura reativa do professor. O desenvolvimento da autonomia, a internalização de valores, a tomada de decisão e a avaliação dos resultados são fundamentais para todos os campos da vida: escolha profissional, relacionamentos, casamento e até mesmo no delicado, porém cada vez mais presente campo das drogas. (VASCONCELOS, 2009, p. 206-224).

O aluno a todo momento está pedindo ajuda, direcionamento e orientação, ele mostra em várias situações que está aflito com alguma situação e enquanto professor a tarefa é buscar possibilidades que auxiliem a sanar essa dificuldade encontrada.

4.4 CATEGORIA IV - CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO INDISCIPLINADO

No tópico relacionado a características dos alunos indisciplinados conseguiu-se observar que muitos professores trazem em seus discursos que a indisciplina está relacionada a panoramas comportamentais. Os significantes com maior incidência percebidos foram representados no quadro 15, indicado abaixo:

QUADRO 15 - Significantes com maior frequência relacionados as características dos alunos indisciplinados.

SIGNIFICANTE	FREQUÊNCIA (%)	P.F.I.C.B e P.F.I.M
1) Bagunça	12%	(1),(4),(15),(29)
2) Chamar atenção	23%	(2),(7),(10),(23),(25),(28),(20),(31)
3) Falta de participação	6%	(3),(12)
4) Falta de interesse	18%	(5),(7),(9),(20),(22),(31)
5) Falta de comprometimento	9%	(6),(7),(32)
6) Agitação	15%	(7),(9),(17),(22), (33)
7) Desrespeito	20%	(8),(11),(13),(26),(32),(33),(34)
8) Falta de adaptação à regras	18%	(11),(12),(14),(16),(18),(21)
9) Sem direcionamento	3%	(27)
10) Líder	6%	(28),(30)
11) Agressivo	15%	(9),(16), (28),(31),(33)
12) Debochado	9%	(16),(20),(31)
13) Distúrbios psicológicos	3%	(24)
14) Desafiador	6%	(28),(31)
15) Como lida com as emoções.	3%	(19)

Fonte: Autor a partir das respostas dos licenciandos.

No quadro acima, observou-se (15) quinze, significantes a partir das falas dos acadêmicos, dessas 40% estão relacionadas a questões entendidas como comportamentais, ou seja, verificam a indisciplina como problema do comportamento.

Pelas análises dos questionários aplicados, observou o entendimento polissêmico que esses graduandos possuem pela temática e também suas causas e motivações. De acordo com Gonzatto e Wirzbicki (2019, p. 16), tem-se que: “a indisciplina está muito ligada ao não cumprimento das regras, bagunça, conversa dos alunos e, principalmente, à falta de educação e respeito dos mesmos pelos professores, colegas e os próprios pais”.

Não se pode traçar um perfil único dos estudantes recebidos no contexto escolar, existe uma heterogeneidade de estudantes, que chega até a escola com suas características individuais, bagagem histórica e cultural, trazendo, problemas, motivações diferenciadas para a ocorrência ou não da aprendizagem.

Alguns licenciandos, com base no que já vivenciaram ou mesmo com base no que ouviram falar a respeito dos alunos indisciplinados, tentaram estabelecer alguns

perfis, relacionados a padrões comportamentais, desrespeito, não cumprimento de regras, má educação, dentre outros.

Nesse estudo, 12% dos acadêmicos analisados, trazem que o perfil do aluno indisciplinado se refere a **bagunça**, aquele aluno que assumem posturas não condizentes ao ambiente escolar, que acabam atrapalhando o andamento das ações didático pedagógicas, independente das motivações trazidas. Para os licenciandos, a questão do comportamento indisciplinado desses alunos:

Refere-se a bagunça, onde o aluno acaba atrapalhando o desempenho dos demais colegas, P.F.I.M (1).

Outra questão destacada, é que esse comportamento referente a bagunça é refletido a partir de motivações que esses alunos trazem consigo, a partir das vivências familiares ou mesmo a partir dos meios ao qual estão inseridos.

É a falta de comportamento e demonstrar algo que está sentindo. P.F.I.M (15).

De acordo com Vasconcellos:

Conversas paralelas, dispersão; professor entra em sala de aula e é como se não tivesse entrado; dá lição e a maioria não faz; quando vem professora substituta, é dia de fazer bagunça; alunos ao trazem material; se negam a participar da aula; parece que nada interessa; fazem bagunça em sala quando não tem ninguém; irmãos entram no meio da aula para pedir material, lanche, dinheiro; riscam carteiras até estragar (com estilete); colocam tachinha na mesa do professor ou dos colegas; ficam comendo durante a aula; mascam chiclete; ficam de boné durante a aula; não vão de uniforme; pintam carteiras com liquido corretor, escrevem nas paredes; destroem trabalhos de alunos de outros períodos fixados nos murais, sentam de qualquer jeito na carteira; roubam material do colega; passam a perna no colega; entram sem pedir licença; querem ir toda hora ao banheiro; respondem ironicamente; saem quando toca o sinal e o professor ainda está explicando (VASCONCELLOS, 2004, p.13).

Nesse contexto, encontramos situações de bagunça e também de **desrespeito** aos professores e a comunidade escolar e também aos espaços organizacionais escolares, depredação a esse ambiente escolar. Existem inúmeras motivações já evidenciadas nas causas de indisciplina e que podem vir a explicar essas situações como: aulas desinteressantes, reprodução de situações que vivenciam no seu contexto ou mesmo reprodução do que observam na mídia.

Também encontramos o aluno entendido como **agitado**, esse perfil de aluno aparece em 15% das falas dos analisados. Pelas falas dos participantes e que indicaram esse componente com maior força para definir o perfil do aluno indisciplinado. São indicados vários adjetivos juntamente com a questão da agitação do aluno são elas: “agressividade”, “chamar atenção”, ou mesmo a “falta de atenção”.

Muitos licenciandos destacaram que muitas vezes o rendimento de um aluno agitado não é baixo, no entanto esse acaba atrapalhando os processos de desenvolvimento de aprendizagem.

Na fala do P.F.I.C.B(9), podemos observar essa indicação do perfil do aluno indisciplinado, onde aponta que:

Agitado, porém a nota normalmente não é baixa, agressivo, desatento, não colabora com a aula.

Já o acadêmico P.F.I.C.B (7), traz que esse perfil é marcado pela falta de interesse que poderá acarretar nesse agito excessivo e, muitas vezes, que não tem necessidade:

Falta de atenção e interesse. Agitação fora do comum, uma necessidade.

Outro perfil indicado pelos participantes e que teve grande representatividade foi a questão do **desrespeito**, esse carregou 20% das análises abordadas. Nesse indicativo o desrespeito e tratado em vários vieses, direcionado a diferentes públicos. Nos discursos dos professores indicam a falta de respeito direcionadas a diferentes sujeitos como o professor e isso se percebe perceber, quando os alunos falam mais auto que os professores, não deixam o mesmo dar as aulas, ou se recusa a fazer alguma atividade, ou cometem alguma situação agressiva no sentido físico ou verbal. Tem-se ainda o desrespeito aos outros membros da comunidade escolar como outros funcionários, equipe pedagógica ou mesmo os colegas de classe. Assumindo posturas como ignorar os direcionamentos e as regras passadas pelos pares.

Algumas falas desses licenciandos, delimitam esse indicativo citado acima:

P.F.I.C.B (8): Responde os colegas e professores com falta de educação.

P.F.I.C.B (11): Não aceita regras; não respeita colegas e professores.

P.F.I.C.B (13): O desrespeito com o professor.

P.F.I.C.B (34): Falta de respeito com professores, funcionários e com os colegas.

Existem inúmeras dificuldades ao se referir ao processo de aprendizagem e essas sofrem grandes influências de diversos fatores, sendo assim verifica-se que:

[...] as maiores dificuldades no relacionamento entre professor e aluno são: a falta de respeito mútuo, a falta de compreensão do professor, a falta de atenção e de interesse do aluno, quando o professor “pega no pé”, a falta de incentivo, falta de diálogo, quando o professor não explica o suficiente, quando tem dificuldade para ensinar, quando “desconta” seus problemas nos alunos, a falta de atenção do professor para com o aluno, quando há conversa durante a aula, quando o aluno tem vergonha de falar com o professor, autoritarismo do professor (CABRAL; CARVALHO; RAMOS, 2004, p. 329).

Observa-se assim que existem muitos desafios a serem cumpridos nesse processo de ensino e aprendizagem. Um desses desafios é a relação estabelecida

entre os alunos e professores que como citada acima em determinados momentos não é pautada no respeito. Trazendo assim, prejuízo ao processo de ensino.

No discurso dos acadêmicos pesquisados outro perfil que apareceu é do aluno agressivo 15% enxergam que nesse perfil estabelecem essa agressividade a outros adjetivos também como: agitado, mal educado, violento, o aluno engraçado da turma, o que procura chamar atenção.

[...] a queixa inicial de agressividade sempre partia da coordenação e/ou dos professores das crianças, sendo indicadas aquelas que constantemente se envolviam em brigas corporais com os colegas, desrespeitando os adultos da escola, manifestando grande agitação e não realizando as tarefas escolares (SOUZA; CASTRO, 2008, p. 838).

Antes de se julgar atitudes consideradas agressivas, seria necessário um estudo detalhado do real perfil desse estudante, evidenciando as condições ao qual esse estudante vive, como é a sua relação familiar, onde mora, qual a situação financeira, dessa forma está munido de informações. Nas frases analisadas, verifica-se que a agressividade sempre está relacionada a alguma outra característica que também considera o aluno como indisciplinado. Nas frases abaixo, observamos que a caixa ela vai além do aluno agressivo e que esse mesmo pode assumir diferentes posturas do que é considerado um educando indisciplinado.

P.F.I.C.B (33): Agressivo, agito,, mal educado, violento.

P.F.I.M (31): Agressivo, distraído, desafiador, engraçado da turma, chama atenção.

Uma possível explicação entre a indisciplina e esse aspecto da violência, poderia ser explicado pelo fato de se estar trabalhando com sujeitos subjetivos, cheio de opiniões, desafios e expectativas, carregadas por um perfil histórico e cultural, que influencia em todos os aspectos da aprendizagem. De acordo com Silva (2012) o aluno configurado enquanto indisciplinado e violento que assume posturas agressivas, muitas vezes tem esse perfil pois desconhece a regras de condutas pré estabelecidas e não sabem o porquê de sua utilidade.

Outro ponto destacado pelos professores, porém não apresentou tanta representatividade, apenas 6%, foi o aluno com **perfis desafiadores**, foram identificados na fala apenas desafiador o que em uma visão inicial entende-se que seria aquele aluno que podem estar dificultando os processos de aprendizagem, não realizando o que é proposto, testando os limites do professor, da equipe pedagógica e até mesmo de seus colegas. Na fala do licenciando abaixo, percebe-se esse entendimento seguindo o viés de apenas o aluno que desafia.

P.F.I.M (31): Agressivo, distraído, desafiador, engraçado da turma, chama atenção.

Entretanto, aparece uma questão, que pode ser uma possível explicação para atos desafiadores dos alunos em sala de aula e um dos licenciandos traz essa reflexão que seria explicado a partir do viés de um transtorno, também chamado de Transtorno desafiador de oposição (TDO), podendo ter outras nomenclaturas, mas conhecido no tópico do CID-10, na classificação F91.3, que é:

Transtorno de conduta, manifestando-se habitualmente em crianças jovens, caracterizado essencialmente por um comportamento provocador, desobediente ou perturbador e não acompanhado de comportamentos delituosos ou de condutas agressivas ou dissociais graves (CID-10, 2012, p. 372).

O professor em formação inicial, traz que:

P.F.I.C.B (28): “Gosta de liderar, de ser o centro das atenções, necessidade de ser notado a todo momento, agressividade e desafiador contra a autoridade, podem esse lado desafiador até ter o TOD”.

Traz-se Barletta (2011), que aponta que os comportamentos desafiadores, como citados na fala do licenciando (28), normalmente vão contra aos papéis que representam alguma autoridade delimitada nesses espaços onde este indivíduo está inserido, normalmente é direcionados aos pais, familiares, professores ou até mesmo equipe pedagógica.

Temos também o aluno debochado indicado com uma frequência de repetição de 9% e o aluno com o perfil de **chamar atenção** que traz uma representatividade grande com relação aos outros significantes adotados pelos pesquisados, aparece em uma frequência de 23%. Na fala do licenciando (31), encontramos uma característica desse perfil, onde cita que uma característica do aluno indisciplinado é ser “engraçado da turma”, ainda completando com a fala de outro licenciando que traz que

P.F.I.C.B (20): Falta de interesse nas aulas. Debochado com os professores.

É extremamente importante essa exteriorização de como o professor está se sentido nesses espaços escolares, no entanto um aluno que sorri em sala ou mesmo debocha de determinadas situações, nem sempre deveria ser considerado indisciplinado, em determinados momentos só está utilizando o direito de liberdade de expressão, de ser “criança”, “adolescente”, entretanto se a situação fugir do controle, nesse quesito pode ser considerada então, como um ato desrespeitoso e então ser vista e entendida no olhar da indisciplinada.

O “aluno que chama atenção”, teve 23% de representatividade no estudo, o que se nota nesse item é que quem chama atenção, procura chamar atenção para algo, para alguma motivação ou mesmo para algum problema que vem ocorrendo. Nas falas dos pesquisados tornou-se interessante pois essa questão transitou por diversos vieses como: carência de atenção, que pode estar relacionado dentro e fora do contexto escolar, uma necessidade de ser ouvido e visto, carência afetiva, dessa forma chamando a todos para que o vejam e nesse contexto atrapalhando em determinados momentos todo o processo de aprendizagem. Nesse contexto aponta-se duas tipologias o aluno que chama atenção porque é bagunceiro e realmente não está interessado por diferentes motivações e não consegue manter-se parado e necessita ser visto pelo professor e pelos seus colegas, pois muitas vezes não é notado nos outros espaços ao qual pertence, dessa forma assumindo essa postura. No entanto, temos os alunos quietos que chamam atenção por outros meios, que muitas vezes são entendidos como “invisíveis” e esses muitas vezes são esquecidos, pois a equipe se debruça suas forças apenas para alunos que exteriorizam as suas ações.

Com relação a questão de trazer a todos os envolvidos no processo, para estar visualizando as ações realizadas o licenciando (23), traz uma fala que aborda essa chamada de atenção e quais os desafios enfrentados por assumirem essas posturas.

P.F.I.M (23): O Aluno indisciplinado procura chamar atenção para si o tempo todo, rouba toda a atenção na sala de aula, tirando o foco dos outros alunos e atrapalhando o professor. Com isso, além dele próprio ter um aprendizado menor, muitos colegas podem passar a ter dificuldade em acompanhar as aulas, o que ainda pode gerar mais indisciplina.

Observa-se que em muitos momentos os educadores, não possuem dimensão de como lidar com situações relacionadas aos problemas afetivos dos seus alunos, associando essa postura como desatenção ou mesmo como postura indisciplinada, isso se verifica nas falas do P.F.I.M (2) e P.F.I.C.B (25)

P.F.I.M (2): “O aluno carente de atenção, mas é indisciplinado que quer chamar atenção dos professores e colegas por algum motivo”.

P.F.I.C.B (25): Aluno que quer chamar atenção que tem uma carência afetiva

Percebe-se que muitas dessas situações podem ser refletidas no processo de aprendizagem, ocasionando dificuldades de acesso as informações que estão sendo construídas no processo de ensino.

[...] os problemas emocionais costumam manifestar-se em forma de ansiedade ou angústia, acompanhadas de manifestações de tristeza, choro,

retraimento social, dificuldades de estabelecer relações satisfatórias, desinteresse acadêmico, dificuldades de concentração, mudanças no rendimento escolar e relação inadequada com o professor e com os colegas. A gravidade desses problemas emocionais é muito variável, pois tanto podem ser psicoses infantis ou manifestações de situações conjunturais de estresse mais relacionadas com a vida cotidiana familiar, escolar ou social. [...] Em inúmeros casos, o tratamento emocional infantil por excelência, a depressão infantil, associa-se a problemas de ansiedade e aos chamados problemas de conduta e, inclusive, esconde-se por trás deles (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2007, p. 115).

Percebe-se assim, que em inúmeros momentos, estudantes com dificuldades em aprendizagem e com problemas afetivos, procuram os espaços escolares para suprir essa falta de afeto, só que agem com posturas equivocadas na visão dos professores, o que não proporcionam dessa forma o seu entendimento.

Esses alunos, que “gostam de chamar atenção”, muitas vezes são alunos **líderes**, 6% dos acadêmicos entrevistados, percebem essa influência de liderança de alunos que gostam de estar à frente das atividades que podem ser atividades vistas como positivas e como negativas.

P.F.I.C.B (30): “Gosta de liderar, liderança negativa em alguns momentos negativa, pois influência nas atitudes dos outros alunos e chamar atenção”.

Gonçalves e Mota (2011), destacam que a liderança está associada ao sucesso e ao fracasso escolar, porém tem um papel fundamental no processo interativo e de relações humanas, o conceito pode variar de pessoa à pessoa. De acordo com a fala do licenciando (30) a liderança em questão pode ser positiva, onde o professor tenha o auxílio desse estudante na realização docente, ou seja trazendo esse estudante para o seu lado, atribuindo tarefas, dando funções a esse aluno, tornando-o parte do processo. Como existe a liderança negativa, onde esse aluno não prejudica apenas o seu desenvolvimento, mas também leva a outros alunos a pensarem da mesma forma, trazendo influências que venham a gerar um clima de tensão nos espaços educativos.

Temos também a fala de alguns licenciandos com relação a falta de interesse e comprometimento dos alunos, com relação as atividades propostas. Na fala dos pesquisados sobre o perfil envolvendo a falta de interesse aparece com uma frequência, totalizando 18%, e 9%, indicam que o problema está na falta do compromisso desses alunos com o que é combinado em sala e na questão organizacional. Observa-se que existe a falta de interesse, já verificou-se nas sessões anteriores as suas motivações no entanto se percebe que, dentro do contexto escolar pode-se voltar a questão que o professor não deixa claro os objetivos que se pretende

atingir para os seus alunos, a maneira como ocorre o trabalho em sala pode ser um grande influenciador. Bini e Pabis (2008), discutem que:

Ao definir objetivos de aprendizagem, apresentar a informação, propor tarefas, responder a demanda aos alunos, avaliar a aprendizagem e exercer o controle e a autoridade, os professores criam ambientes que afetam a motivação e a aprendizagem. Em consequência, se queremos motivar nossos alunos, precisamos saber de que modo nossos padrões de atuação podem contribuir para criar ambientes capazes de conseguir que os alunos se interessem e se esforcem por aprender e, em particular, que formas de atuação podem ajudar concretamente a um aluno (BINI; PABIS, 2008, p. 3, apud TAPIA, 2003, p. 14).

Dessa forma, percebe-se que como ocorre o estímulo, os instrumentos utilizados para se atingir os objetivos é o que realmente contribuirá para o desenvolvimento desse estudante, possibilitando assim uma real criação e produção do conhecimento científico.

Ao dar prosseguimento na questão de falta de interesse discente, percebe-se, na fala do P.F.I.M (6), o destaque que o entrevistado dá ao comportamento desse aluno junto à questão da falta de comprometimento. A fala do P.F.I.C.B (7) alia essa questão a uma necessidade de o aluno chamar atenção.

P.F.I.C.B (7): Falta de atenção e interesse. Agitação fora do comum, uma necessidade de chamar a atenção e irresponsabilidade.

O licenciando (22), também trouxe uma reflexão em relação a falta de interesse e comprometimento.

P.F.I.C.B (22): O aluno indisciplinado apresenta um comportamento desinibido e agitado com interferência negativa nas aulas, quando por meio de suas atitudes de desassossego não se interessa pelo conteúdo ao mesmo tempo que desvia o foco dos demais alunos.

A fala do último pesquisado nesse trecho acima destacado, aponta que o comportamento indisciplinado do aluno faz com que esse não se interesse pelas aulas, o que afeta todos os seus colegas também. O destaque dessa fala é em como essa atitude de desinteresse não afeta apenas o aluno em questão, e sim a turma como um todo.

Temos também, 6% de frequência da expressão que “o aluno possui falta de participação”, durante as intervenções didático pedagógicas. Nas falas dos acadêmicos relatam a questão da recusa do aluno ao receber as atividades propostas pelo professor, que também pode estar associada a falta de adaptação. Como mostra nas falas dos participantes indicados.

P.F.I.M (3): é o aluno que se recusa a participar das atividades propostas pelos professores.

P.F.I.C.B (12): Falta de adaptação e participação.

P.F.I.C.B (22): (...) não se interessa pelo conteúdo ao mesmo tempo que desvia o foco dos demais alunos, pois o conteúdo não se relaciona a realidade.

Werneck traz uma reflexão que diz:

Creio que ensinamos demais e os alunos aprendem de menos e cada vez menos! Aprendem menos porque os assuntos são a cada dia mais desinteressantes, mais desligados da realidade dos fatos e os objetivos mais distantes da realidade da vida dos adolescentes (WERNECK,1987, p. 13).

Nesse contexto, percebe-se que uma das explicações ao desinteresse do aluno seria essa descontextualização das intervenções pedagógicas, que não trazem relações com a realidade ao qual se inserido o aluno, De acordo com Eccheli (2008), o aprendizado do aluno só se concretiza, quando participa ativamente de uma determinada atividade, quando consegue argumentar, se envolver, discutir e debater, só assim ocorrerá uma aprendizagem que realmente atingirá ao aluno.

Percebe-se também que 18% dos licenciandos, relatam que a caracterização do aluno indisciplinado, refere-se aquele que não cumpre e não segue as regras estabelecidas para que ocorra à boa convivência no ambiente escolar. Vala (2008, p.18) traz que “As regras e limites de disciplina deverão ser a critério da escola de acordo com o regimento escolar”. Porém percebe-se que muitos dos alunos não seguem esses combinados presentes em sala, percebe-se na fala dos três professores que trouxeram essa discussão que:

P.F.I.C.B (14): são alunos que escolhem não seguir as regras, criadas nos determinados contextos.

O ponto em questão seria qual a motivação que levaria esses estudantes a não assumirem e aceitarem o cumprimento dessas regras, estabelecidas na escola. Muitos estudantes não entendem as regras escolares, pois não tiveram essa vivência em casa, ninguém os ensinou como cumprir esses combinados, sua importância, para a boa convivência em alguns momentos é apenas imposta, fazendo com que se subordinem a o que está sendo delimitado pelo contexto. O licenciando (21), traz essa reflexão quando diz:

P.F.I.C.B (21): Normalmente, são alunos que não receberam essas “regras disciplinares” desde cedo, ou por algum motivo sentem necessidade de desobedecer pois assim serão reconhecidos por todos no ambiente (mesmo que negativamente).

Com base em Bispo (2017), seguindo os estudos de Estrela (1992), existem modalidades ao se falar em indisciplina, a terceira modalidade de caracterização da indisciplina, faz referência a

[...] um protesto contra as regras e as formas de trabalho. Trata-se aqui de denunciar um contrato implícito que funciona na aula sem que a opinião dos alunos tenha sido levada em conta. Através da indisciplina, pretende-se renegociar as regras.

Ou seja, as regras que são impostas não são consideradas, pois não trazem significados ao envolvidos, já aquelas que são construídas em pares e que enalteçam os objetivos e que esses, estejam claros a todos os envolvidos, realmente tornam-se significativos. A indisciplina só aparecerá nesse caso, não apenas pelo incumprimento das regras, mas para demonstrar alguma insatisfação e possibilidade de renegociar esse processo de construção de combinados.

É nosso dever educar nossas crianças e jovens sem o temor de aplicar os limites, as regras e as respectivas normas, pois estas serão o supramundo que circundará os passos nos degraus da vida e, sobretudo, ensiná-los por meio de valores. Fazer perceber que perdoar é renovar o espírito, que ser tolerante é conseguir enxergar o que muitos não veem que ser solidário é a maior demonstração de humanidade, que ser caridoso é ajudar o próximo, que amar é a maior dádiva dada ao homem para ir a algum lugar. Este é o maior desafio dos educadores: “educar nossas crianças e nossos jovens sem medo, mas com limites e valores.” (SILVA, 2011, p. 175).

Os alunos querem as regras, chegam em um determinado momento de sua vida estudantil que percebem a real importância, no entanto muitos não tiveram esse contato, em suas respectivas realidades. Sendo assim, a tarefa da escola é de suprir essa falta ensinando valores e limites que é um pedido desses alunos em suas várias práticas de atitudes indisciplinadas presentes e observadas no contexto escolar. Logo, vê-se que os alunos não se adaptam às regras porque não as entendem, assim não tendo significado, quando as são impostas, sem que sejam construídas em um diálogo reflexivo e participativo.

Existem também (2) perfis que podem estar ligados a outros significantes citados, porém optou-se em trabalhar com as falas em separado, buscando trazer mais informações relacionadas a esse fenômeno, muito presente no cotidiano escolar e de ensino. Trata-se do aluno que tem perfil indisciplinado por falta de direcionamento, ou mesmo por distúrbios psicológicos, esses tiveram 3% de representatividade nas falas dos acadêmicos analisados.

Com relação ao não direcionamento a fala do licenciando (27) traz

P.F.I.C.B (27): Normalmente, alunos indisciplinados são alunos com problemas familiares. Problemas esses que podem ser a falta de acompanhamento na vida escolar do aluno.

Vasconcelos, (1989, p. 122, 123) proporciona uma reflexão que diz:

Ajudar os filhos a pensar sobre o sentido da vida: viver para que? Para ser “esperto”, levar vantagem em tudo? Para ser rico, para “subir na vida a

qualquer custo”? Sem uma perspectiva, sem um conjunto de valores, sem um projeto de vida? Corre-se o risco de cair no “vale tudo”: oportunismo, violência, drogas e suicídio. Para muitos pais a opção que se coloca diante dos filhos é a seguinte: ou o filho vai ser brilhante, o melhor, o primeiro, o mais esperto para conseguir se dar bem na vida, ou será um perdedor, um “Zé ninguém”, um eterno subalterno, desqualificado, explorado pelos outros, etc.

Observa-se com base nessa fala que, muitas vezes os pais também não apresentam uma direção, para poder auxiliar no caminho dos seus filhos, nenhum pai quer que seu filho não tenha sucesso, no entanto as posturas adotadas, por esse não entendimento, faz com que assuma ou o autoritarismo ou também a permissividade exagerada. Nesse contexto, acaba transferindo esse direcionamento para a escola.

P.F.I.M (24): Geralmente os alunos(as) indisciplinados estão inseridos em ambientes familiar desestruturados, ou com pais extremamente autoritários ou mesmo permissivos, que não impõem limites e educação relativo ao respeito e convívio social com as demais pessoas e diferentes contextos sociais.

A instituição família, pode ser um fator pro aluno ter esse tipo de comportamento considerado indisciplinado. A indisciplina pode ocorrer por isso, visto que muitas vezes o aluno reproduz o que vive em seu meio social, e dificilmente ele teria um comportamento positivo em qualquer ambiente, inclusive na sala de aula.

Porém é necessário entender a fundamental importância da família para o processo de desenvolvimento da criança, por ser o primeiro ambiente socializador que passará as instruções iniciais para esse aluno.

[...] o primeiro contexto de socialização, [a família] exerce, indubitavelmente, grande influência sobre a criança e adolescente. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola (REGO, 1996, p. 97).

Ao chegar na escola, percebe-se que esse aluno não consegue cumprir as regras e o professor e a equipe pedagógica, ficam com a interrogação de como direcionar e ensinar conceitos que deveriam ter sido aprendidos em casa.

O processo de aprendizagem, ocorre em pares e nesse movimento haverá os estímulos, orientações necessárias para que esse processo ocorra. O ato de ensinar, não baseia-se apenas no professor repassar os determinados conteúdos e o aluno recebe-los muitas vezes sem questioná-los. É um processo que exige inúmeras trocas e construções e caberá a escola dar a condição e suporte necessário.

Desse modo, encontrou-se que o perfil caracterizado do aluno indisciplinado, está baseado nos significantes acima mencionados no quadro 15, e que estão

relacionados, pois não pensa que o aluno assume posturas indisciplinadas, porque é ruim ou carrega uma maldade interior, mas pelo fato de sofrer interferências do meio social, que está relacionada com questões familiares, contexto social, na questão escolar a maneira como é repassado os conteúdos sem relações estabelecidas com o cotidiano que possibilitam que a aprendizagem tenha mais significado, as relações estabelecidas com os professores, colegas de sala, equipe pedagógica, dentre outros fatores que quando estabelecidos com força, podem gerar esse perfil considerado indisciplinado.

4.5 CATEGORIA V- FATORES RESPONSÁVEIS PELA INDISCIPLINA DO ALUNO

Nessa seção, trabalharemos com os significantes mais recorrentes nas falas dos licenciandos ao ser respondida à questão sobre os fatores responsáveis que observavam ser os maiores causadores de atos indisciplinados no âmbito da sala de aula. Pode-se observar com maior incidência (4) quatro que são apresentados posteriormente, no quadro 16, indicado abaixo.

QUADRO 16 - Significantes com maior frequência relacionados as fatores responsáveis pelos alunos Indisciplinados.

Significante	Frequência(%)	Pesquisados
Familia	82%	1,2,3,4,5,6,7,8,11,12,14,16,17,18,20,21,22,23,24,25,27,28,29,30,31,32,33,34
Escola	50%	1,2,3,4,5,6,7,12,14,21,23,25,26,28,30,31,33
Aluno	41%	1,3,4,6,7,8,10,13,18,24,26,28,33,34
Sociedade	44%	4,5,9,12,14,15,16,18,19,20,23,24,29,31,32

Fonte: Autor, a partir das falas dos participantes.

Para iniciarmos essa reflexão trazemos Vasconcellos, com o indicativo da importância do diálogo e comprometimento dos pares no processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno, pois é esse estudante o centro do processo.

Vasconcellos destaca:

[...] é importante que haja participação e comprometimento de todos os envolvidos no processo (pais, alunos, professores, equipe pedagógica, administrativa etc.), na elaboração das normas disciplinares no âmbito escolar, viabilizando um projeto de participação democrática de forma consciente e interativa para que os problemas relacionados à escola sejam discutidos em conjunto (1989, p. 73-74).

Nesse contexto, de acordo com Dambros e Castanha (2014), o que ocorre no interior do contexto da sala de aula tem extrema relação com a indisciplina, essa é entendida pela tipologia de conflito e desgastes presentes nesses espaços, quem podem ser o social, núcleo familiar e também a instituição escolar.

Sendo assim, verificou-se nas falas dos licenciandos analisados (4) quatro significantes que apareceram no discurso com força e grande frequência de repetição, que representam à quem cabe a responsabilização pela indisciplina do aluno, essas respostas trouxeram que a indisciplina se instaura por questões relacionadas ao núcleo familiar, a questões relacionadas a escola (e a todos os envolvidos no processo), questões relacionadas ao meio social e também questões relacionadas ao próprio aluno que muitas vezes é considerado o “sujeito indisciplinado”

A primeira instituição a se analisar é a **Família**, essa na fala dos pesquisados, apresenta a maior frequência de indicação de ser uma das responsáveis pelos atos considerados indisciplinados em sala de aula, totalizando 82% de incidência. Nessa primeira análise traz-se que um dos motivadores pela presença da indisciplina seria o fato da ausência familiar.

P.F.I.C.B (27): Os responsáveis legais, pois muitas vezes há a falta da presença dos pais em casa, ou até a falta de diálogo, isso pode acarretar a indisciplina, é um meio que a criança ou adolescente encontra para "chamar a atenção.

Marturato e Elias (2016), destacam que uma das principais, senão a principal função da família é dar o suporte necessário relacionado ao cuidado e a proteção, conforme a criança vai se desenvolvendo e criando uma autonomia crítica essas funções vão se desenvolvendo e surgindo novas, conforme a necessidade. Quando ocorre essa falta de participação na vida do filho, ou mesmo quando falta o diálogo, isso, pode levar a posturas indisciplinadas.

Ainda de acordo aos autores,

A estabilidade familiar, sinalizada por relações interpessoais confiáveis e estáveis, rotinas regulares e organização do ambiente doméstico, tem sido identificada como um fator de proteção contra problemas de comportamento. Em contrapartida, um ambiente doméstico caótico, com grande instabilidade diária, desordem e falta de regularidade temporal, constitui fator de risco para a intensificação de problemas externalizantes e internalizantes. (MARTURATO; ELIAS, 2016, p. 03).

Outro fator relacionado a família é como está direcionando as primeiras instruções a esses alunos, nesse contexto entra em questão se assume posturas

agressivas ou mais permissivas, na fala da licencianda verifica-se essa questão dos ensinamentos referentes aos limites.

P.F.I.C.B (34): Os responsáveis, em muitos casos, são os pais que não impõem limite.

Nota-se que à falta de limite e o excesso de indisciplina presente em contextos escolares, em muitos momentos se iniciam no núcleo familiar e em determinados momentos acaba por se estender para os muros da escola. Ainda de acordo com Vasconcellos

a relação entre a escola e a família têm se modificado nas últimas décadas, a maioria dos pais está transferindo à escola a obrigação de educar seus filhos, ensiná-los valores, regras e limites. Eximindo-se de seus compromissos na educação dos filhos (1995, p. 63).

Esse não diálogo assertivo entre escola e família e a não delimitação dos papéis de cada sujeito no processo de aprendizagem do determinado aluno.

P.F.I.C.B (22): maioria das vezes os pais e/ou responsáveis, que não assumem seus papéis dentro da família delegam a terceiros como à escola o dever de ensinar e educar.

P.F.I .M (23): Culpa da família e sociedade, pois, não há participação da família nesse processo quando essa trata a escola como um lugar para deixar os filhos enquanto trabalha e atribui ao ambiente escolar toda a responsabilidade.

Nesse contexto Dambros e Castanha (2014) indicam que as famílias não estão bem orientadas e direcionadas, elas não percebem o valor do acompanhamento assertivo do processo de desenvolvimento educativo da criança em questão, sendo necessário nesse aspecto o entendimento da importância do papel da família no desenvolvimento desse indivíduo, não apenas ligado a questão afetiva, mas também na questão de ensinamentos de limites e de regras para boa convivência, ou seja direcionamento.

Essa falta de direcionamento familiar, reflete no ambiente escolar, quando em muitas vezes se extrapola os desabafos rotineiros dos professores, tornando-se casos mais extremos, chegando muitas vezes a níveis disciplinares como agressões, tanto física como verbais, ou mesmo o bullying que hoje está mais presente no ambiente escolar, seja em qualquer etapa do ensino.

P.F.I.C.B (21): Pais por não colocar limites e educar os filhos em casa.

Vemos hoje, uma estrutura familiar ou com um autoritarismo extremo, onde o aluno é extremamente submisso e pode estar exteriorizando essa situação indisciplinar por medo, raiva, dentre outros sentimentos, ao mesmo tempo ser aquele

aluno considerado “invisível”, o famoso não notado nos espaços, ou ainda a situação da permissividade exagerada, que podem gerar crenças como o aluno manda em tudo, ninguém pode questioná-lo, dentre outras terminologia utilizada para designar esses atos.

De acordo com Aquino (1996, p.17) “as crianças de hoje em dia não têm limites, não reconhecem a autoridade, não respeitam as regras, a responsabilidade por isso é dos pais, que teriam se tornado muitos permissivos”.

Ainda Vasconcellos destaca que:

A escola precisa intervir no trabalho de formação e conscientização dos pais. Devemos esclarecer aos pais a concepção de disciplina da escola, de forma a minimizar a distância entre a disciplina domiciliar e escolar. Diante de toda crise, as famílias estão desorientadas. Muitos educadores argumentam que não seria tarefa da escola este trabalho com as famílias. De fato, só que concretamente se não fizermos algo já, enquanto lutamos por mudanças mais estruturais, nosso trabalho com as crianças ficará muito mais difícil (2004, p. 79).

É importante direcionar a família, muitas vezes essas dificuldades, vistas nas falas de inúmeros licenciandos, são reflexos de situações em que a família não sabe lidar, por não entendimento da determinada situação, mas é necessário que outras instituições como a escola, preencham a lacuna que possa estar faltando, para que o desenvolvimento da aprendizagem ocorra de forma clara à todos os envolvidos. Dessa forma, se faz necessário entender que de acordo com Dambros e Castanha (2014, p. 9) “à medida que cobram o respeito dos filhos, boas maneiras, cumprimento de normas na família, os professores terão condições de um desempenho melhor no processo de ensino e aprendizagem”.

Outra responsabilização caberia à escola enquanto uma organização geral, nela entraria questões relacionadas a equipe pedagógica, questões relacionadas ao professor e a sua prática didático pedagógica, aos espaços escolares (questão de estrutura), ou seja, pensando na escola em sua totalidade.

P.F.I.M (2): (...) equipe pedagógica (escola como um todo), professores e suas ações.

Essa fala inicial, sugere que não se pode responsabilizar a um indivíduo presente na instituição escolar pelos atos indisciplinados do aluno, porém o grande grupo, pode interferir e ocasionar ações a esses estudantes.

Postula Cenci (2007, p. 04):

A escola se situa entre o espaço privado da família e o espaço público da sociedade. Ela possui, pois um âmbito e uma natureza própria, o que sugere que ela tenha um papel específico na formação moral de seus educandos.

Porém, mesmo que se considere que a escola tenha um papel de enorme importância no desenvolvimento moral dos alunos esse espaço tende a ser marcado por três atitudes: a) permanecer simplesmente vazio, onde aspectos morais aparecem aleatoriamente e apenas de modo implícito; b) ser ocupadas por práticas espontaneístas e isoladas, c) ou marcado por posturas dogmáticas e doutrinárias.

A própria escola, pode propiciar em seus espaços e nas ações didático pedagógicas, atos indisciplinados. Muitas vezes não há interesse da comunidade escolar pelo aluno, isso devido em muitos momentos as responsabilizações desnecessárias e excessivas que são transferidas a esses espaços.

P.F.I.M (23): (...) a escola não demonstra um real interesse por ele; ou até mesmo porque não há participação da família nesse processo quando essa trata a escola como um lugar para deixar os filhos enquanto trabalha e atribui ao ambiente escolar toda a responsabilidade.

Muitas vezes as transferências de responsabilidades que, inicialmente não pertencem à instituição escolar, acabam ocasionando a falta de um diálogo assertivo que auxilie no desenvolvimento do processo do aluno. Hoje, vê-se que a escola está assumindo papéis além do educar e muitos profissionais sejam eles, professores, ou mesmo equipe pedagógica, não possuem preparo, em determinados casos devido a sua formação que não foi para isso, acabando dessa forma por negligenciar o aluno que é o centro do processo. No entanto, o aluno que se recebe na escola, vem com uma bagagem de informações e de instruções, muitas vezes positivas como negativas, essa cultura trazida por eles, pode não estar a encontro do que é proposto pelas regras da escola, ou mesmo pelos combinados criados em sala de aula.

Afirma Parrat-Dayan (2012, p. 57):

A massificação fez com que alunos de diferentes culturas frequentassem a escola. Por isso, a causa da indisciplina poderia ser atribuída ao fato de normas, referências, maneiras de ser e costumes possuírem aspectos diferentes de uma cultura para outra e de os alunos não conhecerem as normas da cultura do professor.

Completando sobre as influências externas a licencianda, traz:

P.F.I.C.B (12): Se origina na própria escola, porém a partir de várias influências externas que vemos reprodução na escola.

Os problemas relacionados a indisciplina, podem ser percebidos dentro e fora da sala de aula, porém os fatores externos, ou seja a vivência dos alunos, seu contexto histórico e cultural, são influenciadores e podem ser a motivação para o sucesso ou fracasso dentro da escola. Ainda de acordo com a autora, Dayan, tem-se que:

O divórcio, a droga, o desemprego, a pobreza, a moradia inadequada, a ausência de valores, a anomia familiar, a desistência por parte de alguns pais de educar seus filhos, a permissividade sem limites, a violência doméstica e a agressividade de alguns pais com os professores podem estar na raiz do problema. (PARRAT-DAYAN, 2012, p. 57).

Ainda, de acordo com Oliveira (2008 apud CAMPOS; QUADROS, 2013, p.14) quando discutem o papel da gestão na escola, nota-se que esse conjunto diretivo, atua inúmeras vezes apenas com as questões burocráticas, e que são muitas, deixando em alguns casos de direcionar os professores para situações que são desafiadoras em sala de aula e também o direcionamento aos alunos, deixando a desejar enquanto papel de articulador do processo de aprendizagem.

Outros dois licenciandos culpabilizam apenas aos professores, no sentido de metodologia, de não estar aberto a trazer metodologias diferenciadas para a sala de aula.

P.F.I.C.B (26): Por muitas vezes jogam a responsabilidade nos professores, pois não sabem agir com os alunos.

Silva (2016) aborda que as posturas assumidas pelos professores no contexto escolar, podem ser causadores da indisciplina, ser incapaz de reagir às atitude de provocações dos alunos ou também não conseguir estabelecer a ordem em sala de aula pode fazer com que os alunos assumam posturas indisciplinares, ocasiona prejuízos para as intervenções pedagógicas.

P.F.I.C.B (28): O professor (que sem domínio de sala/conteúdo escolar, abre brechas para a indisciplina).

Ainda com base em Silva (2016), posturas encontradas em professores como: falta de didática, excessiva autoridade, ou mesmo, muita permissividade no contexto da sala de aula, podem ser fatores que possibilitem atos indisciplinares.

Souza e Camargo (2016), trazem que para o processo de desenvolvimento do estudante, o professor é fundamental, pois a ele está incumbido a tarefa de proporcionar situações que promovam condições para a aprendizagem e o envolvimento do estudante em todo o processo.

Fita (2003), corrobora com a ideia dos autores acima citados e evidencia que o educador, pode ser uma importante fonte de incentivo aos estudos do aluno. O processo interativo entre o professor e o aluno e as situações promovidas para que ocorra o ensino, podem proporcionar ao aluno mais segurança na realização do que

é proposto, sendo assim promovendo situações que realmente incentivem a aprendizagem.

Temos também a indisciplina enquanto fator de culpabilidade da sociedade. Ou seja, enquanto um problema social.

P.F.I.C.B (4): À sociedade em geral (contexto social e que o aluno está inserido).

O meio ao qual o aluno está inserido pode ser influenciador no processo de aprendizagem.

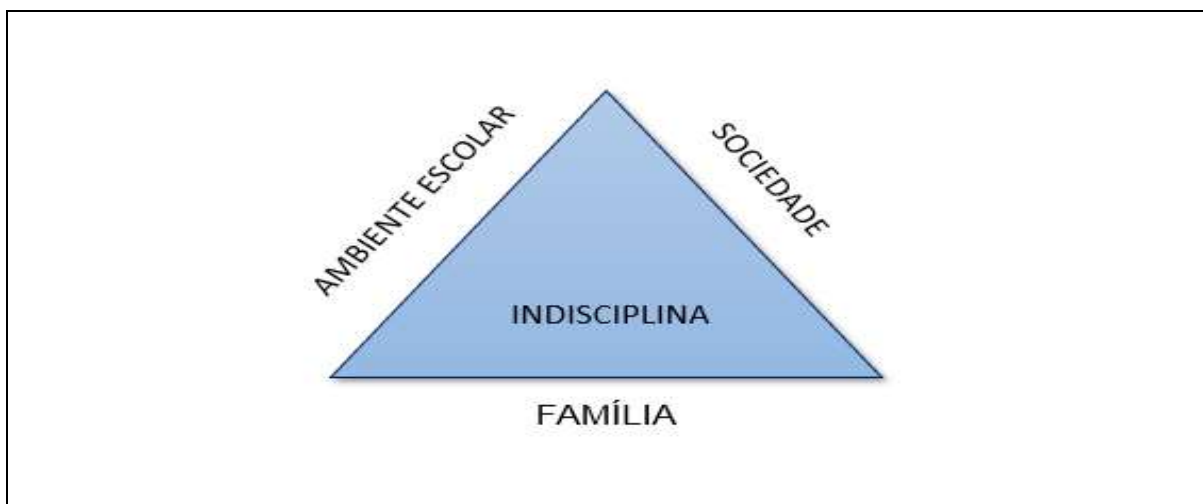
P.F.I.M (15): Contexto histórico e social de cada aluno.

De acordo com Tabile e Jacometo (2017, p. 79), o “processo de aprendizagem acontece a partir da aquisição de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes através do estudo, do ensino ou da experiência”. Ou seja, o processo histórico que o aluno carrega consigo e que envolve o (contexto histórico, social e cultural), influência no processo de aprendizagem. Tudo o que a criança aprende com o meio ao qual está inserido, seja ele interno ou externo, são importantes para a formação humana. No entanto, vê-se que é importante filtrar todas essas informações repassadas e aprendidas nesse contexto ao qual esses alunos estão inseridos, pois essa ausência de seleção, pode culminar nesses atos indisciplinados em sala de aula.

P.F.I.M (23): A sociedade, pode-se considerar que (a há) sic indisciplina quando um dos constituintes em algum momento do processo falha. Em outras palavras, quando o aluno não vê sentido naquilo que lhe está sendo proposto, porque a sociedade lhe apresenta desigualdades e o desacredita em relação a um futuro melhor por meio do estudo.

No contexto da fala da licencianda analisada, percebe-se que muitos alunos não apresentam perspectivas de futuro em meio a sociedade ao qual estão inseridas, percebe-se que existem muitas desigualdades, desrespeitos, as condições para muitos alunos não são as mesmas e tudo isso também ocasionam momentos indisciplinados nesses espaços escolares.

FIGURA 2 - Tríade de responsabilização dos casos da indisciplina.



Fonte: Autor (2020), com base nas informações dos pesquisados.

Nesse contexto, a partir das falas dos pesquisados observa-se essa tríade ela é composta por Família, ambiente escolar e sociedade, esses foram considerados os principais agentes causadores da indisciplina nesses espaços. Na figura 2, observa-se a família enquanto base e sustento⁷ para o aluno, ela é a instituição que iniciará o processo formativo e de desenvolvimento desse estudante. De acordo com Pereira e Ney (2018) tem-se a seguinte discussão:

A família tem um papel fundamental na aprendizagem da criança, o processo educacional é longo não é somente pensar nos pequenos detalhes como escolher a instituição, comprar os materiais e pensar que está tudo certo, há um extenso processo que envolva a aprendizagem da criança, pois ela não vai aprender a ler e escrever sozinha. O mais importante é acompanhar todo o processo de sua aprendizagem, deixando a criança se sentir segura de quando surgirem às dúvidas, os pais/responsáveis estarão dispostos e interessados para ajudar e acompanhar tudo o que estiver relacionado ao desenvolvimento da aprendizagem desta criança (PEREIRA; NEY, 2018, p. 4).

A família, representa as primeiras instruções que devem ser repassadas, mesmo que se percebe em inúmeros momentos a ausência dessa instituição em muitos aspectos para a formação do indivíduo, observa-se a sua importância.

Temos ainda na figura (2) representada por um triângulo que uma de suas faces trazem a escola como agente responsável também para o indicativo de indisciplina, quando não direciona seu aluno, ou mesmo pela falta de preparo para entender como lidar com essas questões. De acordo com Rego (1996) é atribuída uma culpabilização a professores, gestores, em momentos quando não conseguem obter um ambiente

⁷ A expressão sustento refere-se, no sentido de fonte de educação principal/inicial.

organizado, não consegue manter a dinâmica da sala de aula, não consegue motivar seus alunos e muitas vezes ter motivação para realizarem aos seus trabalhos, com o indicativo que todas essas ações, podem provocar no ambiente uma desordem em sala de aula, promovendo dessa forma um ambiente que não é favorável a aprendizagem.

E por fim, a face do triângulo que trata como agente influenciador da indisciplina na escola o meio ao qual o aluno está inserido (sociedade). Conforme consta nas respostas abaixo, a relação do aluno com a sociedade também pode influenciar o seu comportamento em sala de aula.

P.F.I.C.B (9): Ao contexto ao qual o aluno está inserido.

P.F.I.C.B (18): Relações com colegas, relações pessoais, sociedade pelas diferenças sociais.

P.F.I.M (24): As condições socioeconômicas.

Isso se evidencia na fala do P.F.I.C.B (9), que destaca que o contexto social pode ser um dos fatores que levam à indisciplina. As falas seguintes, de P.F.I.C.B (18) e (o que fala de relações pessoais) apenas reforçam a ideia de que as relações, tanto dentro como fora da escola, podem ser causadoras de indisciplina. Por fim, tem-se a fala dos seguintes entrevistados: P.F.I.M (24) que, como nas outras falas, apontam a sociedade como uma "culpada" pela indisciplina. Porém, diferentemente das falas anteriores, aqui se destaca que a indisciplina se dá pelas diferenças sociais existentes na sociedade.

Fora da tríade, escola, família e sociedade como geradores da indisciplina, surge também o perfil do aluno como o sujeito indisciplinado e culpabilizado pelos seus atos indisciplinados, a ocorrência que responsabiliza os atos por motivações dos próprios alunos foi de cerca de 41% dos licenciados analisados.

P.F.I.C.B (34): O próprio aluno é o agente responsável.

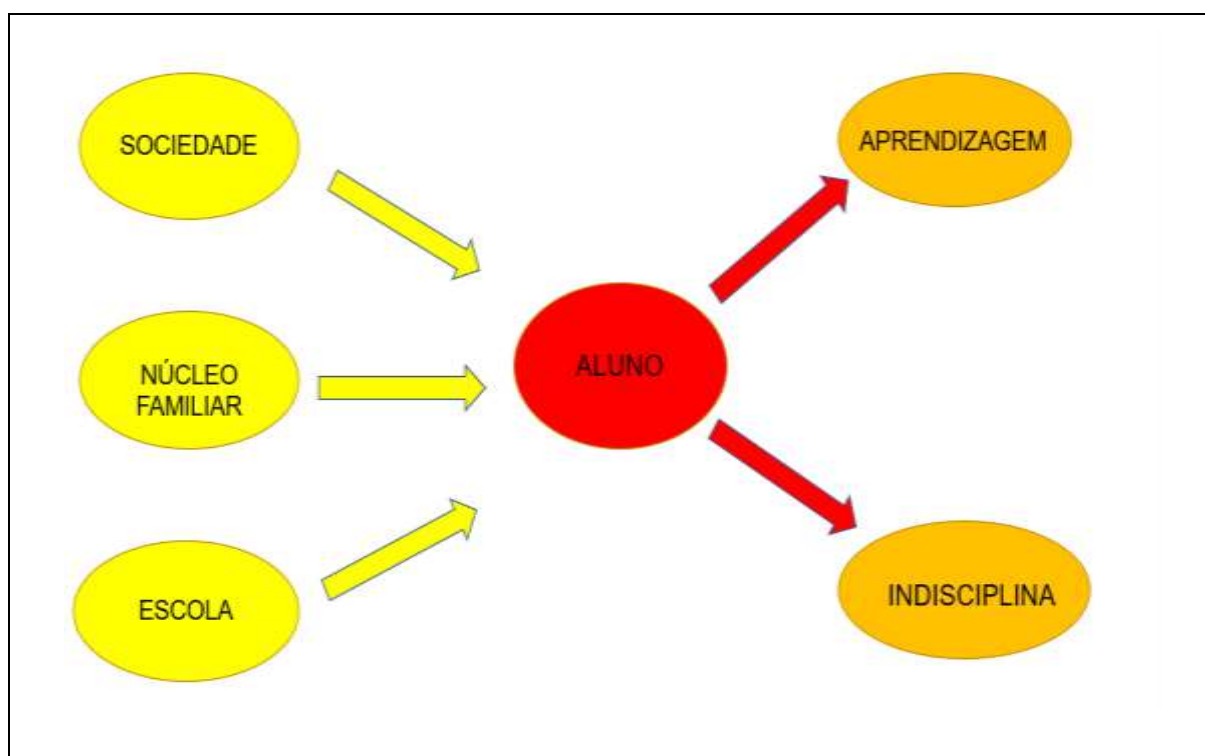
P.F.I.M (10): A falta de interesse do próprio aluno, que tem outros objetivos, que muitas vezes não é aprender.

P.F.I.C.B (8): Aos problemas pessoais do aluno.

P.F.I.M (24): Condições emocionais do aluno.

Inicialmente na fala do licenciado (34), a responsabilidade recai no próprio aluno enquanto agente responsável pela indisciplina presente no ambiente escolar. No entanto esse recebe influências que podem motivar a esses atos dentro do contexto da escola.

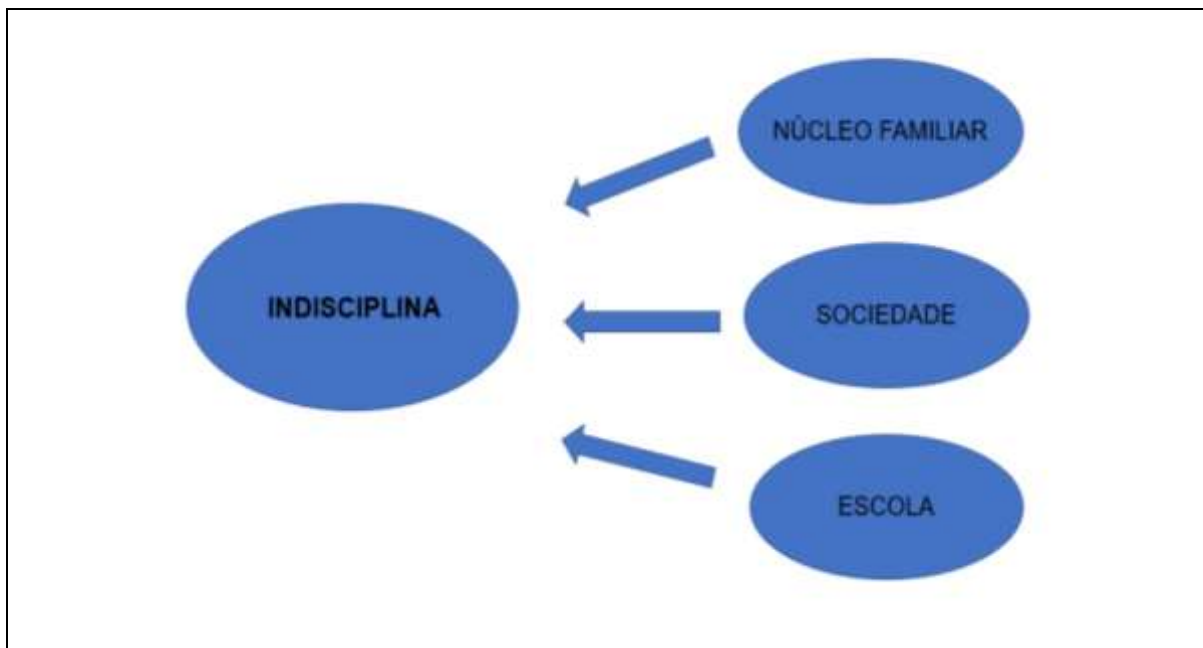
FIGURA 3 - Esquema ocorrência da aprendizagem e indisciplina



Fonte: Autor (2020), a partir das análises dos licenciandos.

Observa-se no esquema ilustrado (figura 3), que o aluno é considerado o centro do processo e esse processo pode ser encaminhado a duas linhas que seria a aprendizagem, onde o aluno consegue realizar e passar por todas as fases necessárias para o seu desenvolvimento, no entanto, caso não tenha condições no sentido de acessibilidade, interesse, motivações vai para outra linha que se posiciona como indisciplina. Pela fala dos pesquisados, observa-se que a sociedade, núcleo familiar e escola trazem influências para o processo de desenvolvimento do estudante e essas influências podem potencializar a aprendizagem, mas ao mesmo tempo podem ser motivadores de atos indisciplinados.

FIGURA 4 - Influenciadores da indisciplina para o aluno



Fonte: Autor (2020), a partir das análises dos licenciandos.

Logo, essa indisciplina indicada na fala dos licenciandos recebe influências de três meios diferentes que são o núcleo familiar, à sociedade e a escola, como apresentado na (figura 4), e esses podem ser motivadores pra gerar a aprendizagem, através de motivações críticas e encaminhamentos assertivos, como pode ser o caminho que leve para gerar atos indisciplinados. Os pesquisados (8) e (24), trazem que os alunos trazem problemas ligados à caráter pessoal e emocional, essas relações externas podem ser levadas ao contexto escolar gerando em muitos momentos o fracasso escolar. De acordo com Leite (2006) é abordado que

[...] as relações vivenciadas externamente repercutem internamente através de atos de pensamento, emoção, sentimentos e estados motivacionais, possibilitando, por exemplo, a constituição de sujeitos seguros (ou não), motivados para enfrentar novas situações e, mesmo, superar desafios e eventuais fracassos (p. 40- 41).

Percebe-se que existem motivações e essas em muitas vezes vem à tona em comportamentos como violência, agressividade, apatia, desrespeito, falta de interesse, onde o fazer bagunça é melhor do que construir conhecimento. Na fala do LIC (10), verifica-se que hoje o aluno que recebemos em nossa escola não apresenta apenas a motivação de aprender, existem alunos que trazem consigo motivações de estar na escola apenas para se alimentar no momento do recreio, ou mesmo para interagir com os alunos, pois pode não possuir essa interação nos espaços ao qual

está inserido, ou ainda não sente prazer da maneira como é explanado o conteúdo em sala de aula. Tapia (1999) indica que ao observarmos no contexto da escola alunos com pouca motivação para a realização das atividades, tem-se a tendência a indicar que são alunos com perfis indisciplinados.

Sendo assim, é a motivação que se efetiva como ponte central para o desenvolvimento e progresso da ação pedagógica e para assim efetivação significativa da aprendizagem. O discurso, completa-se com uma reflexão sobre aprendizagem onde Tiba (1998), destaca ser difícil analisar ou considerar um contexto onde o aluno queira aprender algum componente curricular ou mesmo um determinado assunto, sem estabelecer relações diretas com a aplicabilidade em sua realidade social. Nesse contexto surge a questão, só é possível aprender se consegue enxergar o motivo daquele determinado conteúdo estar ocorrendo daquela maneira e onde será utilizada no dia a dia.

Além dos dados apresentados nas categorias acima, achamos importante apresentar como resultados da pesquisa, dados referentes a mais duas questões de pesquisa, pois avaliamos que estas também nos ajudam a responder a nossa pergunta de pesquisa. Esses resultados serão apresentados nas duas próximas seções.

4.6 CONSEQUÊNCIAS DA INDISCIPLINA PARA A APRENDIZAGEM

Dos 34 licenciandos pesquisados, observa-se que em suas respostas (100%), consideram que a indisciplina causa interferências no processo de Ensino e aprendizagem. Evidenciando dessa forma que a indisciplina é um fenômeno relacionado a aprendizagem do aluno. No discurso dos licenciandos a ocorrência da indisciplina pelo aluno, atrapalha o desenvolvimento da aula em sua totalidade, prejudicando assim a todo o processo.

Para representar o prejuízo da indisciplina no processo de desenvolvimento dentro da sala de aula, elaborou-se um esquema com alguns tópicos que enfatizam esse indicativo de indisciplina presente no ambiente escolar.

A indisciplina ocasiona danos no ambiente escolar, e está muito relacionada ao incumprimento de regras e também a questões relacionadas a comportamento inadequado. Na fala dos professores em relação a interferência no processo de aprendizagem, observa-se que:

P.F.I.M (1): Sim, atrapalhando o desenvolvimento da aula como um todo.
 P.F.I.M (3): Sim. Porque a indisciplina afeta a microssociedade (sala de aula) como um todo.
 P.F.I.C.B (14): Sim atrapalha a totalidade e a dinâmica das aulas.
 P.F.I.C.B (18): Sim, atrapalhando com o desenvolvimento a dinâmica da aula como um todo.

Nessas falas indicadas, atrapalha a ação pedagógica docente em sua totalidade, ela tem se intensificado nos contextos escolares, ocasionando inúmeros estresses aos envolvidos no processo, dessa forma ocasionando inúmeros conflitos nesses espaços de aprendizagem. Segundo Parrat- Dayan (2008, p. 7) “os problemas de indisciplina manifestam-se com frequência na escola, sendo um dos maiores obstáculos pedagógicos do nosso tempo”. Observa-se ainda que quando o aluno traz comportamentos, não correspondentes com os combinados criados para uma melhor adaptação no ambiente escolar, o educador tem dificuldade em construir junto com seus alunos o processo de conhecimento, deixando a aprendizagem como segundo plano, pois necessita suprir outras questões que perpassam ao ambiente escolar como, comportamentos inapropriados, desrespeito, desinteresse e outros que podem ser causadores dessa indisciplina.

Essa indisciplina presente na sala de aula prejudica e interfere a todos os envolvidos no processo como cita os licenciandos (9),(13) e ainda completa o graduando (17), que traz que os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, ficam sem reação, pois não sabem como lidar com determinados atos, pois em inúmeras vezes não tem dimensão dos agentes causadores de tal motivação.

É vista que a indisciplina interfere em todos os envolvidos no processo de ensino, no entanto temos que professores são extremamente prejudicados e os alunos também, isso evidencia-se nas falas abaixo:

P.F.I.M (2): Com certeza!! Prejudicando a sala de aula como um todo: o aluno, o professor, e os outros colegas.
 P.F.I.C.B (4): Sim. Além de atrapalhar os colegas, professores e andamento da aula com o mau exemplo, pode influenciá-los negativamente.
 P.F.I.C.B (11): Sim, atrapalha os próprios alunos, os professores e o processo de aprendizagem.

Como infere Oliveira (2005, p. 21)

[...] Além de a indisciplina causar danos ao professor e ao processo ensino aprendizagem, o aluno também é prejudicado pelo seu próprio comportamento: ele não aproveitará que se nada dos conteúdos ministrados durante as aulas, pois o barulho e a movimentação impedem qualquer trabalho reprodutivo.

O professor em muitos momentos perde muito tempo com questões que não se referem a proposta planejada para a dinâmica da aula:

P.F.I.C.B (12): Sim, prejudica devido ao fato de o educador não conseguir realizar uma aula, pois focará em perder tempo chamando atenção, ou deixando a sala em ordem.

P.F.I.M (15): Sim, o educador perde um bom tempo chamando a atenção dos seus alunos.

Esse tipo de postura ocasiona um desgaste aos educadores e acaba por desmotivar em sua prática docente. Afonso (1999), destaca que essa desmotivação professoral é estabelecida por diferentes fatores presentes no contexto escolar e fora dele também, pode estar relacionada a quantidade de alunos presente no contexto de sala de aula, onde o professor em muitos momentos não consegue atingir a todos, cobrança excessiva do governo, atribuindo inúmeras questões aos professores, atribuição de inúmeras responsabilidades que não seriam de responsabilização do professor, jornada de trabalho excessiva, desvalorização da carreira docente, falta de suporte metodológico para a elaboração das intervenções didático e pedagógica, e de suporte emocional, dentre outras exigências.

O aluno também se prejudica e acaba por prejudicar a outros alunos, com comportamentos considerados indisciplinados. O estudante em determinados caso tem outras motivações para estar presente na sala de aula. Evidencia-se na fala do LIC (34), trazem que o comportamento do aluno interfere, sim no processo de ensino e ainda no discurso, é traçado o perfil de dois tipos de alunos considerados indisciplinados.

P.F.I.C.B (34): Sim, porque a partir do momento que o aluno está incomodando, os colegas já não prestam atenção, e acaba perdendo sentido do que o professor está trabalhando. Existe dois tipos de indisciplinado o aluno que termina logo, que aprende com facilidade, que faz tudo, se o professor não tiver um plano “b” esse aluno pode atormentar a sala e existe o segundo que é o menino que não faz nenhuma atividade proposta, desorganizado, esse pode prejudicar a si mesmo e aos outros, para esse a escola não é importante.

Na fala do licenciando ele destaca que o comportamento inadequado do aluno, faz com que a aula perca o seu objetivo, o professor acaba tendo que suprir outras demandas como colocar alunos no lugar, manter o equilíbrio da sala, para não gerar problemas ainda maiores e isso tudo segundo o P.F.I.C.B (20) é prejudicial e não qualifica o ensino, pois o objetivo que é a efetivação da aprendizagem, não consegue ser atingido. Nesse contexto ainda P.F.I.C.B (34), delimita dois perfis de estudantes presentes em sala de aula que podem ser considerados como indisciplinados. O aluno

ágil, que é extremamente inteligente, que tem uma facilidade enorme para o aprendizado esse pode ser considerado indisciplinado, no momento em que realiza as propostas do professor, mas encerra rapidamente devido a sua facilidade e como não tem mais etapas para realizar com relação a proposta lançada e mais fácil assumir posturas que venham a atrapalhar a dinâmica da sala de aula. Outro perfil é do aluno que realmente não quer realizar as atividades, está desinteressado, podendo ser por não perceber significado no que é proposto, ou mesmo porque não quer realizar o que é proposto.

O licenciando (22), percebe a interferência da indisciplina no âmbito educacional quando:

P.F.I.C.B (22): A indisciplina interfere no aprendizado do aluno a medida que as explicações e discussões acerca dos conteúdos ficam comprometidas, as atividades realizadas pelos discentes se apresentam inacabadas ou se tornam pouco esclarecedoras devido ao ambiente conturbado.

De acordo com Bittar e Moraes (2016) referente ao comprometimento do ensino por fatores comportamentais, trazem que:

Provocam reflexos negativos para o processo de ensino-aprendizagem, visto que atrapalha o desenvolvimento da aula, o professor tem que repetidas vezes solicitar silêncio e que os alunos se comportem. Além disso, o aluno que não se comporta adequadamente não consegue obter uma boa aprendizagem e conseqüentemente prejudica os demais alunos (p. 6).

O que corrobora com as falas dos licenciandos que enxergam que o processo de ensino e aprendizagem só se concretiza a parti do momento que existem regras que fundamentam nos princípios do respeito, da criticidade.

A licencianda (28), observa também o prejuízo de atos indisciplinados em sala de aula e ainda relaciona esse fator com uma questão que pode ajudar a medir o aprendizado do aluno ou seja o processo avaliativo, na fala da licencianda estabelece que os alunos que são indisciplinados normalmente trazem um perfil com notas baixas, ou seja baixo rendimento, causado pelo não entendimento de conteúdo devido a seu não interesse, ou por não seguir as regras de organização. Isso se verifica na fala destacada.

P.F.I.C.B (28): Sim. Observa-se isso ao realizar avaliações. Pois, geralmente, alunos indisciplinados têm notas baixas e pouco rendimento escolar. Uma vez que por não seguirem regras de obediência/comportamento, não entendem o conteúdo, não se atentam às datas de entregas de trabalhos, entre outros. Claro, que há exceções, pois têm alunos que mesmo indisciplinados, têm um bom rendimento escolar.

Como já observada em falas anteriores, muitos estudantes trazem outras motivações, para irem para escola, muitos não gostam de estudar até enxergam como algo necessário, porém não gostam. Nas falas abaixo, verifica-se na fala dos licenciandos que um dos problemas causados pela indisciplina e que será visível no processo é a falta de atenção desses estudantes, que acabam prejudicando o seu aprendizado e o dos seus colegas também.

P.F.I.C.B (5): Atenção desviada; alunos indisciplinados “servem de exemplos” para os demais.

P.F.I.C.B (21): Não se concentra, não tem interesse na realização de atividades proposta. Interferindo ainda como líder negativo aos seus colegas.

P.F.I.M (24): Sempre. Pois o aluno (a) que não tem interesse na aprendizagem não se concentra na explicação do(a) professor(a), não realiza as atividades proposta e, além de prejudicar a ele(a) próprio (a) interfere negativamente na aprendizagem dos demais e no trabalho a ser realizado (a) pelo professor(a), pois o educador precisa parar a explicação para chamar a atenção do estudante, assim quebrando a linha de raciocínio dos demais colegas do indisciplinado.

P.F.I.C.B (30): Sim, pois o aprendizado precisa de atenção e compromisso e o aluno indisciplinado atrapalha seu aprendizado e dos colegas.

P.F.I.C.B (33): Sim, sempre toma atenção para si, sempre brinca, nesse momento não só ele não tem aprendizado mas todos os alunos que estão ao redor.

P.F.I.C.B (27): Sim. Interfere sim. Um aluno indisciplinado é um aluno desinteressado que não busca se interessar pelo conteúdo proposto e realmente aprender.

Esse tipo de caracterização atitudinal dos alunos, já é verificada por Vasconcellos (2004), quando diz que manifestações recorrentes de indisciplina são vistas em posturas como, dispersão dos alunos, alunos fazendo bagunça, alunos que não cumprem obrigações como trazer material, realizar as tarefas, não participam das aulas, respondem com ironia, quer sempre tomar atenção para si e para os seus atos, não se concentram na realização do que é proposto ou mesmo quando o professor está em sala de aula tentando ministrar a sua aula e é como senão estivesse. Todos esses comportamentos são negativos e podem ser possíveis geradores de indisciplina o que ocasiona a não aprendizagem efetiva. Observa-se ainda através de posturas como essa o ensino do fingimento como destacado pelo licenciando (19) quando traz em sua fala que “o professor não consegue ensinar, o aluno não consegue aprender e virá um ensino onde o professor finge que ministra a aula e todos entendem, e os alunos fingem que aprendem”, acaba sendo um ensino de faz de conta que valoriza apenas vencer o currículo, o cronograma, sem medir realmente se está ocorrendo a aprendizagem.

Os licenciandos (23) e (29), trazem outras situações onde evidenciam a não concretização do processo de ensino e aprendizagem e que vem de fatores relacionados à âmbito internos e externos.

P.F.I.M (23): Sim, a indisciplina é observada no contexto escolar, seja na sala de aula, durante atividades recreativas, extracurriculares, recreio, intervalo das aulas, mudança de professor.

P.F.I.M (29): Sim, uma pessoa que não está aberta aos critérios oferecidos pela escola, também não estará aberta a aprendizagem. Quando a criança chega na escola com problemas familiares não consegue se concentrar nos estudos e acaba tendo na escola a única opção de reconhecimento, quando nós enquanto escola não estamos preparados para uma abordagem de qualidade, perde muitas vezes a esperança nesse indivíduo.

Assim, percebe-se que a ocorrência da indisciplina trará danos ao processo de aprendizagem, no entanto fatores externos podem gerar posturas que interferem diretamente ou mesmo indiretamente no desenrolar do processo de ensino, nesse contexto LIC (29), indica que o contexto familiar pode ser um agente ocasionador desses atos considerados indisciplinares, onde o aluno acaba tendo apenas atenção voltada ao problema, reproduzindo muitas vezes situações que vivencia em sua rotina diária e que muitas vezes são observadas em espaços escolares, como indica LIC (23) e todas essas situações fazem em muitos momentos que o próprio aluno não acabe se oportunizando ao aprendizado.

4.7 ALTERNATIVAS DESENVOLVIDAS PARA EVITAMENTO DA INDISCIPLINA EM SALA DE AULA E EM OUTROS ESPAÇOS DA ESCOLA

Com relação as estratégias e alternativas de enfrentamento da indisciplina no contexto escolar, percebe-se que os 34 pesquisados, acreditam que existem possibilidades de enfrentamento do fenômeno de ocorrência nos espaços escolares.

Esses mesmos pesquisados, selecionam essas alternativas em quatro grupos. O primeiro com aproximadamente (29%) dos pesquisados, acreditam que a indisciplina do aluno, só será excluída dos olhares dos envolvidos no processo, quando a comunidade escolar conhecer o aluno e investigar as motivações para a ocorrência do ato de indisciplina verificada em espaços escolares. O segundo grupo observa a indisciplina como problemas inerentes à ação didático e pedagógica do professor, ou seja aulas não atrativas e sem recursos que potencializem ao ensino, 23% dos pesquisados, acreditam que novos encaminhamentos metodológicos, com metodologias mais atrativas, podem proporcionar um ambiente com um clima mais

agradável e que possibilite a ocorrência do processo de ensino e aprendizagem. O terceiro grupo, com 9% dos participantes dessa pesquisa, acreditam que a indisciplina se refere ao incumprimento de regras estabelecidas, pois os alunos não veem sentido e não a concordância dessas regras, por esse fato, os licenciandos acreditam que a construção do contrato didático juntamente com os alunos e o fortalecimento das regras existentes, porém dando sentido à elas, pode ser uma possibilidade. E por último, um grupo com aproximadamente 44% dos participantes, dizem que é importante o diálogo assertivo entre os pares, ou seja entre todos os envolvidos no processo como (família, escola, alunos, comunidade escolar), pode ser uma alternativa para esse enfrentamento.

Com relação ao grupo **“Conhecer o aluno e investigar as motivações para o ato de indisciplina”**, separou-se algumas falas de alguns professores em formação inicial que auxiliem no entendimento de como ajudar o aluno a enfrentar alguma dificuldade que possa estar gerando o determinado ato e como também auxiliar dessa forma na dinâmica da sala de aula.

P.F.I.M (1): Investigar os casos para saber a abordagem ideal para cada caso.

P.F.I.M (3): Identificar motivos/origem de indisciplina. Abordar de diferentes maneiras o aluno.

P.F.I.M (6): Saber os motivos primeiramente, mediar a situação da melhor.

P.F.I.M (15): Analisar a situação com cuidado, e tentar dar o suporte necessário da melhor maneira possível.

P.F.I.C.B (19): Entender realmente de que indisciplina estamos falando, para então buscar alternativas para minimizá-la.

A partir das falas dos licenciandos pesquisados, verifica-se que o ponto de partida para enfrentar a indisciplina no contexto escolar seria antes de condenar o aluno, buscar entender as motivações que levam ao determinado ato. Silva (2014, p.11), infere que a maneira como o aluno se comporta em sala de aula e em espaços escolares, refere-se a reprodução de vivências ocorridas por influências do “convívio em seu grupo familiar ou social”, no entanto aspectos encontrados em sala de aula, podem potencializar a esse tipo de postura indesejada, como influências de outros colegas, ou mesmo os encaminhamentos didático pedagógico docente.

Outro ponto em questão seria, após entender os motivos que causam a indisciplina no âmbito escolar, quais os suportes necessários que poderiam ser adotados para realmente suprir essas dificuldades e para possibilitar a ocorrência da aprendizagem. Na fala dos licenciandos, trazem alguns indicativos como, mediação da melhor maneira possível, afinal o aluno não é o inimigo, mas sim parte central do

processo educativo, à ele que deve ser garantida todas as possibilidades de acesso a aprendizagem. Os licenciandos (3) e (19), trazem que é difícil excluir a indisciplina da sala de aula, até pelo fato de ser um tema polissêmico com inúmeras interpretações e motivações, entretanto é possível enfrentar com situações que desafiem aos estudantes, com alternativas diferenciadas que realmente potencializem ao ensino, assim pode ser uma alternativa que venha a minimizar esses atos em sala.

Já o estudante de licenciatura (15), traz que é necessário dar o suporte ao aluno, no entanto é necessário que a equipe pedagógica analise a situação com cuidado, sem comparativos de alunos, analise a cada caso, para trabalhar com estratégias que possam atingir a todos o que completa-se com a fala do licenciando (1). Ao se pensar em cada aluno, consegue observar as suas características individuais, seus medos, aflições, anseios, qualidades, defeitos, entre outros aspectos, fazer essa reflexão de acordo com o licenciando (14), permite “mostrar que nos importamos com os alunos enquanto educadores”.

No segundo grupo, a fala dos licenciandos demonstram a importância do diálogo assertivo entre os pares.

P.F.I.C.B (9): Diálogo, mudança de postura e combinados.

P.F.I.M (10): Dialogar com os alunos, mostrar o porquê o devido comportamento é errado.

P.F.I.C.B (27): Diálogo frequente entre equipe pedagógica, professores e alunos; Presença da família na escola.

P.F.I.C.B (28): Acredito que a maioria das coisas podem ser resolvidas na base do diálogo. O professor precisa conversar com os alunos, fazer combinados com a turma, trazer atividades que são do interesse do aluno e estar aberto para críticas. O aluno precisa também estar aberto ao diálogo entendendo que na sala de aula a relação professor-aluno, aluno-aluno deve ocorrer de forma ética, respeitosa em que ele participe das aulas e respeite os combinados.

P.F.I.C.B (32): Espaços para que os alunos sejam ouvidos em suas necessidades.

Esse grupo de licenciando analisados trazem que as questões para o bom andamento e funcionamento da prática pedagógica, só se concretiza com base no diálogo quando o professor escuta o aluno, ou seja dá voz e reconhece como importante a sua fala, o aluno sente-se parte do processo. Nesse contexto de acordo com LIC (28) é necessário a conversa entre professor e aluno, para juntos estabelecerem os combinados de sala de aula e assim se corresponsabilizarem pelas ações realizadas no contexto da escola. Tonucci colabora com essa questão de escutar o que o aluno tem a dizer, ele infere que:

Para que as crianças possam expressar e tenham desejo de fazê-lo, é preciso que os adultos saibam ouvir. Isso não significa apenas ouvi-las, mas procurar, compreender, dar valor às intenções verdadeiras de quem fala. Todas as crianças falam, mas nem sempre os adultos são capazes de perceber a mensagem. Especialmente as crianças que falam pouco e que expressam mal, têm certamente coisas importantes a dizer e esperam apenas os adultos capazes de ouvi-las e de compreendê-las (TONUCCI, 2005, p.18).

Recebe-se nas escolas inúmeras crianças com diferentes origens e histórias, perceber e entender as suas características como parte integrante do processo, pode ser a chave para qualificar o processo de trabalho.

No discurso de LIC (27), traz que dentro de uma sala de aula para o bom andamento das ações pedagógicas e necessário estabelecer esse diálogo, corroborando com essa fala tem o licenciando (10) que coloca a importância de não só dialogar, mas explicar os motivos para o respeito as regras, nesse contexto refere-se a o dar significado as ações que ocorrem durante todo esse processo.

Ainda no discurso de LIC (27), o diálogo deve ocorrer com a escola (professores, funcionários, equipe pedagógica, comunidade escolar), sendo necessário envolver o aluno, e também a família. Nesse contexto, deve-se pensar o aluno em sua totalidade, esse aluno recebido nos espaços escolares, vem com influências da família e da sociedade e ao entrar na escola, recebe mais as questões de influência relacionadas ao ensino. Sendo assim, deve-se pensar em um processo que dialogue com todos os pares e envolvidos para que assim ocorra uma aprendizagem de qualidade e que tenha significado ao aluno.

Nesse aspecto, Freire, traz que:

O diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem. Outra coisa: na medida que somos seres comunicativos, que nos comunicamos uns com os outros nos tornamos mais capazes de transformar nossa realidade, somos capazes de saber que sabemos, que é algo mais do que só saber.[...] Através do diálogo, refletindo junto sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade (FREIRE, 1987, p. 123).

Assim, a constante conversa crítica, visando refletir cuidadosamente sobre o estudante que é o centro do processo, conversa essa com todos os envolvidos no processo de ensino, pode ser um caminho para transformar essa realidade que afeta à inúmeras escolas e que dificulta o processo de aprendizagem.

Referente a importância do diálogo da escola com a família, os estudantes trazem algumas reflexões.

P.F.I.C.B (12): Estabelecer uma melhor relação entre escola- aluno- família.
P.F.I.C.B (21): Pais estarem mais participativos na vida de seus filhos, atendimentos personalizados com profissionais de diversas áreas.

P.F.I.M (23): É importante estabelecer uma parceria entre a escola e a família para reverter à indisciplina em disciplina.

A família como primeira instituição responsável pelos primeiros ensinamentos ao estudante deve estar em pleno contato com a escola, não transferindo responsabilidades, mas pensando juntamente com toda a comunidade escolar, o que se pode fazer para a efetivação do processo. Vala (2008), destaca que o envolvimento com o núcleo familiar do estudante, pode trazer consigo que o núcleo escolar tenha que se envolver mais com a realidade dos estudantes, tendo que ter um maior contato com os pais e seus aspectos históricos. Dessa forma cabe a escola inserir esses pais, cooresponsabilizando pela aprendizagem de seus alunos, informar como os pais poderiam auxiliar de maneira efetiva, pois muitos pais, não auxiliam pois não sabem como ajudar, não é uma tarefa simples. Assim, é possível criar estratégias que relacionem essas diferentes instituições com a aprendizagem do aluno.

Uma das alternativas trazidas pela licencianda (24), é que como já citado é necessário o envolvimento de toda a comunidade no processo de ensino do aluno e ao mesmo tempo para o amparo e suporte, poderia ser solicitado ajuda de profissionais qualificados como “psicólogos, psicopedagogos, neuropsicopedagogos e assistentes sociais” para ajudar a todos os envolvidos.

Ao mesmo tempo à falas de licenciandos que trazem que a mudança da postura docente pode ser um caminho para minimizar atos indisciplinados em sala de aula.

P.F.I.C.B (4): O professor precisa primeiramente ter uma postura adequada, antes de exigir o respeito deles também precisa respeitá-los, pois os alunos espelham-se nas figuras do professor.

P.F.I.C.B (5): Postura do professor e equipe pedagógica; estabelecimento de combinados; diálogo apresentando os fatos bons e ruins; conhecimento da realidade do aluno.

P.F.I.C.B (11): Professores com posturas mais adequadas.

Nas reflexões anteriores, observa-se que a maneira como o professor age com situações como indisciplina na sala de aula, pode ser decisiva para as questões relacionadas a aprendizagem. O professor deve assumir posturas reflexivas, não apenas culpabilizando os alunos, outros meios e outros problemas presentes em sala de aula pelos atos indisciplinados, deve também refletir sobre suas ações e suas metodologias, evidenciando dessa forma, que respeita os seus alunos, e o enxerga como um sujeito individual que tem sua própria forma de aprendizagem. Ainda colaborando traz-se LIC (28), quando diz que deve assumir uma postura “ética,

respeitosa”, essa postura deve ensinar os alunos esses combinados de modo que “ele participe das aulas e respeite os combinados”.

Para Libâneo (2008) o professor durante a sua carreira docente, deve estar munido de saberes e competências para a concretização do processo de aprendizagem. Os saberes são entendidos como os conhecimentos teóricos e práticos para a ação docente, já as competências referem-se as habilidades a forma como esses conhecimentos práticos e teóricos serão abordados e construídos com os alunos. Estando sempre fazendo essa reflexão entre que saberes preciso ter e quais as competências necessárias para a prática o professor consegue efetivar bem seu trabalho e construir o conteúdo de maneira claro com seus alunos.

Um terceiro grupo, traz a importância da construção de regras em conjunto com os alunos, a importância da construção do contrato didático para organização da dinâmica da sala de aula, também estabelecer o que se espera em cada regra criada, trazendo assim significado para a sua efetivação e também fortalecimento das regras existentes, que não devem ser impostas, mas refletidas, estabelecendo assim o real significado.

P.F.I.C.B (17): Construir um contrato didático antes de construir as atividades com os alunos.

P.F.I.C.B (25): Regras claras para os alunos e familiares e que as consequências por determinados atos sejam cumpridas.

P.F.I.C.B (26): Fortalecer as regras institucionais.

De acordo com Grando, Moreira e Silva (1996, p. 10) com base nas ideias propostas por Brousseau (1986, p. 51), tem-se que o:

[...] Contrato didático é relação que determina – explicitamente por uma pequena parte, mas, sobretudo implicitamente – aquilo que cada participante, professor e aluno, têm a responsabilidade de gerir e do qual ele será de uma maneira ou de outra, responsável diante do outro.

Sendo assim, observa-se nas falas dos licenciandos pesquisados que é importante construir o contrato didático para atribuir responsabilidades aos envolvidos no processo, esse contrato deve ser participativo e refletido por todos os membros, estabelecendo que o incumprimento de alguma afirmativa do contrato, pode gerar problemas para todos os envolvidos nesse processo, pois para se efetivar todos os componentes deve cumprir suas obrigações, se um falha, todos falham.

O licenciando (25), traz que as regras tanto para alunos, como para escola e ainda para a família devem ser construídas de maneira clara com foco em um único objetivo que é o objeto de estudo e reflexão da escola, ou seja à aprendizagem.

Perrenoud (2001) aborda que construir algo é organizar e elaborar algo inexistente, que venha a substituir problemas e lacunas. Nesse contexto com relação a criação de regras escolares, essas devem ser refletidas por todos os envolvidos, para se chegar no objetivo inicial. Por fim, o licenciando (27), traz a necessidade de fortalecer as regras existentes também, de maneira a fazer com que o aluno estabeleça significados do motivo de estar tendo que cumprir os combinados estabelecidos.

No que se refere ao evitamento da indisciplina nas salas de aulas percebe-se, com grande frequência, nas respostas dos entrevistados, a questão da metodologia empregada em sala de aula. Para eles, os professores devem pensar em novas formas de ensinar, sair da mesmice, entreter o aluno, para que esse esteja mergulhado na aula, tenha criticidade e consiga assumir um ensino pautado na qualidade. "Algo inovador" deve ser trazido aos alunos, como aponta o P.F.I.C.B (8). O professor deve "encontrar metodologias diferenciadas", segundo P.F.I.C.B (20), como a metodologia de educação para a paz. Com base em Pranis (2011): trata que o círculo restaurativo é uma das práticas da metodologia de Educação para a paz, ela serve para explorar o indivíduo e suas diferenças, trabalhar com o diálogo e com dores interiores, é um espaço onde pode exteriorizar e explorar problemas, buscando dessa forma alternativas para resolução de conflitos, seja eles interiores ou exteriores, como destaca LIC (27).

As respostas dos licenciandos (22) e (29) seguem esse mesmo pensamento. Contudo, LIC (22) também destaca que deve haver um diálogo entre o professor e o aluno. O docente deve levar em consideração o que o estudante traz. LIC (29) considera um ponto importante: a contextualização. O professor deve ter noção da realidade que seus alunos estão inseridos, para daí sim iniciar seus trabalhos com a turma. O licenciando (31) destaca, em sua resposta, a importância de o aluno perceber que seus atos têm consequências, e que isso não deve acontecer através de punições, mas como de responsabilização conjunta, assumindo assim os erros. O licenciando (34), de certa forma, sintetiza as respostas acima, ao falar de uma mudança de postura pedagógica docente e escolar, algo que não é fácil, entretanto importante para qualificar a proposta de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa de mestrado, “Discutindo indisciplina a partir da disciplina: uma análise das concepções de licenciandos dos cursos de Matemática e Biologia” buscou-se dar visibilidade e trazer para discussão as percepções trazidas por licenciandos (as), dos cursos de Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

A pesquisa teve como objetivo geral, identificar a concepção de professores em formação inicial dos cursos de Licenciatura em Matemática e Biologia sobre disciplina e indisciplina. Para que esse objetivo fosse atingido, foram delineados os seguintes objetivos específicos: 1) identificar a relação entre as concepções dos professores pesquisados em formação inicial, sobre disciplina e indisciplina; 2) desvelar como vem sendo abordado o tema indisciplina na formação inicial desses professores; 3) construir o conceito de indisciplina a partir do conceito de disciplina de acordo com a concepções dos pesquisados.

No capítulo I, apresentou-se a fundamentação teórica do presente estudo, o processo dessa construção, deu-se inicialmente a partir do entendimento do fenômeno compreendido como indisciplina e que é recorrente no âmbito escolar e vem preocupando à professores e a toda comunidade escolar envolvida no processo de aprendizagem do aluno. Após essa apresentação da temática indisciplina, buscou-se refletir a partir de teóricos a questão da disciplina e indisciplina no contexto escolar, subdividindo as discussões em questões relacionadas a conceituação de o que é disciplina? e o que é indisciplina?

Ainda nesse capítulo, procurou-se abordar o que teóricos entendem como efeitos da indisciplina no ambiente escolar, trazendo dessa forma algumas possibilidades de inferências, também alguns fatores que a literatura entende como causadores desse fenômeno, encontrados principalmente na escola. E finalizando o capítulo, trouxemos uma revisão sistemática, para entender um pouco mais dessa temática, a fim de auxílio para aproximação da resposta da pergunta de pesquisa.

No capítulo II, foram apresentadas as relações estabelecidas entre a indisciplina e a formação dos professores. E se observa que nos cursos de formação inicial de professores analisados, há a ausência da temática indisciplina nas ementas dos cursos. Percebe-se uma preocupação por parte dos professores que ministram as disciplinas em estabelecer relações entre a teoria e a prática, no entanto

consideramos necessário a inclusão de discussões acerca da temática indisciplina, pois possibilitaria conhecer como os graduandos percebem esse fenômeno e sua ocorrência, além de trazer diferentes possibilidades para o real entendimento da situação da indisciplina.

No terceiro capítulo, retratamos a trajetória do pesquisador para se chegar ao objetivo da pesquisa, tendo em vista a caracterização da pesquisa, quais os instrumentos e procedimentos que foram utilizados para a coleta e para a análise dos dados, como foi o processo de escolha dos participantes e também de escolha do instrumento de pesquisa.

O quarto capítulo aborda a análise dos dados e apresentação dos resultados. Nesse capítulo mostramos que, os dados coletados e analisados com a Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2011), nos permitiu identificar cinco categorias principais e algumas subcategorias: Categoria I - Percepção sobre a conceituação de disciplina (subdividida em: Subcategoria I.I - Disciplina enquanto promoção de diálogo consciente; e, Subcategoria I.II - Disciplina para promoção do bom funcionamento da ação docente); Categoria II - Percepção sobre indisciplina (subdividida em: Subcategoria II.I - Indisciplina enquanto desrespeito; Subcategoria II.II – Concepção de indisciplina como um viés da bagunça e do caos; Subcategoria II.III – Concepção de indisciplina como atitude que prejudica o processo de ensino e aprendizagem; Subcategoria II.IV – Concepção de indisciplina como irresponsabilidade delimitada apenas aos alunos; e, Subcategoria II.V – Percepção de indisciplina como solicitação de visibilidade); Categoria III – Causas e motivações frequentes referente a indisciplina em sala de aula e em outros espaços, com algumas subcategorias; Categoria IV- Caracterização do aluno indisciplinado e Categoria V- Fatores responsáveis pela indisciplina do aluno. Além de dois tópicos utilizando as respostas dos questionários dos licenciandos que se referiam a consequências da indisciplina para a aprendizagem e alternativas desenvolvidas para o evitamento da indisciplina em sala de aula e em outros espaços da escola, visando que auxiliassem também para responder aos objetivos propostos nesse estudo.

Com o questionário sociodemográfico aplicado, pode-se observar que os estudantes das duas licenciaturas analisadas tinham idades entre 20 e 50 anos, também que já havia estudantes que tinham cursado a outras graduações e alguns já obtinham de vivência em sala de aula. Foram dados que auxiliaram no momento das inferências, a partir das falas dos licenciandos.

Para responder ao objetivo da pesquisa que é de identificar a concepção de professores em formação inicial dos cursos de Licenciatura em Matemática e Biologia sobre disciplina e indisciplina, utilizou-se as duas primeiras categorias da pesquisa. Pode-se observar que são visões que trazem diferentes vieses, porém são direcionadas e se relacionam a questão do cumprimento de regras. É notável nas respostas dos pesquisados que, existem acadêmicos com resquícios mais tradicionalistas em seus discursos e outros que abordam uma visão mais de construção de conhecimento e de combinados para uma melhor efetivação da aprendizagem. Pode-se notar isso nas categorias I e II.

Na categoria I, intitulada, *Percepção sobre a conceituação de disciplina* pode-se observar que a percepção trazida pelos pesquisados em geral, refere-se ao cumprimento de regras estabelecidas e que é uma atribuição designada ao aluno, verificou-se que muitos dos licenciandos assumem que ter disciplina está associada a cumprir determinados comportamentos e que se seguidos de maneira correta, ocasionam o bom convívio social.

O mesmo grupo de pesquisados, consideram que o aluno entendido como disciplinado, é aquele que possui um perfil de obediência, que cumpre as regras estabelecidas, tem organização e respeito pelo professor e pelos espaços onde estão inseridos. O que nos remete a uma visão com resquícios tradicionalista do ensino, onde o aluno deveria cumprir a determinadas regras impostas pela escola e pelos professores como forma organizacional. Entende-se que os contratos (combinados) são importantes para uma melhor organização, mas uma das questões que preocupou o proponente da pesquisa foi como são construídas essas regras, baseadas em uma vertente tradicionalista de apenas imposição? Ou construída, pensadas e refletidas pelos envolvidos no processo? Isso, também pode-se evidenciar no discurso dos licenciandos. Na fala de muitos graduandos pode-se observar enraizado o princípio da passividade e da submissão, como define Alves Neto (2016, p. 55), partindo da definição de disciplina como cumprimento de regras estabelecidas.

No entanto refletindo mais sobre as falas dos licenciandos, pode-se notar a formação de duas subcategorias sobre a disciplina, uma voltada a construção do diálogo consciente, uma subcategoria extremamente importante pois demonstra que não devemos nos afastar das regras, no entanto devemos enquanto escola, enquanto família, enquanto sociedade, construí-la juntamente com os alunos, tornando-a mais significativa e de fácil entendimento, possibilitando a corresponsabilização, pelo

processo de aprendizagem, lembrando a todo momento que ao se falar em disciplina escolar, indisciplina, o foco é pensar no aluno e na efetivação do seu processo de aprendizagem. A outra subcategoria, refere-se a disciplina enquanto promoção do bom funcionamento da ação docente, essa subcategoria, também se associa ao cumprimento de regras, porém traz que a disciplina promove espaços para a construção de aprendizagem, a disciplina é um processo que tem características de funcionamento individual e coletivo, no entanto a busca é pelo bem estar comum de todos os envolvidos.

A categoria II, intitulada *Percepção da indisciplina*, abordou discussões sobre o entendimento do fenômeno entendido como um dos maiores problemas do ambiente escolar, trata-se da indisciplina. Na fala dos licenciandos, percebeu-se que a indisciplina realmente é um fenômeno com características polissêmicas e o entendimento é diferenciado, pois o que para uns é considerado indisciplina, para outros pode não ser. A indisciplina devido a possuir vários vieses de entendimento, pode ser interpretada pelo campo, comportamental, organizacional e até mesmo estar relacionada a dinâmica de sala de aula.

No entendimento dos licenciandos pesquisados a indisciplina inicia, dentro de um contexto escolar, a partir do momento que existe o incumprimento das regras sejam elas impostas ou construídas, e são verificadas em situações como descumprimento de combinados, desordem, discorda de opiniões e até mesmo gera conflitos. No entanto, observou-se algumas subcategorias que auxiliaram no melhor entendimento do fenômeno. Notou-se na fala de vários licenciandos a indisciplina enquanto desrespeito; enquanto como um viés da bagunça e do caos, ou mesmo enquanto uma ação que prejudica o processo de ensino aprendizagem; ou mesmo como irresponsabilidade delimitada exclusivamente ao aluno; ou mesmo como solicitação de visibilidade, indicando aos envolvidos no processo, que está assumindo aquela postura indisciplinada por determinadas motivações e que necessitam ser descobertas.

Assim, verifica-se que a concepção de disciplina pelos licenciandos possui uma relação intrínseca com as regras, e entendem que essas regras devem ser construídas em comum acordo, para a sua significação. Muitos citaram que essa criação de regras deve ocorrer via contrato didático, partindo do princípio da corresponsabilização, para a real efetivação da aprendizagem, que é o principal foco de todo o processo. Logo, a conceituação de indisciplina apresentada pelos

licenciandos trouxe características polissêmicas, uns trazem que se referem a questão comportamental, culpabilizando apenas aos alunos, outros trazem que referem-se a problemas familiares, metodologias mal abordadas e que não conseguem atingir e efetivar a aprendizagem, ou seja existe inúmeras causas para sua explicação o que é evidenciado na categoria III, de nosso estudo, em uma linha gera estabelecida muitos licenciandos de Matemática e Biologia estabeleceram relação com suas respostas ao dizer que a indisciplina é um pedido de ajuda, demonstrando que algo não está bom e que precisa ser solucionado, entendido e direcionado.

Na categoria III, observou-se as causas e motivações que levam a atos indisciplinados no contexto escolar, Vasconcellos (2004), aponta cinco grupos que podem ser motivadores desses atos indisciplinados no contexto escolar e fora dele, também. Essas instituições são: Sociedade, família e escola e traz dois representantes, professor e aluno. Na fala dos pesquisados, observou-se esses 5 elementos, porém um dado positivo é que ambos os grupos de pesquisados, não culpabilizam apenas um elemento, ou seja, não direcionavam a culpa apenas nos alunos, destacavam que todos os envolvidos possuem parcela de culpa e ainda além desses cinco elementos apontaram mais quatro, que são: falta de limites, família e condição social, o próprio desinteresse do aluno, omissão da equipe escolar; falta de diálogo e autoritarismo; falta de perspectiva e desmotivação; interferências externas; ausência de afetividade e pedido de socorro.

Na categoria IV, referente a caracterização do aluno como indisciplinado, conseguiu-se observar que muitos professores trazem em seus discursos que a indisciplina está relacionada a panoramas comportamentais. E isso é evidenciado no discurso de 34 licenciandos, 12% dizem que o perfil de aluno indisciplinado é bagunceiro, 23% que é o aluno que quer chamar atenção; 6% indicam que é o que não participa; 18% indica que é o que não se interessa, 9% diz que o perfil do aluno é o que não se compromete; 15% é o agitado; 20% é o que desrespeita; 18% afirma que é o que não respeita as regras por não se adaptar, 3% diz que são os sem direcionamentos; 6% indicam que são os líderes, 15% os agressivos; 9% os debochados, 6% os desafiadores e 3% indicam que podem ser os alunos com distúrbios psicológicos e os que não sabem lidar com as emoções.

Já na categoria V, apresenta os fatores que podem contribuir para atos indisciplinados, que podem estar associados à família, escola, aluno e a sociedade. Para 82% dos 34 pesquisados indicam que a responsabilização se refere a família,

seja pela superproteção ou mesmo pela ausência de motivação, presença e limites. 50% indicaram que a escola tem parcela de culpa que negligencia em determinadas situações que não promove situações desafiadoras e que potencializem a aprendizagem. Para 41% o problema é do aluno e que ele não quer aprender, não tem interesse e só não quer realizar o que é proposto da forma como está proposto. Já 44% indicam que a sociedade pode gerar a indisciplina no aluno, através de influências com o meio ao qual se insere, com a mídia.

Em resposta ao objetivo específico I, sobre a existência de uma relação entre as concepções dos professores pesquisados em formação inicial, sobre disciplina e indisciplina: Existe uma relação entre os temas e até entre as respostas estabelecidas no curso de Biologia e Matemática. Os licenciandos percebem a complexidade do fenômeno, que possui diferentes significações e motivações. E estabelecem que a relação entre disciplina e indisciplina, refere-se ao sentido de construção e criação de regras, por meio de um contrato pedagógico, onde são criados compromissos para o bem estar dos envolvidos no processo e para a melhoria do ambiente, e essas regras, deveriam ser construídas de maneira clara, democrática e refletindo sempre a importância de cada uma, permite que todos os sujeitos envolvidos em sua construção tornem-se parte e se responsabilizem pelo processo, conduzindo todos para um caminho de diminuição ou mesmo exclusão de atos indisciplinados em sala.

Para responder ao objetivo específico II, que é desvelar como vem sendo abordado o tema indisciplina na formação inicial desses professores, necessitou-se conversar com os professores que desenvolvem as disciplinas articuladoras e verificar as ementas das disciplinas de ambos os cursos, observou-se que não existe uma disciplina que trabalha diretamente com essa temática, o que ocorre é em determinados momentos conforme surja a necessidade como forma de material complementar é abordado a temática, isso devido a alguns fatores como: carga horária reduzida para abordar a complexidade dessa temática e até mesmo o próprio entendimento dessa temática para uma efetiva abordagem.

Sobre o objetivo específico III, o qual questiona se é possível construir o conceito de indisciplina a partir do conceito de disciplina de acordo com as concepções dos pesquisados, obtém-se a resposta de que essa construção é possível. Nota-se essa possibilidade quando os licenciandos trazem, em seus discursos, que a construção desses dois conceitos está estritamente relacionada. Ambos os conceitos são considerados complexos, e não podem ser separados. Nesse contexto, enquanto

pesquisador, verifico que uma possibilidade de não haver indisciplina no ambiente escolar seria a partir da construção de regras claras e objetivas com todos os pares. Logo, somente com a construção de regras claras e conjuntas dentro desses espaços educativos é que se torna possível estabelecer uma relação concreta e eficaz. Nessa questão, concorda-se com Pires (1999), que diz que essa disciplina consciente e interativa, que corresponsabiliza os envolvidos no processo, além de promover a participação, o diálogo, o respeito pelos envolvidos e também pelos espaços, possibilita a construção de um conhecimento que potencialize a formação crítica do cidadão além da minimização de atos considerados indisciplinados.

Sendo assim, o presente estudo se encerra trazendo a percepção de estudantes desses dois cursos pesquisados acerca da temática do fenômeno indisciplina, questão tão debatida no cenário educacional. No entanto, o estudo está longe de ser finalizado, pois trata-se de um fenômeno polissêmico que apresenta inúmeras vertentes que buscam tentar explicar a indisciplina e disciplina. Essa pesquisa considerou a verificação da conceituação de tais fenômenos nos cursos de Matemática e Ciências Biológicas.

Porém, a partir das reflexões estabelecidas, novas perguntas surgiram, na procura de entender melhor a temática. São elas: conceituação de indisciplina para licenciandos de outros cursos; a visão da indisciplina para o núcleo familiar; qual é a visão da indisciplina para os alunos e para os professores que já estão em exercício de docência; existência de mais fatores entendidos como causadores do fenômeno; dentre outras questões que devem ser investigadas e que podem ser conduzidas a estudos posteriores, se analisadas de maneira crítica e reflexiva, podendo, dessa forma, ser um caminho para superar esse desafio enfrentado nos espaços escolares, promovendo assim, um debate assertivo que promova um novo olhar para o ensino e que potencialize a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AFONSO, A; AMADO, J; JESUS, S. N, de. **Sentido da escolaridade, indisciplina e stress nos professores**. Porto: ASA, 1999.

AGUIAR, R. M. R. **Indisciplina na escola**: reflexões a respeito de possíveis dispositivos de enfrentamento e desarticulação dos efeitos desta problemática no cotidiano escolar. In: XI Congresso Nacional de Educação – XI EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8086_6501.pdf. Acesso em: 30 mar. 2020.

Alarcão, I. **Formação reflexiva de professores**: estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora, 1996.

ALBUQUERQUE, L. de, P. **Indisciplina Escolar**: Um estudo sobre os sentidos e significados de professores e alunos. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/16015/1/Luciana%20de%20Paula%20Albuquerque.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2020.

ALMEIDA, E. A. B. de.; HOLANDA, M. J. B. de. **Atos de incivilidade**: um comportamento cada vez mais frequente no ambiente escolar. 2016. Disponível em: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao5/article/view/59>. Acesso em: 30 mar. 2020.

ALMEIDA, P. C. A. de; BIAJONE, J. Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 281-295, maio – ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v33n2/a07v33n2.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2020.

ALVES NETO, A. B. **As representações sociais de pedagogos(as) sobre indisciplina no ensino médio**. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, 2016. Disponível em : <http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2016/2016%20-%20Antonio%20Batista%20Alves%20Neto.pdf>. Acesso em 13 fev. 2020

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5)**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANASTASIOU, L. G. C; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, L. G. C; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula, 3. ed. Joinville: Univille, 2004, p. 67-100.

ANTUNES, C. **O cotidiano escolar através de CASOS**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

AQUINO, J. G. **A indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 8. ed. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas/organização. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, J. G. **Erro e fracasso na escola**: alternativas teóricas e práticas. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

ARANTES, J. R. T. **Relação família e escola**: a participação da família no contexto escolar e o pedagogo como mediador desta relação. 2011. 52p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

ARAUJO, J. B; CHADWICK, O. C. **Aprender e ensinar**. 5. ed. São Paulo: Global, 2002.

ARAÚJO, U. F. de. Moralidade e Indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In: AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p. 103-116.

AVELAR. A. C. **A motivação do aluno no contexto escolar**. Anuário de produções acadêmico-científicas dos discentes da Faculdade Araguaia, 2015.

BANALETTI, S. M. M. ; DAMETTO, J. Indisciplina no contexto escolar: causas, consequências e perspectivas de intervenção. **Revista de Educação do Ideau (REI)**, v. 10, n. 22 – Julho a Dezembro 2015.

BARBOSA, F. A. L. **Percepções de coordenadores pedagógicos sobre a indisciplina escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/handle/tede/1787>. Acesso em: 5 fev.2018.

BARBOSA, V. D. **A relação professor-aluno no processo de ensino aprendizagem**, 2011. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-relacao-professor-aluno-no-processo-de/73895/>. Acesso em: 15 set. de 2019.

BARLETTA, J. B. Avaliação e intervenção psicoterapêutica nos transtornos disruptivos: algumas reflexões. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**. Rio de Janeiro, v. 7 n. 2, p. 25 – 31. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v7n2/v7n2a05.pdf>. Acesso em: 15.01.2019

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C.(Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAUER, M. W.; GASKELL, G; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

BENETTE, T. S.; COSTA, L. P. Indisciplina na sala de aula: algumas reflexões. 2008. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2186-8.pdf>. Acesso em: 12/05/2019.

BIESDORF . R. K. **O papel da educação formal e informal: educação na escola e na sociedade.** 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/arnol/Desktop/20432-Texto%20do%20artigo-84884-1-10-20120926.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BINI, L.R.; PABIS, N. Motivação ou interesse do aluno em sala de aula e a relação com atitudes consideradas indisciplinadas. **Revista Eletrônica Lato Sensu**, v. 3, n. 1, p. 1-19, 2008. Disponível em: <https://www.unicentro.br>. Acesso em: 21 de julho de 2020.

BISPO, A. G, de. O. **Percepções de Professores e Alunos do Ensino Fundamental em relação às causas da indisciplina em sala de aula.** 2017. Disponível em: <http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/3792/1/PEB%20-%20Adriana%20Gama%20de%20Oliveira%20Bispo.pdf>. Acesso em: 25 mai.2019.

BOCCHI, K. C. B. **Indisciplina em Sala de aula: Posicionamento dos Professores e Avaliação de uma proposta de Formação.** Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação)- PUC - SP, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/16326/1/Ketney%20Cristine%20Bonfogo%20Bocchi.pdf>. Acesso em: 15 mai 2019.

BRASIL. MEC. CNE. **Resolução CNE/CP 2/2002.** Diário Oficial da União, Brasília, 2002. Seção 1, p. 9. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.

BRASIL. MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). **Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil.** [Online]. Brasília: Inep, 2019. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206#:~:text=O%20Pisa%202018%20revela%20que,escolariza%C3%A7%C3%A3o%20de%20profici%C3%Aancia%20em%20leitura.&text=As%20escolas%20particulares%20e%20federais,%2C%20respectivamente%2C%20contra%20487%20pontos. Acesso em: 14 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Parte I - Bases Legais.** Brasília: MEC/SEMT 2000.

BRAZ, M. R. P. **A indisciplina em sala de aula: uma análise do contexto social, familiar e a gestão escolar,** 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2554-8.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2019.

BROUSSEAU, G. **Ingénierie didactique: D'un problème à l'étude à priori d'une situation didactique.** Deuxième École d'Été de Didactique des mathématiques, Olivet: 1982.

CABRAL, F.M.S; CARVALHO, M. A. V, de; RAMOS, R.M. **Dificuldades no relacionamento professor /aluno:** um desafio a superar. *Paidéia*, 2004, 14(29), 327-335.

CALDEIRA, J. dos. S. **Relação professor-aluno:** uma reflexão sobre a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. In: XI Congresso Nacional de Educação – XI EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8019_4931.pdf. Acesso em: 15 out. 2019.

CAMPOS, M. A, de; QUADROS, M. B, de. **A indisciplina no âmbito escolar:** reflexões teóricas e metodológicas para organização do trabalho pedagógico. 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uenp_ped_artigo_marli_ambrosio_de_campos.pdf. Acesso em: 15 mai. 2020.

CAPELATTO, I. **"No Limite:** como educadores tratam a questão da indisciplina na escola". Ler e aprender, suplemento especial do Jornal o Estado do Paraná, Junho, p.3, 2001.

CARVALHO, J. S. F. Os sentidos da In (disciplina): regras e métodos como práticas sociais. In. AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola:** alternativas teóricas e prática. São Paulo. Summus, 1996.

CARVALHO, L. P; RODRIGUES, E. R. A indisciplina na escola: causas e diferentes manifestações. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, v.1, 2013. Disponível em: <https://semanaacademica.com.br/indisciplina-na-escola-causas-e-diferentes-manifestacoes>. Acesso em: 23 mai 2020.

CASTRO, C. S. de. **Disciplina e Indisciplina o processo educativo:** uma reflexão crítica sobre os estudos pedagógicos e sobre uma experiência com o cinema. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2014. Disponível em: http://repositorio.ufla.br/bitstream/1/4866/2/DISSERTA%C3%87%C3%82O_Disciplina%20e%20indisciplina%20no%20processo%20educativo%20uma%20reflex%C3%A3o%20cr%C3%ADtica%20sobre%20os%20estudos%20pedag%C3%B3gicos%20e%20sobre%20uma%20experi%C3%Aancia%20com%20o%20cinema.pdf. Acesso em 22 nov.2019.

CASTRO, M. C. de. Indisciplina: Um olhar sobre os distúrbios disciplinares na escola. Publicação Quadrimestral – **Revista Eletrônica da Faculdade Semar/ Unicastelo**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627110733.pdf. Acesso em: 23 mai 2020.

CENCI, A.V. Para além de doutrinação e espontaneísmo: desafios atuais da educação moral à escola. **Revista Pragmateia Filosófica** - Ano 1 – n. 1, p. 1- 14, Out. de 2007. Disponível em: <https://www.nuep.org.br/site/images/pdf/rev-pragmateia-v1-n1-out-2007-para-alem-de-doutrinacao.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2020.

COLL, C; MARCHESI, Á; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CORREIA, J.M.F. **Causas da Indisciplina Escolar no 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico**. Universidade da Madeira, Portugal, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/62478787.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2020.

CUTRIM, F. F. **A produção de sentidos por professores acerca da indisciplina no Ensino Fundamental e relações com trajetórias de vida**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional) – curso de Pós-Graduação em Psicologia Educacional, Centro Universitário FIEO, Osasco, 2014.

CHAGAS, K. M. **Indisciplina na escola: de quem é a culpa?**. Monografia (Pós-Graduação em Gestão de Qualidade na Educação) – Facinter, Guarapuava - PR, 2001.

CHAVES, R. S. L. **Sentimentos de professores (as) diante da indisciplina de alunos (as) adolescentes no ensino Fundamental**. Dissertação de Mestrado em Educação: Psicologia da Educação- Puc /SP), São Paulo 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/16584/1/Rosa%20Silvia%20Lopes%20Chaves.pdf>. Acesso em: 28 nov.2018.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 2, p.177-229, 1990.

CRUZ, V.M, de. A.C; PEREIRA, M, de. F. R; SILVA, F. F, da. As perspectivas de futuro dos jovens frente à educação profissional integrada. **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia** do IFRS- Campus Porto Alegre, Porto Alegre, v.1 n.1, p. 57-72, jan./jun. 2014.

DAMBROS, R. E ; CASTANHA, A. P. **Escola e família: Enfrentado a indisciplina para harmonizar o espaço escolar**. 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernosdpde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_gestao_artigo_regina_elena_dambros.pdf Acesso em 25 mai. 2020.

DIOGENES, E. M. N.;CARNEIRO,M. J. M. C. Cultura de paz como mediação no cenário da escola pública. Capítulo do livro de MATOS, K. S. L. de. **Cultura de paz, educação e espiritualidade**. Fortaleza: EDUECE, 2017. 344 p (coleção práticas educativas).

DISCIPLINA. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, 2008-2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/disciplina>. Acesso em: 25 ago. 2020.

ECHELHI,S.D. **A motivação como prevenção da indisciplina**. Educar, Curitiba, n. 32, p. 199-213, 2008. Editora UFPR.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto: Porto, 1992.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 3ª.ed, Portugal, Porto, 1994.

ESTRELA, M. T. **Relação Pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Portugal: Porto Editora, 1994.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 3. ed. Porto, Porto Codex, 2002, 160 p.

FERRARI, M; KALOUSTIAN, S. M. A Importância da Família. In: KALOUSTIAN, S. M. (org.) **Família brasileira: a base de tudo**. São Paulo : Cortez, 1994. p. 11-15.

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. A importância da Família. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.). **Família brasileira: a base de tudo**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 2002, p. 11-18.

FERREIRA, A. B de H. **Dicionário Aurélio Junior**: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005.

FERREIRA, A. B de H. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa, 7. ed. 2009. Editora Positivo.

FERREIRA, A. C; ROSSO, A. J. **Estrutura das representações sociais dos alunos do 9º ano sobre a indisciplina**. Psic. da Ed., São Paulo, 37, 2º sem. de 2013, p. 15-29.

FERREIRA, A. C. **As Representações sociais dos alunos do 9º ano com indícios de Minorias Ativas em relação à Indisciplina Escolar**. 2019, 248f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, 2019. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2915/4/Adriano%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2020.

FERREIRA, A. C. **Tema quente, cabeça fria**: representações sociais da indisciplina escolar pelos alunos concluintes do ensino fundamental. 2014, 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Ponta Grossa- Ponta Grossa- PR, 2014. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/1373/1/Adriano%20%20Charles%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 8 fev.2020.

FERREIRA, P. E. dos, S. V. **A experiência de refletir sobre indisciplina na relação professor/aluno**. Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal Farroupilha, Santo Ângelo, 2019. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/434063/2/Produto%20Educativo.pdf>. Acesso em: 15 mar.2020

FITA, E. C. O professor e a motivação dos alunos. In: TAPIA, J. A; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: O que é, como se faz.** 5 ed. São Paulo: Loyola, 2003. p. 65-135.

FREITAS, S. L; PACIFÍCO, J. M. Formação docente e os saberes necessários à prática pedagógica. **Revista Multidisciplinar em Educação.** EDUCA, Porto Velho - RO, v. 2, n. 4, pp. 1-17, 2015. Disponível em: <https://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/1620/1481>. Acesso em: 25 mar. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 25ª Ed. 1996.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia.** 2º ed. Editora Vozes. Petrópolis, RJ 1987.

FRELLER, C. C. **História da Indisciplina Escolar: o trabalho de um psicólogo numa perspectiva winnicottiana.** 1.ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento,** Curitiba, n. 95, p. 101-108, 1999.

GARCIA, J. **Entre os muros da escola: Indisciplina e Formação de Professores.** IX Congresso Nacional de Educação – Educere. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009. Disponível em: http://www.janehaddad.com.br/new/arquivos/Entre_os_Muros_da_Escola.Indisciplin a...pdf. Acesso em: 14 jul. 2019.

GATTI, B. A. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Brasileira de Formação de Professores,** Cristalina, v. 1, n. 1, p. 90-102, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1987.

GOLBA, M. A. de, M. **A indisciplina escolar na perspectiva de alunos.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/pedagogia/dindisciplina.pdf. Acesso em: 13 out.2019.

GOULART, S. M. **A sala de aula como universo da construção do conhecimento.** p. 207. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1993.

GONÇALVES, G. M. S. **Disciplina/Indisciplina: formas de controle na Escola Maria Constança Barros Machado (1975-1992).** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011.

GONCALVES, H.S; MOTA, C. M. de M. **Liderança situacional em gestão de projetos: uma revisão da literatura.** Produção, v. 21, n. 3, p. 404-416, jul./set. 2011.

GONÇALVES, L. F. de C. **Como pensar a indisciplina na escola indisciplinada?**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2017.

GONÇALVES, V. B. **Táticas e estratégias**: uma desconstrução da noção de indisciplina no cotidiano escolar. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/4399/1/Vanessa%20Bugs%20Gonc%20a7alves.pdf>. Acesso em 25 mar. 2018.

GONZAGA, K. R. V. **Lugar de fala na formação docente para a gestão da indisciplina discente**. Dissertação (Mestrado)-UFPB/CE. João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4707/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.

GONZATTO, C.G; WIRZBICKI, S.M. **Compreensões e problematizações sobre a indisciplina em contexto escolar**. Ciências em Foco, n.2, v. 12, p. 12-21, 2019.

GUZZO, S. E. L.; SCHROEDER, T. M. R. **Os valores e a ética no ambiente escolar e suas relações com a violência**. Caderno PDE, 2014.

GROSS, I. **Discurso pedagógico sobre indisciplina escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2009.

HUERTAS, J. A. **Motivación**: querer aprender. Buenos Aires: Aique, 2001.

HITO, C.F.C. **Limites**: problemática na escola. Rev. Traj. Mult. – Ed. Esp. XVI Fórum Internacional de Educação – Ano 3, Nº 7- Ago/2012

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para mudança e a incerteza. Trad. de Silvana Cobucci Leite. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JACOBS, D. B. A; CIPOLA, E. S.M; TAKAHASHI, J.L de MELLO, A. C. F, de M. A. Indisciplina e seus fatores determinantes. **Revista Científica UNAR**, Araras São Paulo, v.16, n.1, p.158-172, 2018. Disponível em: http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol16_n1_2018/17_A_INDISCIPLINA_E_SEUS_FATORES.pdf. Acesso em: 04 mar 2020.

JESUS, F. R. de. **Indisciplina e transgressão na escola**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2015. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/254010/1/Jesus_FrancisRobertade_D.pdf. Acesso em: 27 mar.2020

JESUS, G. de; MAIA, G. Z. A. Indisciplina escolar: reflexões. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, São Paulo, Vol. 10, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/ric/article/view/307>. Acesso em: 15 abr. 2019.

JUSVIACK, A. **Focos e enfoques da indisciplina**. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/511-4.pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.

KALOUSTIAN, S. M (org) **Família brasileira a base de tudo**. São Paulo: Cortez, Unicef, 1988.

KAKAZU, E. H. W. **Indisciplina: carência de limites e valores morais?**. 2009. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2177-8.pdf?PHPSESSID=2010012508181580. Acesso em: 30 set. 2019.

KOGUT, M. C. **A formação docente: os saberes e a identidade do professor**. Educere, XII Congresso Nacional de Educação. PUC/ PR. 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19247_8833.pdf. Acesso em: 12 fev. 2019.

KNUPPE, L. **Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do Ensino Fundamental**. Editora UFPR. Educar, Curitiba, n. 27, p. 277-290, 2006.

LA TAILLE, Y. et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. SP, Summus, 1992.

LEITE, S. A. da, S. **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LENTSCK, R.T. **Participação da família na escola: desafios e possibilidades**. 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_gestao_artigo_reni_terezinha_lentsck.pdf. Acesso em 15 fev.2020.

LIBANEO, J. C. **Adeus professor, adeus professor? Novas exigências educacionais e profissão de docente**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNIO, J.C.2014. **Didática e práticas de ensino e a abordagem da diversidade sociocultural na escola**. p. 08 – 09. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro4/10.%20DID%C3%81TICA%20E%20PR%C3%81TICAS%20DE%20ENSINO%20E%20A%20ABORDAGEM%20DA%20DIVERSIDADE%20SOCIOCULTURAL%20NA%20ESCOLA.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2020.

LIBANEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2008.

LIBANEO, J. C. **Psicologia Educacional: uma avaliação crítica**. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (org.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1991; p. 154-180.

LIMA, M. S. L. **A Hora da Prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente**. 4. Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

LONGAREZI, A. M. **Os sentidos da indisciplina na escola:** concepções de professores, equipe técnica e alunos das series finais do Ensino Fundamental. Tese-doutorado- Faculdade de Ciências e Letras- Universidade Estadual Paulista/ Campus de Araraquara (UNESP), 2001. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/149250/000191903.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 jan.2020.

LOPES , R. B.; GOMES C. A. **Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar:** o que revela a literatura? Ensaio: Avaliação em Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 20, n. 75, p.261-282, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v20n75/03.pdf>. Acesso em: 24/06/2020.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez, 1994.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação:** abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, p. 25-44, 1986.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre Pais e Filhos:** a linguagem do sentir. São Paulo: Saraiva, 2002.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MASETTO, M. T. Atividades pedagógicas no cotidiano da sala de aula universitária: reflexões e sugestões práticas. In: CASTANHO, S; CASTANHO, M. E (org.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior.** Campinas: Papirus, 2001. p.83-102.

MATOS, K. S. L. de; BRAGA, J.de. L. **Tornando visíveis as alternativas de Paz nas escolas:** a EMEIF Deputado Manoel Rodrigues In. MATOS, K. S. L; NASCIMENTO,V. S. do.; NONATO JUNIOR, R. (Orgs). **Cultura de Paz;** do conhecimento à sabedoria. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p.30-37.

MARTURATO, E. M; ELIAS, L. C. dos, S. **Família, dificuldades no aprendizado e problema de comportamento em escolares.** Paraná, 2016. 01-13p. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n59/1984-0411-er-59-00123.pdf>. Acessado em: 30 de maio de 2019

MEDEIROS, R. da. S; LEITE, T. P. **Indisciplina:** atitudes e reflexões para um debate sobre a dificuldade de aprendizagem. Caderno PDE, 2016, p. 06.

MELO, S, de. F, G, de. **Indisciplina escolar:** Possibilidades de enfrentamento dessa problemática pelos profissionais da escola. Caderno PDE, 2016, p. 02.

MENDES, T. C. **Configuração identitária do formador de professores.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018. Disponível em: <http://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2731/1/Thamiris%20Christine.pdf>. Acesso em 16/08/2020.

MILÃO, S. M. **Análise dos pressupostos metodológicos da utilização da planilha na educação**: revisão de dissertações. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências Matemática). Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7476/1/000472417-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

MIRANDA, E. **A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino aprendizagem no contexto afetividade**. In: 8º Encontro de Iniciação Científica e 8ª Mostra de Pós Graduação. FAFIUV, 2008. Disponível em: <http://www.ieps.org.br/ARTIGOSPEDAGOGIA.pdf>. Acesso em: 7 de abril de 2013.

MORAES, K. V. de.; BITTAR, K. dos R. **A Indisciplina como fator prejudicial para o processo de ensino-aprendizagem**. Anais do Congresso de Iniciação Científica, Estágio e Docência do Campus Formosa, 2016.

MORAES, R. **Uma tempestade de Luz**: a compreensão possibilitada pela Análise Textual Discursiva. *Ciência & Educação*, UNESP: São Paulo Local, v. 9, n. 2, p.191-211, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2020.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 2. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2011.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva: Processo Reconstrutivo de Múltiplas Faces**. *Ciência & Educação*, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORAES, R; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2011.

NAIFF, L. A. M. **Indisciplina e violência na escola**: reflexões no (do) cotidiano. *Educação Unisinos*, 13(2):110-116. Disponível em: <file:///C:/Users/arnol/Desktop/4936-15909-1-SM.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2020.

NIGRE, A. A. dos. S; LOURENZINI, M. L. **Limites**: um mecanismo de aprendizagem. *Educere*, 2011.

NÓVOA, A. **A formação contínua de professores**: realidades e perspectivas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 11-30.

OLIVEIRA, C. B.; MARINHO ARAUJO, C. M. **A relação família escola**: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 2010. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=Ink&exprSearch=548678&indexSearch=ID>. Acesso em: 26 ago. 2018.

OLIVEIRA, M. I. de. **Indisciplina Escolar**: determinantes, consequências e ações. Brasília: Líber Livro, 2005.

OLIVEIRA, R. L. G, de; SCHMIDT, F. R; PORTELA, D. **Prevenção da indisciplina escolar**: uma análise sobre as atividades de início de ano. EDUCERE, PUC/PR, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10)**. 10 ed. rev. 4 reimpr. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2012, 1.191 p.

ORTENZI, A. **A relação professor e aluno**: contribuições para o ensino de matemática. (Dissertação de Mestrado). PUC –Campinas, 2006. Disponível em: www.educadores.diaadia.pr.gov.br/.../MATEMÁTICA/Dissertacao_O. Acesso em: 25 abr. 2019.

PACHECO, J. A.; FLORES, M.^a. **Formação e Avaliação de professores**. Porto: Ed. do Porto, 1999.

PAROLIN, I. **As dificuldades de Aprendizagem e as relações familiares**. Livro da 5ª Jornada de Educação do Nordeste. Fortaleza, 2003.

PAROLIN, I. **Professores formadores**: a relação entre família, a escola e a aprendizagem. Série: práticas educativas. Curitiba: Positivo, 2007.

PARRAT- DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Tradução de Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncai. São Paulo: Contexto, 2008.

PARRAT-DAYAN, Silvia. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal – **Como enfrentar a indisciplina na escola**. 2. Ed.. – São Paulo: Contexto, 2011.

PASSOS, L. F. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 8. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 117-127.

PEREIRA, M; NEY, G.A. **A importância da família no desenvolvimento da aprendizagem da criança**. 2018. Disponível em <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/a-importancia-da-familia-no-desenvolvimento-da-aprendizagem-da-crianca.pdf> Acesso em: 20 out. 2019.

PEREIRA, M. A. da. S. **Indisciplina Escolar**: concepções dos professores e relações com a formação docente. Dissertação (Mestrado em Educação). Campo Grande, MS, UCDB, 2009. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8123-indisciplina-escolar-concepcoes-dos-professores-e-relacoes-com-a-formacao-docente.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.

PEREIRA NETO, E. F; RAMOS, M. Z; SILVEIRA, E. M. C. Configurações familiares e implicações para o trabalho em saúde da criança em nível hospitalar. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 26 [3]: 961-979, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/physis/v26n3/0103-7331-physis-26-03-00961.pdf>. Acesso em : 28 fev. 2020.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**/Philippe Perrenoud; trad. Patricia Chittoni Ramos,- Porto Alegre: Artmed, 2000. 192p.

PERRENOUD, P. A ambiguidade dos saberes e da relação com o saber na profissão de professor. In: **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**, do mesmo autor. Porto Alegre: Artmed Ed, 2001, p. 135-193.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, S. G; ANASTACIOU, L. das. G. C. **Docência no ensino superior**. Vol. I. São Paulo: Cortez, 2002.

PINTASSILGO, C. R. L.; SERRA, D. **A relevância da afetividade na aprendizagem**. Niterói, 2010.

PINTO, F. C. F. **Ensaio: avaliação e Políticas Públicas em Educação**. vol. 20, n. 75. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362012000200001&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 18 ago. 2019.

PIRES, D. B. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. Educação e Sociedade, ano XX, nº 66, Abril/99. Disponível em:
<https://www.scielo.br/pdf/es/v20n66/v20n66a8.pdf>. Acesso em: 25 de nov. 2020.

PRANIS, K. **Processos Circulares**. (Trad. Tônia Van Acker). São Paulo: Palas Athena, 2010.

PRANIS, K. **Círculos de justiça restaurativa e de construção da paz: guia do facilitador**. (Trad. Fátima de Bastiani). Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, 2011.

QUIRINO, L. N. G. **Contribuições e influências do contexto social para a aprendizagem**. 2015. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/128230/000851362.pdf?sequencia=1>. Acesso em: 25 mai. 2019.

QUEIROZ, T. D. **Dicionário prático de pedagogia**. São Paulo: Riddel, 2003.

REBELO, R. A. A. **Indisciplina escolar - multiplicidade de causas e sujeitos: um olhar sobre a Escola Municipal de Ensino Fundamental José Honório Rodrigues, situada na periferia da Zona Leste da cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado

em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/10022>. Acesso em: 20 mai. 2020.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva Vygotskiana. In: AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 14. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 83-101.

REVISTA EDUCAÇÃO. **Mau comportamento dos alunos é maior no Brasil, diz estudo**. 2016. Disponível em: [https://revistaeducacao.com.br/2015/02/10/mau-comportamento-dos-alunos-e-maior-no-brasil-diz-estudo/#:~:text=Os%20professores%20brasileiros%20s%C3%A3o%20os,e%20Des%20envolvimento%20Econ%C3%B4mico%20\(OCDE\).&text=A%20m%C3%A9dia%20brasileira%20%C3%A9%20bem,%2C%20que%20ficou%20em%2013%25](https://revistaeducacao.com.br/2015/02/10/mau-comportamento-dos-alunos-e-maior-no-brasil-diz-estudo/#:~:text=Os%20professores%20brasileiros%20s%C3%A3o%20os,e%20Des%20envolvimento%20Econ%C3%B4mico%20(OCDE).&text=A%20m%C3%A9dia%20brasileira%20%C3%A9%20bem,%2C%20que%20ficou%20em%2013%25). Acesso em: 17 set. 2019.

REY, F. L. G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo, SP: Thomson, 2005.

RODRIGUES, S. A; GARMS, G. M. Z. **Relações interpessoais na Educação Infantil: o lugar da afetividade**. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA ANPED, 9., Cuiabá, MT, 2008. Anais... Cuiabá, MT: UFMT, 2008. v. 1. p. 1-14.

RICARDO, E. C. **Implementação dos PCN em sala de aula: dificuldades e possibilidades**. Caderno Brasileiro de Ensino de Física. Florianópolis, v. 4, n. 1, 2003.

RINALDI, C. Reggio Emilia: a imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental. IN: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (orgs.). **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROSSO, A. J.; CAMARGO, B. V. **As representações sociais das condições de trabalho que causam desgaste aos professores estaduais paranaenses**. Educação temática digital (ETD), 13, 269-289. Disponível em: <https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/28628>. Acesso em: 13 mai. 2019.

ROSSO, A. J.; CAMARGO, B. V. **As Representações Sociais das condições de trabalho que causam desgaste aos professores estaduais paranaenses**. ETD: Educação Temática Digital, Campinas, v. 13, n. 1, p. 269-289, jul./dez. 2011.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Tradução Ernani F. da Fonseca Rosa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000

SALSA, I. da. S. **A importância do erro do aluno em processos de ensino e de aprendizagem**. REMATEC, n. 26, 2017, p. 86 – 99.

SALVI, I. L. **Os impactos da disciplina sobre o trabalho docente: perspectivas dos discentes e professores universitários de uma instituição privada do norte do Paraná**. Dissertação de (Mestrado Acadêmico em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias). Universidade do Norte do Paraná, Londrina, 2017.

Disponível em:

<https://repositorio.pgsskroton.com/bitstream/123456789/2495/1/Irene%20%20final.pdf>. Acesso em: 14 abr.2019.

SANTOS, B. Gestão da sala de aula para prevenção da indisciplina: a importância da formação inicial. In: ESTRELA, A.; FERREIRA, J. (Orgs.). **Indisciplina e violência na escola**. XI Colóquio na AFIRSE, 2002. p. 159-165.

SANTOS, B. **Gestão da sala de aula para prevenção da indisciplina: que competências ? que formação ?** Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/brancasantos.pdf>. Acesso em: 25/09/2019.

SANTOS, C. R. dos. **Ética, moral e competência dos profissionais da educação**. Avercamp: São Paulo, 2004.

SANTOS, E. R. dos. **Representações sociais de professores do ensino básico sobre a indisciplina escolar**. 2011-2013,317 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa - Ponta Grossa- PR, 2013. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/1193/1/Edvanderson%20Ramalho%20Santos.pdf>. Acesso em: 25 mai 2020.

SANTOS, E. R. dos; ROSSO, A.J. **A indisciplina escolar nas representações sociais de professores paranaenses**. Psic. da Ed., São Paulo, 34, 1º sem. de 2012, pp. 127-157. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n34/n34a08.pdf>. Acesso em: 25 set. 2019.

SANTOS, H.C, dos. **A Indisciplina na Escola: causas, prevenções e enfrentamento**. Estação Científica - Juiz de Fora, n. 15, janeiro – junho / 2016.

SANTOS, G.S. **A construção de limites com crianças na educação infantil: um desafio na rede pública municipal de ensino de salvador**. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19887/1/TCC%20FINAL%20GLAUCINEIDE%20SANTOS.pdf>. Acesso em 14 set. 2019.

SANTOS, J. C. F. dos. **Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SILVA, C.M.B, da. **O professor como causa da indisciplina dos alunos**. Anais do 14º Congresso Internacional de Tecnologia na Educação Brasil | Recife | Setembro de 2016.

SILVA, D. A. de. G. da. **A Indisciplina: causas e consequências no processo do ensinar e aprender**. 2014.

SILVA, E. O. da, MOREIRA, M; GRANDO, N. I. **O Contrato Didático e o currículo Oculto: Um Duplo Olhar sobre o Fazer Pedagógico**. Revista Zetetiké. v.4, n. 6. Campinas, 1996.

SILVA, G. B. da. **O papel da motivação para a aprendizagem escolar**. 2014. 39p.

SILVA, L. C. da. **Disciplina e Indisciplina na aula: uma perspectiva sociológica**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-7DAR7T/1/tese_em_pdf_luciano_campos_da_silva.pdf. Acesso em: 28 jan. 2019.

SILVA, L. **Filhos e alunos sem limites: um desafio para pais e professores/** Lucy Silva, Regina Mara Conrado – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

SILVA, N. P. **Ética, indisciplina & violência nas escolas**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVEIRA, E. L. D. O perfil do professor do século XII: uma reflexão necessária. **Revista de Educação Dom Alberto**, n. 3, v. 1, jan./jul. 2013. Disponível em: <https://domalberto.edu.br/wp-content/uploads/sites/4/2017/07/O-Perfil-do-Professor-do-S%C3%A9culo-XXI-uma-Reflex%C3%A3o-Necess%C3%A1ria.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

SILVEIRA, L.M, de. O. B; WAGNER,A. Relação família-escola: práticas educativas utilizadas por pais e professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)** v. 13, n. 2, p. 283-291, Julho/Dezembro de 2009.

SILVEIRA, M. L. D. S. **A indisciplina em Sala de aula: o que pensam professores e alunos**. (Dissertação- Mestrado em Educação: Universidade Católica de Santos), Santos 2007. Disponível em: <http://biblioteca.unisantos.br:8181/bitstream/tede/109/1/Maria%20Lucia%20Dondon.pdf>. Acesso em: 15 set.2019.

SIMÕES, J. F. M. **Para além das representações de indisciplina e de currículo: e as crianças como ficam?**. Dissertação (Mestrado em Práticas Docentes no Ensino Fundamental) - Universidade Metropolitana de Santos, Santos, 2018.

SOBANSKI ,L. A. A. **Alunos desatentos: e agora, pedagogos?**, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unioeste_lindamiraparecidaandriolasobanski.pd. Acesso em: 15 mai. 2020.

SOUSA, I. M. A. de. **Aprendendo a ser professor: a prática no PIBID como possibilidade de mobilização e [re]elaboração de saberes sobre alfabetização**. Porto Alegre, 2013.

SOUZA, A. V. P.; CAMARGO, J. A. **Indisciplina e o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Matemática**. Disponível em: <http://www.sbembrasil.org.br/enem2016/anais/autores-A.html>. Acesso em: 18 jun. de 2020.

- SOUZA, G. K. A. de. **Expectativas de estudantes concluintes do Ensino Médio no Recôncavo da Bahia:** (Re) construindo laços da Escola Pública à Universidade. Cachoeira – BA, 2013.
- SOUZA, M. A, de; CASTRO, R. E. F, de. **Agressividade infantil no ambiente escolar:** concepções e atitudes do professor. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 4, p. 837-845, out./dez. 2008.
- TABILE, A.F; JACOMETO, M.C.D. **Fatores influenciadores no processo de aprendizagem:** um estudo de caso. Rev. Psicopedagogia 2017; 34(103): 75-86
- TAPIA, J. A. **A motivação em sala de aula:** o que é, como se faz. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- TAPIA, J. A; FITA, E. C. Contexto, motivação e aprendizagem. In: TAPIA, J. A. **A motivação em sala de aula:** o que é, como faz. 5ª Ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- TARDIF, M. LESSARD, C.; LAHAYE, L. **Os professores face ao saber-** Esboço de uma problemática do saber docente. Teoria e Educação n. 04, 1991, p. 215-233.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 3.ed. Petrópolis. Vozes, 2002.
- TIBA, I. **Disciplina:** o limite na medida certa. São Paulo: Gente, p. 99, 1996.
- TIBA, I. **Ensinar Aprendendo:** como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização. São Paulo: Gente, 1998.
- TIBA, I. **Quem ama educa.** São Paulo: Editora Gente, 2002.
- TIGRE, M. das G. do. E. S. **Violências na escola:** reflexões e análise. Ponta Grossa: UEPG, 2009. 113p.
- TONUCCI, F. **Quando as crianças dizem:** agora chega! Porto alegre: artmed, 2005
- TORELLI, E. M. F. C. **Situações de indisciplina na escola e as possibilidades de enfrentamento:** os diferentes olhares dos professores da educação básica. Londrina, PDE, 2009.
- TORETE, R. M. C. **O diretor da escola como mediador entre a família a escola.** Presidente Prudente: Unioeste, 2005.
- TREVISAN, N. P. **Indisciplina escolar: Base Catalisadora de Formação Docente.** Dissertação (Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19298/2/Nat%c3%a1lia%20Peixoto%20Trevisan.pdf>. Acesso em: 5 fev.2019.

TREVISOL, M. T. C.; VIECELLI, D.; BALESTRIN, C. A (in)disciplina na instituição educativa: cartografando o fenômeno. In: TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. **Conflitos na instituição educativa: perigo ou oportunidade?**. Contribuições da Psicologia. Campinas, SP: Mercado de letras. (Coleção Educação e Psicologia em debate).

TREVISOL, M.T. C; VIECELLI,D; BALESTRIN, C. A (in)disciplina na instituição educativa: cartografando o fenômeno. In: TOGNETTA, L. R. P; VINHA, T. P.(Orgs). **Conflitos na instituição educativa: perigo ou oportunidade?** Contribuições da Psicologia. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.p.89-134.(Coleção Educação e Psicologia em debate).

TREVISOL, M. T. C.; LOPES, A. L. V. **A (in) disciplina na escola: sentidos atribuídos por profissionais da educação.** 2008. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/909_555.pdf . Acesso em: 09 ago. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. **Catálogo de Cursos da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2019.** Disponível em: <https://www.uepg.br/catalogo/cursos/2019.html>. Acesso em: 09 out. 2020.

VALA, C. L. dos. S. **Indisciplina: um diálogo entre professores e pais.** Londrina, 2008. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_cleuz_a_luiza_santos.pdf. Acesso em: 25 mai. 2020.

VALENTIM, L. M. **Indisciplina em sala de aula.** João Pessoa: UFPB, 2016.

VASCONCELLOS, Celso. (In) Disciplina: **Construção consciente e interativa em sala de aula e na escola.** São Paulo: Libertad – Centro de Pesquisa. Formação e Acessória Pedagógica, 1989.

VASCONCELLOS, C dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1993.

VASCONCELLOS, C dos S. **Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula.** São Paulo Libertad Editora, 1995. (Cadernos Pedagógicos, v.4).

VASCONCELLOS, C. **(In)disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** 13. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente.** São Paulo: Ed. Cortez, 2009. 304 p.

VASCONCELLOS, C. dos. S. **(In)disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** 15. ed. São Paulo: Libertad, 2004.

VEIGA, I. P. A. (Org.). **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas / SP: Papyrus Editora, 2007.

- VEIGA, I. P. A. **Didática: entre o pensar, o dizer e o vivenciar** – Ilma Passos Alencastro Veiga (coordenadora). Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012, 159p.
- VELOSO, L. T. T. **Indisciplina e responsabilização: por uma formação ética de professores**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2012. Disponível em:
<http://repositorio.unitau.br/jspui/bitstream/20.500.11874/820/1/Lauro%20Take%20To%20Velo%20Velo%20Velo.pdf>. Acesso em: 5 nov.2019.
- VERGNA, A. C. G. **Indisciplina e violência na escola: concepções e discursos de educadores**. Dissertação (Mestrado). São Carlos, UFSCar, 2016. Disponível em:
<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7740/DissACGV.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 5 mar.2020.
- WERNECK, H. **Ensinamos demais, aprendemos de menos**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- VINHA, T. P. **O educador e moralidade infantil: uma visão construtivista**. São Paulo: Mercado de Letras Edições e Livraria LTDA, 2000.
- WOLFF, J.S. **Disciplina/ Indisciplina: um estudo sobre os sentidos e significados constituídos por docente do ensino fundamental na educação privada**. 150 p. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação)- PUC-SP, São Paulo, 2015. Disponível em:
<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/16210/1/Jaime%20da%20Silva%20Wolff.pdf>. Acesso em: 15 dez.2019.
- ZAGURY, T. **O Professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil/Rio de Janeiro**: Record, 2006.
- ZECHI, J. A. M. **Educação em valores: solução para a violência e indisciplina na escola?**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2014.
- ZIMNY, A.M. **Indisciplina: uma abordagem sob diferentes perspectivas**. Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná- Curitiba, 2015. Disponível em:
<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47073/ANGELA%20MARIA%20ZIMNY.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: Acesso em: 15 dez.2019.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Discutindo indisciplina a partir da disciplina: uma análise das concepções de licenciandos dos cursos de Matemática e Biologia.

Aprovado e discutido no GP-Políticas Educacionais e Formação de Professores. (UEPG)

Nas questões objetivas marcar com um **X** somente uma resposta, a que melhor se apresente para você.

1. **Nome (opcional):** _____

2. **Sexo:**

Masculino

Feminino

3. **Faixa de idade:**

Até 25 anos

De 25 a 35 anos

De 35 a 45 anos

De 45 a 60 anos

Acima de 60 anos

4. **Escolaridade:**

Doutorado

Mestrado

Especialização

Graduação

Ensino Médio

Outros

5. **Leciona:**

Sim

Não

Se você respondeu "sim", há quanto tempo leciona?

Rede Particular ou Pública? _____

APÊNDICE B
QUESTIONÁRIO COM QUESTÕES NORTEADORAS

Discutindo indisciplina a partir da disciplina: uma análise das concepções de licenciandos dos cursos de Matemática e Biologia.

Aprovado e discutido no GP-Políticas Educacionais e Formação de Professores. (UEPG)

1. Para você o que é disciplina e indisciplina?

2. Quais são as causas mais frequentes da indisciplina em sala de aula e em outros espaços escolares?

3. Em sua opinião, quais as características de um aluno (a) indisciplinado(a)?

4. Em sua percepção, quem são os responsáveis pela indisciplina do aluno(a)?

5. A indisciplina interfere no aprendizado dos alunos? Em que situações observa isso?

6. Que ações você julga serem necessárias para evitar atos de indisciplina presentes no ambiente escolar?

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Estadual de Ponta Grossa Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS
Av.: Gen. Carlos Cavalcanti, 4748 CEP: 84030-900 Bloco M, Sala 100
Campus Uvaranas Ponta Grossa Fone: (42) 3220.3108 e-mail: seccoep@uegp.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você _____ está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “Discutindo indisciplina a partir da disciplina: uma análise das concepções de licenciandos dos cursos de Matemática e Biologia”, tendo como pesquisador responsável o mestrando Arnold Vinicius Prado Souza do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Ponta Grossa sobre orientação do Professor Dr. Marcio Akio Ohira da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O objetivo da pesquisa é identificar a concepção que os licenciandos dos cursos de Matemática e Biologia possuem sobre a indisciplina.

A sua participação no estudo consiste em responder um questionário com seis questões discursivas. Este questionário foi elaborado com a finalidade de coletar dados e informações sobre as concepções dos licenciandos dos cursos de Matemática e Biologia sobre a indisciplina. Os dados possuem sigilo garantido, não sendo publicados nomes de participantes da pesquisa, apenas os dados obtidos.

Após as análises você será informado dos resultados desta pesquisa da qual participa. Sua participação é voluntária, portanto, não receberá recompensa ou gratificação nem pagará para participar. Será garantido o livre acesso a todas as informações e retirada de dúvidas sobre o estudo, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da participação na pesquisa. Você poderá deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem apresentar justificativas e, também, sem prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido, tendo também todas as dúvidas esclarecidas sobre a sua participação neste trabalho. Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com qualquer um dos membros da pesquisa ou com a Comissão de Ética em Pesquisa da UEPG:

Prof.º Dr. Marcio Akio Ohira

Av. Carlos Cavalcanti, 4748 -Bloco M - Uvaranas - Ponta Grossa- PR. Telefone: (42) 99942-8854

Mestrando Arnold Vinicius Prado Souza

Rua: Lagoa dos Patos nº 34 – Ponta Grossa /PR Telefone: (42) 998372553

Comitê de Ética em Pesquisa

UEPG campus Uvaranas, Bloco M, sala 100 Telefone: (42) 3220-3108.

Assinatura do convidado para a pesquisa

Arnold Vinicius Prado Souza
ARNOLD VINICIUS PRADO SOUZA

Assinatura do Pesquisador Responsável

Prof. Dr. Marcio Akio Ohira
Universidade Estadual de Ponta Grossa
de Biologia Geral
Do MARCIO AKIO OHIRA

Assinatura do Orientador da pesquisa

Ponta Grossa, 03 de abril de 2020.